

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL**

PEDRO HENRIQUE DE OLIVEIRA CARVALHO

**PRÁTICAS EM MOVIMENTOS SOCIAIS:
POSSIBILIDADE DE (RE) INVENÇÃO DE NOVOS
PERSONAGENS**

VITÓRIA/ES

2013

PEDRO HENRIQUE DE OLIVEIRA CARVALHO

**PRÁTICAS EM MOVIMENTOS SOCIAIS:
POSSIBILIDADE DE (RE) INVENÇÃO DE NOVOS
PERSONAGENS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional.

Linha de pesquisa: Processos educacionais, História e Cidadania

Orientadora: Prof^a. Dr^a Maria Elizabeth Barros de Barros

**VITÓRIA-ES
2013**

PEDRO HENRIQUE DE OLIVEIRA CARVALHO

**PRÁTICAS EM MOVIMENTOS SOCIAIS:
POSSIBILIDADE DE (RE) INVENÇÃO DE NOVOS
PERSONAGENS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional.

Linha de pesquisa: Processos educacionais, História e Cidadania

Data da defesa: 15 de julho de 2013.

Resultado: _____.

BANCA EXAMINADORA

PROFESSORA DOUTORA MARIA ELIZABETH BARROS DE BARROS
ORIENTADORA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROFESSORA DOUTORA HELIANA DE BARROS CONDE RODRIGUES
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO

PROFESSORA DOUTORA CECÍLIA MARIA BOUÇAS COIMBRA
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

C331p Carvalho, Pedro Henrique de Oliveira, 1988-
Práticas em movimentos sociais : possibilidade de
(re)invenção de novos personagens / Pedro Henrique de Oliveira
Carvalho. – 2013.
259 f. : il.

Orientador: Maria Elizabeth Barros de Barros.
Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) –
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências
Humanas e Naturais.

1. Movimentos estudantis. 2. Movimentos sociais. 3. Ciência
política – Práticas. 4. Estudantes - Atividades políticas. 5.
Personagem político. I. Barros, Maria Elizabeth Barros de, 1951-.
II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências
Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

A toda minha família e a minha esposa. Mas dedico especialmente à Maria Vitória Coelho de Oliveira. Menina, sobrinha, filha, amiga, neta, irmã e pessoa querida e amada por todos nós.

São três Vitórias

Uma é a cidade, o lugar novo, o estrangeiro, a aldeia, o costume diferente, a caçada, a dor e o leão de cada dia. A outra é a oportunidade, a emancipação, a superação, a luta, a garra, a vontade de viver.

E a outra Vitória é o amor, a família, o sonho, a esperança, um raio, um anjo, os bons encontros, o coletivo. A Vitória é sua, é nossa, é de todos nós.

Dedico esse trabalho a um pouquinho de cada um de nós presente no outro, à minha família; Francisca, Letícia, Glayce, Carlos, Carol, Samara, Samantha e Guilherme. À minha esposa Daniele que, mais que amiga, foi companheira tanto nos momentos difíceis quanto nos bons e contribuiu muito para essa pesquisa.

Obrigado a vocês!

AGRADECIMENTOS

À Maria Elizabeth Barros de Barros pela aposta nesse sonho coletivo, por acreditar e me dar liberdade para criar, inventar, experimentar. Agradeço pela oportunidade que tive de conviver e aprender com ela. Suas aulas foram deliciosas lições e as levarei sempre comigo.

Às professoras Heliana Conde e Cecília Coimbra pelos apontamentos dados “de presente” na qualificação, indicando direções inventivas para esse trabalho, o que muito contribuiu para minha formação pessoal e profissional e, também, por se disporem ao encontro e fomentarem em mim e na pesquisa outros olhares, outras possibilidades, bem como nossas apostas comuns.

Aos alunos do curso de psicologia que contribuíram para essa pesquisa, sem os quais seria impossível sua realização. Aos momentos divertidíssimos no C.A.

Aos entrevistados Ana, Jésio e José por compartilharem um pouco de suas experiências de vida, por terem se doado nessa aposta.

Aos colegas de PFST e NEPESP que compartilharam comigo diversos momentos de suas vidas, momentos esses alegres, tristes, de angústias e de esperanças. Aos amigos Ueberson, Janaína Mariano, Janaína Brito, Jésio, Vivian, Rafael, Patrick, Clever, Hervacy, Luzimar, Mariana e Ana e aos demais colegas com os quais tive a oportunidade de aprender.

Aos colegas de PPGPSI pelas experiências compartilhadas e pela contribuição à minha formação.

À família de Daniele, minha esposa: “Seu” Tozinho, o “sogrão”, Dona Judith e Denise por me acolherem como filho e irmão. Me sinto ótimo na casa de vocês, na cidade de vocês. Aos Tios, tias e primos que ganhei.

Aos amigos Guilherme, Vinícios e Ricardo que, mesmo a distância, cultivaram nossa amizade.

À família de Dona Anaíldes que me recebeu de portas abertas quando eu não tinha muito a oferecer. “O apreço não tem preço”.

À família de Dona Elza que se tornou minha segunda família aqui no Espírito Santo. Ao “Seu” Jodílson e filhos pela receptividade e carinho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação, Cristina, Leila, Rafael e Ana pelos ensinamentos.

Aos professores da graduação, Cássio, Ricardo e Fernando mestres em minha formação.

À Rozangela Barros por todo cuidado e dedicação na revisão do texto e que muito contribuiu para o trabalho.

A todos que de uma forma ou de outra contribuíram para essa pesquisa e para minha estadia nesse estado. Aos demais amigos e parentes que compõem o que se passou com as lembranças e vivências do corpo

*Há quem diga que eu dormi de touca
Que eu perdi a boca, que eu fugi da briga
Que eu caí do galho e que não vi saída
Que eu morri de medo quando o pau quebrou
Há quem diga que eu não sei de nada
Que eu não sou de nada e não peço desculpas
Que eu não tenho culpa, mas que eu dei bobeira
E que Durango Kid quase me pegou
Eu quero é botar meu bloco na rua
Brincar, botar pra gemer
Eu quero é botar meu bloco na rua
Gingar, pra dar e vender
Eu, por mim, queria isso e aquilo
Um quilo mais daquilo, um grilo menos disso
É disso que eu preciso ou não é nada disso
Eu quero é todo mundo nesse carnaval...
Eu quero é botar meu bloco na rua
Brincar, botar pra gemer.
Eu quero é botar meu bloco na rua
Gingar, pra dar e vender.*

(Sergio Sampaio)

*"A grandeza do homem consiste em que ele é
uma ponte e não um fim; o que nos pode agradar
no homem é ele ser transição e queda"
(Nietzsche).*

RESUMO

Esse trabalho teve início com a nossa entrada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da UFES. Naquele momento pretendíamos pesquisar a distância entre o dito e o praticado em diversos movimentos sociais no Brasil, mas diante das manifestações sociais que eclodiam no Espírito Santo entre o início e meados de 2011, concomitantes a outros movimentos sociais pelo mundo como o “Occupy Wall Street” e, no Brasil o “Ocupem o Rio”, a questão da pesquisa foi reformulada para a análise das práticas dos novos movimentos sociais. Buscamos elucidar como se dariam novas configurações e arranjos desses movimentos sociais deflagrados no mundo e no Brasil entre 2010 e 2013. Tal questão disparou reflexões e análises sobre o que essas práticas convocavam, bem como análises sobre as novas configurações dos movimentos estudantis no Brasil. Naquele momento, nos despertavam a atenção as práticas efetivadas pelo Centro Acadêmico Livre de Psicologia da UFES. Partindo das ferramentas conceituais forjadas pela Análise Institucional e com o *personagem conceitual* formulado por Deleuze e Guattari, nosso campo empírico de pesquisa foi acompanhar-vivenciar práticas políticas atualizadas no cotidiano do Centro Acadêmico Livre de Psicologia da UFES no período entre 2011 e 2013. Foi possível produzir análises da existência e a possibilidade de invenção de personagens políticos outros que rejeitam grandes discursos, organizações verticais, representatividade e velhos paradigmas de esquerda. Nesses espaços políticos se constituem formações e subjetivações outras que redimensionam o coletivo. Nessa direção, foi possível afirmar emergência de outros sujeitos atentos ao tempo presente, de (re) invenção de *personagens-políticos-em-nós*. Foram feitos alguns apontamentos a respeito dos movimentos estudantis no Brasil e indicada a diversidade de correntes e tendências políticas, destacando-se a influência da esquerda, ausência de linearidade na história dos movimentos estudantis e a inserção da UNE em questões políticas nacionais. Evidenciamos que os novos movimentos sociais como o “Occupy Wall Street” e o Zapatismo indicam uma reinvenção de sujeitos e lugares políticos, de movimentos descentralizados, acêntricos, composto por lideranças provisórias, pautados pela aposta no coletivo e na ocupação dos espaços públicos. Ao final, consideramos que nossas práticas são produzidas pelas contingências, podendo se tornar práticas inventivas, mas, também, reprodução de práticas do capitalismo que precisam ser consideradas pelos efeitos que produzem. Indicamos a importância de estar atentos ao que estamos fazendo das nossas práticas, atentos ao presente.

Palavras-chave: Personagem político. Movimentos Estudantis. Movimentos Sociais. Práticas Políticas.

ABSTRACT

This work began with our entry into the Graduate Program in Psychology Institutional of UFES . At that time we wanted to find the distance between the said and practiced in various social movements in Brazil , but in the face of social protests that erupted in the Holy Spirit in the early to mid-2011 , concurrent with other social movements around the world as the " Occupy Wall Street " and in Brazil the " Occupy Rio " , the research question was rephrased to analyze the practices of new social movements . The question was to elucidate how these new social movements and arrangements were triggered worldwide and in Brazil between 2010 and 2013. This question triggered reflections and analysis on what these practices summoned , as well as reviews on new configurations of student movements in Brazil . At that moment , aroused our attention the practical effect of the Free Academic Center of Psychology UFES . Based on the conceptual tools forged by the Institutional Analysis and of the conceptual character formulated by Deleuze and Guattari, our empirical research field was experiencing monitor daily political practices of the Academic Center for Psychology in the period between 2011 and 2013. It was possible to produce analyzes of the existence and the possibility of inventing characters other politicians who reject major speeches , vertical organizations , representativeness and old paradigms of the left. These political spaces constitute formations and other subjectifications that resize the collective . In this direction , it was possible to emergency of the others subject in present time, the (re) invention of characters -politicians -in- us. Some notes were made about the student movements in Brazil and given the diversity of current trends and policies , highlighting the influence of the left , no linearity in the history of student movements and the insertion of UNE on national policy issues . We show that the new social movements like " Occupy Wall Street " and Zapatism indicate a reinvention of political subjects and locations, decentralized movements , acentric , composed of interim leadership , guided by the collective bet and occupation of public spaces . At the end , we believe that our practices are produced by contingencies and can become inventive practices , but also reproduction of capitalist practices that need to be considered by the effects they produce. Indicate the importance of being attentive to what we are doing in our practices, attention to the present.

Keywords: Political Character, Student Movements, Social Movements, Political Practices.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
1 O PESCADOR.....	16
1.1 ESCREVENDO COM MUITAS MÃOS.....	16
1.2 GENEALOGIA, IMPLICAÇÕES E NARRATIVA DO INVENTOR DO <i>PESCADOR MINEIRO</i>, DOS(AS) PERSONAGENS (DO TEATRO POR TRÁS).....	19
1.3 O PERSONAGEM CONCEITUAL.....	20
2 POR CAMINHOS E VALES DA PESQUISA.....	27
2.1 PARA ALÉM DO CENTRO ACADÊMICO LIVRE DE PSICOLOGIA: PRELÚDIO A UMA PERSONAGEM DO FUTURO.....	28
2.2 A PORTA DE ENTRADA.....	32
2.3 O COLETIVO PLANTA.....	39
2.4 UM LUGAR DE TRANSIÇÃO, UMA SUBVERTIDA PASSAGEM.....	45
3 MILITÂNCIA ESTUDANTIL: LUGAR DE FORMAÇÃO E DE SUBJETIVAÇÃO.....	47
4 UM PASSEIO ENTRE MODOS DE PENSAR-PRODUZIR O MOVIMENTO ESTUDANTIL	49
4.1 MUITAS TENDÊNCIAS, MUITAS HISTÓRIAS.....	49
4.2 MOVIMENTO(S) ESTUDANTIL(IS) NO BRASIL: UM RECORTE.....	51
4.3 AS TENDÊNCIAS ESTUDANTIS, A INFLUÊNCIA DA ESQUERDA, A DIVERSIDADE.....	54
4.4 FORMAÇÃO E CONSTITUIÇÃO. <i>UMA SUBJETIVAÇÃO MILITANTE ESTUDANTIL?</i>.....	58
4.5 A UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES (UNE).....	63
4.6 REPRESENTANTE X REPRESENTAÇÃO, AFINAL O QUE SE REPRESENTA?.....	67
4.7 A UNE NOS MOVIMENTOS SOCIAIS.....	78
5 MOVIMENTOS SOCIAIS: POSSIBILIDADES DE INVENÇÃO DE NOVOS PERSONAGENS?.....	82
5.1 O “MOVIMENTO OCUPEM O RIO”.....	85
5.2 “OCUPEM <i>WALL STREET</i>”.....	89
5.3 DIÁLOGOS COM O MOVIMENTO ZAPATISTA.....	92

6 O MOVIMENTO E PROVISÓRIO.....	100
6.1 OUTRAS LEITURAS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS.....	103
6.2 O PROJETO LUTHER BLISSETT.....	106
6.3 ANÁLISE DAS PRÁTICAS OU INVENÇÃO DOS PROBLEMAS? O CENTRO ACADÊMICO LIVRE DE PSICOLOGIA DA UFES.....	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
REFERÊNCIAS.....	131
MARGENS DO RIO QUE TRANSBORDAM.....	136
MARGENS I - HINO DA UNE.....	137
MARGENS II - ESTATUTO DO CENTRO ACADÊMICO LIVRE DE PSICOLOGIA DA UFES.....	138
MARGENS III - ATIVIDADES DO C.A. DESENVOLVIDAS NO PERÍODO 2011/12.....	151
MARGENS IV - ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA.....	153
MARGENS V - REPORTAGENS IMPRESSAS SOBRE MOVIMENTO ESTUDANTIL NO ESPÍRITO SANTO ENTRE 2011 E 2013.....	245

APRESENTAÇÃO

A ideia desta pesquisa surgiu a partir de inquietações produzidas durante nossa graduação e pela participação em movimentos sociais de esquerda em Minas Gerais. Outras tantas inquietações também surgiram após nossa entrada no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da UFES. Inicialmente, a pesquisa passaria por outros caminhos, se daria com outros movimentos sociais, porém, com as manifestações do Movimento Estudantil no ano de 2011, organizadas em sua maioria pelo Centro Acadêmico (C.A.) de Psicologia da UFES, nos interessou investigar por que ali, num ambiente descontraído e alegre, com imagem diferente daquelas manifestações sociais mais tradicionais e ao som de palavras de ordem, surgiam belas manifestações igualmente políticas¹.

Naquele momento, em vários lugares, eclodiam manifestações com táticas de luta que nos lembravam dos anos de 1960, porém, com contornos e especificidades próprios, pois que esses eram movimentos descentralizados, sem líderes e sem vínculo a partidos políticos, o que nos provocava a repensar os sujeitos políticos. As praças, as universidades e as ruas novamente ganhavam a dimensão política que nunca perderam. O “Ocupem o Wall Street”, nos Estados Unidos, o Movimento dos Indignados na Espanha, o Zapatismo no México, as greves gerais na Grécia e em outros mais de 90 países acalentavam um sopro de esperança em nossos corações. As propostas de outras lutas, com outras bandeiras inusitadas, ainda não capturadas pelo capitalismo, foram trilhando em uma direção: o sujeito político estava se reinventando.

As lutas específicas, rizomáticas, múltiplas, diversas, estavam sendo privilegiadas em detrimento das grandes revoluções, grandes causas, grandes discursos. O sujeito político pulsava e continuará pulsando enquanto houver vida. As resistências se dão no cotidiano, nos processos de constituição de subjetividades outras.

¹ Estamos nos referindo a uma esquerda tradicionalista que acredita que resistência ou luta de classes se limita aos espaços convencionais da política, aos espaços destinados aos partidos políticos. A uma esquerda carrancuda, triste que separa diversão, prazer e alegria de política, que foi parte de minha experiência na militância política e estudantil.

Utilizamos como metodologia de abordagem a cartografia, visando acompanhar as paisagens psicossociais em suas diferentes conexões, vivenciar experimentando o território de análise (ROLNIK, 1989). Após os eventos das manifestações estudantis ocorridas nos dias 02 e 03 de junho de 2011 na Universidade Federal do Espírito Santo – UFES e de tantos outros agenciamentos, definimos como campo empírico de pesquisa a análise das práticas do Centro Acadêmico de Psicologia da UFES.

A questão inicial da pesquisa era entender as diferenças entre os discursos de alguns setores dos movimentos sociais e suas práticas. No entanto, a questão logo foi modulada a partir dos encontros com a orientadora e com o grupo de pesquisa *Programa de Formação e Investigação em Saúde do Trabalhador – PFSIT*, do qual fazemos parte. Passamos então a investigar, a partir de um olhar que não dissocia a prática do discurso, quais práticas têm sido efetivadas pelos movimentos sociais e, delimitando a questão, quais práticas têm sido atualizadas pelo Centro Acadêmico (C.A.) de Psicologia da UFES e o que essas práticas colocam em cena.

Foi importante para os objetivos da pesquisa o entendimento de processualidade histórica, de que “efeito” não é resultado de “causa”, de que “causa e efeito” se complementam e se co-fundem, de *devir*, de que a multiplicidade produz um acontecimento *singular* e este nunca é, apenas, somente um, de que existem *agenciamentos coletivos de enunciação*, de que “sujeitos e objetos” estão sempre atravessados por implicações e que essa separação só pode ser possível didaticamente.

Ressalva-se, então, o caráter cartográfico que a pesquisa pretendeu seguir, efetivar, tornar-se, pois, caso contrário, seria ela mesma vítima do que pretendia afastar-se: a cristalização do saber, a ausência da capacidade de se criar, de se inventar, a morte do sujeito, a absolutização de verdades, a resistência do instituído em permanecer e em perseverar. Sua intenção foi olhar com olhos de *estrangeiro*, de *viajante*, de processo, de *mensageiro*, de caminho, de *guerreiro*, do entre, do *pescador mineiro*, para que houvesse espaço para a vida se encontrar com ela mesma, surgindo dessa relação.

As fugas às vezes nos foram necessárias, às vezes se tornaram imperiosas, mas há que se ter cuidado, sempre há que se ter cuidado diria alguém. O “objeto” nunca é uma constante, o objeto está condicionado pelo tempo e pelo espaço. Fugas bruscas “desfocam” o campo de visão, por isso o cuidado ao acompanhar a paisagem-tempo, esse lugar do “objeto”, do nosso campo de pesquisa.

Nossa entrada em campo ocorreu em fins de 2011 quando começamos a dialogar com o aluno José Anésio, membro do C.A. de Psicologia da UFES, sobre a intenção de nossa proposta de pesquisa. Em 2012, no início do semestre letivo, a proposta foi apresentada na primeira reunião do C.A. de Psicologia realizada no dia 21 de março de 2012, ocasião em que os alunos presentes manifestaram grande interesse pelo assunto. A partir de então, passamos a acompanhar todas as reuniões ordinárias convocadas pelos alunos.

Com as pistas do método cartográfico, optamos por mais que acompanhar essas reuniões. Decidimos por frequentar o C.A. a qualquer hora, a qualquer dia, assim como os alunos o faziam, entre uma aula e outra, de passagem, de “bobeira.” Não estabelecemos ou definimos datas em que estaríamos no C.A., mas foi estabelecido na relação construída da pesquisa que aquele espaço poderia ser frequentado por nós sempre que quiséssemos.

As visitas ao C.A. aconteciam à medida que surgiam questões ou/e considerações importantes para a pesquisa, mas muitas visitas ocorriam “apenas” pelo prazer dos encontros proporcionados.

A cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos (PASSOS; BARROS, 2012, p. 17).

Assim, a pesquisa foi se constituindo passo a passo, sendo tateada, sentida e vivida. Seus rumos iam em direção ao que o campo emanava.

De janeiro até junho de 2012 “limitávamos” a registrar os encontros em um diário de campo, mas quando passamos a ter encontros casuais com os alunos fora do espaço do C.A. e em outros momentos que não aqueles estabelecidos para as reuniões, o vivido, a imanência das experiências tomou outra relevância. À medida

que o pesquisador cedia lugar ao participante, à medida que a distância entre objeto-sujeito se desfazia, à medida que metamorfoseávamos co-produzindo o campo investigativo com a intensificação da dimensão afetiva e imprevisível que se passava nos momentos informais da pesquisa, o diário de campo se configurou como recurso para operacionalizar o vivido e não apenas uma técnica de pesquisa.

Como afirmou Lourau no terceiro encontro realizado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, “tal técnica não se refere especificadamente à pesquisa, mas ao processo do pesquisar (LOURAU, p 51, 1993)”, aliás, tal técnica possibilita a restituição do próprio pensar-produzir a pesquisa. Nesse sentido, o diário de campo é um instrumento que torna acessíveis informações preciosas não contidas no dentro/texto ou grande texto. O diário é um instrumento marginalizado pela ciência tradicionalista, pois considera e expõe as implicações éticas do pesquisar.

Queríamos sentir as questões que ali existiam, ali habitavam, queríamos submergir, mergulhar no campo empírico fugindo do uso de uma descrição representativa. “O método, assim, reverte seu sentido, dando primado ao caminho que vai sendo traçado sem determinações ou prescrições de antemão dadas (PASSOS; BARROS, 2012, p. 30).”

Outro instrumento, inicialmente pensado para facilitar a operação com os conceitos, foi a *imagem-pensamento* do *personagem conceitual* lançado por Deleuze e Guattari (1997), personagem esse chamado de *pescador mineiro*. Com esse instrumento conceitual-metodológico passamos a navegar pelos rios da pesquisa. Por meio da metáfora analógica que esse instrumento proporciona passamos a falar dos caminhos, do percurso durante a pesquisa, mas não de um modo objetivo e direto, mas figurativo, prosa-poético. Um instrumento conceitual encarnado, um personagem vivo, sem lugar predefinido, sem metas *a priori*, um personagem que nos lembrasse das variâncias da vida, suas errâncias, atravessamentos inesperados, imprevisibilidades e avessos. Metáfora por se tratar de um conceito não linear, desviante e indireto, metáfora por se tratar de usos de conceitos-ruptores.

1 O PESCADOR

*Quem tem consciência para ter coragem
quem tem a força de saber que existe
e no centro da própria engrenagem
inventa a contra-mola que resiste
Quem não vacila mesmo derrotado
quem já perdido nunca desespera
e envolto em tempestade decepado
entre os dentes segura a primavera
(SECOS E MOLHADOS).*

1.1 ESCREVENDO COM MUITAS MÃOS

“Que seria a tua felicidade, ó grande astro, se não tivesses aqueles que iluminas...” (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*).

O conto, um caso o *ocaso*. De repente um forasteiro, não, um estrangeiro em sua terra viaja para dentro de si e na dobra, que redobra e desdobra, entra em contato com o mundo fora - dentro em (de) si. Essa é a história de um pescador que veio de Minas, um típico mineiro da roça, matuto vindo do interior pra cidade grande, que ao ver a imensidão do mar diz: “olha, que lagoa grande, hein?! dá pra criar patos!” Ele estranha costumes, como ter tanto prédio e buzina convivendo com a areia, com a água salgada, com o vento, como algo do tipo província-metrópole. Um bom mineiro que come quieto e pelas beiradas para não queimar a boca.

Um homem da terra, do arranha céu, um cidadão cosmopolita, um não indivisível, não uno em si, mas muitos. Rural, urbano, rico, pobre, feliz, triste, sábio, jacu, menino, homem, bom de prosa, mentiroso, ignorante, humilde, inventor, copiador, respeitador e brucutu. Como pode haver tanta diferença coexistindo? Não se sabe responder.

Seco e molhado é o seu tom! De escola pública, de escola paga. Transitou mais entre uma que a outra. Nessa terra nova, já um pouco velha, iniciou uma nova jornada, uma caminhada por caminhos ainda não percorridos, algumas vezes já percorridos, por ruas, por ruelas, trabalhando como *entregador*, quem entrega é o que? *Mensageiro*, meio, percurso, recurso, entre, dentre, *viajante*? Conhece territórios, muitas vezes, não conhecidos por seus próprios habitantes, conhece

uma cidade em construção, em obras, uma terra de povo valente e recluso, de povo que faz protesto e pouco conversa com seu vizinho. Em sua terra, todo mundo conhece todo mundo e é logo convidado a tomar um “cafezinho” e comer um pedaço de broa; na sua terra têm muitos amigos, pessoas que adoram “bater uma prosa.” Ahhh! e o cigarro de palha, desse ele não abre mão! Sua terra é a terra da liberdade, ainda que tardia! UAI! Respira-se o ar puro, pesca-se nos rios, banho de cachoeira. Caminha pelos vales e montanhas e, sempre que dá, se fofoca também.

Mas é outra a terra que o acolheu, que lhe deu abrigo, e mesmo não o (se) conhecendo direito, lhe ofereceu estudo e trabalho em tão pouco tempo (mesmo não sendo o *seu trabalho*). Um mineiro que se foi fazendo capixaba, um capixaba que se fez mineiro, *sudestino* mundano, emaranhado em uma complexa rede da qual ele pesca apenas alguns peixes, emaranhado de fios no qual às vezes se perde, tentando fugir de dualismos-binarismos, humano em toda sua riqueza e pobreza, em toda sua comédia e tragédia. Tentando se esquivar de totalizar. Vai se territorializando, se desterritorializando. Estrangeiro de si, do mundo, às vezes é bom este estranhamento-distanciamento, mas às vezes “dá uma saudade danada!” Dizem que essa terra é de povo antropofágico, engole logo quem lhe visita, ou engole o que lhe é estranho? Essa terra forjou um “certo” programa de mestrado, múltiplo, diverso, *esquizo*.

Guerreiro que canibaliza outro guerreiro incorpora suas qualidades, diz a mitologia indígena, e para onde vai o resto?

(esse)S pescador, que por ora não vamos falar o nome ou porque não sabemos se tem nome, ou porque resiste em ser nomeado, vamos chamá-lo de Pescador Mineiro, por enquanto. Ele pesca sentidos, pesca afetos, olhares, toques, tons, vibrações, cheiros, gostos. Adora pescar desejos, adora pescar sonhos, também sendo pescado e agenciado por eles, ora pesca com vara, ora com rede, ora com arpão, ora com as mãos. Mergulha na imensidão profunda, às vezes escura, às vezes clara, às vezes bela e feia, às vezes complexa e simples do ser humano. É também um transgressor, alguém que agride, que ofende algo e, contudo, não se limita a isso. Alguém que acusa, que aponta que algo não vai bem, catalisador de correntezas do mar, analisador de tempestades. O transgressor vai além (aquém),

perpassa sentidos e caminhos subvertendo-os, invertendo-os. Seu caráter transitório, procurando se desfazer, é sua principal arma, a mais violenta e doce de todas, porque ela rasga e beija o papel como em poesia. Em um só instante, paira no ar e evapora na eternidade finita, saindo de cena, dando espaço para o que vem a seguir. Ele coloca a questão: prosa e poesia? Sua fala tem uma pausa que intriga, olhares que desviam. O que seria essa pausa, para que horizonte seus olhos apontam?

Ele rompe com as amarras, desconfigura a ordem linear, desvirtualiza o lógico, não é sempre um meio, mas é pelo meio, não está na borda, está na orla, o personagem é uma mentira, nunca existiu, está quente, frio, dentro, fora, no intervalo, esse personagem é uma invenção caótica poética disruptiva, esquivo, esguio, escorregadio, você prende, ele te empresta as algemas, você o lê, ele te vê, você o sente, ele não tá nem aí. Quando você entra no mato com medo, o personagem, que aqui contamos, sai de lá com uma caça que não existe, ele não te surpreende, ele te engole. O inverso do invertido, o anti-a-in-a-ant-in-a-anti-a. O inverso do invertido, o anti-a-in-a-ant-in-a-anti-a-a-in-anti-anti-in-a-in-anti-interminável, também chamado de possível, daquilo que é possível.

*Eu nasci no celeiro da arte
 No berço mineiro
 Sou do campo da serra
 Onde impera o minério de ferro
 Eu carrego comigo no sangue
 Um dom verdadeiro
 De cantar melodias de Minas
 No Brasil inteiro
 Sou das Minas de ouro
 Das montanhas Gerais
 Eu sou filha dos montes
 Das estradas reais
 Meu caminho primeiro
 Vi brotar dessa fonte
 Sou do seio de Minas
 Nesse estado um diamante. (PAULA FERNANDES).*

1.2 GENEALOGIA, IMPLICAÇÕES E NARRATIVA DO INVENTOR DO *PESCADOR MINEIRO*, DOS(AS) PERSONAGENS (DO TEATRO POR TRÁS)

Foucault, em *Microfísica do poder* (2007), no capítulo sobre *Nietzsche e a história*, faz uma busca genealógica do uso do termo “origem”. Mas a que origem ele se refere? Ele identifica três termos utilizados por Nietzsche em alemão: *ursprung*, *entstehung* e *herkunft*. *Herkunft* como proveniência e pertencimento a um grupo, um corpo marcado. *Entstehung* como emergência, surgimento de leis, da interpretação das morais, do poder em disputa. *Ursprung* ligado a uma tradição metafísica de origem, verdade absoluta e essência anterior. Aqui, nos deteremos ao significado mais próximo de provir e emergir da personagem.

A criação do personagem conceitual, instrumento formulado por Deleuze (1997), *Pescador Mineiro(≠)*, aconteceu nos encontros do PPGPSI quando nos reuníamos com alunos do mestrado e a orientadora da pesquisa, e a partir da leitura de um trabalho sobre o Sistema Único de Saúde (SUS), de autoria de Cristiana Bonaldi (2010).

A personagem *Pescador Mineiro(≠)* atravessaria a escrita e o processo do pesquisar como corpo conceitual dos pesquisadores. O personagem (ou a personagem) foi usado para colocar em questão o lugar dos pesquisadores nas pesquisas, esses compreendidos como neutros e observadores. Ele encarna os conceitos, ele vivencia, experimenta e sente a pesquisa, está mergulhado nela, pescando alguns peixes, ora com varas, ora com redes, ora sendo pescado pelos peixes como a personagem do velho no mar de Ernest Hemingway. Sua intenção foi de criar tal confusão até que não se soubesse mais o que era verdade e o que era caso, o que era fábula e o que era verídico, o que era personagem e o que eram pesquisadores. Essa concepção epistemológica do conhecimento e do saber (processo de pesquisar) coloca à tona um ethos-político que não dissocia prática de teoria, que questiona os lugares de supostos-saberes dos intelectuais, da academia, dos universais e absolutos formulados pelos senhores da verdade, aqueles cientistas que se julgam donos do conhecimento. A proposta de Deleuze é a radicalidade do pensar, é agir e agir é pensar, é subverter a lógica do conhecimento.

1.3 O PERSONAGEM CONCEITUAL

“Os personagens conceituais, em contrapartida, operam os movimentos que descrevem o plano de imanência do autor e intervêm na própria criação de conceitos”. (DELEUZE; GUATTARI, p. 85, 1997). Deleuze e Guattari afirmam esse lugar possível do EU nas pesquisas, sempre colocado à margem nas ciências tradicionais. Não de um EU individual, egoíco, mas da presença do sujeito-subjetividade na pesquisa, da impossibilidade de imparcialidade em pesquisar.

Para Deleuze e Guattari (1997) a criação do conceito é algo que envolve mais tempo do que qualquer questão ligada à racionalidade. Ele não surge e “dá certo ou não”, por questões racionais ou razoáveis. É o amor dos filósofos ao “bem feito”, não no sentido de moderação, de bem articulado, mas por seu “novo lance”, enlace, modulando os três elementos da filosofia que Deleuze e Guattari vão chamar de *plano pré-filosófico*, *personagem conceitual* e o *conceito filosófico*, propriamente dito, de forma ilimitada entre si.

Nesse sentido, todo conceito deve operar, deve ser útil no sentido estrito. O conceito emerge e co-emerge de uma prática, o conceito não surge por meio de uma razão que o ilumina e faz brilhar, o conceito não é um *insight* do filósofo, não se trata de uma formulação do pesquisador, mas se trata de um suor, de uma prática proporcionada por determinada enunciação coletiva. O conceito só pode ser formulado por uma necessidade surgida na relação. O conceito precisa de tempo, precisa de trabalho, precisa ser útil. O conceito é corpo, muitos corpos.

Nietzsche, segundo Deleuze e Guattari (1997), é um dos autores que mais se utilizou dos personagens conceituais, sejam eles *simpáticos* ou *antipáticos*. Na obra de Nietzsche muitas vezes Zarathustra, o leão, o camelo e a criança falam por ele e dele mesmo também. Eles afirmam que o personagem não pode ser mais que o autor, mas também não menos. Eles não extrapolam o autor, mas são mais que ele. Vem de dentro, do corpo vivido, das sensações obtidas, uma possibilidade para TUDO que envolve esse pequeno universo do escritor, sua (im) própria vida. Os *personagens* não deixam aquele que lhe inventa mentir a si próprio e aos outros, são fiéis ao criador, mas também infiéis, na medida em que, quando lidos,

assim que “ganham mundo”, já não são os mesmos, aliás, nem mesmo o (ex) próprio autor tem dimensão do que vão se tornar.

O personagem não é objeto representativo do filósofo, é justamente o contrário: o filósofo escritor é apenas a VESTIMENTA do seu principal personagem. O personagem, normalmente, não aparece objetivamente e às vezes é nomeado nos textos, mas está sempre presente no ato de filosofar, é subterrâneo, imanente e inerente à *imagem do pensamento*² provocada. Ocorre que o autor se torna seu *personagem* principal à medida que ele se torna um próprio *personagem conceitual*, à medida que “vai ganhando vida”.

Deleuze e Guattari (1997) distinguem o *personagem conceitual* das figuras estéticas. O primeiro está ligado à potência de conceitos, o segundo ligado à potência de afetos e perceptos. Um está ligado a um *plano de imanência* que é a *Imagem do Pensamento-Ser*, e o outro a um plano de composição como imagem do universo. Um responde à filosofia, o outro à arte. Mas ambos podem se alternar e ocupar os mesmo lugares, transitando de um ao outro, o que comumente ocorre mesmo marcadas suas heterogeneidades (Deleuze; Guattari, 1997). Os autores ainda fazem a distinção de *tipos psicossociais* que, invariavelmente, se grudam aos personagens conceituais. Apontam a existência de *traços* que caracterizam o *personagem conceitual*, *traços: relacionais, dinâmicos, jurídicos e existenciais*.

Por fim, concluem Deleuze e Guattari (1997) que quanto mais o conceito é universal, de formas e valores eternos, “redondos” demais, desinteressantes, é porque não há mais o que se fazer com eles, apenas se retorna a eles, pois que estão petrificados como os ossos. Propõem a criação de conceitos com “... contornos irregulares, moldados sobre sua matéria viva” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 108). O conceito só nos serve quando encarnado, incorporado, encorpado.

Nosso *personagem conceitual*, vocês irão ver, às vezes dialoga diretamente com o leitor. Ele se torna essa primeira pessoa no plural para provocar-lhes o sentido, a atenção. Em determinados momentos ele assume alguns *traços psicossociais*,

²Imagem pensamento refere-se ao movimento e a ação que o conceito lança ao operar. No caso específico aqui refere-se a um conceito formulado por Deleuze, *personagem conceitual*, que seria a própria carne do pensamento, seria a radicalidade do operar que todo conceito se pretende. Se o conceito não emerge como uma prática não é conceito. A imagem é ação.

alguns traços de maior familiaridade, de *empatia*, de troca, mas em alguns outros momentos ele se torna disperso, múltiplo, sem sentido, sem gênero, sem idade, transitoriedade. O personagem torna-se vivo aos olhos do leitor. No momento de estranhamento é que ele realmente opera no sentido *imane*nte do fazer, nesse resumido instante é que ele se desapega das formas e torna-se fluxo, processo.

Nosso *personagem conceitual* o guerreiro, o entregador, o estrangeiro, o pescador mineiro, o viajante, de tantos *corpos sem órgãos*³, carrega todos esses possíveis nomes que lhe habitam. Por “escolha”, não daremos um nome “x” a ele, mas o chamaremos *Pescador Mineiro*≠, marcando este lugar do inominável, da *pequena recusa*⁴, da diferença, de não um sujeito, mas muitos anti-sujeitados, da *resistência*⁵, um corte-traço que *atravessa* o igual. *Saber, sentir e viver a Teo-ria? É possível?*

O texto é escrito em tempo real ou irreal. A escrita é viva, não tem presente, nem passado, nem futuro, passa por seus compromissos ético-políticos, passa por nuances, desvios, rotas alteradas, quebras de ritmos e retornos, provocações ao leitor. Trata-se de uma tentativa não linear de estabelecer uma pesquisa, pois sua escrita também não foi linear, se fez em diferentes momentos. Uma pesquisa na entrada do mestrado, outra para aprovação de uma agência de fomento à pesquisa, outra escrita para duas disciplinas diferentes e ainda outra para o projeto de qualificação. São muitas pesquisas em uma, seguindo muitas vezes por caminhos diferentes que levam a lugares diferentes ao mesmo tempo. Tentativa de um trabalho processual, em devir, com todos os desafios que isso acarreta, como as resistências, o estancamento de fluxos, o interposto.

Inicia marxista, meio análise institucional francesa, entra(e) esquizoanálise, e o fim não existe, apenas entre-meio. Devires de atravessamentos e implicações ético-políticas. É interessante observar que a escrita modulou, ora propositalmente ora

³ Para Deleuze e Guattari o corpo sem órgãos “... é desejo, é ele e por ele que se deseja (1996, p.28).”, mas também “não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas (1996, p.9).” Para nós trata-se de não lugares, de fronteiras, de algo que não se possa definir ou assumir contornos regulares.

⁴ Herbert Marcuse criou a expressão *grande recusa* para se referir ao conjunto de acontecimentos de maio 68.

⁵ Para a pesquisadora Ana Heckert (2004, p.27) práticas de resistência não são apenas aquelas que atendem ao prescrito, mas principalmente aquelas imprevisíveis, impossíveis de serem programadas. Práticas de resistência que esbocem outros modos de ação, que se conectem a outras práticas diferentes.

não, “*ato falho*”,⁶ mas nosso exercício foi utilizar a escrita, comportando seus estilismos como instrumento-dispositivo do pesquisar, daí uma importância central no *como* se diz, no *como* foi dito, na *entonação* do que se fala, no *como* se falou. Seria possível criar uma pesquisa-escrita *dispositivo-música*, que agenciasse *bons afetos*⁷, como a música nos proporciona? É um exercício que gostaríamos de tentar fazer com a linguagem. Então, fazer um texto duro e fluido, prosa e poético? {os dois? [possível?] [3ª e 1ª pessoa? (qual é o problema?)]} Mais humor e menos humor?

Diário de campo (atravessamento inesperado, lugar de encontro da vida)

Nos seis primeiros meses da pesquisa em campo utilizamos o recurso do diário. Esse recurso, conforme visto a seguir, relata a experiência vivida em campo nas reuniões e em algumas visitas ao C.A. de psicologia. Não se trata de “um olhar de fora” que represente ou expresse a realidade “que está lá para ser encontrada”, não se trata de uma suposta fidedignidade aos fatos e de uma neutra cientificidade, mas trata-se de uma narrativa construída na relação do pesquisador com seu campo de pesquisa, marcada por inquietações, afetos e implicações, de um trabalho produzido no encontro. O diário foi um recurso empregado com o objetivo de marcar essas modulações e registrar aquilo que ficava dos encontros, aquilo que nos marcava, tatuava nossos corpos.

Após a leitura do diário de campo, em itálico, segue uma história alusiva com o recurso do personagem conceitual em negrito. Assim, ao longo do trabalho, vez ou outra, a personagem *Pescador Mineiro*# aparecerá, inesperadamente, durante o texto.

Dia 21 de março de 2012

⁶ Conceito da escola psicanalítica que fala sobre um ato inconsciente que escaparia a ordem do consciente, mas aqui colocado sem pretensão de rigor acadêmico.

⁷ Segundo Deleuze (2002), Spinoza se refere como afeto o sentido de ação. Com o sentido usado, seria de um texto que proporcionasse a potência de um encontro.

No dia anterior, havia participado de um encontro com alunos do curso de psicologia, que pensei se tratar de uma reunião do C.A., com pauta de assuntos relacionados ao ano letivo de 2012. Foi engano. Aquele era o coletivo SomosKorpus, coletivo composto em sua maioria por alunos do curso de psicologia e participantes do C.A.. Na pauta de reunião estavam quais seriam os temas a serem tratados e discutidos durante no ano. Leituras de Maturana, de Castañeda, Reich, entre outros, vídeos, sugestões de oficinas e de encontros em finais de semanas experimentando as sensações e o uso de psicoativos como alteração de consciência e estado... Participavam do encontro cerca de 20 alunos. Fora recebido por um aluno que, sempre muito solícito comigo, me esclareceu a distinção entre o coletivo e o C.A.. Após essa conversa, resolvi ficar mais um pouco para saber do que se tratava o coletivo SomosKorpus.

Dia 22 de março 2012

Chego à frente daquela porta laranja, fechada. Pensei que não haveria ninguém no C.A., pois sempre encontrava aquela porta aberta (recentemente), mas me engano novamente. Ao abrir a porta me deparo com uma sala escura, cheia de pessoas, conversas, geladeira, fogão, livros, cartazes, murais, música, movimentação. Vou entrando, cumprimento um, depois outro, pergunto pela reunião a alguém e outro alguém me responde que a reunião começará em alguns instantes. Sento-me no sofá em frente a um colchão onde estão dois ou três jovens deitados, conversando entre si, e aguardo. Em seguida, no computador, dois jovens jogam um jogo que eu adorava há alguns anos atrás, um jogo de futebol, no qual você é o técnico e o presidente do clube. Aproximo-me dos jovens e faço um comentário a respeito do jogo, ao que eles respondem. Sento-me ao lado deles e fico observando o jogo. Alguns minutos depois, entra Prometeus⁸, aluno com quem já havia conversado sobre a pesquisa, e ele me convida para a reunião que está para acontecer.

No pátio interno do prédio CEMUNI VI a reunião é iniciada. Primeiro, a construção da pauta, depois os informes e, por fim, as deliberações. Peço inscrição de minha fala em pauta a fim de expor os objetivos da pesquisa, sendo imediatamente

⁸ Nomes fictícios.

atendido. Após isso, o informe do Coletivo Planta, que é composto por alunos do curso de psicologia da UFES, sobre a intenção de se fazer uma horta no entorno do prédio CEMUNI VI com o objetivo de se criar um espaço de convivência social, de acordo com os princípios de autopoiese, da auto-regulação, autogestão, sustentabilidade. Decidem mobilizar para elaboração de um manifesto que será entregue à prefeitura da UFES solicitando a permissão para esse cultivo e, também, para coleta de assinaturas de apoio de outros setores da UFES. Passa-se, então, ao ponto seguinte, minha fala sobre a pesquisa. Explico aos alunos presentes, cerca de 10, do que se trata a pesquisa e esclareço fazer parte da metodologia a sua construção coletiva, com os alunos. Falo da tentativa de dissolver dicotomias como objeto-pesquisador, de uma relação de co-engendramento do campo problemático, das intenções, da possibilidade de fazer um estudo de caso referente ao Movimento Estudantil Brasileiro através do C.A. e dos novos movimentos sociais. Os alunos demonstram interesse fazendo perguntas, pontuam que a pesquisa será bem vinda e se dizem dispostos a colaborar com o que for necessário para a sua realização. Após 20 minutos de conversa, acordamos os princípios gerais e a metodologia que pautará os caminhos da pesquisa. Por fim, passamos ao próximo ponto da pauta, a viagem ao ENEP - Encontro Nacional de Estudantes de Psicologia em Maceió, agendado para o final do ano. O C.A. participa da construção do evento e sua intenção é mobilizar um ônibus para a viagem, necessitando de apoio financeiro para isso. No último ponto da pauta o aluno Prometeus fala de seu interesse em se afastar um pouco do C.A., ou melhor, de deixar de tomar a frente das ações desenvolvidas pelo C.A., pois deseja se dedicar mais a questões de incentivo à cultura local e regional no Espírito Santo. Ao final da reunião, novamente, sou convidado a participar e a frequentar o espaço do C.A. sempre que puder.

Não sei se era dia ou noite quando um homem apareceu por aquela aldeia. Tinha marcas no rosto de longas datas, tinha centenas de fios brancos na cabeça e ar de não sei o que, foi quando um trovão assombrou e os ventos uivaram arrepiando qualquer centímetro de pelo.

A chegada na Vila Nova

No seu primeiro dia na vila, o pescador sentiu um ar frio gelado vindo de seu estômago, era o aviso de algo Novo que estava por vir, era a sentinela avisando para se preparar para algo. Ele entrou mato adentro, se embrenhou naquela densa e fina floresta, tinha a impressão de já ter passado por ela, mas no decorrer de sua viagem percebeu que se tratava apenas de uma impressão, de mera semelhança como outra qualquer por onde já havia passado.

Ele entrou sem saber para onde iria, entrou apenas com a intenção de conhecer aquele pedaço, aquela terra, aquele canto. A ansiedade e a tensão são belas e alucinantes, estimulantes da paixão, e era alguma coisa assim que lhe movia. No bosque, começou a sentir o cheiro das plantas, a tocar no orvalho, a observar os pequenos insetos que deixavam a fauna e a flora dali tão exuberantes. Os pássaros tocavam, os sons da natureza iam se fazendo, se compondo e tecendo estranhamente, harmoniosamente. Foi quando uma onça lhe olhou nos olhos. Ele mais do que pescador, era também um caçador, um desbravador. Sim, ele sentiu medo, mas o medo foi quem lhe manteve vivo, pois seus olhos brilharam em chamas e assim ele retornou o olhar para a onça, num instante raro, onde a beleza é quase palpável. Os dois ficam ali, por alguns segundos a se olharem, segundos que pareciam intermináveis e eternos, mas que passaram num instante, e tudo se passa, a onça se esvai, o pescador evapora, um pequeno diálogo entre os dois. Esse foi o momento que a coragem, a paixão e o medo se olharam de forma enamorada. O corpo havia estremecido se integrando literalmente àquela paisagem, já não havia mais separação entre animal e o homem, eles se confundiam. No momento que a onça deu as costas foi a celebração de aceitação daquele estranho homem, naquele denso mato vivo.

Ele retornou por sua trilha de picadas até seu casebre à beira do mar. Sabia que ali, naquela floresta, havia ficado algo para trás, algo pelo qual ele se apaixonou na sua primeira visita a floresta, nosso pescador ainda tinha muito por fazer...

2 POR CAMINHOS E VALES DA PESQUISA

A história dos movimentos sociais brasileiros foi marcada por questões de interesse nacional que expressam conflitos, diferenças e desigualdades sociais que assolaram nosso país. Os movimentos sociais compõem o processo político de enfrentamento contra a máquina de Estado em diferentes momentos históricos e em diferentes lutas institucionais. Sintetizam de forma singular o acúmulo de forças construídas ao longo da história do povo brasileiro. São expressões na luta pelos direitos de moradia, de educação, de igualdade, de justiça, etc. São efeitos de contingências e demandas da sociedade que, ao longo dos anos, foram marginalizadas e esquecidas. Recentemente o estudo desses movimentos minoritários tem se tornado, progressivamente, objeto de análise e estudo na academia.

No bojo dos movimentos sociais estão os movimentos estudantis brasileiros que ganham força e destaque, principalmente, no início década de 1950. Em consequência da nossa militância no Movimento Estudantil, desde o segundo grau até a pós-graduação, e de outras contingências já mencionadas, optamos por analisar as práticas do Centro Acadêmico Livre de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, também conhecido como CALPSI ou simplesmente C.A. investigando *como* são e *como* acontecem essas práticas. Buscamos examinar as práticas em curso, pesquisando quais desdobramentos as ações atualizam, as reverberações que elas produzem, procurando estabelecer um diálogo com outras práticas de movimentos sociais deflagradas em alguns países no mundo no período de 2011/2012.

A partir dessa experiência, procuramos pensar novas formas de organização de movimentos sociais e estudantis que configuram as paisagens sociais na atualidade. Ao analisar os princípios teórico-filosóficos e como eles tomam corpo no real, visamos uma produção de conhecimento que colaborasse na construção de práticas políticas inventivas que fortalecessem a dimensão coletiva, a autonomia e a produção de novas formas-subjetividade (seriam elas *subversivas*, os *intelectuais implicados*, *resistentes*, *livres*, *seriam práticas produtoras de comum*, *de ideias adequadas*, *reinvenção do ser?*)

Quais práticas se efetivam, como se mobilizam, o que as mobiliza? O que se move nelas? O que elas convocam? São práticas autogestivas, delegam funções, há líderes, são horizontais, laterais, se pautam pelo centralismo democrático, se utilizam das redes sociais para se organizar? Enfim, são muitas perguntas sobre as práticas, sobre as formas de se organizarem e o que têm produzido. Nossas análises não partiram de pressupostos *a priori*, dados em si, transcendentes, mas de modo cartográfico realizamos uma leitura, uma apreciação do território investigado, do grupo, para uma construção de análises no processo de pesquisar.

2.1 PARA ALÉM DO CENTRO ACADÊMICO LIVRE DE PSICOLOGIA: PRELÚDIO A UMA PERSONAGEM DO FUTURO

Esse estudo não visa fazer uma reconstituição histórica do C.A. de psicologia desde sua fundação até os dias atuais. O objetivo do estudo, ao recortar o período 2011/2012, é analisar práticas desenvolvidas pela entidade e estabelecer um diálogo com possíveis outros movimentos sociais no mesmo período, o que nos parece uma tarefa importante. Nessa direção, não fizemos um resgate histórico do C.A., mas colocamos em questão algumas de suas práticas nesse período para que pudéssemos discutir a questão do surgimento de outras formas de se organizar dos movimentos sociais, chamando a atenção para a possibilidade de reinventarmos nossas práticas no cotidiano pautadas por outro *ethos-político* e para os processos de subjetivação que se dão nesses espaços.

O Centro Acadêmico Livre de Psicologia Maria Clara da Silva possui esse nome em homenagem dedicada por estudantes de psicologia à Maria Clara da Silva, militante no movimento dos moradores de rua. Entre 2000 e 2003 manifestações do C.A. de psicologia, simultâneas a luta por moradia para a população de rua do ES e a manifestações de outros setores do Movimento Estudantil por moradia estudantil na UFES, colocavam em debate os espaços públicos e suas destinações. Segundo o relato de alguns estudantes, naquele período o C.A. desenvolvia uma intensa campanha com os professores pela destinação da Célula Modular Universitária VI (CEMUNI) como espaço exclusivo do curso de psicologia, visto que ali também funcionava um banco e um cinema. Nesse ínterim de lutas, os

estudantes de psicologia, em sua reformulação estatutária, decidiram por homenagear uma militante histórica do movimento dos moradores de rua atribuindo seu nome à entidade.

Pode-se pensar, conforme veremos adiante, que quando dizemos “prelúdio a uma personagem do futuro” estamos nos referindo a uma personagem que está à frente de nós, distante, no sentido de vanguarda pensante. Porém, queremos nos referir a personagens que estão no seu *por vir*, personagens que convoquem outros modos ainda não existentes de ser, personagens que ainda não criamos ou estamos a criar e nada têm a ver com vanguarda pensante. Essas personagens que o Centro Acadêmico Livre de Psicologia (CALPSI) nos convoca a pensar são de outra instância, de outra esfera. São personagens que colocam em questão novos modos de se organizar, outros modos de se praticar o político, com outro tempo, outro ritmo, personagens que desconstruam paradigmas e ao mesmo tempo elaborem outros.

Na Grécia antiga, o político era o cidadão, aquele relativo à cidade, à comunidade. Se no tempo da formulação da palavra político a arte de governar era restrita a alguns da elite aristocrática, em tempos atuais, o político diz respeito a todos. Porém, o sentido de político à medida que foi acoplado pelo pensamento hegemonicamente representativo, pela cognição representativa, tornou-se sinônimo de vereador, deputado, prefeito, etc.; o chamado político profissional, esse que se ocupa de um cargo, de uma função política, e que não deveria ser confundido como sinônimo de política. Assim, político diz respeito as nossas relações estabelecidas no registro do social, em casa, na escola, no trabalho, no cotidiano. É justamente nessa dimensão resgatada do político ou do que é política que constitui nossa entrada no campo de pesquisa.

Nossa pesquisa teve início em 2011 com o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional na UFES. A delimitação do objeto e do campo de estudo foi se forjando no caminhar do processo do pesquisar, nas construções coletivas entre o grupo de pesquisa *Programa de Formação e Investigação em Saúde do Trabalhador* (PFIST) e as orientações coletivas com os colegas do curso e a orientadora. A entrada em campo ocorreu em meados de 2011 com a efervescência de várias mobilizações sociais no Espírito Santo,

provocadas, naquele momento, por motivos diferenciados que vão desde a indignação pela expulsão de moradores de uma área na cidade de Aracruz, no Espírito Santo, em uma chamada ação de “reintegração de posse” realizada de forma autoritária e covarde pela Polícia Militar e pelo Estado, até a repressão aos protestos dos estudantes contra o aumento das passagens.

No dia 2 de junho de 2011 um grupo de 50 a 100 estudantes da UFES decidiu organizar uma manifestação na Avenida Fernando Ferrari, em frente à universidade, em protesto à repressão sofrida por estudantes, alguns inclusive do curso de psicologia, na manhã daquele mesmo dia em uma manifestação realizada em frente à sede do governo estadual contra os abusos ocorridos na retirada repressiva da população de Barra do Riacho no município de Aracruz no dia 18 de maio de 2011. Não houve diálogo com os estudantes por parte do governo estadual que, inclusive, reprimiu a manifestação de forma bastante dura. Alguns estudantes foram presos e relatam terem sido agredidos por policiais. Após a repressão, à tarde, os estudantes então se mobilizaram num protesto de apoio e solidariedade aos colegas, interditando a Avenida Fernando Ferrari, uma das principais avenidas de ligação entre Vitória e o norte do estado. A repressão aos estudantes foi ainda mais violenta por parte do governo estadual que acionou o Batalhão de Missões Especiais (BME) da Polícia Militar *para negociar* com os manifestantes. O uso de armas não letais como balas de borracha, gás lacrimogêneo e bombas de efeito moral foram alguns dos recursos utilizados no diálogo com os estudantes. Novamente a repressão militar e o aparato do Estado agiram para silenciar e reprimir as manifestações da população do Estado do Espírito Santo.

Ao se olhar no espelho o pescador viu duas imagens, uma que não diz respeito a ele, e outra que o atravessa e queima seu estômago. Não sabia definir que lugar era que lugar, onde estava, na imagem, ou fora dela. Fez sua barba, penteou os cabelos, vestiu seu uniforme de caçador. Foi à guerra, pegou sua lança pontiaguda, amolou, desmisturou.

Nesse mesmo dia o grupo de estudo do qual participamos, composto por alunos e professores, se encontrava reunido na casa de um colega para estudo do livro *Ética* de Spinoza. Ao tomarmos conhecimento do confronto entre estudantes e o

BME, como muitos de nós conhecíamos alguns alunos envolvidos no episódio, a preocupação quanto às consequências das ações se tornou geral. Dentre as falas das pessoas naquele momento, gostaríamos de destacar uma que nos soa como um importante *analisador* dos fatos: “me sinto como alguns intelectuais de 1968 na França, onde os estudantes tomavam as ruas e nós estudávamos.” Resguardadas as devidas comparações e proporções ao episódio, nos colocamos a pensar sobre o papel que desempenhávamos naquelas manifestações.

No dia 03 de junho de 2011, dia seguinte aos episódios, ao retornarmos à faculdade deparamo-nos com uma ampla mobilização e agitação política estudantil. No restaurante Universitário uma caixa de som foi colocada com estudantes discursando e convocando outros estudantes a organizarem uma grande concentração em frente ao Teatro Universitário às 17h.

A mobilização também acontecia nas redes sociais acirrando os debates e acalorando o clima de tensão. Nós, enquanto pesquisadores e estudantes de pós-graduação, também estivemos presentes nessa mobilização. Em torno das 18:30, cerca de cinco mil estudantes, professores, pais de alunos, moradores, entidades sociais de direitos humanos e outras pessoas que passavam pelas ruas e que também aderiram ao movimento fizeram uma passeata em protesto contra as violentas repressões policiais, contra a falta de diálogo com o governo estadual na luta pelos direitos humanos, e a favor da redução da tarifa das passagens de ônibus, dentre outras bandeiras. Acontecia uma das maiores passeatas estudantis da história do estado até aquele momento. A beleza de uma manifestação com tantas pessoas, potente e alegre dispensa comentários. Qualquer que seja a tentativa em descrevê-la não chega a esboçar um mínimo que a expresse.

Foi nesse clima de tensão, nesse período quente⁹, que culminaram diversos e diferentes vetores em um momento, que a questão da pesquisa tomou força. Foi ao contemplar-vivenciar o trajeto desse acontecimento¹⁰ que outras coisas fizeram

⁹ Para a Análise Institucional os períodos quentes se referem aos períodos de intensa agitação social. Nos períodos frios seriam aqueles de refluxo, de marasmo, de contração dos movimentos sociais. No período frio as atividades dos analistas institucionais se intensificam, e no período quente elas se tornam desnecessárias porque as atividades dos movimentos de deflagração de processos se tornam analisadoras por si (RODRIGUES, 2010).

¹⁰ Acontecimento nesse sentido diz respeito a uma contingência de eventos que provocaram algo inesperado, abrupto.

sentido. Percebemos que o que nos motivava a fazer pesquisa era fazer uma pesquisa atravessada pelas implicações das experiências vividas ao longo de nossa trajetória política e estudantil. O *acontecimento* trata-se de uma relíquia, pois pela preciosidade, pela raridade e dificuldade de encontrá-lo, sua beleza consiste em sua particularidade.

Em meio ao ocorrido, forjou-se no bojo das contingências e das relações estabelecidas a questão que norteou o presente estudo. Das modulações no modo de colocar o problema, de pensarmos não em termos dicotômicos entre prática e discurso, mas em termos de práticas que efetuamos, do experimentado e observado no modo como uma manifestação se propaga, se contagia e se dá de forma e única, fruto de uma relação lateralizada entre as pessoas é que surge a necessidade de acompanhar os processos, analisar as práticas que o Centro Acadêmico Livre de Psicologia desenvolvia. O que se efetuava, o que se convocava, em que se desdobravam, no que reverberavam, o que colocavam em questão essas práticas?

2.2 A PORTA DE ENTRADA

Antes de tudo, gostaríamos de expressar a responsabilidade que sentimos ao pesquisar uma organização que diz respeito a tantos estudantes, aproximadamente 300 alunos do curso de psicologia da UFES, tantos profissionais envolvidos, diretamente e indiretamente, e agradecer a contribuição de cada aluno e professor para o processo dessa pesquisa.

Partindo do referencial teórico que a Análise Institucional nos oferece, não pretendemos um olhar que verse sobre a verdade do C.A. ou que venha a se tornar um olhar único que endureça e capture os processos em curso desenvolvidos pelo C.A., transformando-os em formas estáticas, embrutecidas. Trata-se apenas de um olhar entre os infinitos modos de se lidar com a problemática e foi por meio de uma relação possível que construímos no percurso da pesquisa que ora aqui apresentamos o C.A., este que é apenas um dos muitos C.A.'s existentes.

Dois autores Maturana e Varela (1995) nos auxiliam na compreensão do que estamos a dizer. Para eles, todo conhecimento humano é resultado direto do acoplamento homem-mundo, não existindo conhecimento que separe objeto-observador. Desse modo, o conhecimento é *enativo*, porque convoca a ação do ator que o produz em um processo de coemergência. Na mesma direção Kastrup (2008) aponta uma cognição inventiva, ou seja, um pensamento que se inventa na relação, que se move, de mundos que criamos à medida que agimos, fazemos, praticamos. Não existe realidade nem conhecimento anterior à ação e à prática do homem. Partindo de um pressuposto comum, Foucault chamaria essa corrente filosófica de Ontologia do Presente.

Lourau (2004) diz que a principal marca do instituído é sua naturalização, seu entendimento de causa pelos efeitos, inversão da lógica; há uma automatização dos processos que foram construídos historicamente no fazer da humanidade. A instituição tem como força a capacidade de esquecimento de suas origens, há uma naturalização de práticas e processos que foram se forjando historicamente. A esse fenômeno do esquecimento Lourau o chama de “*efeito Webber.*” Assim, o instituído tem capacidade de reproduzir a si mesmo, de se perpetuar como código, hábito, escrita, linguagens, valor, cultura e ciência sem nos darmos conta. A ciência tradicional, como instituição, esquece ou nega suas raízes quando afirma “tentar” ser neutra, quando separa objeto do observador, homem do mundo, quando nega que toda realidade é produzida e não pré-existente.

No prédio CEMUNI VI existia uma porta trancada. Era a porta do C.A. para o pátio Interno do prédio e, porque essa porta “estava sempre fechada”, “nunca nos perguntávamos por que não podia ser aberta”. Parece-nos que, em certo momento, houve uma naturalização de que a porta “deveria ficar fechada”. Até que, certo dia, ao chegarmos ao pátio interno do CEMUNI VI encontramos a porta aberta, com pessoas indo e vindo, transitando, conversando, preparando uma festa. Após anos de porta fechada os alunos resolveram abri-la e, para tanto, trocaram a fechadura e inauguraram a velha porta como uma nova porta, nova entrada, nova casa. A sede, o espaço destinado ao C.A., contava agora com duas portas de entrada, uma voltada para o pátio interno do prédio, outra voltada para a parte externa do prédio. Não por acaso a porta voltada para dentro do prédio

estava fechada há anos e as pessoas haviam “esquecido” por que aquela porta estava fechada expressando as relações instituídas que perpassavam a vida do curso de psicologia sem que nos déssemos conta.

A professora Ana Herckert, do curso de Pós-Graduação em Psicologia Institucional e do curso de graduação em Psicologia da UFES, nos relata sobre como a ação de abertura da porta foi um importante *analizador* do jogo de forças, do tensionamento entre diferentes atores e dos espaços políticos de circulação na Universidade.

O C.A., de alguma forma, quando o departamento não pautava algumas questões, o C.A. pautava. Então, por exemplo, o C.A. colocou em discussão questões super relevantes, a gente gostando ou não, com relação ao estágio em docência, eu acho extremamente importante! O C.A. colocou questões importantes com relação ao uso do prédio, isso continua como um embate até hoje. Não se resolveu a questão até hoje, quer dizer, ela está sendo adiada em “banho maria”, enrolando, aquele negócio ali. Mas, por exemplo, eles tomaram uma atitude, que num primeiro momento, quer dizer, eu continuo preocupada. No primeiro momento quando eles abriram essa porta pra cá eu estranhei. Quando eu cheguei aqui e vi que a porta estava aberta eu estranhei, falei, “caraca, quê que é isso? Como é que vai ser esse negócio agora?” Tem algumas coisas aqui que a gente precisa cuidar, isso aqui tem um patrimônio que é público, ele não é meu, precisa ser cuidado. E aí como é que vai ficar essa história? (informação verbal).¹¹

Então, a partir do estranhamento de Herckert, percebemos que aquela questão não estava posta, resolvida, havia ali desencontros, discursos paralelos, concomitantes e atravessados. Existem tensionamentos nas instituições que são invisíveis a olhos nus, e só damos conta quando o *acontecimento* eclode. A reação provocada causou deslocamento de lugar. Algumas das táticas usadas não eram aprovadas por todos, mas a questão do que fazemos com o espaço público, com o espaço coletivo foi colocada em cena.

Aí os primeiros dias foram dias muito complicados, porque os meninos, também, para provocar ficam jogando buraco ali fora, ficavam cantando não sei o quê, e quem fazia reunião não conseguia fazer, quem tava querendo dar aula não conseguia. Alguma conversa aconteceu, que eu não sei qual foi. Eu fui uma

¹¹ Trecho de entrevista concedida pela professora Ana Heckert, em maio de 2012. Ver entrevista na íntegra em Margens do Rio que Transbordam.

das pessoas que reclamou, falei: 'oh, desse jeito não, que história é essa? Vão ficar aqui brincado de pular amarelinha? Que papo é esse?' e aí depois eles arrumaram um jeito, eu percebi, deve ter tido algum tipo de conversa entre eles que não sei qual foi, que eles deram uma segurada na história. O que eu achei no final das contas? Eles tinham razão quando eles falavam que essa porta fechada para cá fazia com que o C.A. ficasse muito esvaziado, que os alunos não usavam o espaço do C.A. durante o dia. E eu fui vendo que, de fato, essa porta aberta deu uma outra vida no prédio! Eu acho até que alguma coisa, que a gente já pediu há muitos anos atrás; que tivesse banco aqui dentro nos corredores. Eu, enquanto fui chefe, pedi e a universidade não colocou, pedimos para colocar mesinha ali embaixo, perto da árvore, e ninguém colocou, parece, realmente, até que não querem aluno aqui dentro, querem que os alunos sumam daqui, e eu acho que não. Quando eu vim para cá, esse prédio era super ocupado, esse prédio depois foi esvaziado por uma das administrações do CCHN, que tirou todas as aulas daqui e botou as aulas no IC e as salas de aulas aqui começaram a ser ocupadas por núcleos de pesquisa e eu era contra isso. [...] Mas aos poucos as coisas foram saindo, saiu o banco, saiu o cinema, [...] foi uma estratégia mesmo, deliberada, de esvaziamento desse prédio, por quê? Para nós era muito claro, a psicologia durante muitos anos foi um certo foco de resistência a uma série de políticas absurdas na universidade, e em todas as confusões que acontece no estado também. Dá confusão, é aqui que boa parte das reuniões acontece. Na verdade, acho que naquele momento, era final dos anos 90, se tratava de dar uma esvaziada mesmo na gente! Dar uma cortada de onda! Então, as salas de aula foram para lá e aqui ficaram salas de núcleo, cada um de nós entrava e ficava trancado em sua própria sala e não tinha mais aluno. Quando eu voltei do doutorado, era 2004, tinha uma sala de aula só, que era essa sala de aula que fica aqui perto da cozinha, do C.A., era a única sala que era de aula. E aí a gente começou a brigar de novo pra reforma do prédio pra que tivesse outras salas de aula. Por que a gente queria menino aqui, e eu me lembro que quando eu voltei do doutorado foi umas das coisas que me incomodou profundamente, que eu senti muito porque esse prédio ficava vazio o dia inteiro, não tinha menino aqui. E a gente não via os meninos porque lá no IC você chega para dar aula e pronto. Aí nós começamos a brigar de novo para dar aula aqui e os meninos começaram a voltar, aí nós conseguimos que os últimos períodos comessem a ter aula aqui, e o C.A. também começou todo esse movimento, que até então o C.A. estava muito... foi outro momento que o C.A. voltou a ficar..., é porque nesse momento de 2000 a 2004 foi uma época, assim, muito fria, muito fria. Os alunos..., não foi um tempo legal, não. Aos poucos os alunos

começaram a voltar, você começava a ouvir violão tocando, menino sentado na escada, assembléia aqui no meio, aquela confusão, e é óbvio, no que eles começam a ocupar esses espaços, eles querem fazer festas, querem fazer isso, querem aquilo e começa a confusão. Só que eu acho que faz parte. Faz parte deles quererem que a porta fique aberta, faz parte a gente chegar e dizer que não dá pra ficar aberta 24 horas, a gente precisa tomar alguns cuidados, faz parte eles acharem que os cuidados são excessivos e a gente achar que não, até a gente fazer um acordo, entendeu? Então, eu acho o seguinte, eu acho que eles têm colocado questões importantes, pelo o menos para mim, em muitos momentos, por exemplo, esse ano, ano passado, volta e meia eles vêm e dizem assim: 'ah, porque você tá sabendo que tá acontecendo, que está dando confusão, por que a moradia estudantil apanhou?' Aí eles começam a perturbar, começam a perturbar, 'porque a gente tem que abrir a boca, que a gente tem que falar alguma coisa, que não é possível'. E eu acho assim, eu acho que a meninada, não só o C.A., que eu acho que em muitos momentos o C.A. é um catalisador disso aí. Ele compromete mesmo nossa idéia de horizonte, porque se não, a gente fica muito babaca. A gente vai ficando conservador, vai achando que não, que não é por aí, vai achando que tudo tem que ser muito certinho.

Dentre as questões levantadas na fala de Heckert, destacamos: os usos que fazemos do público, o esvaziamento dos espaços coletivos, fluxos e refluxos dos movimentos sociais e, principalmente, o tensionamento provocado pela ação da abertura da porta que colocou em cena as relações explícitas e implícitas estabelecidas no jogo de forças entre alunos, professores e universidade.

O C.A., segundo Heckert, em alguns momentos deve exercer essa função de catalisador e por em questão horizontes estabelecidos, provocando rupturas numa pretensa linearidade da historicidade, provocando crises no estabelecido e questionando os lugares que ocupamos.

O que provoca-produz um *acontecimento* ? Rodrigues (2010), partido do referencial teórico formulado pelos autores da Análise Institucional, emprega a expressão *acontecimento-analisador*. Os dois conceitos afirmam a importância do acúmulo de uma carga potencial virtualizada, de expectativas e não expectativas, a presença do invisível, do indizível, a importância do não aparente, do

transversalizado nas relações para o surgimento de algo novo, de ruptura, de quebra da linearidade.

Por muitos anos as relações dos alunos do curso de psicologia estiveram pautadas por uma porta fechada. São as implicações dessa relação estabelecida que o ato de trocar a fechadura da porta pôs em questão. É nessa medida que a porta se tornou um *acontecimento-analisador* da relação alunos-curso de psicologia, alunos-universidade. A porta, aberta ou fechada, colocou o quê em questão?

Primeiro ponto em questão para nós: o que o ato de abrir a porta está nos dizendo? Que os alunos do curso de psicologia estão reivindicando uma co-construção das diretrizes político-pedagógicas do curso? Que os estudantes afirmam por autonomia para debater-intervir, inclusive, no espaço físico que também é de formação?

Segundo ponto: que tipo de comunicação ou diálogo existia naquele instante entre coordenação, gestores de curso e os estudantes? Parece-nos que era um diálogo pouco efetivo, os anseios e as questões dos alunos não foram ouvidos.

Terceiro ponto: o C.A. é um lugar de passagem entre curso e universidade, entre estudante e professor, é lugar de livre circulação entre as partes, entre as grandes questões do ensino público federal e as questões específicas dos alunos. O C.A. é uma importante ferramenta para oxigenar e para fazer circular os diferentes discursos presentes na universidade. O C.A., mais do que mediar, pode proporcionar o encontro de uma demanda coletiva com uma demanda individual (nenhuma demanda é puramente individual).

Quarto ponto: de acordo com alguns estudantes do curso de psicologia, a relação de poder estabelecida, naquele momento, era verticalizada, de cima para baixo, sentido único, porta apenas de saída. Existia uma preponderância do discurso, um discurso maior, um discurso menor, existia uma hierarquia nos saberes-fazer.

Para o aluno José Anézio o debate entre os gestores do curso de psicologia quanto à questão da porta fechada ou aberta, na verdade, nunca aconteceu por questão de segurança do CEMUNI VI, mas sim por uma imposição de que aquela porta deveria continuar fechada como sempre esteve.

Os espaços que a gente tentou discutir segurança nesse curso, os que a gente chamou, os que foram vindo de outras origens, os que para além dos estudantes, outros personagens da vida do curso, sujeitos do curso, eles não discutiam segurança, eles discutiam fechar essa porta. Então, questão da segurança é o que menos importa, todas as propostas de segurança, mais efetivas que o portão, do que fechar a porta, colocar uma grade, que a gente sugeriu na época, nenhuma delas foi efetivada., nenhuma, nenhuma. Quando a discussão acontecia, a discussão era: se vai ou não fechar a porta (informação verbal).¹²

Na opinião do estudante e também de outros alunos do curso, houve um silenciamento do discurso discente; o debate da questão da segurança não foi tratado como deveria ter sido. O discurso institucional de que a porta deveria ser mantida fechada para zelar pela segurança do patrimônio da universidade e dos próprios alunos foi posto e enunciado em determinado momento pelos gestores e incorporado pelos demais usuários do prédio. Em uma reunião do C.A. em que estivemos presentes foi possível observar que parte dos alunos não concordava com a postura tomada por determinados professores. Segundo relato dos alunos, naquela reunião, a questão da segurança na universidade não fora debatida, mas sim, apenas se a porta deveria ser mantida aberta ou fechada. Para esses alunos sua opinião frente à questão não havia sido considerada.

A questão da porta disparou outros debates como o uso dos espaços públicos, a segurança nas universidades, a circulação dos diferentes atravessamentos institucionais. A complexidade das questões envolvidas com uma “simples porta” (sic) nos faz pensar no hiato entre corpo discente-docente, provocado por um tensionamento hierárquico e de especialismos, “sabe com quem está falando?” Guattari e Rolnik (2005) apostam na diferença como geradora de novos tensionamentos, então como afirmar uma agonística na contramão de relações antagônicas entre professores e alunos?

¹² Trecho da entrevista concedida pelo aluno do curso de psicologia José Anézio entre final de 2011 e meados de 2012. Ver entrevista na íntegra em Margens do Rio que Transbordam.

2.3 O COLETIVO PLANTA

A proposta do Coletivo Planta, lançada por alguns alunos do curso de psicologia, surgiu a partir da discussão do uso dos espaços públicos, dentre outras questões. Com a pretensão de se pensar tais espaços de modo articulado, conectando universidade e outras dimensões da vida e diante da insatisfação dos alunos quanto ao ambiente cinzento e morto dos espaços públicos, decidiu-se a realização de um mutirão coletivo para plantação de uma horta na parte externa do prédio CEMUNI VI, ao lado da porta de entrada do C.A. Nascia então o *Coletivo Planta* baseado, como dito por um dos alunos, “*nos princípios da autopoiese, da auto-regulação, autogestão, sustentabilidade, um espaço de convivência social.*”

As reuniões do Coletivo acontecem à medida que surgem questões a serem discutidas ou por demanda de algum aluno. Seu funcionamento é autogerido, aberto e as pessoas participam do cultivo quando e como podem. As ferramentas utilizadas pelo grupo ficam alocadas no espaço do C.A. e são ferramentas emprestadas ou doadas ao coletivo pelos próprios alunos. Apesar das reuniões serem esparsas, convocadas mediante necessidade, a horta é cultivada diária e voluntariamente. Durante o período em que frequentamos o C.A., aproximadamente oito alunos cultivavam a horta voluntariamente. Assim como o C.A., a horta se tornou igualmente um lugar de trânsito dos alunos.

A mobilização feita pelos alunos para a permissão do cultivo da horta foi um instrumento que contestou o uso dos espaços da universidade. As discussões disparadas no processo envolveram tanto os alunos quanto os professores, e suscitou questionamentos como: “por que não um projeto que articulasse um desprendimento dos alunos, um engajamento político, autonomia, autogestão, natureza, relação homem-meio-ambiente, trabalho, apropriação do sentido e de significado no caminhar do percurso do projeto, sustentabilidade e coletividade?”

Dessa forma o Coletivo Planta procurou, por meio de suas práticas autogestivas, redirecionar o entendimento de espaço público e o sentido da Universidade para algo que fosse além de apenas a formação específica dos alunos. O coletivo tem mostrado que é possível reinventar o uso que fazemos do espaço público, que é

possível existir vida entre os blocos de concreto, que é possível uma gestão compartilhada e autogestiva.

O estudante de Doutorado em educação e ex-militante estudantil do C.A., Jésio Zamboni, acredita que os movimentos sociais, de modo geral, se dão por redes de afetos, por afecções que dão sentido e vida aos movimentos

Para mim o movimento se dá muito por afeto, e afeto é uma palavra extremamente ruim para nós. Muito complicada, muito desgastada. Mas afeto era o que, quando os alunos foram baleados por balas de borracha, houve uma mobilização gigantesca, veja, isso não foi ideológico! “Ah, estamos todos concordando”, não, era uma coisa de afecção, de ser tomado por uma questão que você nem sabe exatamente o que é. Tinha gente que eu conversava, que estava assim; ‘ah, são os alienados que vão na massa’. Eu discordo completamente disso, eram pessoas que estavam afetadas por alguma coisa que estava rolando e as pessoas iam experimentado aquilo enquanto faziam (informação verbal).¹³

Jésio Zamboni analisa que o que toma os movimentos e fazem com que eles prossigam e ganhem força são os afetos envolvidos. Ele parte dos pressupostos lançados pelo filósofo Spinoza, com base em três definições:

- 1) Chamo de causa adequada aquela cujo efeito pode ser percebido clara e distintamente por ela mesma. Chamo de causa inadequada ou parcial, por outro lado, aquela cujo efeito não pode ser compreendido por ela só.
- 2) Digo que agimos quando, em nós ou fora de nós, sucede algo de que somos a causa adequada, isto é, quando de nossa natureza se segue em nós ou fora de nós, algo que pode ser compreendido clara e distintamente por ela só. Digo ao contrário, que padecemos quando, em nós, sucede algo, ou quando de nossa natureza se segue algo de que não somos causa senão parcial.
- 3) Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as idéias e afecções (SPINOZA, 2010, p.163).

¹³Trecho da entrevista concedida pelo ex-aluno do curso de psicologia da UFES e doutorando em Educação Jésio Zamboni em meados de 2012. Ver entrevista na íntegra em Margens do Rio que Transbordam.

Em um postulado:

O corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potencia de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potencia de agir nem maior nem menor (SPINOZA, 2010, p.163).

E em uma proposição:

A nossa mente, algumas vezes, age; outras, na verdade, padece. Mais especificadamente, à medida que tem idéias adequadas, ela necessariamente age; à medida que tem idéias inadequadas, ela necessariamente padece (SPINOZA, 2010, p.165).

Para nós, os movimentos sociais, especificadamente o Movimento Estudantil e o *Coletivo Planta*, são constituídos em meio à uma rede de ações. O que determina a amplitude de um movimento é que afetos estão em questão. Que afecções são experimentadas no fazer daquele movimento?

O *Coletivo Planta* apostou em convocar os estudantes a se relacionarem com os espaço político-público da universidade e com a formação acadêmica em psicologia de outra forma. A proposta de uma horta coletiva que fosse autogerida, que os alunos se sentissem responsáveis e autônomos em relação a ela, permitiu que os alunos compreendessem a ideia de que a natureza e o meio ambiente não estão alheios à formação acadêmica e são inerentes a condição humana e que os espaços (políticos) na Universidade são construídos por todos, por nós.

A proposta de um coletivo que fosse pautado por esses pressupostos, que fosse construído na relação de respeito e singularizações, fez com que esse movimento, iniciado em 2012, permanecesse até o presente momento, janeiro de 2013. Também o C.A. de psicologia, a nosso ver, se constitui de forma semelhante. Sua força está justamente na proposição de ser uma entidade autogestiva, ao invés de impor obrigações ou prescrições aos seus participantes. Por outro lado, consideram que esse é o fio da navalha, pois se corre o risco de não participação, de não adesão dos estudantes. Como fazer? A proposta sustenta o movimento?

Os movimentos estudantis não ocorrem de modo homogêneo, nem são instâncias de pura criação, invenção ou de um incessante questionamento do instituído. Há momentos, em local e tempo diferentes, em que eles se instituem, se endurecem

reproduzindo práticas viciadas, moldadas, e resistem às mudanças. Há momentos em que surge resistência quanto ao novo, quanto à mudança.

O aluno José Anézio, quando questionado sobre qual seria a reação dos alunos participantes do C.A. caso fosse proposta uma forma de funcionamento diferente da atual, esclarece que:

Rapaz, eu acho que muita gente vai resistir. Tipo, 'não queremos falar disso agora'. Eu já tentei em alguns momentos de propor 'galera vamos discutir estatuto, vamos refazer estatuto, não vamos fazer estatuto não, vamos colocar no papel qual é o funcionamento da gente para a gente ter clareza ter uma noção'. A galera, nesse momento em que isso ocorreu, disse: 'a gente tem coisa mais importante para fazer' fui voto vencido.

Eu não sei se tem pessoas que participariam do C.A. se ele tivesse outro funcionamento e que não participam porque é assim. Não tem pessoa dizendo: 'eu quero que o C.A. funcione de outra forma'. Sinceramente, das experiências que eu já tive, se você chegar de sala em sala falando assim: 'galera, se o C.A. funcionar de outra forma, você participaria?' Várias pessoas diriam que sim, e não participariam.

Essa fala indica a dificuldade do C.A. de se provocar mudanças estruturais nos modos de funcionamento dos grupos e das instituições, de mudanças que envolvem outros modos de subjetiva, de se relacionar e produzir. Questionado quanto a uma possível existência na compreensão dos estudantes sobre uma dicotomia entre vanguarda e massa estudantil, José Anézio nos respondeu que *“Essa distinção vanguarda-base ela é real, ela existe, é muito fácil de ver em qualquer movimento social ou em boa parte deles”*.

Isso nos ajuda a compreender as dificuldades de parte significativa dos movimentos sociais, visto que muitos desses movimentos são pautados na velha distinção entre aqueles que pensam as ações e aqueles que as executam, entre aqueles que sabem e aqueles que não sabem. A distinção entre uma classe que deve governar e outra que deve ser governada está no fazer, no cotidiano de muitos movimentos sociais, inclusive, os que se intitulam por “um certo” paradigma de esquerda.

Esses novos personagens para os quais estamos chamando atenção buscam caminhar na contramão dessa distinção. São personagens que, por meio da reflexão de suas práticas no cotidiano, na militância, convocam outros modos de ser-militante, um modo baseado em uma co-construção com outros personagens quanto aos rumos do movimento. Esses personagens procuram eliminar de suas práticas um verticalismo e um centralismo que imobilizam o fazer do movimento e, ao invés de uma relação hierarquizada, buscam estabelecer uma relação lateralizada em que os compromissos, os objetivos do grupo devem ser co-assumidos, co-produzidos numa relação de paridade entre as partes, sem que isso queira dizer uma anulação das diferenças. Podemos visualizar essas relações no C.A. já que não há direção eleita e nem imposição de obrigações aos participantes.

Esses movimentos, como Jésio Zamboni expressa, talvez estejam mais voltados a uma política dos encontros, do prazer de relacionar-se, a uma atenção aos afetos dispostos, do que a uma determinação moralista de esquerda. Para além da questão ideológica, os movimentos sociais estão ligados por uma lógica da afecção.

Quando se esquece essa lógica da afecção vai se esmagando o que é criativo nos movimentos, o que cria e sustenta esses movimentos. O quê que eu falo de lógica da afecção? É, por exemplo, essa minha experiência no C.A., tem uma lógica de afecção ali. Até hoje eu falo com o Badaró, com Carol com o Getúlio, sabe tem ali uma história que se criou. Um afeto que se compartilha entre nós que extravasa essas pessoas que participaram.

José Anezio se questiona se os posicionamentos tomados pelo C.A. são, efetivamente, construídos com a participação de todos ou se são deliberações daqueles que estão à frente do C.A., dos seus “líderes”.

A gente chega num espaço de discussão achando que vai discutir muito um assunto e todo mundo bota fé, ‘não é isso mesmo’. Aí eu não sei se isso é, realmente, porque todo mundo bota fé ou se é porque a galera deixa a posição desse grupo que está à frente do C.A. passar.

A delegação de uma decisão a outrem, a alguém que lhe “represente” é uma velha prática não apenas dos movimentos sociais, mas uma prática do cotidiano da sociedade. Em diferentes instâncias e instituições é comum a transferência e delegação da responsabilidade de algo para outro que, inclusive, em muitos casos,

pode ser remunerada. Uma sociedade, hegemonicamente representativa, que “terceiriza” e isenta o sujeito de se posicionar em relação as suas decisões, ou seja, politicamente.

Práticas sociais que isentam os sujeitos de se haverem com suas tomadas políticas, com os efeitos do que se produz, nos conduzem a um esvaziamento da dimensão política ou mesmo do espaço político entendido como o cotidiano das ações. Um sistema social representativo produz *sujeitos preguiçosos*, um sujeito que espera Deus fazer por ele, que Deus o represente (ou o presenteie); o Pai fazer (o presenteie); ou que o Estado faça (o presenteie).

A respeito das manifestações de estudantes da UFES no ano de 2005, Jésio nos indica uma captura do movimento, de um movimento que se deu por afetações, capturado por alguns setores dos movimentos de esquerda.

Foi em 2005 que rolou a coisa de fechar o pedágio, que foi se criando ali, enquanto se fazia, então vamos à reta da penha, fomos para o pedágio a primeira vez, então, foi uma coisa que foi se experimentando, o quê que acontece? Rapidamente esse movimento, que para mim foi brilhante, foi sendo capturado. Foi se criando uma comissão pessoal. Partido apareceu dizendo quem liderava o movimento, quem não liderava...

A fala de Jésio nos indica um aspecto importante na análise histórica dos movimentos revolucionários. Se por um lado eles buscam perseverarem, preservar-se, manter aquilo que foi almejado, por outro os movimentos revolucionários produzem seu próprio fim, pois quando se instituem, já caducam e, se caducam, se faz necessário criar outros novos mecanismos, outros paradigmas experimentados a cada presente; a cada nova circunstância específica exigem-se outros horizontes. Jésio indica a tentativa de captura de um processo, a transformação daquilo que é movimento em forma, a tentativa de transformar o fluxo em algo estático e aprisionado. A tentativa de capitulação dos movimentos sociais, especificadamente do Movimento Estudantil contra o aumento da passagem.

2.4 UM LUGAR DE TRANSIÇÃO, UMA SUBVERTIDA PASSAGEM

Alguns móveis velhos, um sofá antigo, uma estante com livros, cadeiras, tocos de madeiras, mochilas, um armarinho, quadros, murais, cartazes, panfletos, geladeira velha, um computador, pessoas, risos, conversas, cigarros, xadrez, encontros. Essas são algumas das memórias vibráteis que marcaram nosso corpo de pesquisador nos últimos meses de encontros e vivência no C.A. Nesse tópico gostaríamos de abordar a temática do espaço como dimensão política das relações de poder estabelecidas, do espaço como construção de outras dimensões recreativas e inventivas. O espaço como potente lugar de troca, de experimentação, o espaço como marca do vivido e do invivível, do espaço como constituição de subjetividades.

O espaço físico do C.A. é frequentado diariamente por alunos do curso de psicologia, entre uma aula e outra. É um lugar de integração, recreação, passagem, reuniões, encontros, discussões e o uso do espaço acontece da forma mais variada possível. Sobre o uso desse espaço o aluno José Anézio nos relata:

Entrevistador: A gente tinha parado naquele ponto que estava discutindo sobre os espaços do C.A. (Centro Acadêmico), como é utilizado o espaço do C.A.?

Entrevistado: Então, é... esse é um assunto bem enigmático, porque quando a gente fala do C.A., acaba tendo que explicar isso para as pessoas. Galera, calouros sejam bem vindos, esse é o curso de psicologia. O centro acadêmico de psicologia ele é uma entidade estudantil né! Uma entidade de luta, um coletivo que se reúne que faz reunião, que faz ações, debates, eventos, passa em sala, 'enche o saco'.

O centro acadêmico é também um lugar onde as pessoas frequentam. Algumas pessoas que frequentam esse lugar são dessa entidade, mas as coisas não se casam, tanto que tem pessoas que frequentam o espaço físico do C.A. e na hora que começa a reunião se retiram ou que ficam do lado de fora trocando ideia enquanto a reunião está rolando lá dentro. O uso é muito amplo, e isso não é um problema pra gente, tipo "ah não, vocês usam o espaço físico, mas...". Eu acho que tem sim, um incômodo quanto a isso, um questionamento disso, mas não no sentido que o C.A. deveria ser somente para coisas da militância, muito pelo contrario, nós mesmos que participamos da entidade fazemos

outros usos para além do uso militante do espaço no sentido, mais clássico da palavra militância.

Entrevistador: É o que eu tenho vivido quando eu venho aqui participar do encontro aqui com vocês, quando eu estou de passagem mesmo, e é isso, me marca como um lugar de passagem; as pessoas vêm, integram, interagem, conversam, é um lugar de vivência, um lugar de integração, você vê assim também?

Entrevistado: Sim, claro, inclusive para algumas pessoas é lugar de passagem mesmo, só passar, não é nem que integram em algum momento, é só passar, tem pessoas que só passam por dentro dizem um oi ou nem isso.

Cansado de pegar o mesmo peixe, ele dá outro nome ao mesmo peixe, ele o cozinha diferentemente de outros dias. Além de nomeá-lo de outra forma, seu preparo se dá por outros temperos, outras técnicas. Ora ele faz ensopado, ora na brasa, ora frito, ora cru. Ora com limão, ora com sal, ora com ervas, ora com todos, ora com nenhum. Ora sua oração à lemanjá, ora à Nossa Senhora, ora a ninguém, ora dá resultado, ora não, o peixe sempre vem, o peixe nunca vem, o mesmo diferente.

3 MILITÂNCIA ESTUDANTIL: LUGAR DE FORMAÇÃO E DE SUBJETIVAÇÃO

A subjetivação se refere a “processos contínuos de produção de modos de vida, que tanto podem estar referidos à potência quanto à mortificação da vida humana em sua integralidade” (MACHADO; LAVRADOR 2010, p. 119). A imagem lançada pela ideia de subjetivação nos coloca em movimento. Nessa perspectiva que aqui expomos, a subjetividade se constitui em seu devir, sempre em movimento. A subjetividade não é passiva ao mundo exterior, a subjetividade é construída em um contínuo processo da ação do homem com o mundo. Assim, a subjetividade pode ser tanto serializada, automatizada quanto inventiva-criativa. Subjetivação se refere ao processo de constituição de subjetividades, que para as autoras pode ser de forma a potencializar a vida quanto a mortificá-la.

As vivências, as conversas, os encontros nos corredores, o modo como o espaço do C.A. é usado, frequentado e experimentado forma e produz subjetivações. Como elas se fazem? Barros (1997) defende que a formação não ocorre apenas nos espaços instituídos de formação como as salas de aula. A autora propõe que incluamos outra dimensão da formação, uma dimensão do cotidiano político. Formação não reduzida ao seu caráter apenas técnico metodológico, mas atuar numa outra dimensão político-ética.

A autora acredita que formar “implica um diálogo de saberes e práticas sociais que institui sujeitos de ação e objetos de trabalho, num aprendizado permanente (BARROS, 1997, p.209).” Há uma dimensão ampliada do conceito de formação para além de especialismos produzidos em série. Ancorado por essa noção, a formação é um incessante questionar de seus fazeres, de suas práticas, um constante ato analítico do que tem se produzido. Restringir a formação acadêmica à aprendizagem de técnicas e procedimentos é limitar a potência inventiva dos humanos de ousar, é restringi-lo da capacidade de criar a si mesmo e ao mundo. Restringir a formação aos bancos de sala de aula é matar a vida.

Barros (1997) nos convoca a pensar-agir essa dimensão não instituída e reconhecida da formação como um importante elemento de transformação social. As reformas curriculares são potentes instrumentos de análise da instituição

ensino, entretanto, para isso é necessário vincular educação-política, saber-fazer-poder na análise das práticas formativas. Há que se pautar por outro *ethos*, por outro agir filosoficamente que não dissocie prática-teoria.

Os alunos se formam e formam os outros nos encontros produzidos nos espaços do C.A., nos toques, nos olhares, nas discussões sobre ENADE, sobre luta antimanicomial, sobre a psicanálise, sobre a Análise Institucional (AI), sobre a reforma universitária, sobre o ato médico, sobre futebol, jogando máfia¹⁴, jogando xadrez, tocando violão. O C.A. é um espaço privilegiado de integração entre os alunos dos diferentes períodos do curso e diferentes cursos da Universidade. A militância estudantil é um lugar de formação de si e do mundo, um lugar de constituição de subjetividades.

Kastrup (1999), ancorada nos trabalhos de Maturana e Varela com os de Deleuze e Guattari, afirma que a subjetividade “é indissociável da ideia de produção. Produção de formas de sensibilidade, de pensamento, de ação. Produção da relação consigo mesmo e com o mundo (KASTRUP, 1999, p.176).” À medida que fazemos, que praticamos, nos formamos e formamos mundo, produzindo realidades. A formação ocorre de modo processual, em constante movimento. No caso do C.A. essa formação se dá desde brincadeiras lúdicas e festas no espaço do C.A. até reuniões e assembléias de alunos.

Os movimentos estudantis, na medida em que atuam, produzem novos movimentos estudantis com outras problemáticas, com novas questões. No exercício da militância, na processualidade da subjetivação, atentos a uma dimensão ontológica do presente, produzimos cotidiano. O estudante ao fazer Movimento Estudantil molda seus contornos, se forma. A subjetivação se dá nesse processo contínuo de construção de mundos. “Os problemas são inventados (KASTRUP, 1999, p.80)”, os caminhos são produzidos.

¹⁴ Brincadeira com uso de cartas que seus participantes se dividem entre cidadãos e mafiosos e cujo objetivo é eliminar o máximo de adversários.

4 UM PASSEIO ENTRE MODOS DE PENSAR-PRODUZIR O MOVIMENTO ESTUDANTIL

4.1 MUITAS TENDÊNCIAS, MUITAS HISTÓRIAS

O Movimento Estudantil (ME) tem sido estudado por diferentes autores e em diferentes períodos. Chama-nos a atenção a riqueza desse tema e a diversidade dos estudos que o cercam. Alguns desses estudos analisam o ME em determinados períodos ou determinadas regiões, enquanto outros examinam movimentos específicos e, dependendo da lente de análise, algumas questões são mais trabalhadas e discutidas que outras. Assim, não se pode falar de um único ME visto que esse se constitui de muitos e distintos movimentos. Seguindo a linha de nossa pesquisa, percebemos, no entanto, que são poucos os estudos em que os autores se declaram abertamente terem participado ou que participam do ME.

Nossa participação no ME secundarista e universitário se deu por nove anos, a partir de 2001 quando da campanha para eleição de Lula para a presidência da república até o ano de 2010, quando da eleição da presidenta Dilma Rousseff. Durante esse período vivenciamos situações específicas e singulares do movimento, como as disputas das eleições de congressos de suas entidades, e participando da União da Juventude socialista (UJS) ligada ao Partido Comunista do Brasil (PC do B), partido esse hegemônico conjuntamente com o Partido dos Trabalhadores (PT) na União Nacional dos Estudantes (UNE) e na União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) desde 1989 após a eleição de Cláudio Lagone.¹⁵ Foi dessa experiência de vida que surgiram algumas questões que motivaram o presente estudo.

Entre as acaloradas discussões sobre Marx, Lênin, Stalin ou Trotski, festas regadas a álcool e a substâncias alucinógenas e os debates sobre conjuntura política nacional e internacional, coexistiam várias correntes políticas e cada uma dessas correntes apresentava um projeto político para a UNE ou para o ME. Uma angústia vivida nesse período foi a “discrepância” ou “antagonismo” entre o que era dito e o que era feito por alguns integrantes do movimento. Percebíamos que apesar do ME ser uma organização baseada nos princípios de democracia e

¹⁵ Ver ARAUJO, op. cit. p.253

autonomia nem sempre suas ações se baseavam nesses princípios. Incomodava-nos, então, ouvir falar de justiça social e ao mesmo tempo perceber que práticas que se distanciavam desse doutrinário se efetivavam a todo instante; incomodava-nos ouvir pessoas do movimento nos incitando a passeatas e mobilizações ao mesmo tempo em que se desobrigavam dessas atividades; incomodava-nos perceber que quando participávamos de atividades importantes para o ME como fóruns de formação e congressos, alguns colegas do movimento estavam ali, “apenas”, para fazerem uso de drogas ilícitas; incomodava-nos ouvir que “o partido é horizontal, todos tem direitos iguais” e toda aquela velha história, mas poucas vezes ser possível o diálogo ou a troca entre os participantes do mesmo partido ou de partidos diferentes. Ali vivenciamos um dilema ético que colocou em xeque o Partido e suas práticas.

A partir dos encontros e das orientações coletivas do grupo de pesquisa do qual participamos, algumas mudanças no modo de olhar essas questões foram emergindo e algumas modulações quanto a esses pontos foram possíveis. Segundo Paul Veyne (1998, p.259) “substituímos essa filosofia do objeto tomado como fim ou como causa por uma filosofia da relação e encaramos os problemas pelo meio, pela prática ou pelo discurso”. Aqui encontramos essa rotação no olhar da problemática trazida, ao invés de pensarmos em termos de dicotomia entre discurso e prática, entre dito e feito passamos a pensar essa “discrepância” simplesmente em termos de práticas, práticas em que se “*atualizam* as virtualidades que estão prefiguradas (Veyne, 1998, p.259)”, práticas essas que atualizam um modo de funcionamento social desigual e idiossincrático.

Veyne (1998) nos convoca a pensar em termos de práticas que se constituem numa relação, práticas *produzidas* ou *reproduzidas*. Se alguém comprovar que a terra é chata por meio de experimentos comprováveis, a Terra se torna chata. Existe uma reificação do objeto quando tomamos por natural uma relação construída histórica-socialmente, quando analisamos o produto (objeto) e não os meios de produção. “Em vez de enfrentar o problema em seu verdadeiro cerne, que é a prática, partimos da extremidade, que é o objeto, de tal modo que as práticas sucessivas parecem reações a um mesmo objeto... (VEYNE, 1998, p. 257).” Segue o autor, que é a partir disso que surgem os falsos problemas, falsos

dualismos e o universo racionalizado como o conhecemos. A partir de Veyne nos foi possível analisar esses problemas, os falsos dualismos produzidos. Passamos, então, a colocar nossa questão em outros termos: o que tem sido praticado no ME ou no C.A. de Psicologia, nosso campo de pesquisa, e o que essa prática tem produzido?

4.2 MOVIMENTO(S) ESTUDANTIL(IS) NO BRASIL: UM RECORTE

O Movimento Estudantil Brasileiro, organizado, tem início por volta da década de 1930 quando ocorreu o primeiro congresso nacional de estudantes realizado pelo governo federal. Entretanto, mesmo entre os militantes daquele período, não há consenso quanto a data de fundação da União Nacional dos Estudantes – UNE. De acordo com a pesquisadora Maria Paula Araújo (2007), a discussão em relação a essa questão se dá pelo fato do primeiro congresso de estudantes, realizado em 1937, ter sido organizado pelos estudantes com a colaboração do Ministro da Educação do governo Vargas, Gustavo Capanema. Parte dos militantes acredita que a fundação da UNE, efetivamente, só aconteceu em 1938 quando o congresso realizado foi autônomo, organizado pelos próprios estudantes.

Segundo Araújo (2007), a questão é polêmica e carrega várias versões, conforme o olhar de quem participou e relatou a história do movimento. No entanto, vamos aqui nos ater a apresentação dessas duas versões que nos auxiliam no objetivo dessa pesquisa. Pretendemos trazer algumas questões sobre o Movimento Estudantil no Brasil.

Poerner (1968) realizou uma pesquisa em que apresenta as primeiras mobilizações estudantis anteriores à fundação da UNE, ainda no Brasil Colônia e período Imperial, em atividades de cunho político, como a participação de estudantes em 1710 contra as invasões dos franceses na cidade do Rio de Janeiro, ou mesmo como a participação de alguns estudantes na luta contra o colonialismo português, marcando a intensidade e importância dessas atividades. De acordo com Poerner (1968) não há consenso quanto à participação dos estudantes brasileiros quanto à questão da abolição da escravidão, há relatos que

grupos organizados se manifestavam pelo fim da escravatura e relatos de estudantes contrários ao fim da escravatura. Outro episódio marcante do período Imperial foi uma carta enviada por um estudante brasileiro aos revolucionários norte-americanos, quando da sua revolução baseada nos princípios de Igualdade, Fraternidade e Liberdade, solicitando apoio e suporte para ações de mesmo cunho em território brasileiro.

O presente estudo tem por objetivo pesquisar as novas configurações e arranjos do Movimento Estudantil Brasileiro e o que essas práticas têm engendrado e atualizado no cotidiano da militância estudantil, a partir de uma análise das práticas do Centro Acadêmico – C.A.- do curso de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. Nesse primeiro capítulo apresentamos um breve panorama da história e da conjuntura atual do ME, recorrendo aos estudos existentes para, em seguida, fazer uma discussão das práticas do ME, suas implicações e seus desdobramentos, o envolvimento dos sujeitos participantes e as reverberações políticas de certo fazer.

Podemos dizer que o Movimento Estudantil Brasileiro é múltiplo, diverso e organizado de diferentes maneiras, mas a partir da fundação da UNE, para alguns historiadores, a história do Movimento estudantil passa-se a confundir com a história da UNE.

Apesar de alguns teóricos¹⁶ considerarem a UNE como a principal entidade representativa dos estudantes brasileiros, alguns movimentos estudantis, ou mesmo outra rede de movimento estudantil, não a reconhecem como a sua representante, seja por questões políticas ou por questões de afinidade e concepções teóricas- práticas, se colocando como movimentos autônomos e independentes apesar de atuarem nas mesmas instâncias de representatividade e atuação. Inserem-se nesse grupo dos movimentos não filiados a UNE Centros Acadêmicos (CAs), Diretórios Acadêmicos (DAs), Diretório Central dos Estudantes (DCE), e outras entidades estudantis, como o caso da Associação Nacional dos Estudantes Livre (ANEL) vinculada a corrente política do Partido Socialista do Trabalhador Unificado (PSTU), conforme encontramos na dissertação de mestrado de Maria Poletto Carneiro (2011), as diversas correntes políticas do Partido

¹⁶ Ver trabalho de Poerner, A.J. (1968); cap.VI e X.

Socialismo e Liberdade (PSOL) que atuam no movimento estudantil, os anarquistas, entre outros. Sendo assim, reiteramos a importância de se pontuar a diversidade de correntes políticas dentro do movimento estudantil e as diferenças históricas, culturais e regionais.

No presente trabalho vamos nos servir de estudos que perpassam esse campo de estudo e que possam nos favorecer o diálogo contribuindo, de alguma forma, para o desenvolvimento do tema proposto que é realizar uma análise das práticas do Centro Acadêmico Livre de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). É importante salientar que os autores buscam em um arcabouço teórico as referências e parâmetros necessários às suas análises. Algumas questões são comuns e circulam por mais de uma pesquisa, como determinados episódios históricos da UNE e da UBES, outras questões se diferenciam, como no caso da pesquisa de Artur Freitas sobre artes plásticas de Antônio Manuel e o tema Movimento Estudantil (2005).

Guilhon de Albuquerque (1977), Ridenti (1993), Poerner (1968), Maria Paula Araújo (2007), Foracchi (1977), Soares (1968), Martins Filho (1987), Maria de Lourdes Fávero (1995), Renato Cancian (2010), Bortot e Guimaraens (2008), Daniel Reis filho e Jair Ferreira de Sá (2006), Rosa Maria Cavalari (1987), Caliarì (2009), Carneiro (2011), são alguns dos autores que dialogamos. Cada pesquisa tem um viés de entrada, um olhar de partida. Percebemos que existem tantos movimentos estudantis quanto pesquisas sobre eles. Trata-se sempre de um olhar específico daquele que lança as questões, e é isso que orienta os rumos das pesquisas e a diversidade de estudos existentes.

Ainda compondo esse cenário de pesquisa, destacamos os dados do IBGE¹⁷, do MEC¹⁸ e do Anuário Brasileiro da Educação Básica¹⁹ que indicam que o Brasil possuía cerca de 191.000.000 milhões de habitantes em 2010. Nesse mesmo ano havia cerca 6,3 milhões de estudantes no ensino superior e aproximadamente 20 milhões de jovens entre 20 e 24 anos, mais cerca de 19 milhões entre 15 e 19 anos e entre 25 e 29 anos por volta de 18 milhões. Tais dados indicam o quanto

¹⁷ Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/> acesso em: agosto de 2012.

¹⁸ Disponível em: <http://www.ufpa.br/> acesso em: agosto de 2012.

¹⁹ Disponível em: <http://www.moderna.com.br/> acesso em: agosto de 2012

ainda é insuficiente a capacidade de absorção da população brasileira no ensino superior público ou privado.

Em 1968 o Brasil possuía 89.582 vagas em instituições federais de cursos de graduação²⁰. Se compararmos apenas o número de vagas o Brasil avançou consideravelmente, mas se pensarmos em termos de potencial de jovens que poderiam estar cursando o ensino superior o país ainda precisa avançar muito visto que hoje, aproximadamente, apenas 10 milhões de pessoas são graduadas. Os dados nos revelam que, apesar dos investimentos realizados em educação nos últimos 10 anos, o país ainda carece bastante de investimento em políticas públicas em educação.

No ensino médio aproximadamente 3,5 milhões de jovens entre 15 e 17 anos ingressaram no ano de 2008, e na formação profissional o Brasil contou com 1,1 milhões de jovens cursando as escolas profissionais em 2011. Outro dado interessante é que apenas 50,2% dos jovens de 19 anos concluíram o ensino médio em 2009. Novamente, os dados indicam os gargalos da educação pública no Brasil, a diferença existente entre a população com idade escolar e a população matriculada regularmente nas escolas. Os dados são preocupantes e assinalam a importância, cada vez maior, de mais investimentos em educação pública com ampliação dos números de escolas e universidades, ampliação dos números de vagas, com melhor infra-estrutura, melhores salários para os professores e uma gestão compartilhada com os trabalhadores.

4.3 AS TENDÊNCIAS ESTUDANTIS, A INFLUÊNCIA DA ESQUERDA, A DIVERSIDADE

O primeiro ponto que nos chamou a atenção ao realizar essa pesquisa foi a quantidade de associações e instituições existentes no Movimento Estudantil. Essas entidades estudantis são atreladas e vinculadas, em sua maioria, às organizações chamadas de esquerda. A discussão sobre o que é esquerda tem disparado muitos debates na academia. Aqui, optamos partir de Sader (1988) para quem os movimentos de esquerda são aqueles atrelados e imbricados com os do doutrinário de justiça social. Para esse autor, a esquerda vincula-se à ideia de

²⁰ Ver MARTINS FILHO, 1987, p.125.

justiça social e à perspectiva de construção de um novo modelo de sociedade “ser de esquerda no mundo de hoje significa participar da reinvenção concreta de uma nova sociedade, baseada na justiça social e na solidariedade... (SADER, 1995, p.195).”

Para Giddens, (1996, p.23) “A perspectiva política de esquerda sempre esteve ligada a ideia de emancipação.” Esse debate, superado ou não, é um analisador da disputa ainda presente das forças produtivas, políticas e ideológicas no Brasil, numa tentativa de definir um campo de lutas.

A força de partidos e de “organizações juvenis de esquerda” no Movimento Estudantil já foi constatada em diversos outros estudos, como o de Martins Filho (1996), onde são discutidos os acontecimentos e as implicações do ano de 1968 no Brasil, México e França, e o trabalho de Daniel Reis Filho e Ferreira J. (2006), que descreve todo o organograma das organizações de esquerda do período da ditadura militar e as influências dessas organizações no Movimento Estudantil. Outro estudo de Martins Filho (1987) ressalta a importância de se especificar o período e o contexto da pesquisa sobre o Movimento Estudantil. Esse autor considera que no período de 1960 a 1968 houve uma diversidade enorme nas configurações que o movimento assumiu ao longo de seu percurso, o que impede de tratá-lo como único, e destaca a variedade de contextos e as formas de se fazer Movimento Estudantil, as tendências e as diversas forças políticas que tencionam, atuam e co-atuam em seu interior, dentre elas as chamadas “esquerdas” e as chamadas “direitas”.

No Brasil, o Movimento Estudantil se organizou tardiamente em relação a outros países da América Latina, como Peru em 1916 e Argentina em 1918²¹. Martins Filho (1968) desmistifica uma ilusão, criada a partir de universos ou verdades em relação ao Movimento Estudantil, de que o estudante brasileiro foi *sempre* politizado ou mesmo que esteve *sempre* ao lado do povo brasileiro. Segundo o autor, baseado nos estudos de outro importante pesquisador na área, Poerner (1968), na Primeira República setores do movimento estiveram ligados às elites oligárquicas e alguns foram contrários ao fim da escravidão. Outro exemplo refere-se a um confronto, em 1917, entre estudantes da Faculdade de Direito de São

²¹ Ver MARTINS FILHO, J. R. Movimento estudantil e ditadura militar. 1987. p.16.

Paulo e trabalhadores dos bondes em greve, quando então os estudantes se posicionaram contrários à greve dos operários. “É impossível atribuir à participação do estudante um caráter genérico e imutável (MARTINS FILHO, 1987, p. 17).” O que queremos dizer é que a esquerda ou a chamada esquerda, como constatado em diversos estudos, exerce forte influência no Movimento Estudantil, contudo, essa influência não acontece de maneira hegemônica ou mesmo contínua, nem isenta dos desdobramentos de suas decisões políticas.

Em a *Utopia Fragmentada* (2000), a autora Maria Paula Araujo realiza uma discussão sobre o surgimento das novas esquerdas no período da década de 1970: as organizações clandestinas, minoritárias e dissidentes do Partido Comunista Brasileiro (PCB), as “dissidências”, as mesmas que atuaram no Movimento Estudantil já em meados da década de 1960. Essas organizações vão se desmembrar e se rearticular em outros setores dos movimentos sociais com maior força nos anos 70. O movimento dessas chamadas novas esquerdas se contrapunha aos paradigmas ortodoxos marxistas, rebatiam as teses dos Partidos Comunistas e procuravam novos paradigmas.

Segundo a autora, a expressão “Nova Esquerda” surge por meio de historiadores ingleses, oriundos do Partido Comunista Britânico, como Eric Hobsbawn, E. P. Thompson e Christopher Hill que apontavam a diferença entre uma crítica que a esquerda tradicional fazia, mais totalitária e universal, e essas esquerdas alternativas com críticas mais fracionadas, pontuais e específicas das minorias. As consequências desses desmembramentos das esquerdas são, por exemplo, a quantidade de associações e organizações que tivemos no Brasil no período da ditadura militar, organizações que participavam das associações de bairros, das comunidades eclesiais de base e do Movimento Estudantil (REIS FILHO; SÁ, 2006).

O trabalho de Reis Filho e Sá (2006) apresenta o processo de constituição e desmembramentos das novas esquerdas no período da década de 60, as crises e cisões com o PCB e, a partir daí, toda uma nova configuração que veio a formar o *mosaico* das esquerdas no Brasil. Os autores realizam uma pesquisa minuciosa especificando os detalhes políticos e ideológicos que provocaram as dissidências e desmembramentos das organizações e partidos, e selecionam alguns dos

principais textos e documentos programáticos das organizações para que o leitor tenha acesso ao conteúdo das cartas e teses. Dentre tais organizações, encontramos a história da Ação Popular (AP) que teve origem nos quadros da Juventude Universitária Católica (JUC). Sua base teórica dentro da teoria marxista, até 1964, era considerada Marxista-Leninista e após a *I Reunião Ampliada da Direção Nacional*, em 1968, optou por seguir outra variante do marxismo - o maoísmo. Até o ano de 1964 o Movimento Estudantil e os movimentos sociais, de um modo geral, eram ocupados hegemonicamente pela Juventude Universitária Católica e o PCB.

Araujo (2000) nos mostra a importância dessa diversificação das bandeiras dos movimentos de esquerda, esse deslocamento de grupos heterogestivos, verticalizados ou centralistas para grupos autogestivos, onde seus membros buscavam falar por si, ou nas palavras de Guattari e Rolnik (2005), grupos minoritários que faziam o movimento desviar de uma direção hegemônica. No bojo das transformações das organizações de esquerda, o Movimento Estudantil também se configura e se diversifica, produzindo outros modos de subjetivação.

Hingridy Caliarí (2009) realizou um estudo na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) que aborda a questão da participação política juvenil. Nesse estudo foram entrevistados jovens filiados aos diversos partidos que compõem o cenário do Movimento Estudantil no Espírito Santo. A autora questiona o quanto e de que forma a juventude tem se interessado e participado da política e conclui, em conformidade com o que outros pesquisadores observaram, que o Movimento Estudantil hoje atua diferentemente de outros períodos, em virtude do contexto e das contingências sociais atuais, corroborando a ideia de que, ao se falar dele, é importante delimitar seu tempo e espaço.

Do mesmo modo, Renato Cancian (2010) nos relata um grande leque de tendências políticas na Universidade de São Paulo (USP) no início da década de 1970, assim como Bortot e Guimaraens (2008) também pontuam a política de tendências presente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) nessa mesma década e a forte influência do Partido Comunista do Brasil (PC do B) no Movimento Estudantil. Dentre tais tendências políticas na UFRGS, destaca-se a corrente Liberdade e Luta (LIBELU).

Aqui já podemos nos deter no ponto que nos interessa. É possível observar, por meio desses estudos²², alguns traços em comum, alguns apontamentos que nos serviram de base de análise, tais como: 1) multiplicidade do movimento 2) forte influência da esquerda 3) surgimento de um novo sujeito. Esses aspectos atravessam a pesquisa e são pontos transversais que entre uma linha e outra são convocados para nos auxiliar na análise do Movimento Estudantil no C.A. de Psicologia da UFES.

4.4 FORMAÇÃO E CONSTITUIÇÃO. UMA SUBJETIVAÇÃO MILITANTE ESTUDANTIL?

No livro *Cartografia Sentimental*, Suely Rolnik nos lança imagens conceituais de alguns personagens como a *noivinha* que gruda, o *militante* em nós, e o *hippie* em nós, dizendo dos muitos possíveis modos de ser que habitam um mesmo corpo. Resolvemos analisar como se constitui e se forma essa militância estudantil e perguntamos que personagens, que modos de ser existem e habitam o universo do(s) movimento(s) estudantil (is)?

Martins Filho (1987) discutiu acerca de uma auto-imagem idealizada e criada pelos estudantes sobre sua participação no cenário político e chama a atenção para o fato de comumente existir uma sobrevalorização ou inflacionamento da ação militante por parte dos próprios militantes. Nessa direção, Cancian (2010) também aponta a grande quantidade de textos teorizados a partir do olhar do estudante sobre o Movimento Estudantil como um movimento que se autodefine. Esse que se autodefine, fala de quê, de quem?

Martins Filho recorre a um autor chamado Marc Kravtz apresentando seus argumentos de um paradoxo da condição de estudante que, “motivada por seu caráter transitório e pela ausência de uma historicidade de classe, atua no sentido de criar uma ‘fabulação estudantil’ (MARTINS FILHO, 1987, p.19),” fabulação que criaria um típico comportamento livre, alheio às pressões externas. Dialogando com esse autor, outros autores partilham da ideia de um traço, ou característica, que marca o estudante: seu caráter transitório. Essa é uma possível entrada de

²² Ver CANCIAN, op. cit. p.58; MARTINS FILHO, op. cit. cap. 3 e 5; REIS FILHO; FERRERIA, J. op. cit. p. 30 e segs.; ARAUJO, M. P. N, op. cit. p. 9 e segs.

análise do Movimento Estudantil. Concordamos que o traço da transitoriedade pode ser um esteio de análise, entretanto, discordamos do argumento de que esse traço produza uma autoimagem, de que esse traço levaria a uma autoimagem idealizada, distorcida.

Martins Filho (1987) amplia a discussão vinculando as necessidades da categoria estudante à sua classe social de origem. O que indica o autor é que os conflitos, as tensões, os anseios de classe da qual esses estudantes são oriundos reproduzem suas atitudes políticas, manifestando assim um conteúdo de classe. Conforme sua pesquisa, na década de 1960 a classe média era o “setor majoritário na universidade (MARTINS FILHO, 1987, p.23)”, chegando a 80% dos estudantes na USP em 1965²³. Argumenta ele, recorrendo aos estudos e análise de Foracchi, M. (1977), que a característica revolucionária do estudante não tem a ver diretamente com sua transitoriedade, mas, sim, com a propensão de ascensão social da classe média que, movida por seu desejo de ascensão social, se envolve em atos reivindicatórios de conteúdo classista. Mas será que apenas jovens oriundos das classes médias participam do Movimento Estudantil?

Renato Cancian (2010) ao questionar sobre o que levaria os estudantes a participar do Movimento Estudantil, encontra um padrão específico de engajamento nesse movimento. Segundo o autor, os líderes do movimento da década de 1970 aderiram, primeiramente, a uma ideologia de esquerda vinculando-se em seguida a grupos, organizações ou partidos clandestinos e, na maioria dos casos, o peso da militância estudantil foi tão grande que interferiu na decisão de qual curso ou carreira iriam seguir. Identificou, também, que a família, o colégio e os grupos de sociabilidade interferiram e influenciaram os jovens a se engajarem no ME (2010, p. 180-214). Seus argumentos são baseados nas entrevistas e falas de ex-militantes estudantis da década de 1970, em São Paulo. É importante ressaltar que esse padrão explicativo está contido nas falas dos entrevistados, como se um fato determinasse o outro e assim consecutivamente.

[...] as raízes da minha militância no movimento estudantil remontam ao período em que cursava o secundário [...]. A escola tinha um ambiente liberal que fomentava o debate crítico e reflexão sobre o cenário social e político nacional nos três anos que

²³ Ver MARTINS FILHO, op. cit. p. 24.

permaneci no equipe, meu interesse por assuntos políticos e pelas ideologias de esquerda aumentou [...] (Depoimento de Wilson Ribeiro, *apud* CANCIAN, 2010, p. 182).

As formulações de Guattari e Rolnik (2005) sobre o conceito de subjetividade nos auxiliam nesse debate, uma vez que, longe de qualquer tentativa de reduzir subjetividade à sua forma aparente ou a um traço específico que caracterizaria um sujeito ou um grupo, nos indicam que ela é “produção”, algo “fabricado”, de “natureza industrial”, ou ainda “essencialmente fabricada e modelada no registro do social” (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 40).

Tudo o que é produzido pela subjetivação capitalística – tudo o que nos chega pela linguagem, pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam – não é apenas uma questão de idéia ou de significações por meio de enunciados significantes. Tampouco se reduz a modelos de identidade ou a identificações com pólos maternos e paternos. Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p.35).

Subjetividade para os autores estaria, então, ligada a múltiplos agenciamentos que a constituem, o foco é nos processos de sua constituição, nos diferentes vetores que a produzem. Esse debate nos ajuda a pensar os modos de produção de uma subjetividade militante, que estaria em processo permanente de constituição, se fazendo em meio à multiplicidade de relações em tempos históricos diferentes, o que nos afastaria de teses que propõe características revolucionárias a esses atores. Há que se jogar numa análise constante dos modos como esses modos militantes de ser vão se forjando ao longo do tempo, as práticas que vão delineando uma forma militante de ser em meio aos Movimentos Estudantis com suas diversidades. A seguir um quadro que pode nos ajudar a visualizar uma organização do Movimento Estudantil:

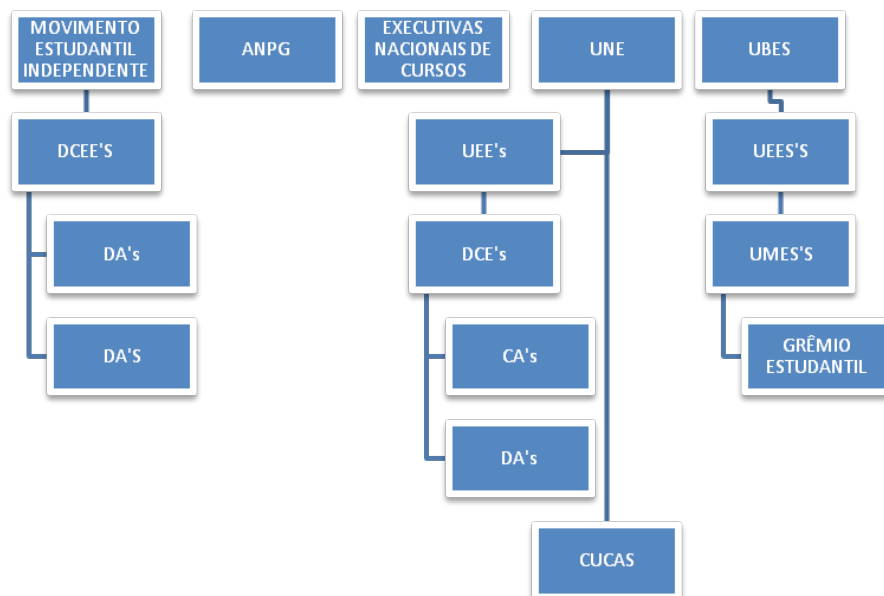


Figura 1: Organograma elaborado a partir de informações encontradas no *site* da UNE. www.une.org.br, acesso em: abril-outubro de 2012

Diário de campo (atravessamento inesperado, lugar de encontro da vida)

Dia 10 de abril

Segundo encontro marcado. Nas vésperas havia sido informado dessa nova reunião por Prometeus, ao passar pelo corredor do Cemuni VI, espaço de circulação dos estudantes e professores de psicologia da UFES. Entrei no CALPSI pela porta externa. Comprei um cigarro e me sentei na escada de entrada onde outros alunos também fumavam, conversavam e tocavam violão. Cumprimento o aluno Hermes e mais outros que ainda não conhecia. Quando acendo meu cigarro começo uma conversa a respeito das características do cigarro e as preferências de cada um. Uma aluna vem e nos informa sobre o início da reunião que será no espaço do PET. Dirigimos-nos para lá. A reunião começa sendo coordenada pelo aluno Ajax, que repassa alguns informes e coloca a pauta a ser discutida. Nessa pauta havia alguns pontos de destaque, como a viagem para o ENEP em Cuiabá, finanças do CALPSI, membros representantes dos programas PPGPSI e PPGPSO, NPA. Aproximadamente 15 alunos participam da reunião. No ponto sobre a viagem ao ENEP, discutimos estratégias e possibilidades de arrecadar dinheiro para financiar o ônibus. Fui convocado pelos alunos sugerindo formas de

se “levantar a grana.” Eles sugerem que, por ser orientando da professora Beth Barros, poderia ser um mediador numa possível conversa com ela a respeito de sua assinatura solicitando um ônibus da prefeitura universitária. Bem, me disponho a dialogar no que for preciso, mas não assumo o compromisso de mediar tal questão de forma definitiva. Muitas vezes durante a pauta, participei intervindo com perguntas e sugestões aos alunos, os quais se demonstraram abertos e suscetíveis. Chamou-me a atenção o fato de que a presença de um pesquisador altera, em todos os sentidos, a dinâmica entre o grupo, de uma forma ou de outra. Os afetos são postos em cena e o que daí surge é fruto de uma intervenção ora proposital, ou não, mas pela simples presença. O tom da reunião intercala momentos mais formais, de seriedade, e outros muitos, de descontração, de piadas e conversinhas. Assim, percebo que a postura sisuda da academia é refrescada pelo tom de informalidade e que as relações vão se tecendo nesse bojo, nesse contexto de bate-papo, de conversa fiada, de passeio. Coloco-me uma questão: por que considerar apenas os espaços acadêmicos institucionais como formação? A coisa viva, pulsante, da criatividade, da energia, da ironia, do sarcasmo estudantil presente nas rodas de conversas entre eles não seria tão importante quanto às cadeiras enfileiradas e um professor a ditar suas verdades?

O retorno ao casebre

Ele não sabia ao certo de onde vinha, sua memória era algo vago, da qual ele apenas desconhecia seu passado. Havia acordado em alto mar num pequeno barco de pesca com uma rede e pequenos peixes emaranhados em meio a ela, o sol estava forte a brilhar, escaldante e o vento estava forte como nunca. Levantou-se e sentiu aquele secor na garganta, não tinha tempo a pensar, apenas resolveu ligar o motor e procurar terra firme, seguiu em direção ao norte, bem, na verdade seguiu em direção para onde seu nariz apontava.

Ancorou o pequeno barco de pesca, amarrou-o a um toco e viu uma pequena casa de madeira a alguns metros. Chamou, chamou, ninguém respondeu, abriu a porta que fez aquele som de porta velha, tinha um sofá antigo, uma

estante, um tapete, objetos velhos, jarra, candelabros, quadros, um pouco empoeirados, teve a sensação de ter estado ali, mas não tinha certeza se tal havia ocorrido. Após ter circulado pelos outros dois cômodos não encontrou ninguém, sentou-se no sofá, ficou alguns segundos e resolveu sentar nos degraus de entrada da casa, ali, a olhar o mar e suas lindas ondas a angústia lhe tomou, o vazio e uma experiência sensorial de que tudo passa rápido, tudo é passageiro, tudo voa, um mal súbito, como a vida é fugaz, seus olhos se encheram de água, o cristal, o brilho da cada lágrima sua refletia no sol compondo uma bela cena, um pássaro sobrevoava, planando sobre sua cabeça, bem alto, muito alto, seu assobio sou, tocou, mudou as coisas.

4.5 A UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES (UNE)

Bortot e Guimaraens (2008) descrevem o universo que circulava em torno da prática estudantil no período de 1964 a 1980, com entrevistas, documentos, estatísticas e links de diversas áreas do saber humano, sendo possível identificar as influências da arte, da música, da filosofia, da política no fazer dos jovens militantes, que por sua vez influenciavam diretamente na criação e composição desses cenários.

Diria Poerner (1968, p.229), que “a história da UNE se confunde inteiramente com a história do Movimento Estudantil a partir de 1964”. O último congresso legal da entidade, entre 1960 e 1978, foi em julho de 1965²⁴, e a partir de então a UNE, na clandestinidade, passou a ser a principal entidade de referência dos estudantes e um dos principais movimentos de resistência ao golpe militar²⁵, assumindo frente aos estudantes e à sociedade, de modo geral, uma destacada importância. Passado alguns anos, ainda é comum ao se falar de Movimento Estudantil evocar a imagem da UNE, como se uma parte correspondesse ao todo ou como se Movimento Estudantil se limitasse a UNE.

²⁴Realizado na escola Politécnica de São Paulo. Ver MARTINS FILHO, op. cit. p.98.

²⁵ Ver pesquisa da professora Marisa Bittar da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Acessamos a pesquisa da professora por meio da aula inaugural realizada na UFES em 06/12/2012.

A partir disso, destacamos sua importância no cenário político brasileiro como uma entidade aglutinadora, expressão desses diferentes segmentos e sujeitos envolvidos, a UNE como uma entidade fundamental²⁶ para a compreensão do Movimento Estudantil no Brasil e principal entidade representativa dos estudantes²⁷. Sua influência na agenda política brasileira vai além das questões diretamente ligadas à educação, visto que os compromissos que assume se expressão em outros temas e assuntos da agenda política, como a questão da economia, do desenvolvimento sustentável, das liberdades democráticas, da integração da América Latina, do investimento e financiamento em cultura e esporte.²⁸ Entretanto, há que se considerar que ela não é unânime entre os estudantes.

Há uma história oficial da UNE contada nos seus anais e nos livros de história. Uma UNE que “sempre esteve ao lado do povo brasileiro e do estudante brasileiro”, uma UNE que “sempre” esteve presente e atuante em questões que iam para além das diretamente envolvidas com a educação, dentre outras formas de pensá-la.

Aqui narramos essas ‘UNE’s’ pela importância e respeito às contribuições que a entidade trouxe ao Brasil, principalmente, nos períodos de ditaduras militares. Uma UNE das dissidências, das minorias políticas, partidárias ou apartidárias. Como experimentado em minha atuação no Movimento estudantil, onde vivenciei duas UNE’s se co-habitando em escala de revezamento, ora uma, ora outra e ora as duas se co-fundiam.

Para milhares de estudantes brasileiros a UNE não é uma entidade que lhes representem, porque, segundo os mesmos, a entidade emparelhou-se com o Governo e com partidos políticos que compõem ou não a base governista. Uma UNE composta majoritariamente por dirigentes filiados a partidos políticos como o PC do B, PT, Partido Socialista Brasileiro (PSB), Partido Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), entre outros. Assim, argumentam que o movimento estudantil

²⁶ Em recente entrevista ao *site* da UNE, Ariano Suassuna, escritor, formado em direito e filosofia, disse que a UNE executava papel fundamental na sociedade brasileira.

²⁷ Baseio-me em nos estudos de POERNER, 1968, MARTINS FILHO, 1987 entre outros, sem levar em consideração as controvérsias sobre representatividade e representação.

²⁸ Ver resoluções da UNE, disponível em: <http://www.une.org.br> acesso em: junho de 2012.

realizado pela organização se encontra fragilizado e capitulado pelos interesses governistas, que seus posicionamentos coincidem com os posicionamentos do Governo vigente, que sua autonomia e independência se encontram comprometidos. Nesse sentido, a organização perderia sua capacidade de contestar e de se posicionar contrária a propostas que não sejam e não estejam de acordo com os interesses da classe estudantil.

Prosseguindo, vimos que nos últimos anos a entidade pouco participou das principais manifestações sociais disparadas no país como, por exemplo, as manifestações de junho de 2013 que foram autônomas em relação a UNE. Nos anexos é possível observar que nas manifestações de 03 de junho de 2011, em Vitória – ES, o chamado “movimento organizado” fez duras críticas aos protestos desencadeados naqueles idos. Vemos uma UNE distanciada das específicas e singulares reivindicações, desplugada, desconectada com os anseios de significativa parcela dos estudantes brasileiros. Grande parte das manifestações realizadas no estado do Espírito Santo no período de 2011/2013 foi disparada por outros movimentos sociais de modo autogestivo, movimentos sociais dispersos e fragmentados que, em muitos casos, optam, inclusive, por não se considerarem líderes ou responsáveis pelo movimento, sendo movimentos descentralizados. Na reportagem de sábado, dia 04 de junho de 2011, o estudante Marcos Paulo Silva, vice-presidente regional da UBES disse “apoiamos a causa do passe livre, vamos continuar apoiando, o quê nós divergimos é sobre o método que está sendo feito.” Sara Cavalcanti, diretora da UNE, disse “os atos têm de ser organizados pelas entidades estudantis”.

Aqui destacamos dois pontos nas falas dos representantes das duas entidades estudantis. As duas principais entidades estudantis nacionais se colocavam contrárias ao modo de protesto adotado pelos manifestantes daquele movimento, o mesmo se repetiu no início das manifestações de junho desse ano quando em várias oportunidades nos documentos oficiais da UNE ela se colocou moderada e com ressalvas e, após a explosão dos eventos, a UNE muda seu posicionamento com relação às manifestações e passa a apoiá-las. As duas entidades se colocaram como responsáveis e detentoras do poder de realizar manifestações ou

não, deslegitimando qualquer outra manifestação que não vinculada a elas. O desenho vai se fazendo, já é possível delinear alguns parâmetros.

Parte dos estudantes não se sente representada pela UNE porque ela impôs um modo de funcionamento único do ME, quando ela legisla sobre quais táticas e estratégias de lutas devem ser empregadas ou não nas manifestações; as manifestações devem ser centralizadas e vinculadas à entidade, apenas com o aval da organização estudantil aquela manifestação pode ser considerada ou não dos estudantes; um silenciamento dos anseios e da espontaneidade estudantil; uma burocratização das relações, necessidade de reportar a uma direção os objetivos de um protesto ou de uma manifestação.

A UNE, com seu modo de funcionamento atual, com sua estruturação e hierarquização, burocratiza as relações no movimento estudantil tornando a distância ainda maior entre estudante e entidade representante e aqui chegamos ao ponto que viemos trabalhando ao longo do texto; as representações representam quem? A desconfiança nas instituições, o questionamento dos instituídos, a ação direta, modos de política, de resistir, de existência, os efeitos de nossas práticas. Uma UNE com uma sede em São Paulo, uma UNE com uma sede no Rio de Janeiro. O questionamento das instituições representativas se insinua e o UNO começa a ceder lugar ao múltiplo, ao heterogêneo, o central às pontas, às conexões.

Descentralizar, ramificar, se infiltrar nos poros, nas brechas, nos pequenos nichos, nas fissuras, nos parece um caminho importante. Ouvir e criar mecanismos de circulação da fala, abolir o discurso de verdade e de domínio do saber-poder, reinventar-se e microfragmentar-se para se aproximar dessas parcelas que não se sentem representadas, minando a própria idéia de representação, incluir, produzir espaços de vazão às vozes, repensar os caminhos e rotas conjuntamente. E por isso dizemos que existem, também, tantas UNE's quanto pessoas que lhe experimentam, cada UNE de um, de todos, UNE do múltiplo, UNE no plural, UNEs possíveis. UNE oficial, do discurso instituído e UNE sorradeira, subversiva e instituinte, porque elas se compõem e se constituem, se ramificam fazendo parte dessa emaranhada e complexa rede de movimentos estudantis.

Tomando como base o estudo de Maria Paula Araujo (2010) identificamos a UNE presente desde o Estado Novo, com uma relação ambígua com o governo Getúlio Vargas e contrária aos países do eixo na 2ª grande guerra mundial, até a recente eleição da presidente Dilma. Vale lembrar que, durante esse período, diversas foram as colocações e posições tomadas nos diferentes períodos, não existindo uma prática essencial que a definisse.

De acordo com Poerner (1968, p.190), Araujo (2010, p.71) e Martins Filho (1987, p. 39) a UNE foi “dirigida por representantes da direita”, entre 1951 e 1956 o Movimento Estudantil secundarista, por exemplo, foi requerido por duas representações: a União Nacional dos Estudantes Secundaristas (UNES), vinculada a dirigentes do Partido Comunista, e a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) atrelada à membros do movimento integralista de Plínio Salgado, o que demonstra a presença de disputas de forças ideológicas no seu seio. O fato é que a UNE, como entidade histórica dos estudantes na defesa de seus interesses, merece destacada relevância no estudo sobre Movimento Estudantil brasileiro, independentemente do consenso nas análises quanto ao conteúdo de suas práticas, como no caso dos estudantes ligados ao PSTU, ao PSOL, PCB entre outros, bem como os estudantes independentes, não filiados a nenhum partido, que não a reconhecem como uma entidade legítima, representante de seus interesses.²⁹

4.6 REPRESENTANTE X REPRESENTAÇÃO, AFINAL O QUE SE REPRESENTA?

A UNE, na década de 60, trazia em um dos versos do seu hino³⁰ a campanha e o lema “*A UNE somos nós, nossa força, nossa voz*”. A intenção, naquele contexto político, era demonstrar que ela não era composta apenas por dirigentes e representantes estudantis, mas por todos os estudantes brasileiros e que todos haveriam de ser ela, que todos haveriam de ser a sua voz onde estivessem, marcando assim sua preocupação com que os estudantes se sentissem

²⁹ Ver estudo de CARNEIRO, M..P. Juventude e movimento estudantil: o trabalho precário dos estudantes-bolsitas da UFES. Dissertação de mestrado. Universidade de Federal do Espírito Santo. 2011.

³⁰ Ver hino em anexos.

representados por ela. O debate quanto à questão da representatividade é antigo e já existia naquele momento, ou mesmo muito antes, como mostra Maria Paula (2010) ao abordar a polêmica quanto ao ano de fundação da UNE.

Contudo, em outro trecho do mesmo hino da entidade é citada a palavra vanguarda, carregada de determinado peso, tradição e conotação. A palavra vanguarda, de acordo com o dicionário *Miniaurélio* (2001, p.702), pode significar “dianteira de uma operação militar”; “parcela mais consciente e combativa de um grupo social” e, também, “grupo ou movimento artístico” Entendemos que essa palavra carrega em si uma noção de classe dirigente, de um sujeito que está à frente do outro, que pensa e fala pelo outro que não o faz porque não sabe ou porque não tem condições de fazê-lo. No próprio hino da UNE é expressa a noção de vanguarda que dicotomiza as relações entre saber-executar, conceito que separa e distancia “dirigente” e “dirigido”, entre representantes e representados. Colocamos então algumas questões: quem e como são nossos representantes? São alguns, são todos? São todos, mas há uma vanguarda? Existe representante? Deleuze, em diálogo com Foucault, afirma que “não existe mais representação, só existe ação: ação da teoria, ação em relação de revezamentos ou em rede (DELEUZE, *in Microfísica do Poder*, FOUCAULT, 2007, p. 70).” Ele parte do princípio que não existe dicotomia entre teoria e prática, mas que ambos se co-engendram numa relação de processualidade.

Dessa forma, Deleuze acredita que a representação deixa de ser necessária como mediação entre sujeito e significado para a emergência de uma nova relação com o saber-poder. “Quem fala e age? Sempre uma multiplicidade... (DELEUZE, 2007, p.70).” São todos, pois estamos todos atravessados por múltiplos agenciamentos, que vão desde a Igreja, o Estado, a Escola passando pelo partido e o sindicato. O autor já indica aqui o surgimento de outro modo de agir que vai estar no cerne das problemáticas levantadas pelos chamados “Novos movimentos sociais”, ponto que discutiremos no capítulo seguinte, a autonomia dos movimentos e a reivindicação do poder-saber pelos sujeitos políticos através de suas falas e ações.

Foucault afirma que os intelectuais na França acreditaram, por um longo tempo, serem os porta-vozes e os detentores de uma verdade em nome daqueles que não podiam dizê-la e que a função do intelectual não totalizante, não detentor da

verdade sobre um tema, não proprietário do saber, deveria ser um instrumento de ação de uma crítica ao poder onde ele se exerce, a saber, em todas as instâncias. “O papel do intelectual não é mais o de se colocar ‘um pouco a frente ou um pouco de lado’ para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é... (FOUCAULT, 2007, p.71).” O trabalho de Barros (1997) nos auxilia a compreender um pouco mais essa função do intelectual específico que Foucault está a dizer “Foucault questiona as teorias globais, totalitárias, que pretendem oferecer uma explicação geral para as questões sociais. Aponta para a importância das insurreições locais, da luta que se dá nos lugares onde os grupos vivem seu cotidiano, suas experiências diárias. (BARROS, 1997, p.102).”

No lugar das grandes teorias totalitárias o intelectual específico se preocupa muito mais em descrever a “peculiaridade das práticas, lugar onde as relações ocorrem e a forma como se efetivam (BARROS, 1997, p.103),” do que tentar desenvolver uma teoria universal, transcendente, descolada do que as pessoas vivem efetivamente. O lugar desse intelectual que diz pelo outro, fala em nome do outro, se torna obsoleto ao se pensar uma nova relação no âmbito dos movimentos sociais. Assim, “Foucault dirige suas críticas aos intelectuais que se pretendem uma consciência representante ou representativa, àqueles que pretendem representar os que agem e lutam, que têm a ‘indignidade de falar pelos outros’ (BARROS, 1997, p.109),” pois acredita que o sistema representacional torna-se desnecessário à medida que se convoca os atores, envolvidos no processo, à participação conjunta.

Uma das primeiras campanhas institucionais da UNE, reconhecida historicamente, foi a campanha “*O Petróleo é nosso*” impulsionada por valores nacionalistas e em defesa da soberania nacional. Com a descoberta do petróleo em território nacional, iniciou-se um debate acerca da privatização e da concessão às empresas estrangeiras para explorar o petróleo. A UNE iniciou sua campanha afirmando a importância da criação de uma empresa, estritamente nacional, em que o povo brasileiro fosse o responsável por cuidar, organizar e gerenciar o petróleo encontrado³¹. Essa campanha exemplifica como a UNE não se limitou, desde sua

³¹ Ver ARAUJO, M. P. Memórias estudantis: da fundação da UNE até aos nossos dias. op.cit. pp.63-67. E pesquisa de Marisa Bittar, UFSCAR, 2012.

fundação, a debater apenas questões referentes ao ensino no Brasil. Certamente houve muitas UNE's na história do Brasil e certamente cada gestão e período foi marcado por corpo político-conceitual e metas distintas, mas é possível observar alguns traços comuns em relação às discussões que iam para além das questões educacionais.

De certo modo, analisando seus diferentes momentos e nos estudos já mencionados, indica-se que a UNE sempre se preocupou em discutir o Brasil e o povo brasileiro. Na questão do petróleo sua atuação não foi apenas uma defesa dos interesses econômicos brasileiros, mas se afirmou uma aposta na riqueza e capacidade criativa do povo brasileiro. Tratava-se de afirmar a autonomia do país e uma recusa à intervenção estrangeira.

Mesmo que a UNE não seja consenso ela está presente atualmente nos 27 estados e no Distrito Federal, em diversas Universidades e Faculdades, por meio de DCEs, C.A.s ou UEEs. No entanto, existem as executivas nacionais de cursos, que são fóruns deliberativos e consultivos onde os alunos de um determinado curso debatem e se organizam em torno das questões referentes à qualidade do curso, do currículo e outras questões, como no caso dos estudantes de educação física da UFES que durante o Encontro Nacional de Estudantes de Educação Física realizado em Vitória-ES debateram a reforma universitária e apresentaram as possíveis contribuições do Movimento Estudantil³². Comumente, os estudantes que participam das Executivas Nacionais de Cursos não reconhecem na UNE sua entidade representativa e não participam dos seus fóruns e congressos. A maioria desses estudantes não é filiada a partidos políticos ou, quando o são, são filiados a partidos que não compõem a base da UNE.

Esses encontros ocorrem, geralmente, a cada dois anos nos Encontros Regionais de Estudantes (EREs) de cada curso. Os alunos do curso de psicologia, por exemplo, se encontram por regiões, como a sudeste, nordeste, sul, norte e etc. Os Encontros Nacionais de Estudantes de Psicologia (ENEPs), organizados por meio

³² Ver Encontro Nacional dos Estudantes de Educação Física, 2001. Vitória. Disponível no acervo da biblioteca setorial de Educação da UFES.

da Coordenação Nacional dos Estudantes de Psicologia (CONEP), ocorrem em seguida aos regionais, anualmente.³³.

Esses fóruns se constituíram a partir dos anseios dos estudantes por debaterem questões mais específicas dos cursos como uma alternativa aos encontros realizados pela UNE, por considerá-los espaços mais legítimos e próximos à realidade de cada curso³⁴. Nesta direção, existem outras redes de movimentos estudantis, atuando paralelamente aos fóruns da UNE. Dentre os participantes das executivas nacionais, alguns são estudantes filiados a partidos como o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Partido Comunista Brasileiro (PCB), Partido Comunista Revolucionário (PCR), Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU), outros são estudantes filiados ao PC do B, partido de força hegemônica na UNE desde o início da década de 1990³⁵, e outros, estudantes não filiados a nenhum partido político.

É importante observar que os atuais partidos de esquerda são frutos e desmembramentos das antigas organizações de esquerda que existiram no país na década de 60 até meados da década de 70, de acordo com os estudos já mencionados de Maria Paula Araújo (2007); Soares (1968); Martins Filho (1987); Maria de Lourdes Fávero (1995); Renato Cancian (2010); Bartot e Guimaraens (2008); Reis Filho e Sá (2006). Após a chamada abertura política de 1984 essas organizações se reestruturaram em forma de partidos e voltaram à cena política do país. Cada partido compõe uma escola política, um escopo teórico-filosófico que o define, que o delimita. Assim, os estudantes optam por se filiar, ou não, àquele que expresse seus anseios, de acordo com suas crenças e sistema de valores.

Em alguns casos³⁶, o jovem se filia a um partido e passa por cursos de formação convivendo com outros membros do partido, quadros da direção ou militantes mais experientes. Com o passar do tempo esses jovens também se tornam referências no movimento ou quadros partidários. O quadro partidário é aquela pessoa que por estudo ou por longo trajeto na militância política se tornou referência em seu

³³ Disponível em: <http://coneponline.wordpress.com> acesso em: setembro de 2012

³⁴ Conforme relato de alguns estudantes entrevistados e experiência pessoal na militância estudantil.

³⁵ Ver ARAÚJO, M. P. 2010, p.253.

³⁶ Essa narrativa baseia-se em depoimentos de estudantes e na experiência pessoal do pesquisador como militante estudantil.

partido. É comum o tratamento entre os estudantes de correntes díspares de: “*Trotskista, Maoísta, Stalinista, revisionista, bitolado, reacionário, pelego, governista, expurguista, linha dura, radical, extremista, Leninista, anarquista, etc.,*” conforme pudemos vivenciar em nossa vida militante e, também, como encontrado no estudo de Bortot e Guimaraens (2008), onde são relatados os principais termos de uma linguagem própria desenvolvida no meio estudantil.

É preciso ressaltar que muitos jovens não se filiam a nenhum partido, como nos aponta os depoimentos encontrados no estudo de Cancian (2010). A quantidade desses jovens é mais expressiva nos encontros das executivas nacionais, visto que uma das bandeiras desse segmento é a não partidarização das discussões por acreditar que as discussões partidarizadas prejudicam o Movimento Estudantil desviando a atenção do que realmente importa, no caso a educação e a qualidade do ensino,³⁷ de acordo com a fala dos estudantes. A grande maioria não se filia aos partidos políticos por convicção, por acreditar que não há necessidade de se filiar a algum partido para se debater e discutir política. Outra grande parte se filia a outros partidos, por acreditar que os estudantes filiados ao PC do B são *governistas*, não autônomos em relação ao governo federal. Como já dito, afirmam que a UNE, na atual gestão, de direção majoritária da União da Juventude Socialista (UJS) é pouco contundente nos debates e pouco ousa na postura frente aos governos, em particular ao governo federal do Partido dos Trabalhadores, não expressando as colocações e anseios reais dos estudantes brasileiros³⁸.

Sobre esse tema é importante registrar o estudo da professora Marisa Bittar da Universidade Federal de São Carlos, o qual nos foi possível conhecer em uma aula inaugural ministrada pela professora na Universidade Federal do Espírito Santo com o tema: *Os movimentos estudantis na história da educação Brasileira*. Na ocasião, a pesquisadora demonstrou como a UNE havia se distanciado das ‘massas’ afirmando que muitos alunos que ela lecionava, quando questionados em sua pesquisa, não se sentiam representados pela entidade.

³⁷ Ver CANCIAN, 2010, p. 204 e segs. E resoluções da executiva nacional de educação física. op. cit. 2001, p. 28.

³⁸ Ver ARAUJJO, M. P. 2007, p.279. A pesquisadora discute a questão e apresenta trechos de manifestos de entidades e chapas de oposição à UNE. Dentre elas, uma que posteriormente, no ano de 2009, viria a se fundar a ANEL, vinculada aos estudantes do PSTU.

Mesmo com todos os questionamentos a UNE se fez presente, durante o período de realização dessa pesquisa, nos mais variados debates, tais como: corrupção, crise Européia, autonomia dos povos, solidariedade da América latina, índices de criminalidade entre os jovens, copa do mundo, olimpíadas, desenvolvimento sustentável, percentual do PIB para educação, crescimento do PIB, superávit, comissão da verdade, cultura etc.

A UNE é composta por 14 diretorias cada qual responsável por uma área³⁹. No *site* oficial da entidade é possível acompanhar as atividades que ela desenvolve e, conforme pode ser observado, desde meados de 2011 ela se engajou em diferentes campanhas que envolvem tanto questões específicas, como o apoio a manifestações de estudantes na UFMG e na polêmica da USP em 2011⁴⁰, quanto a questões mais abrangentes, como a crise européia e seus desdobramentos no mundo.

As dissidências surgem como uma insatisfação quanto ao fazer da UNE, seus rumos e posições, e, também, quando acontecem disputas por espaços no Movimento Estudantil. Dentre as críticas dirigidas à UNE está a falta de autonomia da entidade em relação ao governo federal do PT. Outro ponto foi/é a Reforma Universitária que, de acordo com ARAUJO (2007) é um dos principais pontos de tensão entre os estudantes, pois alguns a consideram, essencialmente, neoliberal e privatizante e outros não. A oposição à UNE, ou os autônomos à ela, afirmam que a entidade assume uma postura governista, acatando todas as decisões, como pode ser visto em trecho de um manifesto de oposição a entidade “acreditamos no Movimento Estudantil de resistência, de ampliação dos debates, de combatividade e de democracia, não concordamos com os rumos que a UNE vem tomando (Jornal *Um passo à frente*, apud ARAUJO, 2007, p. 282).”

No entanto, apesar de suas posições políticas se alinharem às posições do governo em sua maioria, a UNE afirma manter sua autonomia política. Em algumas medidas, como a questão dos 10% do PIB destinados à educação, ela votou contrária ao governo e na questão das greves das universidades federais ela manifestou apoio

³⁹ Disponível em: www.une.org.br/ acesso em: junho de 2012.

⁴⁰ No ano de 2011 houve uma intervenção da polícia militar dentro do campus da USP quando alguns jovens faziam uso da maconha. No mesmo ano, estudantes da UFMG fizeram protestos por moradia estudantil.

aos professores e funcionários da educação federal⁴¹. No caso do ex-presidente do Uruguai, Fernando Lugo, ela se posicionou independente da posição do governo manifestando apoio ao ex-presidente,⁴² mas nesse caso as posições se identificavam. Entretanto, consideramos que a UNE em alguns debates tem se isentado e adotado uma postura tímida, ou omissa, com pouca resolutividade e efetividade de suas ações. Uma UNE burocrática que traz alguns debates relevantes, mas, de modo genérico distante das questões pontuais dos estudantes, o que pouco tem contribuído e respondido aos anseios de uma parcela dos estudantes. Aqui entra o ponto que devemos discutir sobre as práticas circunscritas e seus efeitos para que não caiamos no simplório erro da generalização.

Nesse debate destacamos os trabalhos dos filósofos e historiadores Paul Veyne e Michel Foucault ao falarem não de uma história unívoca, mas de múltiplas possíveis histórias, “não existe explicação histórica no sentido científico da palavra (VEYNE, 1998, p. 82)”. Ao analisarmos a UNE e suas relações com os governos só podemos falar em termos de práticas, práticas situadas, circunscritas e específicas, ou seja, há que se levar em conta o caso a caso, “os fatos são considerados como individualidades (VEYNE, 1998, p.17).” Olhares que tomam a história como um todo, *totalizada*, *essencializada* e homogeneizada não contribuem para análise das práticas que se atualizam no Movimento Estudantil. Paul Veyne nos ajuda a pensar que “a história é uma narrativa de eventos” sobre a perspectiva daquele que a narra e Foucault, na mesma direção, alerta para importância de nos atermos às fissuras, aos atos falhos, aos maus entendidos, as versões esquecidas e marginalizadas.

Fazer uma genealogia dos valores, da moral, ascetismo do conhecimento não será, portanto, partir em busca de sua origem, negligenciando como inacessíveis todos os episódios da história, será, ao contrário, se demorar nas meticulosidades e nos acasos dos começos; prestar uma atenção escrupulosa à sua derrisória maldade [...] (FOUCAULT, 2007, p.19)

Outro ponto de tensão entre a UNE e os atuais movimentos sociais para o qual chamamos atenção é a defesa de uma gestão não hierarquizada, horizontal e, se

⁴¹ Disponível em: <http://www.vermelho.org.br> acesso em: outubro de 2012

⁴² Disponível em: <http://www.une.org.br> acesso em: julho de 2012. Nota oficial de 22 de junho de 2012 em apoio a Fernando Lugo.

possível, autogestiva. O modelo de organização autogestivo, sem direção eleita ou estabelecida, vem sendo praticado por alguns movimentos que buscam uma gestão forjada no fazer, no caminhar da ação, partindo do princípio que todos podem e devem ser gestores à medida que participem efetivamente das atividades da entidade.

Esse é um ponto chave, pois a compreensão do modo de se relacionar com o político, com a gestão, tem uma série de desdobramentos. A relação baseada em hierarquias preestabelecidas atualiza o princípio de uma essência, de uma anterioridade ao fato, antes mesmo de ocorrê-lo. Parte do pressuposto de que há uma gestão mais apta, ou mais preparada do Movimento Estudantil; há os que criam as estratégias, as táticas, os objetivos e há os que executam, os que a praticam. Aqui surge outro pressuposto implícito no conceito de hierarquia: a separação entre prática e teoria. Essas diferenças são fundamentais, porque elas põem em jogo uma rede, uma teia de concepção epistemológica - filosófica sobre o homem, sobre o mundo. Conceitos como *vanguarda* e *massa estudantil* expõem a mesma concepção dicotômica maniqueísta da vida, entre bem e mal, bom e ruim, certo e errado, entre capitalista e comunista.

Ora, as relações se dão muito mais por agenciamentos, contingências e condições do que por causas e consequências e estão muito mais embaralhadas do que se possa pensar. Guattari e Rolnik discutem a questão das organizações autogestivas e tradicionais, hierarquizadas, dizendo que “*a questão não é se devemos ou não nos organizar e sim se estamos ou não reproduzindo os modos de subjetivação dominante, e isso em qualquer uma de nossas ações cotidianas, inclusive de militância nas organizações* (2005, p.203, *grifos dos autores*)” e com isso os autores problematizam não apenas as organizações, mas fundamentalmente a maneira de nos relacionarmos com elas e nelas.

Nesse trabalho, buscamos atualizar uma ética e uma vida como *imanentes*⁴³, como produzidas na relação, como construídas e imbricadas no processo, e não o pensamento e o agir como *transcendente*⁴⁴, anteriores a ação. Voltaremos a esse

⁴³ Imanência para Deleuze e Guattari (1997) se refere a um campo de possíveis, de uma abertura a algo que difere do estabelecido, do que é fôrma. Imanência como processos, fluxos e devires outros. “Plano percorrido pelos movimentos do infinito (1997, p.66).”

⁴⁴ Deleuze e Guattari falam que a transcendência trata-se de universalização.

ponto no capítulo em que fazemos uma análise das práticas do C.A. de Psicologia da UFES; nele vamos por em questão práticas instituídas e analisar seus efeitos, seus desdobramentos e o que se produz com elas.

Ambos os movimentos, a atual gestão e a oposição a UNE, ressaltam a importância da diversidade política cultural, a diversidade de arranjos e configurações que podem ser forjadas a partir das relações múltiplas estabelecidas nas práticas no ME. Os movimentos estudantis têm práticas totalizantes e práticas inventivas, tem dureza e fluidez, períodos quentes e frios, criativos e reprodutivos, ou seja, não se tem garantia de prática alguma.

Diário de Campo (Atravessamento Inesperado, lugar de encontro da vida)

7 de maio

Toda às segundas-feiras participo da reunião do grupo orientado pela professora Beth Barros, no NEPESP. Após o encontro, resolvo passar no C.A. para saber como andavam as coisas. Nesse dia choveu em Vitória, e como ando de moto, decidi esperar a chuva passar. Nisso alguns encontros aconteceram. Primeiro encontro com o aluno Prometeus, que me pergunta como vai a minha pesquisa. Disse a ele que andava pesquisando e fazendo leituras acerca do Movimento Estudantil. Ele me sugere compartilhar o que venho estudando com o C.A., ao que lhe respondo que gostei da proposta e que poderíamos uma vez por mês nos reunirmos para discutirmos os caminhos da pesquisa com o C.A. conversamos sobre as atividades que o C.A. está desenvolvendo no momento e ele disse que a principal mobilização era para a semana antimanicomial, que estavam organizando. Falou também da horta que tem tido progresso, através do coletivo planta. Perguntei a ele a respeito do ENEP, como iam os andamentos e ele me disse que estavam sem muito progresso, estavam atrasados com relação à programação de festas para cobrir o orçamento da viagem e que não havia tido progresso na discussão com a prefeitura universitária a respeito de fornecimento do ônibus para a viagem. Disse também que as pessoas não tinham cumprido os compromissos que haviam assumido na última reunião e que até então não houve outra reunião ainda. Nossa conversa foi em direção a um ponto que me chama a

atenção: a dificuldade de se formar novas lideranças ou quadros de pessoas que assumam a frente do C.A.. Coloco que essa dificuldade também havia passado na minha época de estudante e que a questão não se limitava ao Movimento Estudantil, mas que fazia parte de um complexo maior, de um contexto de sociedade que não privilegia o coletivo e nem reforça a dimensão política que todos vivemos. Perguntei a ele sobre outras lideranças, de quando ele entrou no C.A., se elas existiam. Ele me fala que havia alguma referência, mas que o C.A. estava morto, jogado. Eu lhe digo que quando o vi, não pensei se tratar de um jovem tão politizado e de uma liderança para outros alunos dentro do curso, por causa de sua aparência largada e desleixada. Pensei que se tratava de um andarilho, talvez até o fosse, mas em outro sentido. Ele tem uma ótima presença de espírito e uma oratória muito boa. Nisso outras pessoas se agrupam e a conversa se dispersa, decido então procurar outra pessoa para conversar quando então encontro o aluno Jasão. Ele também me pergunta como estava a pesquisa, lhe passo a situação e começamos a conversar sobre os rumos do Movimento Estudantil no país. Ele acredita que o Movimento Estudantil tem tido muita repercussão na mídia e tem ampliado seus canais de comunicação, indo pra além dos ninhos acadêmicos. Eu concordo com sua fala e complemento dizendo que essa é uma questão delicada a qual pretendo discutir na pesquisa. Acho que o sistema capitalista se nutre do que é novo, se nutre da novidade e esses movimentos sociais tendem a ser rapidamente cooptados pelo sistema, rapidamente engolidos por sua lógica de mercado. Assim, deve haver um cuidado extra nas relações institucionais estabelecidas por esse movimento uma vez que elas podem se tornar institucionalizadas. Por fim, converso com os alunos Hermes e Apolo, a conversa gira em torno das experiências que temos quando fumamos cigarros, depois a conversa passa para a sensação que temos com outras substâncias como a maconha, a cocaína o álcool, e as diferentes relações criadas com elas. A conversa flui num tom muito descontraído, de bate-papo, onde a gente percebe que tem coisas que se assemelham e outras que se diferenciam na relação com elas. Hermes faz uma criativa metáfora sobre o efeito da maconha, ele diz que é como se continuássemos a jogar um mesmo jogo num vídeo game, mas que o controle mudasse, ou seja, é preciso reaprender a jogar as regras de

outra forma, tudo é visto a partir de outro olhar, outra lógica. A conversa estava muito boa mas tinha que me despedir.

A melancólica dor. A feliz existência. A alegre lebre

No mato, com poucos recursos quase não se vê ao caçar na noite, é possível ver pouco mais de um palmo a sua frente, não se pode sentir o próprio cheiro, nem ver suas pegadas, se ouve muitos ruídos e o som quase é um transe de tamanho o silencio. Já foi dito da não necessidade de qualquer sequencia e mesmo assim ele temia em conectar o desconectado, em estabelecer a lógica no caos, ele temia em seguir seu faro na busca de sua presa. A lebre: veloz, ligeira, roça no pé dele e ele nem sente, ela vai embora. Os grilos cantam, os dentes rangem e a raiva e a frustração o toma, ele nem sabe o que era aquilo que passou no seu pé, desconhecia totalmente, ou em parte, já que ele, mesmo com suas botas e uma calça jeans sentiu que se tratava de algo aveludado e peludo. Ele quis pegar uma lebre, uma vez ele quis pegar uma lebre, certa vez ele quis apenas tocar na lebre, outra vez ele queria apenas vê-la. De tantos tamanhos, tantas cores, de inteligência tão afiada, conversa fiada. A lebre fugiu, ele sabe que é a lebre, ela falta, falta algo, falta quem? Bem, ele sentiu seu faro novamente se aguçar, agora a neblina da noite já não é tão densa, o olfato está aguçado, sua caçada retoma, ele encontra não apenas uma lebre, mas ele encontra a toca da lebre, com tantas outras lebres, agora é possível escolher aquela que lhe faz mais dor ou alegria, mas tristeza ou prazer, ele já sabe qual ele quer pegar, ele quer pegar aquela que roçou em seu pé. O que Será feito dela? Ele a leva para o casebre, no casebre a amarra com uma corda num canto, no pé do sofá, vai se deitar, sonha, acorda, pega a lebre e a solta. Seu prazer está em vê-la correr em direção ao seu lar, a sua morada. Sentado na areia, com o amanhecer do dia, a alvorada. Acende seu cigarro.

4.7 A UNE NOS MOVIMENTOS SOCIAIS

A UNE, com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o Movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBTT), a União Brasileira de Mulheres, a UBES, Movimentos Ambientais, a União dos Negros pela Igualdade (UNEGRO), a Via Campesina e a CUT, dentre outros movimentos sociais, constitui o quadro das entidades mais conhecidas pelo grande público. É comum uma prática de diálogo entre essas entidades visando compor uma participação dos movimentos sociais de modo integrado. Mas há que se lembrar que existe uma infinita gama de movimentos sociais, dos mais diversos segmentos e dos mais variados posicionamentos políticos que atuam e compõem o cenário político brasileiro dialogando ou não com a UNE. Existe uma rede de movimentos sociais não oficial, não instituída de movimentos que renegam e rejeitam as instituições estabelecidas, que, para além dos circuitos oficiais, atuam nas margens, nos porões, nos nichos, em ambientes alternativos optando por uma tática de luta *micropolítica*, do cotidiano das relações sociais. Com advento das redes sociais de comunicação esses movimentos ganharam destaque e uma crescente adesão de novos integrantes como os Black Blocs e o Projeto Luther Blisset que veremos adiante.

Os movimentos sociais se definem por meio de seus objetivos, estratégias e táticas de luta. A partir da década de 1970 emergiram os chamados novos movimentos sociais, trazendo à tona demandas de parcelas e setores da sociedade brasileira excluídas historicamente (SADER, 1988). As ações envolvidas eram moradia, igualdade de gênero e de cor, diminuição das desigualdades, campo e terra para trabalhar e morar, entre outras que se tornaram marginalizadas e esquecidas pelos governantes brasileiros. Alguns movimentos sociais surgidos nesse período tinham em comum um novo modo de se organizar, uma preocupação em pensar sujeitos livres e autônomos, reinventando práticas de militância, uma marca apontada no estudo de Sader (1988), onde o autor esmiúça a participação de novos personagens nos movimentos sociais paulistas da década de 1970.

A UNE se insere nesse contexto a partir de 1975, ainda na ilegalidade, quando houve uma retomada dos movimentos estudantis no Brasil. No período de 1968 a 1973 a repressão política quase eliminou o Movimento Estudantil, ficando poucos

CA's e DCE's no país com alguma autonomia. Com o início da chamada abertura democrática, em 1974 ocorreram condições para o ressurgimento do Movimento Estudantil (CANCIAN, 2010); (ARAÚJO, 2010). 1975 foi o ano da reconstrução do DCE da USP sendo o início de uma reformulação e nova configuração do Movimento Estudantil. Em 1979 foi realizado o congresso de Salvador considerado como o congresso de reconstituição da UNE. Pautando suas políticas em ações conjuntas com outros setores da sociedade, vimos a UNE se reerguer após a chamada abertura democrática no país. Com o afrouxamento da repressão militar, os estudantes voltaram a ocupar os C.A.'s, D.A's e D.C.E's pelas universidades brasileiras.

Hoje, a UNE participa da Coordenação dos Movimentos Sociais, associação que articula essas diferentes entidades buscando propor novos caminhos para a política brasileira. Também foi uma das entidades fundadoras do Fórum Nacional de Movimentos Sociais como a entidade que liderou o levante dos movimentos contra a instalação da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) (ARAÚJO, 2010). Como a principal entidade representativa dos estudantes brasileiros, a UNE se configura nesse cenário dos movimentos sociais como uma referência quanto ao tema da educação e da qualidade de ensino entre os movimentos sociais. Contudo, como já foi dito, não existe um consenso quanto à sua participação e quanto aos seus posicionamentos políticos, tendo em vista a diversidade de movimentos sociais e concepções de movimento existentes entre os próprios estudantes. Trata-se aqui da narrativa de uma UNE oficial, dos registros e da história instituída, a qual outros movimentos sociais não apoiam e nem compactuam com suas atuais práticas políticas, como já indicamos. Uma UNE que, segundo tais movimentos, se distanciou das pautas e reivindicações dos estudantes, se partidarizou, se burocratizou e se alinhou às políticas governistas. Vale destacar que existem outras UNE's diferentes da instituída.

A UNE em 2012 completou 75 anos de história e, em comemoração, desenvolveu atividades como simpósios, plenárias e discussões pelo país além de realizar uma exposição em homenagem aos estudantes desaparecidos no período da ditadura militar. No estado do Espírito Santo, milhares de estudantes se reuniram em uma das marchas e passeatas mais expressivas da história do Movimento Estudantil no

Estado. No dia 03 de junho de 2011, segundo a Polícia Militar, 5(cinco) mil estudantes foram às ruas. As manifestações ocorreram por diferentes razões e demandas da população, dentre as quais: o *passe-livre* para estudantes, ou a redução do valor das passagens; pela dignidade e moradia dos expulsos em Barra do Riacho pela Polícia Militar de forma truculenta; pela liberdade e livre expressão das manifestações; pela defesa dos direitos humanos.

Nesse dia de manifestação, diferentes segmentos da sociedade se sensibilizaram e foram às ruas. Como já dito, integrantes da UNE e da UBES inicialmente se colocaram contrários às manifestações⁴⁵. Alegavam que eram contrários às táticas desenvolvidas e praticadas pelos manifestantes por considerá-las violentas e desorganizadas. Mas vimos que na sequência desse episódio, e em outros, ela reviu seu posicionamento passando a apoiar as manifestações com apenas algumas ressalvas. É impossível atribuir a responsabilidade de uma manifestação com tantos participantes a um único ator envolvido. Trata-se sempre de *agenciamentos coletivos* que atravessam e compõem o cenário político de dada circunstância, de uma rede de eventos simultânea, de um acontecimento pela singularidade expressa.

Para Deleuze & Guattari (2007) um acontecimento é um fato que agencia outras contingências, outros eventos, alguma coisa que acumula, que sobra, que resta e desemboca aglutinando muitos outros eventos dispersos em algo único, imprevisível e impetuoso. Essa energia já estava no ar, uma sensação de incomodo aqui, outra ali, uma angústia dos estudantes em fazer algo grandioso, uma passeata ao modo *dos anos 68*, uma insatisfação de alguns setores da sociedade com o governo, a falta de diálogo, alguém se sentindo não escutado(a), outra não representada, outros traídos, pessoas expulsas de suas casas de maneira violenta, uma passagem cara, um desejo de solidariedade latente, enfim, são muitas possibilidades, são tantos arranjos e configurações rizomáticas como falam Deleuze e Guattari (1996).

O que nos importa do ocorrido é perceber que a vida ainda pulsa, lá onde bate o coração, que coisas novas podem ser feitas, que a possibilidade de reinventar nossos cotidianos está posta e o importante é olhar nosso modo de agir, nosso

⁴⁵ Ver reportagens em margens do rio que transbordam V.

ethos, forjar, por meio de nossas práticas, o poder de transformação do cotidiano (BARROS, 1997).

5 MOVIMENTOS SOCIAIS: POSSIBILIDADES DE INVENÇÃO DE NOVOS PERSONAGENS?

Nesse capítulo, partimos do olhar dos atuais arranjos e configurações que alguns desses movimentos efetivam por meio de suas práticas, estabelecendo um diálogo com movimentos sociais deflagrados no mundo entre 2010 e 2012, incluindo o Movimento Zapatista no México por considerá-lo com características que se assemelham aos que buscamos pôr em análise. O tema é bastante amplo e já exaustivamente debatido, existindo compreensões diferentes sobre a definição da categoria Movimento Social, por isso, nosso intuito não é teorizar e conceituar Movimento Social, mas discutir e analisar configurações singulares, modos de operar e práticas atualizadas de determinados movimentos específicos, assim, evitamos totalizações e generalizações que pouco contribuem para o debate.

Nosso campo de análise são os movimentos sociais deflagrados e recortados no período 2010/2012, práticas que convoquem outros modos de gestão pautados pela autonomia, autogestão e lateralidade, entendendo que a prática se constitui na relação, e não *a priori*, que assegure ser essa prática, uma prática boa ou ruim, dura ou flexível, aliás, noções binárias e maniqueístas não nos auxiliam na análise. Prática só pode ser compreendida a partir do que ela produz, não existindo essência que a anteceda. Para Paul Veyne (1988, p. 249) vivemos em uma sociedade onde “os objetos parecem determinar nossa conduta, mas, primeiramente nossa prática determina esses objetos.”. Portanto, partimos sempre antes disso que se constitui uma prática.

O ano de 2010 marcou o início de um processo de manifestações coletivas por todo o mundo, e nos chama a atenção as do Oriente Médio, posteriormente chamadas de *Primavera Árabe*, as greves na Grécia e outras duas no ano seguinte: O movimento *Occupy Wall Street*; e os *Indignados* na Espanha. No Brasil vários levantes como “Ocupem o Rio” se espalharam pelo país e na cidade de Vitória uma onda seguida de manifestações de estudantes e movimentos sociais tomou as ruas.

No capítulo sobre o Movimento Estudantil Brasileiro vimos que existe uma diversidade no modo de organizar o Movimento Estudantil e que práticas inventivas

repensam o cotidiano, o sujeito político nessas organizações. Nesse capítulo, na mesma direção, vamos buscar jogar por terra a afirmação capitalística de que o sujeito coletivo político morreu ou está ausente em nosso tempo. As manifestações sociais desse período 2010/2012 demonstram e expressam o contrário; que a vida, que a imanência, que o poder de criar do homem está na contestação do ato de instituir, está na capacidade de dizer não, de se questionar, e ao se contestar e, principalmente, afirmar outro modo de existência que não o da submissão e servidão humana.

O olhar através da lente das manifestações sociais coletivas nos vislumbra a possibilidade do surgimento de um novo sujeito, ou como dito em nossa pesquisa, novos personagens, já que para Deleuze e Guattari (1997) um personagem é a confluência, um emaranhado de experimentações, entrecruzamentos, mutações, constitui-se de múltiplos outros, um devir antropofágico; um personagem é a diversidade de territórios que nos habita, expressa a história, a cultura, a filosofia, a política do seu tempo.

A escolha pela palavra personagem para designar o sujeito na nossa pesquisa vem de três usos diferentes: o primeiro, porque a palavra personagem é utilizada na linguagem de senso comum para caracterizar algo fantasioso, folclórico, teatral e fictício, diverso de verdade e de real; o segundo uso advém da noção de personagem conceitual formulada por Deleuze e Guattari (1997), em que os autores, a partir de Nietzsche, analisam o personagem conceitual como um recurso teatral e literário para expressar arte e filosofia de maneira imbricada; o terceiro uso vem da tese de doutorado de Eder Sader (1988) que narra a história e as experiências de luta de movimentos sociais da década de 1970 na Grande São Paulo.

Percebemos que o problema de pesquisa tratado por Sader (1988) se assemelha ao nosso, assim como se assemelham também nossas dificuldades para delimitação desse problema. Ao estudar o surgimento desses movimentos sociais, ao estudar o cotidiano, ao perguntar aos sujeitos de sua pesquisa o que eles faziam e como eles viam o que faziam, o autor percebeu o surgimento de um novo sujeito, de um outro *modo de ser* na militância sindical, das comunidades de base e de bairro. As instituições da Igreja, do Estado e do Partido estavam em crise; ali

surgia um sujeito que falava por si, que não delegava essa função a outrem, um sujeito que politizava o espaço privado em espaço público; que valorizava a autonomia e a solidariedade.

Para Sader (1988, p.32) “pequenos atos, que até então seriam considerados insignificantes ou reiteração de uma impotência, começam a receber uma nova conotação”, marcando a virada do que viria a ser chamado por ele de *novos movimentos sociais*. Eis aqui o que podemos considerar como a principal transformação na compreensão da dimensão do político operado por esses sujeitos, com o conceito postulado por Gilles e Félix de *micropolítica*, o ponto de cruzamento entre aquilo que seria o *socius* e o indivíduo, entre o molar como forma ou macro e o molecular como processo ou micro. Para Félix e Rolnik “**as lutas sociais são, ao mesmo tempo, molares e moleculares**” (2005, p. 149, **grifo dos autores**) a micropolítica seria o campo de constituição das formações do desejo no social. Em outras palavras, atos, práticas ou ações do cotidiano também se constituem como política; o que esses sujeitos estudados por Sader buscavam dizer é que não apenas se filiar à algum partido ou sindicato se torna um ato político como também fazer uma planta de plástico ou bordar um pano de prato.

Ao nos perguntarmos que práticas têm sido produzidas no fazer do Movimento Estudantil e de alguns movimentos sociais contemporâneos fomos levados à formulação dessa questão por acreditarmos que aí, também, surgem novos *agenciamentos coletivos de enunciação* ou novos personagens.

Nesse estudo, tocamos os movimentos por meio de suas práticas e manifestações, colocando em questão o que é política. Talvez esses movimentos não sejam inteiramente novos, como nos indica as análises dos teóricos da Análise Institucional Francesa sobre 1968 e os sonhos daquela geração, talvez a semente tenha sido plantada pelos sujeitos da década de 1960 e 1970, entretanto, tem florescido com vigor e brilho próprio nessa geração 2010/2012. A força com que essas manifestações se deram e o uso de estratégia e táticas de lutas inéditas apontam que algo diferente surgiu ali. *Acontecimento(s) maio/68. Acontecimento(s) 2010/2013.*

Foucault nos fala de uma descoberta não de um “inconsciente histórico oculto ou vago”, mas de algo concreto, de práticas efetivas. Não de uma verdade absoluta e transcendente, mas de uma verdade circunstancial, momentânea, dada ao contexto em que viveu, “A prática não é uma instância (como o Id freudiano) nem um primeiro motor (como a relação de produção), e, aliás, não há em Foucault nem instância, nem primeiro motor... (VEYNE, 1998, p. 251).” Seria disso que se trata aqui nessa pesquisa: pensar as práticas como elas se dão, nem mais, nem menos, é contar dos detalhes, sua multiplicidade de agenciamentos e atravessamentos.

5.1 O “MOVIMENTO OCUPEM O RIO”

A palavra movimento expressa um sentido que remete diretamente a um princípio do pressuposto teórico filosófico. De acordo com Ferreira (2001) no dicionário *Miniaurélio Século XXI escolar*, dentre as suas diferentes conotações, desde a física e a biologia até a música, sua conotação mais empregada será ato *ou processo de mover-se*.

Movimento do qual falamos nos remete, também, a *ethos*, a uma postura ético-política do fazer, do agir. Nos desperta a atenção que, comumente, a palavra *movimento* é utilizada para designar uma corrente, um levante, um conjunto de ações que grupos e coletivos sociais de caráter reivindicatório praticam. Esses sentidos procuram carregar a ideia de mudança ou transformação, de sair de algo em direção a algo. Por ora, nos contentamos em perguntar: seria um Movimento sempre um *movimento*? Mais adiante voltaremos à questão.

Nesse sentido, surgiu o “Movimento Ocupe o Rio” inspirado no também chamado Movimento “Occupy Wall Street”, lançado nas ruas Nova Iorque no ano de 2011. Os pressupostos eram os mesmos: a ideia de que as ruas, as praças, os centros financeiros, os cinemas, as universidades deveriam ser tomadas por pessoas, que os espaços deveriam ser habitados por outras formas, que o sistema financeiro mundial está obsoleto e ultrapassado.

As redes sociais se configuram como um rico recurso, um potente instrumento de coletivização e publicização de informações que nos auxiliaram em nossa

pesquisa. Nosso trabalho recorreu à existência de *sites* e páginas, de diferentes formatos, na internet sobre o Movimento “Ocupa o Rio”, pois se tratando de uma manifestação muito recente na história são poucos os trabalhos e textos desenvolvidos na academia sobre o tema. Mas foi possível observar o grande volume de textos produzidos pelos próprios participantes das manifestações e, também, a grande quantidade de teorização dos movimentos de esquerda sobre eles mesmos.

Em um texto produzido por Eduardo Tomazine Teixeira⁴⁶, chamado *A Ocupa Rio e sua Inserção no movimento Mundial*, destacamos o trecho onde ele menciona um dos possíveis fatores que levaram às manifestações: “... como pano de fundo geral, a crise e seus efeitos variados...” em seguida pergunta ele, “... consistiria na sua capacidade de ‘contágio’ o sucesso ou o fracasso desta mobilização?” Aqui, encontramos dois pontos nodais do propósito de nossa pesquisa: o primeiro consiste em debater as contingências que levaram ao *acontecimento* de tais eventos, não a partir de uma relação de causa e efeito ou linear, como se fossemos capazes de dar conta da totalidade da realidade, mas marcar, narrar, pontuar nesse emaranhado de contingências que levaram às manifestações aqueles que nos interessa contar.

Paul Veyne (1988, p.127) afirma que “a história é uma arte que supõe a aprendizagem de uma experiência”, sem a qual não podemos fazê-la ou contá-la. Sabemos que na relação que constituímos com o meio forja-se o que chamamos de subjetividade, sujeito e mundo coemergem. Seguindo o argumento, o autor pergunta-se na obra *Como se escreve a história* se o historiador explica por meio de causas ou de leis, se o contado (explicado) expressa algo de natureza absoluta, imutável como uma lei, ou se o contado se expressa pelo olhar daquele que narra, subjetivo, peculiar, momentâneo? É isso que nos interessa, não apontar os fatos como indiscutíveis, eternos e transcendentais, mas apontar os fatos como algo que nos atravessa, nos habita e compõem com nosso ser um outro plano; o da *imanência* dos objetos.

⁴⁶ Disponível no site em <http://passapalavra.info> acesso novembro de 2012. Site com textos produzidos por diferentes autores que discutem questões de movimentos e insurreições sociais, incluindo sobre o “Ocupe o Rio”.

Nossas análises partem das imagens lançadas por Deleuze e Guatarri em *Rizoma*, pois acreditamos que a sociedade se constitui através de ramificações, por meio de conexões, heterogeneidade e heterogênese, e não por maniqueísmos dualistas. “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo (Deleuze;Guatarri, 1995, p.15).” Trata-se de um belo texto dos autores em que se apresenta o quanto a sociedade, os valores, a natureza, as normas, a cultura, a vida portanto, se entrecruzam, se ramificam, se sobrecodificam, se agenciam e se multiplicam em diversos outros devires. Aqui, nos encontramos no ponto que nos interessa, no que eles consideram como 3º princípio rizomático, o da *multiplicidade*; ao mesmo tempo em que se traça “uma linha de fuga ou desterritorialização” se conecta com outros, a um plano de consistência.

A questão, “o que leva ao sucesso ou ao fracasso uma manifestação?” é levantada por Eduardo Tomazine (2011) que afirma ser essa questão um tema recorrente entre manifestações sociais⁴⁷ pela necessidade de análise dos fluxos e refluxos dos movimentos, de saber se ele cresceu, se diminuiu, se expandiu ou se retraiu.

Em outro trecho que nos despertou interesse para nossas análises Tomazine afirma que no país existe

[...] uma tentativa de manipulação do descontentamento, operada por parte da grande mídia, pelos partidos de oposição ao atual governo federal e demais oportunistas, os quais ampliam desproporcionadamente (e até iniciam) mobilizações em torno de bandeiras vagas e/ou despolitizadas, como o “combate à corrupção”, sem que se pautem expedientes concretos na reorganização de nosso sistema político capazes de cortar o mal pela raiz e evitando uma discussão sobre a orientação macroeconômica brasileira.

Sua afirmação de que é necessário repensar nosso sistema político é valiosa para o que ora nos interessa. Continua Tomazine em suas análises sobre o movimento.

Basta observar as fotos das assembleias para constatar o grande predomínio de jovens beirando os 20 anos de idade. Ocorre, porém, que esta barreira não é tão evidente quanto parece, sobretudo se compararmos a acampada do Rio com a de Nova Iorque. Um recente levantamento divulgado por uma organização chamada *Fast Company*, o qual objetivava identificar quem

⁴⁷ Baseamo-nos na vivência de campo e nas entrevistas.

realmente ocupa *Wall Street*, indica que 44% dos consultados tem entre 25 e 44 anos, e apenas 23% possuem 24 anos ou menos⁴⁸. Ora, se um dos slogans do Maio de 68 dizia, justamente, não confiar em ninguém com mais de 30 anos, o fato de aproximadamente um terço dos manifestantes do *Occupy Wall Street* ter mais de 44 anos mostra que, por lá, a crise levou a um costuramento intergeracional pouco comum, e que a conjuntura econômica no Brasil talvez circunscreva a radicalidade antissistêmica a uma parcela social restrita e dotada de tempo livre.

De acordo com seu relato, os ocupas de Wall Street eram na maioria adultos entre 25 e 44 anos e no Rio esse dado se invertia, sendo a maioria jovens com menos de 25 anos. Segue ele indicando que isso só é possível porque essa parcela é dotada de tempo livre.

Em outro relato analítico dos dias que a Cinelândia esteve tomada

Outro fosso referente às concepções organizativas entre a 'esquerda tradicional' e os acampados da Cinelândia traduz-se no veto – que não foi consensual, diga-se – ao uso de bandeiras e faixas de organizações, sobretudo de partidos políticos, no espaço da acampada. A justificativa para tal veto é a tentativa de se criar um espaço de debates e vivência política que não pertença ou não seja associado a qualquer organização específica, preservando, assim, sua pluralidade e abertura às pessoas que não se identifiquem com as formas organizacionais existentes.

Nesse ponto o autor chama a atenção para a intenção do movimento de preservar seu anonimato, sua pluralidade e garantir um espaço de abertura para novas formas de organização. Acerca da experiência do ocupa o Rio, ele faz a seguinte análise:

“Para além da possível capacidade da Ocupa Rio e demais acampadas de mobilizar setores mais amplos da sociedade, a sua experiência é válida por si mesma. Não apenas pelo tipo de subjetividade que ajuda a forjar entre aqueles que ali estão, mas, principalmente, por sinalizar novamente no Brasil a importância da vivência do espaço público para fins politizantes e por constituir-se em um riquíssimo laboratório de democracia.

Por fim, conclui o autor convocando os demais a participarem do movimento:

⁴⁸ Informação retirada pelo autor em: <http://www.fastcompany.com>.

Aos que olham com desconfiança para a acampada, que discordam do seu rumo, que se sentem mais velhos ou com menos tempo, sugiro que insiram a Ocupa Rio em sua programação semanal, escolham um debate para tomar parte, proponham outros, divirjam nas assembléias, que construam, enfim, o movimento juntos. Afinal, a acampada está na praça, e esta praça não tem cancelas. Ao menos enquanto não deixarmos.

Nesse gênero de manifestação surgida no ano 2011, espalharam-se pelo mundo milhares de jovens acampados em praças e centro urbanos. No Brasil, em Belo Horizonte, em São Paulo, em Belém, em Salvador, em Porto Alegre entre outras cidades.

5.2 “OCUPEM WALL STREET”

O ano de 2011 foi um ano marcante em se tratando de manifestações sociais coletivas. Dentre essas ocorreram a “Primavera Árabe”, as greves na Grécia, os “Indignados” na Espanha, os estudantes no Chile, e em diversos outros países manifestações lotaram praças e ruas. O ano de 2011 talvez nos lembre de alguma forma o ano de 1968, ano que se repensou os movimentos sociais. Segundo Passeti o ano de 1968 foi marcado por que

[...] não havia por que crer, assim pensavam os jovens ativistas, em socialismo como ultrapassagem do capitalismo ou meio para o comunismo ou sociedade igualitária. Tudo fora de ordem e de lugar. Era o espaço da rua, da universidade, escola, fábrica, prisões para fazer liberdades alheias ao mercado de consumo ou ao centro geofísico da consciência (PASSETTI, 2003, p.45).

Nas análises de Carneiro (2012, p. 7) em 2011

[...] ocorreu um evento que há muito tempo não se via: uma eclosão simultânea e contagiosa de movimentos sociais de protestos com reivindicações peculiares em cada região, mas com formas de luta muito assemelhadas e consciência de solidariedade mútua [...].

Outras análises sobre essas manifestações são feitas por autores como Slavoj Zizek, Mike Davis, David Harvey, Edson Teles, Vladimir Safalte, Emir Sader, entre outros, agrupados no livro de coletâneas organizado por Harley *et al* (2012). De acordo com Carneiro (2012, p. 8) “Houve uma sincronia cosmopolita febril e viral

de uma seqüência de rebeliões quase espontâneas [...] apontado para a força e a ligação entre os movimentos”. O autor relata o uso das redes sociais, a ocupação das praças e a recusa pelos espaços políticos instituídos tradicionais, afirmando que a principal crítica que esses movimentos fizeram foi às velhas instituições políticas do poder. Vemos algumas semelhanças e alguns traços que nos lembram do sonho de 1968, mas é impossível estabelecer comparações por causa das singularidades e especificidades das circunstâncias sociais, econômicas e históricas. 2011, como veremos adiante, foi o prosseguimento de sementes plantadas há anos quando os jovens anarquistas iniciavam seus debates com os colegas comunistas sobre o que combater no capital. Novos recursos e táticas de lutas estavam sendo postos e experimentados, o *individuo* e as ruas estavam sendo redimensionados politicamente. Pensar que um recurso como o Twitter e o Facebook poderia ser utilizado como meio de protesto e reivindicações sociais não seria nem de perto possível e imaginado pelo esquerdista mais futurista em 1968.

Giovane Alves e Mike Davis (DAVIS *et al*, 2012, p.36 e segs), em textos distintos, compartilham de uma mesma questão: o que se propôs o movimento *occupy Wall Street*? Afirma Mike Davis que “a genialidade do *Occupy Wall Street* é o fato de ter libertado alguns dos imóveis mais caros do mundo e transformado uma praça privada em um magnético e catalisador espaço público de protestos” (DAVIS, 2012, p.40), ou seja, seria a transformação das praças em espaços políticos de reivindicações, de devires minoritários, a recuperação do espaço público em político e não individual, a aposta no coletivo, “[...] essa criança tem sinal de arco-íris [...] uma compaixão e solidariedade generosas e espontâneas baseadas em uma ética perigosamente igualitária (DAVIS, 2012.p. 42)” ou ainda que, a grande questão é o direito das pessoas comuns participarem de decisões políticas. Essa é a questão que nos desperta nessas manifestações, é o ressurgimento de outra dimensão do político, para processos autogestivos de se organizar e para novas práticas reivindicatórias. O modo de operar dessas manifestações coloca sobre a mesa o que Passetti diz

[...] uma grandiosidade no menor, deliberadamente menor, sem pretensão à universal maioridade – só para contrariar Kant, ou para buscar a atitude-limite na transgressão liberadora no próprio Kant, como sinalizou Foucault – que realiza uma subjetivação liberada, um governo de si, uma ética da existência, inventando a si próprio

como arte, recusando a autoridade superior e experimentado a delícia de abandonar a condição de súdito (PASSETTI, 2003, p. 60).

Os jovens que foram às ruas e ocuparam o centro financeiro mundial estavam dando um claro recado. Tratava-se de repensar tanto o sistema vigente quanto outros modos de sistemas econômicos que não baseados na desigualdade social, na livre lei da oferta e procura, na lei de mercado e lucro e em leis que garantam os trabalhos assalariados; trata-se também de repensar o lugar do sujeito político, do *in-dividum*, das relações de poder-saber, da separação entre público-privado, coletivo-um, patrão-empregado, homem-mulher, adulto-criança, de dicotomias que segregam e separam o que é “bom” do “ruim”, belo-feio, certo-errado. Os manifestantes atingiram, por meio de suas práticas, não apenas o coração do mercado, mas o cerne do capitalismo; as subjetividades, o modo de produzir pensamento, de pensar.

Ao se tomar as praças, ruas e centros financeiros com atos políticos, os manifestantes entravam no discurso direto, sem intermediação da representação, dizendo “nós somos, nós fazemos, nós queremos.” O Ocupem o Wall Street foi um marco inaugural de uma nova era da informação e dos movimentos sociais. A emergência de tal movimento remonta um complexo quebra-cabeça de movimentos sociais históricos pelo mundo; do movimento de Seattle aos *Reclaim de Streets*, de “maio à Mao”, dos *Punks* e anarquistas aos *hippies*, do *Black Bocks*, Panteras Negras, dos Zapatistas ao MST, cada qual com sua história e singularidade. Uma síntese protéica de uma equação sem resultados, apenas efeitos, desdobramentos de um assalto às instituições sem precedentes. Origens, emergências, urgências, a acampada produziu um deslocamento do olhar, uma rotação no sentido de se fazer protestos.

Passetti indica caminhos que os aproxima dos anarquistas, mesmo que alguns prefiram não serem assim chamados, vejamos

O nomadismo não é estágio ou forma superada da humanidade; ele é a condição da existência de animais, plantas, micróbios, bactérias e pessoas. Ele se metamorfoseia. Dele pode advir o estado e a utopia de seu desaparecimento. Mas é também invenção constante de vida no presente, vida em expansão. Os anarquistas não deixam de ser nômades; estão no inesperado.

Estão visíveis e saudáveis. Abolem diariamente centralidades de autoridades. Não são idênticos e não desejam hegemonia. São diferentes (PASSETI, 2003, p 121).

5.3 DIÁLOGOS COM O MOVIMENTO ZAPATISTA

Coimbra e Leitão (2009, p.73) realizaram uma visita ao México em setembro de 2002 a fim de investigar “... outras formas de pensar o mundo, de fazer política...”, no intuito de dialogar entre os modos de operar do Movimento Zapatista, direitos humanos e psicologia. Segundo as autoras, parte da geração dos líderes do Exército Zapatista Nacional de Libertação (EZLN) participou das manifestações estudantis em 1968 no México, manifestações também relatadas no estudo de Martins Filho (1996). O Movimento Zapatista, para as autoras, não deveria ser algo que pudesse ser conceituado ou nomeado, para não perder sua força ou ser diminuído em sua potência de multiplicidade. Nesse sentido, ressaltamos uma fala do comandante Marcos do movimento “somos muito escorregadios,... (apud COIMBRA e LEITÃO, 2009, p 73)”, que expressa essa dificuldade de enquadrar o movimento em categorias já existentes.

Como os movimentos sociais dos ocupas, dos estudantes, dos Indignados na Espanha podem ser atravessados por algo que Deleuze e Guattari chamam de fluxos, de devires contínuos de invenção de outros modos de ser, de outras subjetividades, de relações processuais? As autoras nos convocam para a radicalidade que o Movimento Zapatista se propõe a efetuar ao pensar numa nova forma de propor a política e, com isso, outros modos de operar a subjetividade.

Encontramos traços que aproximam os movimentos de *occupy wall street*, o zapatismo e os estudantes do Curso de Psicologia da UFES e suas práticas políticas no Centro Acadêmico, um *ethos* político. Cada qual resguarda suas diferenças e singularidades, são atravessados pelo descentramento da dimensão política do fazer, são envolvidos por uma dimensão política do cotidiano e das ações na reinvenção desses espaços privados, individuados como políticos e singularizados.

Para Coimbra e Leitão (2009) a diferença dos revolucionários para os rebeldes é que esses, ao contrário daqueles, buscam fazer a transformação social de “baixo para cima”, ou seja, com intensa participação das massas. Nas análises das autoras, uma revolução molecular, micropolítica, envolve pequenos atos do cotidiano. Uma reivindicação de uma minoria, como a dos negros, dos indígenas, ou dos estudantes é na verdade uma reivindicação que passa por toda a sociedade (2003,p74). É isso que nos move nessa pesquisa, a possibilidade de se reinventar outros modos de fazer política, por isso os interlocutores escolhidos: esses jovens que tomaram as praças em 2011 e que nos fizeram vislumbrar um pouco do possível.

Ainda de acordo com as autoras, “O zapatismo não é um programa de governo, mas sim um programa de transformação (COIMBRA; LEITÃO, 2009, p.75).” Com luta armada ou não, o zapatismo faz desse tema uma oportunidade para por em questão as relações de poder e de não tomada de poder, do uso e não uso da violência. O foco das ações está no processo que se constitui e não em seu fim, está nas relações construídas com a população e não nas hierarquias de saber-poder. Como dizem as autoras “as hierarquias [...] e a divisão social do trabalho [...] parecem não ter expressão ali (COIMBRA; LEITÃO, 2009 p.78)”. Assim, vamos seguindo com o relato das experiências e das sensações vividas com esse movimento. Narrações que vão passando pelo modo desse grupo lidar com o ensino, com a saúde indígena, com o trabalho, com governo, com o outro.

Conforme vemos em outro momento da narrativa “a vantagem que temos é que não temos um centro, nem um plano pré-concebido que trata de homogeneizar as partes dessa rede (MONTALBÁN apud COIMBRA e LEITÃO, 2009, p. 79).” Essas palavras parecem ser retiradas de qualquer trecho dos livros de *capitalismo e esquizofrenia* de Deleuze e Guattari, parecem remontar os arcaibouços conceituais que, certamente, esses autores assinariam, pois como eles afirmam “a teoria é caixa de ferramentas, que se não for para ser usada, é melhor jogá-la fora e arranjar outra (DELEUZE, in FOUCAULT, *Microfísica do poder*, 2007. p.71)”. Por fim, concluem Coimbra e Leitão (2009) nesse relato emocionante da experiência vivida, que é preciso a psicologia, a exemplo do movimento zapatista, não recorrer a práticas viciadas, essencializadas, dadas *a priori*, mas sim repensar novos

paradigmas, outras formas ainda não inventadas de lidar com isso que se chama humano. É a aposta em um coletivo, transversalizado, imanente e instituinte que se propõe o movimento zapatista e também as autoras por meio do relato.

Gennari (2002), por meio dos textos e falas do subcomandante Marcos, relatou as origens do Movimento Zapatista e seu início repleto de esperança e de propostas políticas novas, a composição heterogênea e mista do EZLN, que ia desde indígenas, trabalhadores rurais, antigos membros de partidos de esquerda mexicanos até militares, estudantes e trabalhadores urbanos engajados na causa Zapatista, todos isolados naquele local o qual chamavam carinhosamente de “La Pesadilla” ou o Pesadelo.

A proposta que todos os guerrilheiros fossem anônimos, todos mascarados sem identidades, onde “todos eram Marcos”, foi a semente plantada pelo Zapatismo. A ideia do movimento era de que seria necessário repensar, inclusive e principalmente, os lugares que os militantes ou guerrilheiros ocupavam ao fazerem o movimento zapatista. Seria necessário que o sujeito militante fosse coletivo ou fosse anônimo, para que o movimento não pessoalizasse, ele precisava ser de todos e por todos.

Marcos e seus companheiros, quando isolados nas montanhas da selva Lacandona, extraem dali as lições que irão atravessar a história dos zapatistas, extraem da densa mata o que lhes será útil ao movimento como nas palavras a seguir

A montanha nos falou de pegar as armas para assim ter voz. Nos falou de cobrirmos a cara para assim ter rosto. Nos falou de esquecer nosso nome para assim sermos mencionados. Nos falou de guardar nosso passado para assim ter amanhã. Na montanha vivem os mortos, nossos mortos (CCRI-CG⁴⁹ do EZLN).

A simplicidade e objetividade dessas palavras expressam alguns dos princípios que nortearam o Zapatismo em sua empreitada de reescreverem a história e dos quais Gennari (2002) também aposta suas fichas. Em julho de 1995, subcomandante Marcos escreveu o texto *O poder como Espelho e como Imagem*, “Este é o poder: o espelho tautológico. Em sua imagem, no reflexo que obtém de si

⁴⁹ Comitê Clandestino Revolucionário Indígena do Exército Zapatista – Comando Geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional.

mesmo, o Poder diz: ‘existo porque sou necessário, sou necessário porque existo; portanto, existo e sou necessário’. (Subcomandante Marcos, 1995, p. 116)”. Em outro trecho prossegue “No entanto, descobriram que as imagens, de tanto repetir, se esgotam, se deterioram, se desgastam e começam a irritar o respeitável. Deixam de ser efetivas e se tornam inúteis... e criminosas. (ibidem, 1995, p. 116).” Marcos analisa a questão da destituição do poder em todas as instâncias como ponto de partida das reivindicações do Zapatismo. Outro ponto levantado pelo movimento Zapatista é a não instituição do movimento, o exercício de se reinventar, a procura incessante e reflexiva de práticas que esquivam de se estabelecer, de se tornar *status quo* desatualizadas e prescritas.

Marcos nos fala sobre a política mexicana, seus paradoxos, relatando o jogo de forças e alianças dos partidos políticos mexicanos pressentindo que novos caminhos e rumos da política estavam por vir. Sua análise da relação entre os partidos, da “conjuntura” política mexicana é direta e incisiva. Naquele momento, o subcomandante se viu compelido a escrever um texto falando da dupla face, do triplo espelho ou até mesmo da multiface do Poder, onde ele se esconde em qualquer brecha, em qualquer lugar, inócuo ou não.

Seu breve texto disserta sobre as configurações dos partidos de centro, esquerda e direita até o ponto em que nos fala de um terceiro espelho; esse que reflete ‘os que não têm voz’, ‘o povo’, ‘o sem partido’. Marcos esclarece sobre esses novos arranjos dos movimentos sociais, fala da quimera que não tem nome, nem face, fala do monstro que não sabe para onde ir, mas deseja outro rumo, Marcos está nos falando que as pessoas querem, elas mesmas, ditarem os rumos de suas vidas.

Depois, no ano de 2004, o Subcomandante Insurgente Marcos nos faz uma maravilhosa pergunta: qual a velocidade do sonho? Ele mesmo nos responde: “não sei”.

Cortesãos versáteis na periferia do poder, esses intelectuais falam de tudo, são *expert* em tudo. Na sua filosofia instantânea e solúvel (‘entramos no ar, entrego minha colaboração e uns minutos, e não tem tempo para pensar no que vai se dizer-escrever’) estes neofilósofos da pós-modernidade, seguindo as modas que se renovam a cada tanto, imitam as poses e o método dos ‘grandes’

pensadores, quer dizer, abstraem e generalizam. Ou seja, que supõe e criam um modelo, e logo o praticam. As sobras. Ao lixo (ou seja, fora da programação ou do índice do artigo) (ORTIZ; BRIGE; FERRARI, 2006, p. 107).

Aqui ele apresenta sua crítica aos *experts*, aos intelectuais que detêm o poder-saber, àqueles que dizem em nome dos outros, aos analistas de plantão que sempre estão com uma opinião-diagnóstico dispostos a oferecer a qualquer momento, que reproduzem e copiam velhas fórmulas. Outra vez Marcos afirma a máxima segundo a qual “o povo sabe e sabe muito bem,” os zapatistas sabem e querem fazer por eles mesmos.

Diz ele, com todas as palavras, que o Zapatismo não é um guia para a ação. Prossegue “a razão que nos move é uma razão ética. Nela o fim está nos meios [...] queremos, finalmente, desaparecer. Para isso e não para outra coisa, foi que aprecemos. Por isso em nosso sonho, nós não estamos. Pés desnudos. (ORTIZ; BRIGE; FERRARI, 2006, p. 109).”

O Zapatismo, assim como outros movimentos sociais aqui mencionados, procurou libertar alguns conceitos impregnados e sobrecodificados sobre participação social, sobre ser movimento social. Um dos pilares desconstruído foi a noção de indivíduo, pois o Zapatismo, afirmando as diferenças, não apostava em alternativas políticas que não fossem construídas pelo coletivo, que não convocassem a participação por todos nas deliberações.

O modelo, os grandes discursos, a verdade absoluta, o instituído eram questionados. As soluções referentes às questões que o Zapatismo enfrentava eram construídas por meio das práticas, através das experiências dos camponeses, dos estudantes, dos trabalhadores, dos guerrilheiros, O velho paradigma clássico-ortodoxo da esquerda foi colocado de escanteio para que outros possíveis fossem inventados. A ausência da necessidade do partido e a diretriz; “faça você mesmo”, rejeitam a ideia da representatividade, da intermediação colocando em prática a ação direta, o fazer-saber como uma incisiva crítica ao domínio do saber pelo especialista.

Outra dimensão a ruir, a desmoronar nas práticas zapatistas foi a Revolução não como um estado em si, mas como um processo contínuo. Por isso, Marcos afirma

que o sonho maior é aquele em que eles não estão mais. Os objetivos do movimento não se fecham em si, não se concretizam em si mesmos, não se tornam um curto-circuito ininterrupto ou tautológico em que se explica a necessidade da revolução pela revolução. O objetivo não foi à tomada do poder, mas sua destituição onde ele se apresentava.

Diário de campo (Atravessamento Inesperado, lugar de encontro da vida)

Dia 21 de maio

Parte da manhã

Cheguei para participar da reunião do PFIST no espaço do NEPESP, quando vi a porta do CA aberta logo por volta das 8:30. Decidi ver quem estava lá. Encontro com o aluno Prometeus, lhe cumprimento e ele me cumprimenta de volta. Pergunto a ele então por que o C.A. estava aberto tão cedo e ele me responde que nesse horário, às vezes, já tem aluno por lá e que em alguns dias ele dorme por lá, quando tem alguma tarefa para fazer pela manhã. Digo a ele que voltaria mais tarde para conversar.

Parte da tarde

No C.A. encontra-se cerca de 5 ou mais alunos quando chego, mas a circulação de alunos é tanta, que não dá para contar direito. Durante todo o dia passam por ali muitos alunos do curso de psicologia e de outros cursos também, rolando uma interação entre eles. Do curso de psicologia, muitos alunos, passam lá para estudar, para ler, para conversar, para esperar alguma aula, depois da aula, para usar o computador, para ouvir ou tocar música. As pessoas vão entrando e saindo e o espaço do C.A. ali permanecia. Ali têm cartazes, quadros, frases soltas escritas na parede, de muitos conteúdos diversos. Por exemplo, “faça amor, não pornô”, “quem bate apanha, quem esquece, não!” “qual o grossura do teu nó?” “meu amigo, meu compadre meu irmão,...” políticas ou não, elas estão lá, intervindo, configurando com a paisagem do lugar. Quando cheguei, por volta das

duas horas da tarde, encontro o aluno Prometeus cozinhando. Dois ou três outros alunos estão em pé, mais alguns do lado de fora, outros deitados no colchão e outros nas cadeiras e sofá. O aluno Jasão me indaga sobre a pesquisa e fala de sua intenção em discutir o que faz o Movimento Estudantil e como se formou o C.A., esclarecendo que sua constituição não se restringe a um pequeno grupo de alunos que estão à frente das ações, mas por toda a comunidade de psicologia, inclusive me convocando a discutir essa questão juntamente com o C.A. para os demais alunos. Prontamente me disponho a fazer essa discussão quando pudermos. A conversa é muito agradável e discutimos sobre a diferença do mestrado e da graduação e ele me fala também que alunos do curso de psicologia escrevem no facebook textos interessantes que eu poderia ler. Me fala também de sua intenção em escrever e sua preocupação em ler mais antes de começar a escrever. Digo a ele que, às vezes, é necessário começar a escrever antes de ler alguma coisa, que a necessidade da leitura iria surgindo durante a escrita. Converso com a aluna Clio sobre o livro que ela estava lendo e ela me mostra um autor que ainda não conhecia. Passo o olho na contra capa e gosto da temática do livro que tratava de um jovem viciado em fazer rimas da thecoslovcaquia. Com a revolução em seu país, ele passa a fazer rimas sobre a revolução e fica encantado com os temas da luta proletária mas sua inventividade, capacidade criativa e liberdade estavam ameaçadas à medida que o sistema político se consolidava. Anterior a essa conversa eu Jasão e Clio conversávamos sobre porque as pessoas a chamavam pelos dois nomes e não apenas de Clio, inventamos algumas teorias, mas acabamos concluindo que se tratava apenas por ter mais outras alunas com o mesmo nome. O aluno Hermes chega e me cumprimenta, converso com ele sobre seu namoro, e o quanto as mulheres estão emancipadas e autônomas nos dias de hoje. Mais tarde resolvemos jogar bisco eu, Jasão, Prometeus e Alfeu. Durante o jogo, conversamos e fizemos brincadeiras sobre a profissão do psicólogo, sobre a expropriação da propriedade privada e sobre a característica que a maconha tem de disparar psicoses e paranóias. Depois que alguns alunos saem, pela primeira vez no dia, por volta das 19h30min, ficam apenas três alunos. Havia passado praticamente o dia todo no C.A. Converso com Dionísio sobre os efeitos e características de diferentes psicotrópicos, ecstasy, ayahuasca, santo daime, entre muitos outros. Ele leu um livro sobre o ecstasy e nos fala sobre suas composições,

seus efeitos benéficos e maléficos socialmente, faz comparações com outras substâncias e do seu uso recreativo. Digo que embora já houvesse usado algumas das substâncias citadas, hoje aquilo não era mais para mim, pois acreditava na forma careta de lidar com o mundo, não tinha mais interesse em usar nada além do álcool. Já eram 20 horas e me despeço do grupo.

Dia de chuva

Ao amanhecer nosso pescador viu que o dia estava escuro, denso e nublado, chovia lá fora. Pensou em não se levantar, mas não quis se entregar à preguiça e levantou-se. Fez seu café forte e doce, como gostava. Sentou na sua cadeira de balanço e olhou para o mar, ele estava de ressaca, decidiu não sair para pescar, resolveu ficar ali, parado, olhando e contemplando. Pensou na virtude da glória de conquistar sua caça, na virtude de não esperar alguém caçar para ele. Ele, mais do que qualquer outro, sabia que ali não havia ninguém para caçar por ele.

6 O MOVIMENTO E PROVISÓRIO

Para Alberto Melucci os movimentos sociais são sinais, efeitos de uma sociedade que está para falecer. São mais que resultados das crises capitalistas, são a esperança das transformações que estão em curso, “falam à frente” (MELUCCI, 2001, p. 21). Para esse autor, os movimentos sociais do final da década de 90 em diante já não são os mesmos de outrora. Já não é possível mais falar de uma unidade de movimentos, de atores coletivos idealizados e totalizados de forma metafísica. Contemporaneamente os movimentos são múltiplos e diversos, as análises sobre os mesmos contêm formas de significar em redes e níveis complexos. Os sinais são intercambiáveis e o poder está situado no uso de linguagens e códigos que organizam o fluxo de informações.

Quanto à pesquisa em movimentos sociais, o autor afirma que não se tem feito outra coisa senão refletir sobre o dualismo sistema-atores (Melucci, 2001, p.159). Fazem-se análises quanto aos comportamentos dos atores envolvidos, suas causas e explicações. O segundo ponto referido pelo autor são os estudos sobre as representações que os atores têm sobre suas ações e, nesse caso, se utilizam dos documentos e materiais produzidos por eles. Em terceiro, estudos de caráter quantitativo, onde se fazem pesquisas quanto às manifestações, número de participantes, eventos e ações adotadas pelo movimento. Apresenta como saída ao dualismo sistema-atores, uma relação contratual, afirmando que o pesquisador deve negociar, sem abrir mão de sua militância de indivíduo ou cidadão, sua contribuição como profissional produtor de conhecimento. A relação entre os atores envolvidos e os pesquisadores deve ser como que para produzir novos olhares, percepções e encontros de conhecimentos diversos (MELUCCI, 2001).

Outro trabalho interessante é de Alain Torraine (2006) que pergunta se ainda é possível manter o nome de movimentos sociais no contemporâneo e define duas categorias: a dos movimentos sociais propriamente ditos, tal como o movimento proletário do período industrial, cujo objetivo era transformar características estruturais da sociedade, como as classes e o modo de produção econômico, e os movimentos surgidos no seio dos movimentos sociais, aos quais ele chama de movimentos históricos ou culturais que visam uma mudança do sujeito, do ator

político, do modo de fazer política. Esclarece o quanto é importante a definição de que movimento social se está à falar. Conclui que a necessidade de análise sociológica é mais importante que a observação das diferenças entre um e outro movimento, por mais que a categoria de movimentos sociais esteja diluída pelos movimentos culturais e históricos.

A autora Maria da Glória Gohn (2003a), (2003b), (2008), cuja produção a respeito de movimentos sociais é ampla e para quem os movimentos sociais são, de forma sucinta, “ações sociais coletivas de caráter sócio-político e cultural que viabilizam distintas formas da população se organizar e expressar suas demandas (GOHN, 2003a, p. 13),” faz um debate sobre movimentos sociais com uma espécie de análise detalhada das teorias sobre os movimentos sociais em sua obra *Teoria dos Movimentos Sociais*. Dividindo o livro em três partes, o paradigma norte-americano, o europeu e o latino-americano, ela expõe com clareza diferentes inspirações, influências e delimitações teórico-filosóficas sobre os movimentos sociais.

No que se refere ao modelo latino-americano, a autora diz que “sua colocação é mais estratégica do que real” (GOHN, 2008, p. 211), tendo em vista a grande quantidade de movimentos sociais existentes nesse hemisfério e a baixa quantidade de produção teorizada sobre eles. Gohn (2003b) no livro *História dos movimentos e lutas sociais* faz um levantamento e registro historiográfico, onde faz menções e descreve duzentos anos de história dos movimentos sociais no Brasil.

No Brasil, os movimentos sociais ganharam corpo e força no início dos anos 50. Sader (1987, p.8) considera que as “novas fisionomias” dos movimentos construídas a partir dos anos 60 e 70 com a crise da ditadura militar, vão ganhar contornos e traços de diversidade específicos do Brasil. Os movimentos feministas, urbanos, de negros, o sindical, as comunidades eclesiais de base, novos partidos, MST e CUT são a marca da transição democrática do país, os intitulados “novos movimentos sociais (SADER, 1987). Tais movimentos deixaram rastros que, em tempos atuais, demarcam incisivamente a diversidade dos novos movimentos a partir da década de 80. É visível que o período entre o final da década de 1970 e o início da década seguinte é fundador de uma nova prática que inaugura os chamados *novos movimentos sociais*.

Já o trabalho de Goss e Prudêncio (2004), pesquisadoras brasileiras, realiza uma revisão bibliográfica das principais teorias acerca do conceito de movimentos sociais. A pesquisa pretende discutir o que se caracteriza como conceitos ou categorias de análises, como ação coletiva ou movimentos sociais e novos atores. Ressaltam a ideia de que os movimentos sociais não podem ser mais caracterizados como homogêneos e que não existe apenas um único tipo de *ator* envolvido em cena, pois as bandeiras mudaram assim como suas táticas de luta que também indicam novos agenciamentos que mobilizam essas práticas.

“Os novos modelos sociais apontam para um projeto alternativo em construção, o que indica que nessas novas práticas políticas ainda não há uma homogeneidade, sendo marcados por conotações de classe [...] O ideal básico parece ser a criação de um sujeito social, que redefina o espaço da cidadania (GOSS; PRUDENCIO, 2004, p. 87).”

Outro trabalho que nos chama a atenção é o realizado pela pesquisadora Izabel C. Carvalho (2001) quanto à educação ambiental e os movimentos sociais. Na análise da autora a educação ambiental está mais ligada a uma tradição dos movimentos ecológicos do que ao campo educacional e pedagógico especificadamente. O agir do educador ambiental é necessariamente um agir político, engajado, enquanto que a identidade do educador é um lugar de trânsito, de múltiplos sujeitos vinculados a um ideário epistemológico cuja proposta é a transformação paradigmática radical do campo das práticas educacionais tradicionais, incluindo a reinvenção da vida individual e coletiva.

Na obra *A invenção do presente*, Melucci (2001) considera como anterior à discussão ambiental e ecológica a discussão do sistema político. Para o autor a questão ecológica reporta a dimensão cultural da experiência humana. Assim, o conflito entre os interesses ambientais e os interesses do desenvolvimento capitalista se refere ao que ele chama de dimensão fisiológica dos sistemas complexos. Para ele, os aspectos políticos dos partidos verdes têm sido os mais visíveis, pois o sucesso eleitoral em muitos países traz à tona as discussões dos possíveis riscos, contudo, as elites vêm aproveitando esses discursos para reciclar suas bandeiras sobre um discurso de desenvolvimento acelerado sem considerar a questão ambiental.

Os movimentos ambientais vêm ganhando destaque e sua importância se faz extremamente relevante nas novas formas de resistência e subjetivação. Guattari, em seu livro *As três ecologias* (2009), afirma que “não haverá uma resposta à crise ecológica em escala planetária e que se opere uma autêntica revolução social, política e cultural sem uma reorientação dos objetivos da produção de bens materiais e imateriais (GUATTARI, 2009, p. 9).” O que ele propõe é uma nova consciência *ecosófica*, que leve em consideração um plano integrado e difuso: a ecologia social, subjetiva e ambiental. Uma perspectiva ética-política que reinvente as maneiras de ser, vias práticas efetivas de experimentação nas três ecologias.

Os movimentos sociais, dentre eles o Movimento estudantil, compõem um complexo jogo de relações atravessadas por diferentes instituições e agenciamentos coletivos, no qual a luta por objetivos diferenciados os move e os une em torno de questões específicas. Frente aos novos movimentos sociais, é impossível não pensar nas alternativas que se forjam nos debates e produções acadêmicas acerca da temática. Sader (2007) indica que a América Latina tem se descoberto, em consequência de tantas crises e conflitos sociais históricos do nosso *continente*. Com a ascensão dos governos de esquerda a necessidade de se construir um projeto pós-neoliberal se torna vital para sua própria existência, onde os movimentos sociais jogam papel decisivo na agenda política. Sader (2007) convoca a esquerda latino-americana, com toda sua multiplicidade, a se unir em torno de um projeto, político, social, cultural e moral, bem como torná-lo efetivo.

Certo dia quando foi à vila, nosso pescador voltou com uma pulga atrás da orelha. Ele tomou banho, passou álcool, água de mar, meteu alfinetada e nada, por nada aquela pulga saía. Mesmo a pulga não sendo carrapato, ela ainda permanecia grudada. A pulga foi ficando, foi ficando até que um dia ela morreu.

6.1 OUTRAS LEITURAS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Quando falamos em movimentos sociais vislumbramos, num primeiro momento, uma imagem que nos lança aos velhos e tradicionais paradigmas dos movimentos sociais no Brasil, como a questão da terra, da moradia, dos negros e das mulheres,

dentre outros, mesmo que esses “velhos movimentos sociais” não datem mais que da década de 1970. Quando iniciamos nossa pesquisa todo um leque de referencial teórico se colocou à nossa disposição, alguns foram mantidos, outros colocados de lado, outros inventados e experimentados e tantos outros, em muitas direções possíveis, foram compondo essa cena.

Nesses estudos encontramos algumas linhas que se conectaram às nossas, mas outras iam a direções opostas às que afirmamos como políticas inventivas e imanentes do cotidiano. Alguns textos partiam de referenciais teóricos que apresentavam os movimentos sociais como um conceito endurecido e cristalizado, comumente chamado de sociedade civil organizada. Alguns autores “bebiam” do velho marxismo procurando classificá-lo e segmentá-lo dentro dos seus preceitos teóricos, outros advinham de escolas que se esquivavam de rotulá-los sobre qualquer circunstância. Nossa discussão partiu de olhares que entrecruzavam-se e utilizavam-se dos referenciais de Foucault, Deleuze e Guattari iam em direção aos trabalhos dos biólogos Maturana e Varela sobre a produção da realidade e do conhecimento.

Quando finalizamos nossa dissertação, uma ebulição de eventos e acontecimentos eclodiu por todo Brasil. Movimentos descentrados, rizomáticos, lateralizados e autogestivos se deflagravam e apontavam para imersão e emergência de algo “novo” ou, como veremos, nem tão “novo.” As propostas de tais movimentos foram se constituindo em uma complexa rede da qual não sabemos quais são seus pontos mais distantes ou próximos, movimentos desfigurativos-ruptivos que colocaram em questão os velhos paradigmas dos movimentos sociais tradicionais de esquerda com práticas e condutas totalitárias e representativas.

Alguns movimentos sociais iniciaram uma nova empreitada no mundo a partir do início do sec. XXI. Um exemplo disso é o que ocorreu em Seattle em 1999 quando um grupo formado por jovens que se autodeclaravam apertados, anarquistas, estudantes, ecologistas, e até por jovens que preferiam não ser “categorizados”. decidiu por tentar impedir a rodada do encontro da Organização Econômica Mundial (OMC). Esse episódio histórico ficou conhecido como a “Batalha de Seattle”, onde os manifestantes provocaram a interdição de ruas e acessos aos eventos e promoveram as chamadas *Reclaim de Street*, tipo de manifestação com

aparência de uma festa de rua, um bloco de carnaval, etc., surgida na Inglaterra nos anos de 1990.

Esse movimento tornou-se potente tendo em vista as circunstâncias sociais e econômicas em que o planeta se encontrava, após longos anos de inverno de perspectivas mais coletivas e solidárias. O neoliberalismo estava a pleno vapor e encapava seu projeto de globalização a qualquer custo. Em 1999, no auge do novo sistema capitalista americano e mundial, um grupo de manifestantes apresentou outras possibilidades de resistência e enfrentamento ao capitalismo. A tática escolhida para impedimento da passagem ao evento sinalizou a possibilidade de novos arranjos nas configurações dos movimentos sociais. Bloquear as ruas e promover um carnaval fora de época era mais que bloquear as ruas e promover um carnaval fora de época. Era a possibilidade de ruptura, de quebra, de outras invenções. Os meios de protestar e contra o que protestar podiam ser repensados. Deveríamos protestar contra governos locais, contra uma política de estado ou de governo, a saúde, a educação, a ecologia, um sistema global, contra condutas, práticas?

Eram muitos segmentos, muitos movimentos diversos e fragmentados procurando, assim como vimos o Zapatismo, o Ocupem o Rio e o “Ocuppy Wall Street”, repensar o lugar de se fazer política e como fazer isso. Naquela ocasião, protestavam contra um fórum, uma organização, uma rede de capitalismo que expressava mais que apenas um encontro. É disso que se trata, configurações de novos arranjos nos movimentos sociais, como a dispersão, a diversidade e heterogenia, a irreverência, a partidarização, mas principalmente a capacidade de se reinventar.

Podemos dizer que tais movimentos emergiam frente ao desenvolvimento desenfreado do capitalismo, como resposta e expressão dos anseios dos sujeitos que se viam sufocados e ameaçados da morte subjetiva. Movimentos semelhantes emergiram anos atrás pelo mundo indo na contramão do sistema, como o Projeto Luther Blissett na Europa e o movimento Zapatista no México.

Esses grupos, esses movimentos sociais, articulavam diferentes referenciais em suas práticas, desde o anarquismo, o sindicalismo, o marxismo e outras influências

que não se anulavam entre si. Movimentos pautados na liberdade e na diversidade de pensamento.

6.2 O PROJETO LUTHER BLISSETT

Em 1994 na Itália, Bolonha, foi noticiado que vísceras de animais estavam sendo encontradas em locais públicos da cidade e logo em seguida Luther Blissett revelava nos noticiários que se tratava de cartas e reportagens falsas. Em 1995, também na Itália, um programa de TV de auditório procurava pelo desaparecido Harry Kipper, um jovem artista Inglês que desaparecera. O programa visitara sua casa, seus amigos, reconstituiu todo o trajeto e os últimos acontecimentos da vida de Kipper até seu desaparecimento. Estava tudo preparado para o programa ir ao ar, até que a embaixada da Inglaterra, por meio de um telefonema revelou que essa pessoa nunca existiu. Em 1996 uma editora italiana lançou uma coletânea de textos produzidos por Luther Blissett e organizados por Giuseppe Genna. A obra, na verdade, era composta por textos fragmentados e produzidos de qualquer modo, textos sabotadores, inventados, copiados de outras obras, tudo pensado previamente pelo Projeto L. B para que fosse publicado um livro em seu nome.

Os que as emissoras de TV e a editora que publicara o livro não sabiam é que Luther Blissett não existia. Luther se tratava de uma invenção, de um nome múltiplo, coletivo, de uma estratégia de guerrilha midiática que havia pregado uma peça nos grandes meios de comunicação, de um nome que ao ser usado como pseudônimo por uma pessoa qualquer, inseriu nos meios de comunicação uma velha tática de contra-informação de guerrilhas. Luther lançava informações desencontradas, lançava dúvidas, quebrando os paradigmas de verdade, imparcialidade e isenção dos telejornais e meios de comunicação. Luther semeava a desconfiança sobre uma instituição “extremamente confiável”.

De algum modo, nosso personagem conceitual se cruzou com Luther, mesmo sem nunca ter ouvido falar sobre ele antes da escrita dissertativa. Em meio às composições rizomáticas infindáveis eles “bateram um bom papo” mesmo sem saber da existência um do outro. Assim, como nosso pescador, Luther procurava

ser múltiplo, diverso e fragmentado, sem identidade, descolado de representações, mas vivo, flutuante, marginal, desterritorializado e transitório.

O texto a seguir, produzido em 1999 pelos jovens mentores do projeto Luther, os quais optam por um *seppuku*⁵⁰ de Luther, visando que o projeto não se fechasse em si, não se tornasse *status quo*, que morresse, que pudesse ser reinventado à medida que surgissem novas demandas, evidencia a similaridade entre os dois personagens, Luther e o Pescador Mineiro:

O *seppuku* é uma sugestão para todos aqueles que usam o nome há pelo menos cinco anos, para dar espaço a novos estilos dessa arte marcial, permitindo que os planos quinquenais de quem usa o *multiple name* há pouco tempo floresçam e proliferem. É preciso ser estrangeiro sem nome em territórios desconhecidos. Para alguns, isso significa começar ou continuar a se chamar L.B., para outros, significa necessariamente o contrário.

Assim, o *seppuku* não é o fim de Luther, mas o começo de uma nova fase, de um jeito novo de empregar seu rosto e seu nome. Para os que tomarão parte, o suicídio de Blissett significará parar de assinar com aquela sigla, mas de prosseguir em um caminho. Exatamente o contrário do que aconteceria a um suicídio comum: este não vai mais a lugar nenhum, enquanto seu nome será mais usado do que quando estava vivo.

O *Seppuku*, enfim, não é um lance defensivo, a fim de evitar a recuperação do Múltiplo por parte da indústria do espetáculo. O que não tem identidade não é recuperável. Desde sempre, o objetivo de Blissett é o de entrar no *mainstream* como cavalo de tróia e abrir as portas a múltiplas experiências [...] (BLISSETT, 2001, p. 12)

O projeto Luther Blissett conquistou muitos adeptos na Europa dos anos 90. Foi uma tática, uma forma de guerrilha midiática, psicológica e política de sabotagem de algumas instituições do capital, como a mídia, a linguagem, e o próprio sistema representativo cognitivo. Procurando escapar de meras definições L. B colocava em prática sua crítica ao conceito de indivíduo (aquilo que é indivisível) burguês; L.B atacou no seio, na estrutura do pensamento moderno. Mas passemos a outro ponto da emaranhada rede complexa e difusa.

Reclaim de Streets na Inglaterra, *Ya Basta* Na Itália, *Direct Action Network* no Estados Unidos, e o MST no Brasil foram alguns dos fundadores do movimento

⁵⁰ Rito de suicídio oriental.

conhecido como Ação Global dos Povos⁵¹. Grupos de Mídias alternativas, anarquistas e independentes, entre outros movimentos sociais

Da questão ecológica ao aumento do desemprego, dos imigrantes ilegais que fugiam da pobreza ao poder (cultural e político) das multinacionais eram todas questões que extrapolavam as fronteiras nacionais, questões que os partidos políticos, ou uma cidadania atuante apenas dentro do estado nacional, não alcançavam. São questões globais que, como os imigrantes, o ecossistema e as multinacionais, extrapolam fronteiras. (CHRISPINIANO, 2002, p.19)

Tais protestos eram realizados simultaneamente aos encontros das grandes organizações do sistema financeiro mundial como o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional ou a OMC e resultaram na criação do Fórum Social Mundial em contraponto ao Fórum Mundial Econômico, idealizado por Oded Grajew com suas três primeiras edições realizadas na cidade de Porto Alegre. Como bem mencionado por Passeti “a democracia no capitalismo requer continuidade da miséria, afirmou Gilles Deleuze, com precisão” (PASSETTI, 2003, p.29). Esses Movimentos sociais acreditam que as soluções encontradas pela lógica do próprio capitalismo, reproduzindo seu modo de funcionamento, não surtem efeito em longo prazo e levam à perpetuação do mesmo, por isso propõem um sistema político outro que não a velha democracia burguesa que apenas faz a manutenção das misérias e da desigualdade social.

No ano de 1996 cerca de 10 movimentos sociais, incluindo os *Reclaim de Streets* e os *Black bloc's*, conjuntamente com o movimento Zapatista lançaram a proposta do Dia de Ação Global, que ficaria caracterizado como dia de protestos mundiais contra o sistema capitalista, de discussão e debates sobre alternativas ao capitalismo⁵².

Reclaim de streets foi um movimento anticapitalismo fundado na Inglaterra no ano de 1995 e suas práticas reivindicatórias eram marcadas por festas *raves* e por carnavais de ruas politizados. Os objetivos dessas festas eram questionar o sistema global financeiro e repensar outras formas de se fazer política. Igualmente, os *Black bloc's* questionavam a ordem financeira mundial, mas divergiam quanto as táticas de luta. Os *Black bloc's* adotavam o uso de pessoas vestidas de preto

⁵¹ Ver *A Guerrilha Surreal*, 2002, p.18.

⁵² Ver Ned Ludd, *Urgência das ruas*, 2002.

com máscaras para evitar a identificação de seus integrantes, a sensação de coesão de um só bloco, uso da violência ou não, da ação direta a fim de promover uma desordem financeira e social. Os Black bloc's são táticas de luta e intervenção que ao longo dos anos por sua expansão adquiriu *status* de movimento.

Ambos os movimentos se alimentavam de referenciais teóricos anarquistas, mas rejeitavam a retórica, rejeitavam um movimento que se tornasse fechado em teorias, optavam pela chamada ação direta⁵³ e procuravam dialogar entre si e com outros movimentos similares descentralizados internacionais para fomentar uma rede de mobilização e protestos. Essas redes de afinidades entre os movimentos sociais elaboraram planos e estratégias de intervenção que visavam a paralisação dos grandes encontros entre as potências econômicas mundiais, como os encontros do Fundo Monetário Internacional (FMI), da Organização Mundial do Comércio (OMC) e do G-8, grupo das 8 maiores economias, o ataque à grandes instituições financeiras como os bancos e à redes de empresas internacionais.

Com o uso da internet e a intensificação das redes sociais houve uma aceleração na capacidade de mobilização desses movimentos. Agora, descentralizados e autônomos podiam organizar um evento sem grandes logísticas e com enorme potencial de mobilização para as questões locais e regionalizadas que afetam a população diretamente. Assim, os movimentos internacionais de antiglobalização ganhavam força justamente por sua descentralidade, imprevisibilidade e capacidade de se reorganizar. Cada local, cada região poderia fazer sua manifestação, sua mobilização de forma singular, específica àquela região, tendo em vista ou não algo maior, o sistema financeiro mundial capitalista.

A cada nova manifestação os Black bloc's, os Reclaim the Streets ganhavam novos adeptos, assim como colocavam em questão suas práticas. No livro *Urgência das Ruas*, o anônimo com pseudônimo Ned Ludd organizava textos e publicações dos movimentos a respeito deles mesmos. Nos anos de 1970 vimos com Eder Sader (1988); Araujo (2000) e outros, que os movimentos eclesiais de base, o sindicalismo e os movimentos comunitários esboçaram, ou mesmo reinventaram o sujeito político, esse que não mais se contentava com diretrizes impostas pelos partidos de cima para baixo, com a delegação da responsabilidade

⁵³ Ibidem.

a outrem, negando às instituições de mediação. Nos anos de 1980 com o MST, PT, os movimentos negros, os feministas e outros novos movimentos sociais, observamos uma continuidade no projeto de descentramento político e reafirmação de um novo sujeito político.

O que vimos com Chrispiniano (2012); Blissett (2001); Ludd (2002) Coimbra e Leitão (2009), entre outros, é que esse sujeito que se reinventava, agora não mais queria o posto de sujeito, de unidade singular do capital. Agora, os movimentos sociais desfaziam de suas velhas táticas de luta e iniciavam novos caminhos como a dispersão, a heterogeneidade, o descentramento político, a multisubjetivação, a multiplicidade, a ausência de uma identidade unitária, um movimento rizomático. Os anos de 1990 se caracterizaram pela gestação de novas experiências e arranjos, pela experimentação de outros recursos e linguagens de protestos, de reivindicação, de resistência. Os movimentos de “ocupem”, as gigantescas passeatas de junho, as mobilizações pelas redes sociais, os Indignados na Espanha, as greves gregas, entre outros, nos apontam que se intensificam cada vez mais o poder das mobilizações sociais e das manifestações descentralizadas, sem vínculos às instituições políticas tradicionais, por modos de se fazer-praticar o político circunscrito, com personagens que se esquivam da figura representativa do líder, de apostas que convoquem o coletivo, de alternativas políticas construídas pelos próprios atores envolvidos. Tempos do plural do efêmero, do fugaz, de políticas da alegria, de velocidade de informação. São tempos que se anunciam e que, cada vez mais, a mediação simbólica perde espaço para uma ação direta sem intermediários.

Em um texto do grupo Inglês *Reclaim the Streets* acerca do ativismo, escreveu com pseudônimo Andrew X o seguinte

Protestos antiestradas em larga escala têm criada oportunidades para um novo setor inteiro do capitalismo – segurança, vigilância, construtores de túneis, teleféricos, especialistas e consultores. Somos agora um ‘risco de mercado’ a ser levado em conta quando se propõem contratos para construção de estradas. Podemos inclusive ter ajudado às leis das forças do mercado, forçando a falência de companhias mais fracas e menos capazes de competir. A consultora de protesto Amanda Webster afirmou: ‘O advento dos movimentos de protesto trarão vantagens no mercado para aquelas empreiteiras que podem lidar com eles efetivamente’. Novamente,

o ativismo pode destruir um negócio ou parar uma estrada, mas o capitalismo segue muito bem adiante, se não mais forte do que antes (LUDD, 2002, p.33).

Aqui apresentamos apenas essas novas configurações e arranjos dos movimentos sociais que se apresentam em nossos tempos, e eles se reinventam a todo tempo, incessantemente, pois o risco de que o capitalismo os absorvam, os capturem, os degenerem sempre se coloca. É preciso estar à espreita... É preciso estar atentos às nossas práticas, pois a máquina capitalística nos decodifica e sobrecodifica a todo tempo.

Naomi Klein escreveu um livro sobre a cultura da propaganda, da mídia, poder das logomarcas no atual capitalismo, *Sem Logo* (2002). Livro esse que foi referência entre esses movimentos sociais Europeus de 1990. No capítulo sobre a *culture jamming*, Naomi expõe a respeito das técnicas de contracultura, de guerrilha midiática, instrumentos de mídias alternativas e piratas, da criação de linguagens subversivas como propaganda política de contestação e reivindicação e de como existe uma imensa rede de conexão entre esses diferentes pontos que se interconectam, desde os artistas de contracultura publicitária e os movimentos do Projeto de Luther Blissett e os *Reclaim the Streets* entre muitos outros movimentos sociais.

Como bem diz Passetti “resistir não é apenas redimensionar as sabotagens, como insinuou Deleuze” (PASSETTI, 2003, p.31). Resistir está para além de ampliarmos nossos repertórios de táticas e estratégias de lutas, resistir é (re) inventar nosso próprio modo de vida, é desconfigurar nossos padrões, na ética e estética, inversões e subversões de subjetividades outras, está no cotidiano de nossas ações e práticas, é des-codificar nossa linguagem.

Na abertura do redimensionamento de sua obra sobre a sexualidade, o segundo volume, o *Uso dos prazeres*, sugeria que devíamos colocar o pensamento contra o pensamento⁵⁴. Foucault já dava sinais da importância da ética diante da impossibilidade de cada um em negligenciar a política. Inventar a si mesmo, como pede o projeto kantiano, para Foucault é encontrar a saída (*ausgang*), invenção de si como arte, a vida como obra de arte. [...] não se trata da filosofia da evasão, mas de tensão de existência. (PASSETTI, 2003, p.196)

⁵⁴O *uso dos prazeres*. Rio de Janeiro, graal, 1984.

“O delito e a loucura são algumas das criações que nossa sociedade reservou para os corpos indisciplinados (LUDD, 2002, P.14).

Aos corpos indisciplinados: delito e loucura.

Diário de campo (Atravessamento inesperado, lugar de encontro da vida)

Dia 25 de maio de 2012

Por volta das 18 horas chego ao CA para saber o que estavam fazendo na sexta-feira à noite. Ao chegar, encontro o aluno Prometeus no corredor a falar sobre a beleza da lua. Cumprimento-o e entro pela porta interna, cumprimento os demais alunos e vou conversar com o aluno Jasão. Estavam em uma roda com cerca de 5 ou 6 alunos conversando sobre música, tocava Billy Jane de Michel Jackson, as pessoas estavam curtindo música mais antigas. Participo da conversa interagindo com os demais sobre a música. Uma aluna me chama e pergunta se eu estava no grupo da Beth, digo que sim, que estava fazendo mestrado e que meu tema era movimento estudantil e que por isso estava vivenciando o CALPSI. A estudante Íris estava começando seu projeto de iniciação científica com orientação de Beth, então conversamos sobre movimentos sociais e a experiência de estágio no acampamento do MST. Era dia de Sarau Nordestino, e as pessoas foram se encaminhando para a parte interna do CEMUNI, já organizado e preparado para as citações. Prometeus começou com uma citação João Cabral de Melo Neto e depois seguiu com uma de sua autoria. Em seguida outra aluna citou mais uma, pedi para que o próximo fosse eu. Recitei o poema Prometeus de Drummond em homenagem ao estudante Prometeus. Infelizmente não pude ficar mais e tive que me retirar, e assim, continuou a programação de recitações de poesias.

Dia de folga

Depois de longos dias a trabalhar sobre um intenso sol, nosso pescador não quis voltar à terra firme. Estava tão estafado e complexificado com a coisa do trabalho intenso que simplesmente entrou em estado de completa morbidez.

Não queria decidir, não queria tomar providência alguma, apenas deixar que a onda o levasse, não queria pensar em nada. E nada lhe aconteceu. No momento seguinte, após acordar de seu intenso sono no seu pequeno barco - tinha sonhado com nuvens, sonhou com muitas nuvens claras, com um dia belo de sol a brilhar - percebeu que o dia estava semelhante ao de seu sonho e então decidiu: hoje estou de folga. Hoje não irei trabalhar. Então, ao voltar até seu casebre, se arrumou e foi ao centro do vilarejo mais próximo das aldeias dos pescadores. Ao chegar lá, cumprimentou as pessoas, algumas que ele já havia conhecido e outras que ele ainda não tinha visto o rosto sequer. As pessoas estranharam aquela figura por ali, já que ele não era de festas, não era de se relacionar e conviver com os demais. No seu dia de folga foi fazer algo que comumente não fazia, foi se relacionar com as pessoas. Bebeu, conversou, riu, fez amizades, se divertiu. Seu coração se encheu de esperança, pois o gole da cachaça, transparente, também transpareceu sua alma. E ali estava a alma de um pescador, uma alma boa, trabalhadora, honesta, dura, sensível, invisível, transparente, mas que estava lá. Assim foi seu dia de folga, depois de uma boa noite, resolveu voltar para seu casebre. A única certeza que teve ao deitar a cabeça no seu travesseiro é que não se vive sozinho, de que é preciso compartilhar. A questão não era sua solidão, mas o desejo de trocar, na força do encontro, no poder da diversidade, dos muitos, e novamente ele saca: não se vive sozinho, não se trata de uma companhia, mas das muitas companhias. Não é uma vida, mas muitas vidas.

“O que não tem governo, o que não tem razão”

Outro dia o pescador saiu com um grupo de pescadores para pescarem juntos. No caminho muitas prosas e contos de causos ocorriam, cada um mais cabeludo que o outro, cada um mais inventivo que outro, o peixe do outro era sempre maior. Assim que chegaram ao lugar combinado da pesca, nosso pescador pediu aos outros que lhe dessem sua pior isca. Eles estranharam, mas no costume da boa educação e da boa gargalhada lhe

deram. Então o pedidor amarra as piores iscas que cada um lhe tinha a oferecer e lança no rio...

Um cata-ventos de tudo que é rejeitado, de tudo que é renegado, da anti-matéria, da anti-invenção. Uma isca com todo entulho acumulado, com toda sujeira necessária, com os restos, com as sobras, com aquilo que fica de fora, excluído, marginalizado, uma isca única que pescou um peixe único.

Esse peixe tinha um formato diferente, um cheiro diferente, uma coloração estranha, muitas luzes, brilhava, colorido, dentes estranhos, olhos estranhos, nadadeiras estranhas.

Todos estranharam o peixe, perguntaram; é um peixe? Admirados com a beleza de tamanha estranheza, uns queriam comê-lo, outros queriam devolvê-lo ao rio, outros queriam embalsamá-lo, outros o temiam, mas outro decidiu cuidá-lo.

Nosso personagem deu uma chance àquilo que não teria chance.

6.3 ANÁLISE DAS PRÁTICAS OU INVENÇÃO DOS PROBLEMAS? O CENTRO ACADÊMICO LIVRE DE PSICOLOGIA DA UFES

Que processos instituintes podemos perceber nas práticas do C.A.? Que práticas foram essas que convocaram outra dimensão do ético-político? E porque o C.A. se configurou para nós como um movimento que repensou os personagens?

O modo de produção capitalista produz modos de viver, de ser, de estar, enfraquece o sonho coletivo privatizando-o e individualizando-o. Nesse sentido, existe um esvaziamento da dimensão pública das relações entre os humanos. Todos os dias somos bombardeados com afirmações tais como: “precisamos reduzir a maioria penal”, “esses manifestantes são baderneiros”, “política não me interessa”, “nada vai mudar não”, “sou a favor da cura gay”, “bom era na ditadura”, “protestar pra que?”, “cada um no seu quadrado”, “isso é coisa de preto”, “nordestino tem que voltar de onde veio,” “não ande nas ruas despreocupado”, “seu vizinho pode ser um psicopata”, “desconfie de todo mundo”, “polícia tem que

subir matando mesmo”, entre tantas outras veiculadas pela mídia, ou ouvidas nas escolas, ruas ou nos postos de trabalhos. Tais crenças e valores circulam diariamente a ponto de nos fazer pensar: a barbárie-capitalismo não tem volta? Essas práticas semeiam a descrença e dificultam a construção de outros mundos. Será que tudo está perdido?

Encontramos nos caminhos trilhados pelos jovens estudantes do curso de psicologia e militantes do C.A. algumas pistas que nos levam a afirmar que a vida se reinventa e que a aposta no coletivo é possível. Que outros caminhos podem ser inventados. Os últimos acontecimentos no país nesse momento (junho de 2013) nos levam a acreditar que “outros mundos são possíveis.” O povo brasileiro nos “acalanta um sopro de esperança”. O personagem-*político-em-nós* se expressou nas ruas em diferentes manifestações e reivindicações, diferentes cores e desejos, ecoando, de modo geral, insatisfação e rejeição ao sistema político atual brasileiro em que as pessoas não se sentem protagonistas, que facilita a corrupção e o mau uso dos recursos públicos e que não devolve à população brasileira as altas taxas de tributação pagas.

Destacamos no início dessa dissertação três episódios que nos chamaram a atenção na vivência do C.A. de Psicologia: a abertura da porta, o *Coletivo Planta* e as manifestações estudantis ocorridas nos dias 02 e 03 de junho de 2011 com intensa contribuição dos estudantes de psicologia. Por que nos saltaram aos olhos esses episódios? O C.A. foi tomado por nós na imanência de suas práticas, buscando evitar idealizações e reificação do objeto de pesquisa. Ao contrário, visamos profaná-lo, torná-lo real, possível, concreto, mundano.

No período em que acompanhamos o C.A., muitas bandeiras foram empunhadas, algumas com maior participação dos estudantes, outras com menor participação. Algumas dessas lutas eram históricas, outras recentes. “Na natureza, há permanências, perseveranças, assim como fluxos e variações (Deleuze, 2006, p. 21).” Diferença e repetição. Algumas afetaram com alegria mais pessoas, outras não. No nosso entender, o C.A. é uma entidade de formação importante e não pode ser reduzido a uma entidade de representação burocrática. O C.A. pautou desde discussões que tratavam de clássicas lutas dos movimentos estudantis, como a melhoria da qualidade do ensino, a segurança no campus, a diversidade

curricular e a infra-estrutura adequada, à promoção de encontros, discussões e debates de caráter formativo que trataram de questões diversas, tais como a luta antimanicomial, gênero, drogas, campo e agricultura, o valor da passagem de ônibus, os espaços urbanos, entre outras questões que pautam hoje a vida nesse país e a sujeitos atentos às questões sociais de seu tempo.

Conforme já indicamos na primeira parte do trabalho, o C.A. se configurou como uma entidade deliberativa de participação aberta a qualquer estudante que o frequenta. De acordo com o seu estatuto⁵⁵, os membros do C.A. somente têm direito a voz e proposição de pauta e, apenas, os diretores eleitos por maioria de votos em eleições do C.A. têm direito a voto. Contudo, nesse aspecto o estatuto do C.A. é ignorado, pois na prática passa a ter direito a voto todo aquele que participar de mais de três reuniões consecutivas, mas, segundo os estudantes, basta participar de uma reunião para ter direito a voto. Todos têm direito a fala em qualquer momento, a palavra possui livre circulação. Não há presidência na prática, todas as funções são lateralizadas podendo todos executar diferentes ações em diferentes frentes ao mesmo tempo. As tarefas e compromissos assumidos pelos estudantes não são pautados por hierarquias e cargos, mas por preferências políticas de cada estudante envolvido.

As portas do C.A. ficam abertas quase todos os dias, inclusive nas férias escolares, e durante a maior parte do dia. Nos foi informado que apenas dois alunos possuíam a chave da porta que liga o C.A. ao pátio interno do CEMUNI, mas que da porta externa não se sabia ao certo quantas pessoas possuíam a chave.

O C.A. possui um sofá, um colchão, uma estante com livros disponíveis aos alunos, murais, cartazes, pinturas, quadros nas paredes - informando ações, eventos e frases de efeito com conteúdo político, moral, ético -, um fogão, um violão, cadeiras, um computador com internet, uma pia, utensílios de cozinha e, na parte externa, bancos de madeira, mesa e a horta que os alunos têm cuidado. Há uma campanha constante para que o espaço se mantenha limpo e organizado, mas a dinâmica de organização é outra; livros espalhados, móveis e utensílios sobre postos, objetos pessoais deixados, etc.

⁵⁵ Ver estatuto em anexos.

O C.A. é frequentado diariamente pelos alunos que passam por ali para conversar e, geralmente, discutir política, música, arte, filosofia, religião, drogas, e coisas banais do dia-a-dia. Conversam sobre as aulas, sobre as disciplinas e professores do curso de psicologia, realizam trabalhos acadêmicos juntos e compartilham informações. Utilizam esse espaço para encontros e trocas de experiências, vivências e experimentações. O C.A. possui um movimento constante e intenso de alunos, quase nunca fica vazio ou com poucos alunos. Nos momentos em que há um número maior de alunos, muitos ficam na parte externa conversando ou fazendo outras atividades. É frequentado também por estudantes de outros cursos.

A preocupação com a questão da formação é apontada pelos participantes do C.A. Alguns desses participantes integram o movimento estudantil, porém a maioria dos que frequentam o C.A. não está envolvida diretamente com a questão do movimento. Cada aluno se engaja por algo específico, por algo que lhe desperte interesse, por algo que lhe afete. Existe uma bela interação entre os alunos de todos os períodos.

As redes sociais na internet são largamente utilizadas pela maior parte dos alunos e se tornaram instrumentos para discussão de questões e temas referentes ao C.A., à luta antimanicomial, à formação, à política, a escritos provocativos e interventivos. O ponto sobre as redes sociais é mais um dado concreto sobre as novas configurações dos movimentos sociais. Se em outros tempos as mobilizações para eventos, passeatas etc. ocorriam apenas por meio do “boca-a-boca” e panfletos, hoje elas ocorrem, geralmente, primeiro pelo facebook ou twitter, ou via e-mail, etc, para depois se desdobrarem nos encontros territoriais geográficos.

O espaço é utilizado como recreação e como lazer entre uma aula e outra ou depois das aulas. As práticas recreativas do C.A. vão desde o jogo de cartas, xadrez, tocar violão, ouvir músicas, confeccionar artesanatos, venda de doces e salgados até o uso de psicotrópicos. Segundo os estudantes, o uso de maconha às vezes se dá de forma recreativa, mas às vezes acontece como intervenção política. Em algumas oportunidades foi possível observar o debate entre os estudantes sobre legalização x criminalização da maconha.

Nossa entrada no C.A. como pesquisadores disparou alguns questionamentos entre os alunos, dentre os quais o que é o movimento estudantil. Alguns alunos manifestaram o desejo de que debatêssemos com eles a questão do movimento estudantil a fim de, nas palavras de um aluno, “conscientizá-los”. Observamos que dentre os alunos do C.A., alguns acreditavam numa perspectiva de “conscientização” dos indivíduos. Como se um “esclarecido” soubesse e fosse levar ao outro, que não sabe, seu conhecimento. O uso do termo “conscientização” evidencia que velhas práticas das esquerdas convivem com modos novos de organização. Práticas que separavam aqueles que sabem e aqueles que não sabem, que dissocia prática de teoria, que coloca em cena as noções de “vanguarda” e de “massas”. Uma prática que expressa a necessidade de um mediador, de uma mediação que lhe interprete ou lhe atribua sentido e significado.

Em duas oportunidades que tivemos para expor os objetivos da pesquisa em reuniões do C.A., os alunos se manifestaram interessados e disponíveis para as entrevistas. Essa receptividade dos estudantes em relação à pesquisa expôs uma demanda existente em relação a práticas de pesquisa que privilegiem movimentos sociais ou especificamente movimentos estudantis. De acordo com relato dos alunos, a pesquisa problematizou algumas questões importantes como: o que é movimento estudantil, o que é ser do C.A. e o que é fazer movimento estudantil?

Os estudantes e o povo nas ruas

Em algum momento, em alguma encruzilhada, em algum entrecruzamento de forças, de circunstâncias, as pessoas foram às ruas. Algo rizomático, não é possível determinar um fator unívoco, alguma determinação moral ou histórica, mas em algum processo que escapa e desvia, brotou, emergiu algo novo, algo que encanta, de rara beleza; o que produz um efeito de diferença, que nos desloca, que faz algo criar, emocionar, sorrir, gritar em todos os cantos.

Teimam os algozes do capitalismo dizer que tudo esta perdido. Teimam em nos homogeneizar, em dizer, por exemplo, que uma porta já foi aberta, que uma manifestação já foi feita, que uma acampada já foi realizada, que o coletivo faliu.

Se fossemos tais algozes moralistas, diríamos que essas práticas foram práticas reproduzidas, práticas viciadas, mera reprodução de outras práticas apenas por não lhe dizerem respeito, apenas por não lhe afetarem diretamente. Mas “e o que seria do eterno retorno, se esquecêssemos de que ele é vertiginoso, dotado de uma força capaz de selecionar, capaz de expulsar assim como de criar, de destruir assim com de produzir, e de não fazer retornar o MESMO em geral? (Deleuze, 2006, p. 32.” Acreditamos que as práticas são permeadas por invenções e repetições a todo tempo, entretanto, uma repetição nunca é mera repetição. Mesmo que uma prática nos afete com o que Spinoza (2010) chamaria de paixão alegre, que é essa paixão que nos leva a mover, que nos toma de assalto e nos impulsiona a ação, não poderíamos chamá-la de mera reprodução, de cópia.

No período em que acompanhamos o C.A., percebemos que um grupo de 30 a 50 estudantes forjavam uma rede de afetos. Observamos que hora ele esteve ocupado, ora esteve vazio, que ora nos convocou as atenções, ora esquecemos dele. Spinoza (2010) nos ajuda a pensar a respeito de afetações, de afetos que nos levam a ideias adequadas, de afetos que nos conduzem a ação. O afeto constituído na história de vida dos sujeitos, nas circunstâncias sociais, econômicas, pela lógica do imanente e do imprevisível, tona-se um instrumento condutor de ações.

Supomos que a abertura da porta do C.A. produziu esse efeito uma vez que, segundo relato dos participantes, a proposta foi uma decisão coletiva dos alunos. Essa abertura se construiu no processo de negociação e no diálogo (as vezes ausente) com a universidade. Quando os alunos sentiram que as negociações não avançavam, avaliaram que se fazia pertinente a abertura da porta por meio de seus próprios recursos.

O estatuto do C.A., anexo, há muito não é praticado. “O estatuto do C.A. já está ultrapassado, na verdade, ele precisa ser atualizado.” (fala de um aluno entrevistado) Expõe a necessidade de um estatuto que acompanhe a dinâmica das

práticas do C.A. Um estatuto como mandamento, lei ou prescrição sempre é desatualizado, sempre fica a um passo atrás do vivido, do real.

Colocar em questão velhas práticas dos movimentos estudantis, como a questão da direção eleita, pode se caracterizar como um processo instituinte. Podemos afirmar que quando os jovens do C.A. não praticam o prescrito no seu estatuto na realidade eles estão atentos à dimensão ontológica do presente, estão mais ocupados e pré-ocupados com as questões que lhe batem a porta do que em cumprir algo delimitado completamente deslocado do real.

A questão da redução do preço da passagem, recentemente levantada pelas manifestações sociais em todo Brasil, demonstra que mesmo uma bandeira antiga e um pouco desacreditada como essa, a partir de uma dinâmica social singular e única, de circunstâncias sociais e econômicas específicas, pode se tornar um potente catalisador, disparador e aglutinador de forças. Diria Deleuze (2006, p.21) que existe uma “impossibilidade de repetição, a mudança como condição geral a que a lei da natureza parece condenar todas as criaturas particulares”. As bandeiras históricas do movimento estudantil ganharam forte repercussão na mídia nacional nos últimos dias.

Algumas práticas convocaram outro *ethos-político*, outro *modo* de se relacionar com o político, outro *modo* de estabelecer a relação sujeito-política eram, por exemplo, as ações de formação nos espaços informais do C.A. Observamos que os jovens que de alguma forma participavam do C.A. o faziam também pela potência dos afetos e dos encontros, pela possibilidade de estar com o outro. O *Coletivo Planta* sintetizou parte do que dizemos. Ninguém participava por obrigação, e nem por isso, de acordo com os relatos, se sentiam desobrigados.

O *Coletivo Planta* se construiu no processo. Na medida em que as pessoas frequentavam seu espaço, o coletivo foi se forjando, tomando contornos. O C.A. também se apresentou assim. As pessoas compareciam em uma reunião, em outra não. O espaço do C.A. foi ocupado como lugar de passagem, lugar de formação, lugar de encontros. A prática militante não assume contornos de uma imposição moralista, se pratica por desejar, por se pautar por outros *ethos*. O sentido político tenta desviar de uma função moralizante, de uma imposição por um

outrem que dita seus dogmas, de uma vanguarda que impõem suas verdades, de uma causa externa inadequada. Spinoza (2006) afirma que quando praticamos algo, quando somos levados a agir (ou padecer) por uma causa que não faça sentido para nós, por alguma convicção que não a compreendemos, por algo que não está encarnado, encorpado, moralizamos. Essa é a diferença entre um ethos-político e outro, um se conduz pela lógica da ética, outro da moral, um é pelo desejo, o outro pela imposição, um é pela lógica da produção, o outro pela lógica da reprodução.

E aí temos nos protestos que assaltam o Brasil nesse mês de junho de 2013 conexões com o Occupy wall Street, o Zapatismo, as manifestações de dois e três de junho de 2011 no ES. São movimentos singulares, que tem um traço em comum – movimentos acêntricos, sem liderança definida, movimentos lateralizados, heterogêneos, específicos, composto por diversidades minoritárias, recusa das grandes instituições, do sistema financeiro atual, da política tradicional, rejeição ao sistema representativo e produção de uma dimensão política pública e coletiva. É um ethos que convoca a disposição ao encontro.

O C.A. se configurou como uma entidade lateralizada, composto por lideranças provisórias, um movimento disperso composto pela multiplicidade de agenciamentos. O C.A. como processo instituinte busca destituir velhas práticas ortodoxas de esquerda, destituir a representação e no lugar coloca a ação direta. O C.A., ao se configurar como um movimento que se dá no meio, no processo, em uma rede de afetações vibrações, pela alegria Spinozana, pelo prazer do encontro tem sido um movimento instituinte quando afirma uma política do cotidiano, das relações que estabelecemos quando nos encontramos.

De acordo com Dalmon, aluno do curso de psicologia

O C.A. de psicologia teve importante participação nos acontecimentos de junho, parte de manifestantes que saíram e foram às ruas na segunda feira, se encontraram aqui no C.A., teve umas três reuniões de coletivo aqui, do LGBT, de não sei mais quem, inclusive, foi construindo em meio a essas manifestações mais um coletivo, que procura aliar política a arte e foi aqui. Só que o C.A. contribuiu nas manifestações com questões mais específicas, não levamos grandes cartazes, estamos lá, por

exemplo, pela questão do ato médico, da cura gay, do passe livre, da luta antimanicomial. Não levávamos grandes bandeiras. Elas são importantes, mas não queríamos ir no oba-oba e empunha bandeiras que a direita poderia estar usando. Tinha gente ali do PSDB, tinha de tudo. (Informação verbal).

Para Dalmon, “O C.A. de psicologia é um centro gravitacional, várias pessoas procuram o C.A. e tem o C.A. com referência em movimento, falam: ‘pô esse C.A. é massa’.” Segundo seu relato, as mobilizações ocorreram em grande parte pelas redes sociais, com muitas entidades participando.

[...] não se pode dizer que aqui no ES teve alguma que puxou o movimento como em São Paulo, que foi o passe livre, mas elas ocorreram principalmente em apoio às manifestações sociais pelo país e é fruto de um processo, de um trabalho que já vem sendo desenvolvido a umas três gestões do C.A.

É suficiente analisarmos as reportagens do ano de 2011⁵⁶, ano em que começamos nossa pesquisa, para observarmos que as bandeiras empunhadas nesse movimento de junho já eram levantadas pelos manifestantes, incluindo, os estudantes do curso de psicologia, como a questão do passe livre e da corrupção de parte dos políticos brasileiros.

Entre as diversas práticas do C.A. destacamos aquelas que convocaram outra dimensão do *ethos-político*. Estamos nos referindo a uma conduta que não dissociava discurso de prática. Parte dos alunos que frequentam o C.A. procuram em suas práticas agir de acordo com princípios éticos, estéticos-políticos na direção da filosofia da diferença, o que significa produção da radicalidade do pensar-agir. Tais práticas foram observadas nos coletivos *SomosKorpos* e *Planta*. O primeiro procurava, através da filosofia e do ezquizodrama de Artaud e da sexualidade corpórea de Reich, entre outras influências teóricas, operar em seus modos de vida e expressão. O Segundo, a partir da filosofia de diferença e dos conceitos dos teóricos Maturana e Varela, produzir uma relação sustentável com o meio ambiente e uma produção de subjetivação outra que não a representativa, serializada e capitalística. Ao ocuparem o espaço do C.A. como ocupam, procuram fazer do cotidiano um potente instrumento de formação e politização. O C.A. é,

⁵⁶ Ver em Margens do rio que transbordam.

acima de tudo, um lugar de encontro, de formação de novos indivíduos, novos personagens políticos.

À medida que perseguem os lugares da política tradicional, convencional, aquela representativa, partidária, os estudantes de psicologia produzem novos sentidos, novos caminhos e olhares para essa dimensão ontológica do presente. O resgate da dimensão pública, de uma dimensão coletiva, da construção de relações lateralizadas, sem lideranças ou lideranças provisórias, ética, alegre. Outros personagens vão se fazendo, se criando, se produzindo. Um personagem político que indaga as instituições, o tradicional, o velho. Um personagem dinâmico, rizomático, que procura não se ater aos resultados, às formas, mas aos processos, aos caminhos. Um personagem que afirma todo o tempo que política se faz no cotidiano e independe de se querer ou não. Esses personagens que ali surgiam, emergiam, procuravam dar a mesma atenção para um jogo chamado “máfia” quanto para questão da luta antimanicomial, um personagem que procurou em suas práticas não herdar um conjunto de práticas falidas, tanto das esquerdas tradicionais quanto dos velhos sistemas políticos. Personagens que procuravam singularidades, especificidades, fugindo de universais e generalizações. Personagens de minorias, sem grande discursos, discursos pontuais e factuais.

Contudo, não podemos dizer que existe um único C.A. Nesse período em que ali estivemos não pudemos perceber que se tratava de uma única entidade, mas sim de muitas. Cada aluno que frequentou o C.A. compôs um C.A. de uma forma, de um modo, e foram muitos. E ao final de nossa jornada, destacamos apenas alguns pontos nessa rede a serem considerados.

Dentre suas práticas, também foi possível observar práticas endurecidas, práticas velhas, práticas esvaziadas. A dificuldade exposta pelo aluno José Anezio na tentativa de promover a discussão quanto à reformulação do estatuto, a fala da professora Ana Heckert de que os espaços tradicionais de representação estão esvaziados, a dificuldade de estabelecer um diálogo entre professores do curso de psicologia e C.A. em diferentes questões como a questão da segurança ou da porta, o número ainda reduzido de participantes efetivos do C.A. em relação à quantidade total de alunos do curso de psicologia, dentre outras práticas que nos foi possível observar, expõem o instituído que procura perseverar, a presença da

lógica da representatividade, a postura reativa, práticas viciadas e paixões tristes. Essas práticas evidenciam a imanência da vida que é constituída tanto por produção, quanto por reprodução, tanto por diferença e repetição, quanto por representação e invenção, tanto por autonomia e heteronomia, tanto por vertical quanto por lateral, tanto por um quanto por outro, confluência de um turbilhão de fatores ao mesmo tempo, etc. A vida vai se constituindo nesse emaranhado de devires e atravessamentos, nesse rizômático corpo que nos afeta e atravessa a todos nós. Evidenciam que não se tem garantia alguma e “tudo pode se tornar perigo,” que devemos permanecer atentos às nossas condutas, às nossas práticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o caminho trilhado, as naus navegadas, os peixes pescados e não pescados, sentimos que a questão posta sempre foi repensar o lugar do sujeito político, sempre foi repensar outros personagens...

A pesquisa procurou ser navegada pelo meio, foi algo que procurou radicalizar os conceitos da escola ezquizoanalítica, tentando operar com eles. Sem início, sem fim. Como se pudéssemos abrir uma página qualquer do texto sem que precisássemos ler algo antes ou ler algo depois, como se ao sortearmos uma página dos livros de Deleuze nos deparássemos com esse parágrafo:

Somos segmentarizados por todos os lados e em todas as direções. O homem é um animal segmentário. A segmentaridade pertence a todos os estratos que nos compõem. Habitar, circular, trabalhar. Brincar: o vivido é segmentarizado espacial e socialmente. A casa é segmentarizada conforme a destinação de seus cômodos; as ruas, conforme a ordem da cidade; a fábrica, conforme a natureza dos trabalhos e das operações. Somos segmentarizados *binariamente*, a partir de grandes oposições duais: as classes sociais, mas também os homens e mulheres, os adultos e crianças, etc. Somos segmentarizados *circularmente*, em círculos cada vez mais vastos, em discos ou coroas cada vez mais amplos, à maneira da 'carta' de Joyce: minhas ocupações, as ocupações do meu bairro, de minha cidade, de meu país, do mundo... Somos segmentarizados *linearmente*, numa linha reta, em linhas retas, onde cada segmento representa um episódio ou um 'processo' e já estamos começando outro, demandantes ou demandados para sempre, família, escola, exército, profissão, e a escola nos diz: 'você já não está mais em família', e o exército diz: 'você já não está mais na escola...' ora os diferentes segmentos remetem a diferentes indivíduos e grupos, ora é o mesmo indivíduo ou o mesmo grupo que passa de um segmento a outro. Mas sempre estas figuras de segmentaridade, a *binária*, a *circular*, a *linear*, são tomadas umas nas outras, e até passam umas nas outras, transformando-se de acordo com o ponto de vista (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 83-84).

Se pudéssemos, gostaríamos de colocar o livro inteiro, os livros meios em nossa escrita, em nossa dissertação, mas cabe o corte no tempo, o corte no espaço que limita o homem segmentado. Já não somos os de outrora, iniciando nossa pesquisa naqueles idos de 2011, mas também não deixamos de ser os mesmos. A

escrita cumpriu sua função de encarnar os conceitos aqui levantados. Talvez não tenhamos dado conta de tratar de tudo o que nos propusemos, mas não seria diferente, porque o inconcluso fica, o inconcluso é.

Passamos pelo personagem Pescador mineiro# que agora segue viagem a outros rumos, outras aldeias. Debruçamo-nos pelo C.A. em um intensivo período de mergulho em campo e vivência institucional, do qual concluímos que o tensionamento de forças está presente, que diferentes discursos institucionais atravessam concomitantemente os espaços da academia em um fervilhante jogo de forças e fluxos, que não se tem garantias que as práticas sejam inventivas ou autoritárias, dialogadas ou impositivas, autogestivas ou heterogestivas, lateralizadas ou verticalizadas, que o inimigo a ser combatido no capitalismo não se trata de uma pessoa ou um órgão específico, mas trata-se de práticas representativas que acionam os dispositivos do sistema de repressão, coibição, repetição, reprodução, de homogeneização e de naturalização do instituído. O inimigo a ser combatido, antes de tudo, são nossas práticas no cotidiano que são, acima de tudo, práticas políticas.

O C.A., ao se apresentar como se apresentou para nós, nos levou a pensar as reinvenções dos sujeitos políticos em curso atualmente. Possibilitou-nos perguntar onde estão nossos campos de batalha e, afinal, o que devemos combater.

Ao nos lançarmos nos movimentos estudantis brasileiros desmistificamos a ideia de que há uma linearidade no movimento e de que esse é homogêneo. Os movimentos estudantis foram muitos e serão muitos porque eles se constituem dos sujeitos políticos que o fazem, atravessados por contingências sociais, regionais, políticas, econômicas e históricas únicas, sendo impossível universalizá-los. E é impossível criar uma representação do estudante brasileiro porque ele é múltiplo, diverso e infinito.

O referencial teórico do movimento institucionalista foi nossos óculos de leitura dos processos vividos, o referencial teórico foi nosso instrumento de trabalho para realizar nossas análises.

Quanto aos movimentos sociais, como processo que se constitui, lançam algumas pistas: existe uma vasta produção teórica no Brasil ainda em crescimento e que existe tanta diversidade de olhares quanto estudos sobre os movimentos sociais. Aqueles movimentos sociais que nos chamaram a atenção apontavam para a possibilidade de se repensar a política, de se repensar os atores e personagens dos movimentos sociais e outras práticas inventivas que colocam as instituições em questão. Resgatavam, principalmente, a dimensão política do cotidiano, do sujeito político presente em nós e de personagens que reinventaram os lugares, destituíram o privado e reacenderam o público, o coletivo.

Mais do que qualquer intervenção feita no espaço do C.A., pela simples presença do pesquisador, essa pesquisa produziu um efeito devastador no pesquisador. Essa pesquisa produziu um *desfez o nó*, não um desfecho, mas um *desfez o nó*. Que *nós* são esses? É o nó que embrulha nossas práticas no cotidiano, o nó que separa os discursos da ação, a teoria da prática.

A questão que nos afetava, nos incomodava, era saber por que os movimentos sociais de esquerda diziam uma coisa e na prática efetivavam outra. Então, com o auxílio das ferramentas criadas como intercessores, passamos a sentir outra coisa, passamos a compreender que se tratava de uma falsa questão porque todo discurso se trata de uma prática. Os discursos que falam de uma igualdade, de uma relação igualitária, mas que não são efetivos, na verdade, são práticas perversas do capitalismo. São práticas que invertem a lógica da natureza e que naturalizam construções sociais e históricas da humanidade. São práticas que tomam o todo pela parte e que têm o efeito como causa. São práticas que privilegiam os resultados, as formas e não os processos, os caminhos. Dizer, sentir e viver são a mesma coisa e mais importante que o conteúdo é a relação que se tem com ele.

Do que adianta falar em coletividade se não se pratica o coletivo? Em heterogenia, se homogeneizamos? Em respeito às diferenças, se somos intransigentes com o outro? Em mudarmos a sociedade, se não se muda a si próprio e a relação que se tem com o mundo? Ao final de uma longa jornada, realizamos conclusões simples, mas que fazem toda diferença.

Concluimos que não existe bem ou mal, prático ou teórico, certo ou errado definidos, definitivos. Esses paradoxos em todos os lugares, em qualquer parte, em qualquer lugar, estão misturados, confusos, colados, caóticos, não se tem garantias. Nenhuma prática tem salvo conduto de ser boa ou má em si, nossas práticas estão condicionadas pela relação que se estabelece nas circunstâncias. Somente se pode olhar atento ao presente, ao que se faz. Não se tem garantias. É o efeito que a prática produz que vai nos dizer o que ela é ou deixou de ser. Por uma ética, por um exercício contínuo, por uma atenção ao que Foucault chamou de Ontologia do Presente. Por um *ethos-político* que nos convoque a refletir sobre o que estamos fazendo de nós.

No eterno retorno, que Nietzsche já apontou há muitos anos atrás, fica assim:

Que coisa ruim! Sempre a mesma história! Quando se acaba de construir a casa nota-se que ao construí-la, sem perceber, se aprendeu algo que simplesmente se *devia* saber bem antes de começar a construir. O eterno e maçante “tarde demais!” A melancolia de tudo que se *termina*... (NIETZSCHE, 2011, *grifos do autor*. p.202).

Rede que pesca rede que nos pesca rede que nos inventa rede de amores

E novamente o pescador sentiu o tremular de suas redes. Sentiu que o movimento da rede mais parecia uma composição de balé. Ela ia, ela vinha, ela desviava, reinventava, desvirtualizava, surpreendia, lhe deixava completamente fascinado e hipnotizado com seus movimentos. Em sua aldeia no fim do mundo, no entre mundos, na divisa do não vivido do não esperado, da pulga antimatéria, do seu desejo de poesia se tomou, se acoplou. Acoplamento de realidades. Afetação, vibração, desejos. O mar se rebelou, a mar se revoltou. O gigante vibrou.

Começa com um não. Começa com uma pequena recusa, com um pescador que não quer mais pescar. De repente, o peixe, um golfinho, um peixe louco, um peixe imenso, que não cabia em seu coração, explodiu. O mar agitado virou seu barco, fez dele gato e sapato. Nele foi encontrado de tudo. Escapou pela tangente. Tentaram colocar seus tentáculos sobre ele, capturá-lo,

capitulá-lo. Não tinham vozes, não tinham ecos. Poderíamos dizer que a chuva lhe trouxe esperança. “ah, como é gostoso meu tupiniqués, meu inventés,” que rede desejante, poderosa e imperiosa. Um turbilhão de amores, de paixões, de sonhos. Mesmo que não estivesse escrito, “realizemos o impossível”, ele havia sido feito. Contra todos os tubarões dos grandes mares, pequenos peixes. As trombetas tocaram nas nuvens, anunciavam novos tempos. Um arco-íris de cores mil, gritavam, rebelavam e de tudo tinha. Poderíamos querer não querer, poderíamos tentar nomeá-lo, mas que graça teria? Que beleza haveria de ter? Sonho é pra ser sonhado, não interpretado. Ah, doce esquizofrenia desviante, outra in-lógica. Metáfora, metonímia, significante deslizante. Tsunami de acontecimentos, explosão, deflagração de maremotos. “O bater de uma asa de borboletas do outro lado do oceano pode causar uma tsunami.” E quando milhões de asas de borboletas batem?

O pescador foi uma grande invenção. Ele nunca existiu. Só existiu a rede, que em alguns pontos de encontros lançou, esboçou algumas *imagens-pensamento*. Só existiu ação, verbo no infinitivo.

O mar estava para peixe, que pesca inesperada! Peixe não queria ser mais peixe, pescador não queria mais ser pescador, que tal se inverter os lugares de tal modo que não se saiba mais.

Uma era da velocidade, do instantâneo, sem moralismos, sem grandes profecias, mas de alguns profetas, sem líderes. O humano de hoje, não é humano de ontem, vamos ficando para trás, podemos “botar pra ferver”, mas não é nesse tempo que estamos mais. Saber lidar e dar com a diferença. Saber e dar com surpresas, com quebras de ritmos, de paradoxos, de dogmas. Com a invenção de outros dogmas, outros paradoxos, com outros ritmos. Humano, desumano, mundano, demasiado. Muitas profanações estão por vir, é melhor saber e dar com elas. O conservador está aí, mas... Não se quer mais que alguém fale por ele. Não se quer mediação, o lobo cresceu. Mas, até mesmo a representação se reinventa. O capitalismo está criando seu fim, talvez não sejamos nós que vejamos sua derrocada, mas ele está criando seu fim. As máquinas de guerra estão a todo vapor. O humano como

conhecemos, mudou. Diria Heráclito: ninguém se banha no mesmo rio duas vezes. Não existe um mesmo pescador, não existe uma mesma pesca, não existe um mesmo mar. As políticas estão sendo constituídas por nós, praticadas por nós, construídas por nós. Os rumos dos movimentos dependem de nós, mesmo que, mas dependem de nós. Os personagens são outros, práticas velhas, práticas novas, são tempos de produção. São tempos do exagero, do que transborda, de reinvenção e muita reprodução. São tempos de possibilidades, são tempos de outros lugares. Hiperatividade, excesso de atenção, excesso de dispersão, são tempos de estarmos atentos ao presente.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEM, G. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ALBUQUERQUE, J. A. G. **Movimento estudantil e consciência social na América Latina: teoria e método sociológico**. Paz e Terra, 1977.
- ALVES, G. In: [HARVEY, D. ... et al.] **Ocuppy** – movimentos de protestos que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo: carta maior, 2012.
- ALTOÉ, S. **René Lourau analista institucional em tempo integral** (org.). Hucitec, São Paulo, 2004.
- ARAÚJO, M. P. N. **A Utopia fragmentada. Novas esquerdas no Brasil e no mundo a década de 1970**. Rio de Janeiro: FGV. 2000.
- _____. **Memórias estudantis 1937-2007: da fundação da UNE aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Roberto Marinho, 2007.
- BARROS, M. E. B de. **A transformação do cotidiano: vias de formação do educador: a experiência da administração de Vitória/ (ES) (1989-1992)**. Vitória:
- BORTOT, I. J.; GUIMARAENS, R. **Abaixo a repressão!:** movimento estudantil e as liberdades democráticas. Porto Alegre: Libretos, 2008.
- BONALDI, C. M. **Cachaça, suores, amores: deuses que dançam e processos de formação em saúde**. Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Tese de doutorado. 2010.
- CALIARI, H. F. **Um ensaio sobre a participação política da juventude brasileira**. Dissertação de Mestrado – Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.
- CANCIAN, R. **Movimento Estudantil e repressão política**. O ato Público na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1977) e o destino de uma geração de estudantes. São Carlos: EduFSCar, 2010.
- CARNEIRO, H. S. Apresentação-Rebeliões e ocupações de 2011. In: Harvey et al. **Ocuppy: Movimentos de protesto que ocuparam as ruas**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- CARNEIRO, M. P. **Juventude e movimento estudantil: o trabalho precário dos estudantes-bolsitas da UFES**. Centro de ciências jurídicas e econômicas. Universidade Federal do Espírito Santo. Dissertação de mestrado. 2011.
- CARVALHO, I. C. M: Educação ambiental e movimentos sociais: elementos para uma história política do campo ambiental. Em **Educação: Teoria e Prática** - vol. 9, nº 16 e 17, p. 46-56, 2001.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. 4ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2009.

CAVALARI, R. M. F. **Os limites do movimento estudantil (1964-1980)**. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas: Campinas: 1987.

COIMBRA, C. M. B; NASCIMENTO, M, L. Sobreimplicação: práticas de esvaziamento político? In: Nascimento, M, L. Arantes, E; Fonseca, T. G. (orgs). **Práticas psi: inventando a vida**, (p. 27-36) Niterói: EDUFF, 2007.

COIMBRA, C. M. B; LEITÃO, M. B. S. Fluxos de utopia ativa: movimento zapatista, direitos humanos e psicologia. In: MOURÃO, J. C. (org.) **CLÍNICA E POLÍTICA 2**. Subjetividade, direitos humanos e invenção de práticas clínicas. Rio de Janeiro. Ed. Abaguar. Grupo Tortura Nunca Mais. 2009.

CHRISPINIANO, Jose. **A guerrilha Surreal**. São Paulo. Ed Conrad. 2002

CRUZ, P. & MONTEIRO, L. (Orgs). **Anuário Brasileiro da educação Básica**. Ed Moderna. São Paulo, SP. 2012. Disponível em: <http://www.moderna.com.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId=8A8A8A83376FC2C9013776334AAE47F0>

DAVIS, M. In: [HARVEY, D ... et al.] **Ocuppy** – movimentos de protestos que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo: carta maior, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, F. Conversações. São Paulo: Editora 34, 1992. **Coleção Trans**, 1992.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**, vol.3. Rio de Janeiro: Ed.34, 1996.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** 2ed. Rio de Janeiro: Ed.34, 1997.

DELEUZE, G. **Espinosa: Filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. São Paulo. Ed. Paz e Terra. 2006.

DELEUZE, G. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organizado e traduzido por Roberto Machado Rio de Janeiro: 23ª ed. Edições Graal, 2007.

FÁVERO, M de. L. **A UNE em tempos de autoritarismo**. Rio de Janeiro: EdUFRJ. 1995.

FERREIRA, A. B. de H. **Mini Aurélio Século XXI Escolar**: o mini dicionário da língua portuguesa. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, M. S. **Benjamim e a questão das narratividades**. Obra não publicada. 2011.

FORACCHI, M. M. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1977.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organizado e traduzido por Roberto Machado Rio de Janeiro: 23ª ed. Edições Graal, 2007.

FREITAS, A. Arte e movimento estudantil: análise de uma obra de Antonio Manuel. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 25, n. 49, Jan. 2005.

GIDDENS, A. **Para além da esquerda e da direita o futuro da política radical**. São Paulo: UNESP, 1996.

GOHN, M. G. **Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003a.

_____. **História dos movimentos e lutas sociais**. A construção da cidadania dos brasileiros. 3ª Ed. Loyola. São Paulo. 2003b.

_____. **Teoria dos Movimentos sociais**. Paradigmas Clássicos e contemporâneos. 7ª Ed. São Paulo: Loyola. 2008.

GOSS, K. P; PRUDENCIO, K. O conceito dos movimentos sociais revisitado. **Em Tese**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2, nº1, p. 75-91. 2004.

GUILHON ALBUQUERQUE, J. A. **Movimento estudantil e consciência social na América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papyrus, 20ªed. 2009.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. 7ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

HARVEY, D. et al. **Occupy** – movimentos de protestos que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo: carta maior, 2012.

HECKERT, A. L. C. **Narrativas de resistências: Educação e Políticas**. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal Fluminense. Tese de Doutorado. 2004.

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo: Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

KLEIN, Naomi. **Sem Logo: A tirania das marcas de um planeta vendido**. Rio de Janeiro. Ed. Record. 2002.

LOURAU, R. René Lourau na UERJ: **Análise Institucional e práticas de pesquisa**. RJ: UERJ, 1993.

LOURAU, R. In: ALTOÉ, Sônia. **René Lourau: analista institucional em tempo integral**. São Paulo: Hucitec, 2004.

KASTRUP, V. **A invenção de si e do mundo: Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Sílvia; PASSOS, Eduardo. **Políticas da cognição**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2008.

LUDD, Ned. **Urgência das ruas: Black Block, Reclaim the Street e os Dias de Ação Global**. São Paulo. Ed. Conrad. 2002.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo. Ed. Martin Claret. 1999.

NIETZSCHE, F. **Para além do Bem e do Mal**. Prelúdio a uma Filosofia do Futuro. São Paulo. Ed. Martin Claret. 2011.

MACHADO, L. D.; LAVRADOR, M. C. C. As políticas que incidem sobre a vida. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 10, n. 1, 2010.

MARTINS FILHO, J. R. **Movimento estudantil e ditadura militar (1964-1968)**. Campinas: Papirus, 1987.

MARTINS FILHO, J. R. **A rebelião estudantil. México. França. Brasil**. Campinas. São Paulo: Mercado das Letras, 1996.

MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**. Campinas: Editorial Psy, 1995.

MELUCCI, A. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas**; Petrópolis, RJ. Vozes, 2001.

MINAYO, M. C. de S. **O Desafio do Conhecimento - Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 10ª ed. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 2007.

PASSETTI, Edson. **Anarquismos e sociedade de controle**. São Paulo, Ed. Cortez. 2003.

PASSOS, Eduardo; BARROS, M. E. B. de. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2012.

POERNER, A. J. **O poder jovem: história da participação dos estudantes brasileiros**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

REIS FILHO, D. A.; SÁ, J. F. de. **Imagens da revolução: documentos políticos das organizações clandestinas de esquerda dos anos 1961-1971**. 2ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

RIDENTI, M. **O fantasma da revolução brasileira**. São Paulo: UNESP, 1993.

RODRIGUES, H. C. B. "Sejamos realistas tentemos o impossível" - desencaminhando a Psicologia através da Análise Institucional. Em **História da psicologia: rumos e percursos**. 2ed. JACÓ-VILELA, A. M; FERREIRA, A. A. L; PORTUGAL, F. T. (orgs). Rio de Janeiro: Nau, 2010.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: estação liberdade, 1989.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-1980. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SADER, Emir. **Movimentos sociais na transição democrática**. (org.). São Paulo: Cortez, 1987.

SADER, Emir. Crise hegemônica na América Latina. Revista **Em Pauta**. Faculdade de Serviço Social do Estado do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Editora Revan, n. 19, p. 15-26, 2007.

SHERER-WARREN, I. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. Revista **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, 2006, p. 109-130.

SOARES, G. A. D. Ideologia e participação política estudantil. In: BRITO, S de. (Org.). **Sociologia da Juventude**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1968. V.1.

SPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte. Autêntica Editora. 3ed. 2010.

TORRAINE, A. Na fronteira dos movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, Dossiê Movimentos Sociais, Brasília, 2006, v. 21, n. 1, p. 17-28.

VEYNE, P. **Como se escreve a história**. trad. de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: Editora da UNB, 1998.

MARGENS DO RIO QUE TRANSBORDAM***Vaca Profana***

Derrama o leite bom na minha cara
E o leite mau na cara dos caretas

Quero teu leite todo em minha alma
Nada de leite mau para os caretas

Gotas de leite bom na minha cara
Chuva do mesmo bom sobre os caretas...

(Caetano Veloso)

MARGENS I - HINO DA UNE

(composição de Vinicius de Moraes e Carlos Lyra)

União Nacional dos Estudantes
Mocidade brasileira
Nosso hino é nossa bandeira

De pé a jovem guarda
A classe estudantil
Sempre na vanguarda
Trabalha pelo Brasil

A nossa mensagem de coragem
É que traz um canto de esperança
Num Brasil em paz

A UNE reúne futuro e tradição
A UNE, a UNE, a UNE é união
A UNE, a UNE, a UNE somos nós
A UNE, a UNE, a UNE é nossa voz

MARGENS II - ESTATUTO DO CENTRO ACADÊMICO LIVRE DE PSICOLOGIA DA UFES

CAPÍTULO I

DA DENOMINAÇÃO E SEDE

Art. 1º – O Centro Acadêmico Livre de Psicologia “Maria Clara da Silva”, também designado pela sigla **CALPSI – UFES**, é uma entidade de representação de todos os estudantes presenciais do curso de psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, de direito privado, sem fins lucrativos, sem filiação político-partidária, livre e independente de órgãos públicos e governamentais, com prazo de duração indeterminado. Está situado no CEMUNI VI, no Campus Universitário Almor de Queiroz Araújo, na Avenida Fernando Ferrari, 512 – Goiabeiras, Vitória/ES CEP 29075-910.

CAPÍTULO II

DOS FINS

Art. 2º – São finalidades do CALPSI – UFES:

- a) Representar o corpo discente e seus interesses em todas as instâncias judiciais e administrativas;
- b) Eleger Representantes Acadêmicos que deverão representar os estudantes de Psicologia da UFES em reuniões do Departamento de Psicologia, do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento, do Núcleo de Psicologia Aplicada, do Colegiado de Psicologia, da Câmara Departamental e de quaisquer outros órgãos nos quais tenha direito.
- c) Promover a aproximação e integração dos corpos docentes, discentes e administrativos;
- d) Promover e incentivar intercâmbios e colaborações dos estudantes do curso de Psicologia da UFES com os demais universitários e entidades do mesmo gênero;
- e) Preservar a independência dos estudantes do curso de Psicologia colocando os interesses da coletividade acima dos interesses pessoais;
- f) Fomentar o desenvolvimento cultural, social e acadêmico dos estudantes do curso de Psicologia da UFES;
- g) Lutar pela elevação do nível de qualidade do ensino público, pelo incentivo à pesquisa e à extensão universitária, com o fim de incrementar o interesse pelo desenvolvimento da psicologia;
- h) Apoiar os movimentos ou entidades cujos fins sejam paralelos ou coincidentes aos interesses desse centro acadêmico;
- i) Ser um meio de comunicação e discussão a respeito das atividades e decisões da psicologia além do ambiente universitário, permitindo a integração dos estudantes com temas contemporâneos relacionados, de alguma forma, à psicologia e à atividade do psicólogo;

CAPÍTULO III DO PATRIMÔNIO

Art. 3º – Constituem patrimônio do CALPSI:

- a) Seus bens imóveis;
- b) Os bens e direitos que forem adquiridos e as rendas produzidas pelos mesmos;
- c) Os bens e direitos que lhe forem doados ou legados;
- d) Os saldos dos exercícios financeiros.

Art. 4º – Os recursos financeiros do CALPSI serão provenientes de:

- a) Doações voluntárias;
- b) Subvenções de qualquer natureza;
- c) Rendas de aplicações de bens ou valores patrimoniais;
- d) Rendas eventuais;

Parágrafo Único - Todo movimento de receita e despesa será lançado em livro apropriado, devidamente comprovado por documentos hábeis. A prestação de contas de cada movimentação se fará nas Reuniões, e a de todo o ano, na Assembléia de Prestação de Contas Anual Ordinária.

Art. 5º – O CALPSI – UFES não distribui aos associados qualquer parcela de seu patrimônio ou de suas rendas, a qualquer tipo, e aplica integralmente, no País, os seus recursos, na manutenção de seus objetivos institucionais.

Art. 6º – O CALPSI – UFES poderá reembolsar as despesas previamente autorizadas, desde que haja comprovação de sua efetiva realização em proveito da Entidade. Todos os reembolsos serão objeto de prestação de contas.

Art. 7º – O patrimônio do CALPSI – UFES, deve ser preservado por todos que dele usufruem ou não. Quaisquer danos causados contra o mesmo serão de responsabilidade dos infratores. Estes estarão sujeitos às providências cabíveis.

Art. 8º – O uso que os estudantes de psicologia da UFES fazem do espaço no qual está sediado o CALPSI – UFES não se subordina às deliberações de quaisquer outras instâncias da Universidade, a não ser às próprias Reuniões do CALPSI - UFES.

Art. 9º – Os estudantes regularmente matriculados no curso de psicologia da UFES têm acesso livre e responsável ao CALPSI – UFES. Não-estudantes de Psicologia só poderão fazer uso do espaço se acompanhados de um estudante de psicologia da UFES.

Art. 10º – Apenas estudantes regularmente matriculados no curso de psicologia da UFES têm direito a posse da chave do CALPSI – UFES e devem ser responsáveis pela mesma, não devendo emprestá-la a não-estudantes do curso. Aqueles que possuem chave, deverão devolvê-la quando se desligarem do curso.

Art. 11º – Cada turma terá um aluno Chaveiro, designado em reunião do CALPSI - UFES, que fica incumbido de registrar os alunos de sua turma que têm a chave. Todo aluno que quiser uma cópia da chave do CALPSI - UFES deverá procurar o Chaveiro de sua turma para pedir a cópia, custeada pelo pretendente a possuidor da chave.

CAPÍTULO IV

DOS INTEGRANTES

Art. 12º – Os estudantes de Psicologia se classificam no CALPSI – UFES, segundo o vigente Estatuto, em: Membro, Diretor, Coordenador, Representante Acadêmico e Representante Legal.

Parágrafo único - Os títulos de Diretor, Coordenador, Representante Acadêmico e Representante Legal serão, em conjunto, referidos, segundo o vigente Estatuto, como Cargos.

SEÇÃO I

DOS MEMBROS

Art. 13º – São Membros do CALPSI – UFES todos os alunos presenciais regularmente matriculados nos cursos de graduação e pós-graduação de Psicologia – UFES.

Art. 14º – São direitos dos membros do CALPSI – UFES:

- a) Ter acesso às dependências do CALPSI – UFES e a seus documentos;
- b) Participar das Reuniões do CALPSI – UFES, onde poderá fazer uso da palavra e propor pontos de pauta;
- c) Participar das Assembléias Gerais, com direito a voz e voto;
- d) Solicitar ou convocar Assembléias Gerais, conforme descrito no Art. 46º;
- e) Adquirir para si Cargos do CALPSI – UFES, através das vias de aquisição de tais Cargos descritas neste estatuto.

Art. 15º – São deveres de todos os Membros do CALPSI – UFES:

- a) Respeitar e agir em favor das deliberações das instâncias deliberativas dos estudantes;
- b) Respeitar e agir em favor das determinações do presente Estatuto;
- c) Zelar pelo patrimônio do CALPSI – UFES e, ao fazer uso do mesmo, sempre visar a coletividade.

Art. 16º – É vedado a todos os Membros:

- a) Utilizar o nome do CALPSI – UFES em benefício próprio ou de terceiros, sem que haja interesse do coletivo em tal benefício;
- b) Utilizar qualquer meio ou artifício para prejudicar a entidade ou frustrar os objetivos desta.
- c) Assumir posição ou atitude individual em nome do CALPSI – UFES, sem a devida discussão e aprovação em Reunião ou em Assembléia Geral, excetuando-se os casos: em que não for possível, devido a condições de tempo, convocar uma Reunião ou Assembléia Geral; em que julgue estar agilizando a resolução das tarefas do CALPSI – UFES; e em que a

decisão não esteja indo contra as determinações deste Estatuto.

Art. 17º – Os Membros que executarem ações referidas, no Art. 16º deste estatuto, como vedadas a todos os Membros do CALPSI - UFES, serão alvo de sanções tais como:

- α) Ser afastado ou perder os Cargos que esteja ocupando no CALPSI - UFES, caso ocupe algum;
- β) Ser desmentido por escrito, em documento redigido pelos diretores do CALPSI – UFES;
- γ) Ter que se retratar publicamente pelo constrangimento causado ao coletivo;
- δ) Ser interditado para elegibilidade, por prazo considerado pertinente pelo coletivo;
- ε) Outras medidas, consideradas pertinentes pelo coletivo.

Parágrafo Único – Tais medidas serão decididas em Reunião, com direito a defesa do Membro acusado. Os Membros que executarem ações que estão inclusas como exceções no item c) do Art. 16º deste estatuto devem estar cientes de que podem ser alvo das mesmas sanções acima referidas.

Art. 18º – São considerados Membros Elegíveis, todos os Membros do CALPSI – UFES não interditados, no momento presente, por deliberação de Reunião ou Assembléia Geral, para elegibilidade.

Art. 19º – Os Membros do CALPSI – UFES não respondem, sequer subsidiariamente, pelas obrigações contraídas pela entidade, salvo comprovação de má-fé ou abuso de poder.

Art. 20º – O CALPSI – UFES pode não se responsabilizar por obrigações contraídas por estudantes ou grupos, em regime orgânico ou não, se, em Reunião ou Assembléia Geral for deliberado que a obrigação contraída não está de acordo com os fins e propósitos da Entidade.

SEÇÃO II

DOS CARGOS

Art. 21º – Os Cargos do CALPSI – UFES que podem ser ocupados por seus Membros são os de:

- a) Diretor;
- b) Coordenador;
- c) Representante Acadêmico;
- d) Representante Legal.

Art. 22º – Todos os Cargos devem ser ocupados por Membros do CALPSI – UFES. Assim sendo, todos os direitos e deveres dos Membros do CALPSI – UFES estão automaticamente inclusos nos direitos e deveres dos ocupantes dos Cargos. Da mesma forma, todos ocupantes de Cargos do CALPSI - UFES estão subordinados às mesmas restrições, dirigidas aos Membros no Art. 16º deste estatuto, excetuando-se casos que firam seus direitos e deveres como ocupantes de um Cargo.

Art. 23º – Nenhum Cargo do CALPSI – UFES será remunerado.

DOS DIRETORES

Art. 24º – Serão considerados Diretores do CALPSI – UFES, os Membros que registrarem presença em 3 (três) Reuniões consecutivas. Na Reunião em que ocorrer o seu terceiro registro consecutivo de presença, o Membro já pode exercer seus direitos, e deve cumprir seus deveres de Diretor.

Art. 25º – Cabe aos Diretores do CALPSI – UFES convocar Reuniões periódicas e conduzi-las, de forma a garantir deliberações que atendam aos interesses da coletividade.

Art. 26º – Apenas os Diretores do CALPSI – UFES têm direito a voto nas Reuniões.

Art. 27º – Serão desligados do Cargo de Diretor aqueles que não registrarem presença em 3 Reuniões consecutivas, assim como os que abdicarem por vontade própria e comunicada.

Art. 28º – Os Membros presentes na assembléia de aprovação do presente estatuto tornar-se-ão automaticamente Diretores do CALPSI - UFES, e deverão divulgar o início das atividades e convidar os Estudantes para participarem das Reuniões subseqüentes, esclarecendo-os da possibilidade de se tornarem Diretores.

DOS COORDENADORES

Art. 29º – Serão considerados Coordenadores do CALPSI - UFES os Membros Elegíveis que forem eleitos:

- a) Em Assembléia Eletiva, convocada por comissão eleitoral formada em Assembléia de Prestação de Contas;
- b) Em assembléia Eletiva Extraordinária, convocada por Reunião;
- c) Em Reunião, nos casos excepcionais descritos no Art. 35º deste estatuto.

Art. 30º – O Coordenador cumpre um mandato com duração máxima de 1 (um) ano. É permitido ao Coordenador:

- a) Se reeleger – sem número máximo de mandatos que um Membro Elegível possa cumprir;
- b) Ocupar o cargo de Coordenador em uma ou duas coordenadorias;
- c) Ocupar o cargo de Coordenador em mais de duas coordenadorias, quando o número de Membros Elegíveis dispostos a ocupar os cargos de Coordenadores for insuficiente para atender o número mínimo de coordenadores por coordenadoria.

Art. 31º – É dever do Coordenador do CALPSI – UFES garantir que as determinações da coordenadoria ou das coordenadorias em que ocupa Cargo

sejam respeitadas e viabilizadas, e que as ações destas coordenadorias sejam regidas pelas deliberações oriundas de Reunião e de Assembléia Geral.

Art. 32º – Todo Coordenador, a partir do início de seu mandato, se torna também Diretor, tendo entre seus direitos e deveres, os de um Diretor. A nomeação de um Coordenador como Diretor, no início de seu mandato, independe do registro de três presenças consecutivas em Reunião do CALPSI – UFES. Podem perder o Cargo de Diretor, os Coordenadores que faltarem a 3 (três) Reuniões consecutivas, sem justificativa.

Art. 33º – Serão desligados do cargo de Coordenador aqueles que:

- a) Abdicarem do cargo
- b) Forem destituídos do cargo através de deliberação oriunda de Reunião ou de Assembléia Geral, caso se julgue não estar cumprindo com suas designações.

Parágrafo único – Em caso de solicitação de destituição de um Coordenador, em Reunião ou Assembléia Geral, o mesmo tem direito a justificativa, antes da votação, se estiver presente na Reunião ou Assembléia Geral em que a votação ocorrer.

Art. 34º – Quando, por desistência ou destituição de coordenador, ou outro motivo, a Reunião julgar necessária a ocupação de um ou mais cargos, em uma ou mais coordenadorias, ela convocará Assembléia Eletiva Extraordinária. Esta Assembléia deve ocorrer 2 (dois) meses após sua convocação. Toda desistência, destituição, ou outra demanda de ocupação de cargo em Coordenadoria, surgida neste intervalo, passa a ser automaticamente ponto de pauta da Assembléia convocada.

Art. 35º – Toda substituição de cargo de Coordenador gerada por desistência ou destituição que venha a ferir o número mínimo de Coordenadores exigido para uma determinada Coordenadoria, pode ser deliberada em Reunião, sem necessidade de convocação de Assembléia Eletiva.

Parágrafo Primeiro – Quando a desistência ou destituição não fere o número mínimo de Coordenadores exigido para a Coordenadoria em questão, a escolha do novo Coordenador não pode ocorrer em Reunião, devendo dar-se, obrigatoriamente, em Assembléia Eletiva.

Parágrafo Segundo – O número mínimo de Coordenadores estipulado para cada Coordenadoria não pode ser violado em hipótese alguma, exceto no caso de não haverem Membros Elegíveis o suficiente, dispostos a ocupar os cargos da Coordenadoria em questão.

DOS REPRESENTANTES ACADÊMICOS

Art. 36º – São Representantes Acadêmicos, Titulares ou Suplentes, do curso de Psicologia da UFES, os Membros eleitos em Reunião ou Assembléia Geral, para representar o corpo discente do curso de Psicologia da UFES nas instâncias deliberativas da Universidade em que tal corpo discente tenha direito a representação.

Art. 37º – O Representante Acadêmico cumpre um mandato com duração máxima de 6 (seis) meses, sendo permitida a reeleição, sem número máximo de mandatos.

Art. 38º – É dever do Representante Acadêmico ser porta-voz dos anseios e das deliberações da coletividade, nas reuniões da entidade (Departamento de Psicologia, Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento, Núcleo de Psicologia Aplicada, Colegiado de Psicologia, Câmara Departamental e quaisquer outras entidades nas quais o CALPSI – UFES tenha direito a representação) para a qual ele foi designado.

Art. 39º – O Representante Acadêmico pode ocupar o cargo em apenas uma entidade na qual o CALPSI – UFES tenha direito à representação.

Parágrafo Único – O Representante Acadêmico pode se candidatar e ocupar mais de um cargo de representação apenas no caso de não haver nenhum outro Membro interessado em ocupar o Cargo.

Art. 40º – O Representante Acadêmico deve trazer à Reunião ou à Assembléia Geral:

- a) Os pontos de pauta a serem discutidos na entidade em que ele Representa o CALPSI – UFES, para que o coletivo discuta e delibere, dando fundamento às ações do Representante Acadêmico;
- b) Os informes, as deliberações e as demandas advindas da reunião da entidade em que ele Representa o CALPSI – UFES.

Art. 41º – Serão desligados do cargo de Representante Acadêmico aqueles que:

- a) Abdicarem do cargo
- b) Forem destituídos do cargo através de deliberação oriunda de Reunião ou de Assembléia Geral, caso se julgue não estar cumprindo com suas designações.
- c) Faltarem, consecutivamente, a 2 (duas) convocações da entidade em que representam o CALPSI - UFES, sem justificativa.

Parágrafo Único – O Representante Acadêmico cuja destituição for votada em Reunião ou Assembléia Geral tem direito a defesa antes da votação, se estiver presente.

DOS REPRESENTANTES LEGAIS

Art. 42º – Os Representantes Legais são os Diretores do CALPSI – UFES eleitos, em Reunião ou Assembléia Geral, para assinar e responder em nome do CALPSI – UFES, quando lhe for exigido o nome de um Presidente Geral, Diretor Geral, Coordenador Geral, ou afim.

Art. 43º – Os direitos e deveres dos Representantes Legais são os mesmos de todos os Diretores do CALPSI – UFES. Os Representantes Legais que perderem o cargo de Diretor, devem ser substituídos por outro Diretor, através de votação ocorrida em Reunião ou Assembléia Geral.

Parágrafo Único – Qualquer Diretor do CALPSI, sem restrição alguma, pode se tornar Representante Legal.

CAPÍTULO VI

DO FUNCIONAMENTO DA ENTIDADE

Art. 44º – O CALPSI – UFES possui as seguintes instâncias deliberativas instituídas:

- a) Assembléias Gerais;
- b) Reuniões;
- c) Coordenadorias;
- d) Comissões Provisórias.

SEÇÃO I

DA ASSEMBLÉIA GERAL

Art. 45º – A Assembléia Geral é a instância máxima de deliberação do CALPSI - UFES, sendo composta por todos os membros desta entidade, com direito a voz e voto.

Art. 46º – As Assembléias Gerais do CALPSI – UFES se classificam em: Assembléia Eletiva Ordinária Anual; Assembléia Eletiva Extraordinária; Assembléia de Prestação de Contas Ordinária Anual; Assembléia Estatutária Extraordinária; Assembléia Extraordinária.

- a) Assembléia Eletiva Ordinária Anual – Ocorre no início do primeiro semestre letivo de cada ano. É convocada pela Reunião e organizada por comissão eleitoral formada na Assembléia de Prestação de Contas Ordinária Anual do ano anterior. Nela acontecerá eleição, por urna, dos coordenadores do CALPSI – UFES para o ano em que ocorre a Assembléia.
- b) Assembléia Eletiva Extraordinária – Convocada pela Reunião, para substituição de coordenadores destituídos ou desistentes de seus cargos. Ocorre obrigatoriamente com o prazo mínimo de dois meses após sua convocação. A substituição de qualquer coordenador destituído ou desistente no prazo entre a convocação e a Assembléia convocada, automaticamente torna-se ponto de pauta da Assembléia convocada.
- c) Assembléia de Prestação de Contas Ordinária Anual – Ocorre no final do segundo semestre letivo de cada ano. Convocada pela Reunião para prestação de contas do trabalho das coordenadorias, balanço financeiro, balanço do trabalho do CALPSI – UFES no ano vigente, planejamento das ações do CALPSI – UFES no ano seguinte e formação da comissão eleitoral para o ano seguinte.
- d) Assembléia Estatutária Extraordinária – Solicitada por qualquer membro que julgue ser necessária alteração no estatuto. A solicitação passará por apreciação da Reunião que, em caso de aprovação, convocará a Assembléia e formará uma comissão estatutária provisória. Esta comissão deve formular a proposta de alteração estatutária a ser apresentada à

Assembléia, e organizar a Assembléia.

- e) Assembléia Extraordinária – Pode ser convocada por qualquer Membro, sem necessidade de aprovação prévia em Reunião e com quaisquer pontos de pauta de interesse da coletividade.

Art. 47º – Quanto à convocação e ao quorum das Assembléias Gerais:

- a) As Assembléias Eletiva Ordinária Anual, Eletiva Extraordinária, de Prestação de Contas Ordinária Anual e Estatutária Extraordinária serão convocadas em editais afixados nos murais do CALPSI – UFES, e pela Internet, com pelo menos 7 (sete) dias de antecedência e com exposição das propostas de ponto de pauta, só podendo deliberar com presença de um quorum mínimo de 10% (dez por cento) dos membros do CALPSI – UFES ou em segunda chamada, meia hora após a primeira, com o quorum que estiver presente;
- b) A Assembléia Extraordinária será convocada em editais afixados nos murais do CALPSI – UFES, e pela Internet, com pelo menos 48 (quarenta e oito) horas de antecedência e com exposição das propostas de ponto de pauta, só terá função deliberativa com um quorum mínimo de 10% dos membros do CALPSI – UFES. Se esse valor não for atingido, deverá ser feita uma segunda chamada, meia hora após a primeira, com o quorum que estiver presente.

Art. 48º – Compete a Assembléia Geral deliberar acerca de quaisquer assuntos referentes ao coletivo dos estudantes de Psicologia da UFES, inclusive com poder de alteração do presente estatuto e de eleição de Coordenadores para ocupar as Coordenadorias do CALPSI - UFES.

Art. 49º – O tipo de votação de cada deliberação da Assembléia Geral será escolhido por maioria simples dos votos dos Membros do CALPSI presentes, verificando-se a presença por lista de assinaturas.

SEÇÃO II

DA REUNIÃO

Art. 50º – A Reunião é o dispositivo-grupo de deliberação dos Diretores do CALPSI – UFES, onde todo Membro tem direito a voz e a proposição de ponto de pauta, e todo Diretor, direito a voz e voto. Em caráter ordinário, devem ocorrer semanalmente, em períodos letivos, de acordo com a viabilidade de ocorrência para os Membros do CALPSI – UFES.

Art. 51º – Garantir a divulgação de data, horário, sugestão de pontos de pauta e quaisquer informações adicionais, relativas às Reuniões do CALPSI – UFES, é função da Coordenadoria de Comunicação. A divulgação deve ocorrer em editais afixados nos murais do CALPSI – UFES, e pela Internet, com no mínimo 48 horas de antecedência, em relação ao início da Reunião.

Parágrafo Único – Em casos urgentes, em que se entenda que a espera, de 48 horas de divulgação para que a Reunião ocorra, resultará em prejuízos ao cumprimento das finalidades do CALPSI – UFES, pode-se convocar Reunião

Extraordinária, em que a divulgação ocorre com 24 horas de antecedência, em relação ao horário de seu início.

Art. 52º – A convocação de Reunião, com escolha de data e hora, cabe aos Diretores, em Reunião. Qualquer membro do CALPSI – UFES, porém, pode convocar Reunião, desde que não haja nenhuma Reunião já marcada, com exceção dos casos extraordinários.

Art. 53º – A Reunião somente será válida se estiverem presentes no mínimo 5 Diretores. Caso este número não seja alcançado, deverá ser convocada uma Reunião subsequente. Se nesta Reunião subsequente a quantidade mínima de diretores presentes não for atingida, passam a ter direito a voto **apenas** nesta Reunião todos os membros presentes nela e na anterior.

Art. 54º – Em situações extremas em que no CALPSI – UFES **existam** menos que 5 Diretores, a Diretoria deixa de existir, passando a ter direito a voto quaisquer Membros que compareçam às Reuniões. A Diretoria volta a existir quando houver pelo menos 10 pessoas com três presenças consecutivas. Por isso, os Membros devem continuar a realizar as Reuniões convencionalmente, com lista de presença e elaboração de ata.

Art. 55º – Compete à Reunião deliberar acerca de quaisquer assuntos referentes ao coletivo dos estudantes de Psicologia da UFES, contanto que as mesmas não firam o presente Estatuto nem as deliberações das Assembléias Gerais.

SEÇÃO III

DAS COORDENADORIAS

Art. 56º – As Coordenadorias são os dispositivos-grupo permanentes, compostos por Coordenadores eleitos em Assembléia Eletiva Ordinária Anual, em Assembléia Eletiva Extraordinária ou em Reunião, que têm a função de coordenar e garantir a efetivação das atividades do CALPSI – UFES, a partir das deliberações do coletivo, oriundas de Reuniões ou Assembléias Gerais.

Art. 57º – O mandato do Cargo de Coordenador tem duração máxima de um ano, ocorrendo no intervalo entre, o término da Assembléia Eletiva Ordinária Anual em que os Coordenadores do mandato foram eleitos, e o término da Assembléia Eletiva Ordinária Anual em que se elegem os Coordenadores do mandato seguinte.

Art. 58º – As atividades do CALPSI – UFES são coordenadas pelas seguintes Coordenadorias: de Formação Política; de Formação Acadêmica; de Eventos; de Comunicação; de Patrimônio e de Finanças. São determinações das Coordenadorias:

- a) Coordenadoria de Formação Política – Deve ter no mínimo 2 (dois) e no máximo 7 (sete) Coordenadores. PROMOVER DIÁLOGOS COM INSTITUIÇÕES E GRUPOS QUE PERMITAM A CONSTRUÇÃO POLÍTICA DA GRADUAÇÃO DE PSICOLOGIA.
- b) Coordenadoria de Formação Acadêmica – Deve ter no mínimo 2 (dois) e no

- máximo 7 (sete) Coordenadores. Tem a função de promover atividades e debates, tais como semana calórica, saraus, seminários, mini-cursos, etc., que complementem a construção do percurso acadêmico dos Membros do CALPSI – UFES. Tem também a função de viabilizar a produção acadêmica dos Membros do CALPSI – UFES, assim como a divulgação desta produção;
- c) Coordenadoria de Eventos – Deve ter no mínimo 3 (três) e no máximo 7 (sete) Coordenadores. Tem a função de promover atividades esportivas, artístico-culturais, lúdicas, etc., assim como de organizar eventos que tenham como finalidade geração de renda para o CALPSI – UFES. Deve visar o lazer, o entretenimento, a saúde e a interação entre os Membros do CALPSI – UFES;
- d) Coordenadoria de Comunicação – Deve ter no mínimo 3 (três) e no máximo 7 (sete) Coordenadores. Tem a função de informar os Membros do CALPSI – UFES acerca de suas atividades, disponibilizar materiais, através de material impresso e virtual, administrar os espaços digitais de comunicação do CALPSI – UFES, redigir, digitar e divulgar as atas das Reuniões e Assembléias Gerais, gerenciar vias impressas de comunicação do CALPSI – UFES, etc.;
- e) Coordenadoria de Patrimônio – Deve ter no mínimo 2 (dois) e no máximo 5 (cinco) Coordenadores. Tem a função de coordenar a gestão do Patrimônio do CALPSI – UFES, excetuando-se o conteúdo financeiro deste, de adquirir bens para o CALPSI – UFES, de manter relações com o Departamento Administrativo da Prefeitura Universitária, de gerir o ambiente no qual está sediado o CALPSI – UFES, garantindo higiene e melhorias nas condições de uso do espaço, assim como registrar a entrada e saída de Membros do CALPSI – UFES na Diretoria.
- f) Coordenadoria de Finanças – Deve ter no mínimo 2 (dois) e no máximo 3 (três) Coordenadores. Responsável pelo controle, pela gestão e pela prestação de contas de todas as movimentações financeiras do CALPSI – UFES. Tem a função de atender às demandas financeiras das diferentes Coordenadorias ou quaisquer Instâncias do CALPSI – UFES, de acordo com as deliberações de Reunião ou Assembléia Geral.

SEÇÃO IV

DAS COMISSÕES PROVISÓRIAS

Art. 59º – As Comissões Provisórias são os dispositivos-grupo temporários, compostos por Membros eleitos em Reunião ou Assembléia Geral, que têm a função de coordenar e garantir a efetivação de atividades específicas do CALPSI – UFES, não inclusas nas determinações das Coordenadorias, descritas no Art. 60º. As atividades das Comissões Provisórias são determinadas pelas deliberações do coletivo, oriundas de Reuniões ou Assembléias Gerais.

Art. 60º – A Comissão Provisória deixa de existir assim que o objetivo para o qual ela foi criada é atingido.

Art. 61º – Constituem-se como Comissões Provisórias as Comissões: Eleitorais, Estatutárias e quaisquer outras que o coletivo julgue necessário para atingir determinados objetivos.

Art. 62º – As Comissões Provisórias devem suprir as atividades das Coordenadorias do CALPSI – UFES, em qualquer ocasião em que uma ou mais Coordenadorias não funcionem efetivamente ou inexistam, até que se restitua o funcionamento regular do CALPSI - UFES, conforme descrito no presente Estatuto.

CAPÍTULO VII DAS ELEIÇÕES

Art. 63º – A Assembléia Eletiva Ordinária Anual, ocorrida ao início de cada ano, será o espaço de escolha dos coordenadores que integrarão as coordenadorias durante aquele ano. Será convocada por uma comissão eleitoral convocada na Assembléia de Prestação de Contas Ordinária Anual do ano anterior.

Art. 64º – Cabe à Comissão eleitoral:

- a) Coordenar e viabilizar a inscrição dos candidatos às coordenadorias.
- b) Divulgar, em cada turma e por outras vias, as eleições, as coordenadorias, os coordenadores e o CALPSI.
- c) Elaborar um material impresso contendo a relação dos membros que estão candidatos às coordenadorias.
- d) Coordenar a votação, na Assembléia Eletiva.
- e) Apurar os votos após o término da Assembléia Eletiva.

Art. 65º – Os integrantes da Comissão eleitoral não estão interditados de se candidatarem e se elegerem aos cargos de Coordenadores, nas eleições por eles organizadas.

Parágrafo Único – Se ao final de determinado ano, a Assembléia de Prestação de Contas Ordinária Anual não for convocada, a formação da comissão eleitoral caberá à Reunião.

Art. 66º – Todo membro do CALPSI presente em Assembléia Eletiva, que queria votar e possa comprovar matrícula no curso se torna, durante a Assembléia, Membro Votante.

Art. 67º – As eleições das coordenadorias do CALPSI serão através de uma urna, com cédulas padronizadas, fornecidas, no dia da Assembléia Eletiva, para todos os membros votantes. A urna funcionará apenas durante a segunda fase da Assembléia Eletiva.

Art. 68º – A Assembléia Eletiva Ordinária Anual deverá ter duas fases.

- a) A primeira fase será para que se debata e delibere acerca de qualquer ponto de pauta externo à temática das eleições, para que a comissão eleitoral explique aos Membros Votantes presentes o procedimento de votação, e para que os candidatos se apresentem à Assembléia. Após isto, os Membros Votantes presentes passam a poder votar. Durará do início da assembléia ao início da votação.

- b) A segunda fase será de votação, com atividades artísticas, lúdicas, etc., simultâneas a ela. Qualquer membro votante do CALPSI, que ainda não tiver votado, e chegar a qualquer momento da segunda fase da Assembléia, poderá assinar a ata e votar. Durará do início da votação ao horário previsto para término da Assembléia.

Parágrafo Primeiro – A Assembléia tem poder de prolongar o horário de término da Assembléia, se julgar necessário.

Parágrafo Segundo – Ao término da Assembléia Eletiva Ordinária Anual, se iniciarão as apurações da urna, com atividades artísticas, lúdicas, etc., simultâneas a ela.

Art. 69º – É considerado Candidato Elegível para as coordenadorias do CALPSI, em Assembléia Eletiva, todo aquele que, ao término da apuração, tiver obtido 50% +1 do total de votos válidos.

Art. 70º – São Considerados Coordenadores Eleitos para as coordenadorias do CALPSI, em Assembléia Eletiva:

- a) Todos os Candidatos Elegíveis, no caso de não se exceder o número máximo de Coordenadores por Coordenadoria, estipulado no artigo 60º;
- b) No caso de o número de Candidatos Elegíveis para certa Coordenadoria ser maior do que o número máximo permitido pelo artigo 60º, os Candidatos eleitos serão os Elegíveis mais votados para aquela Coordenadoria.

CAPÍTULO VIII

DO ESTATUTO E DAS RESOLUÇÕES

Art. 71º – São consideradas Resoluções do CALPSI – UFES, quaisquer deliberações do coletivo, oriundas de Reunião ou Assembléia Geral, que tenham caráter de complementaridade ao presente Estatuto, registradas em texto.

Art. 72º – As Resoluções do CALPSI – UFES não constituem alteração no presente Estatuto. Alterações no Estatuto só podem ocorrer em Assembléia Estatutária Extraordinária, conforme descrito no item d) do Art. 46º.

Art. 73º – É vetada qualquer Resolução que fira aos artigos do presente Estatuto.

Art. 74º – Este estatuto entrará em vigor na data de aprovação.

*Eu sou apenas um rapaz
Latino-Americano
Sem dinheiro no banco
Sem parentes importantes
E vindo do interior...
(BELCHIOR)*

MARGENS III - ATIVIDADES DO C.A. DESENVOLVIDAS NO PERÍODO 2011/12

Texto produzido pelo aluno José Anézio, circulado pela lista de emails do CALPSI.

2011 e 2012 Participamos dos protestos contra o aumento da passagem, dos dois ENEP's (São Paulo e Cuiabá), sendo que no primeiro fomos com um ônibus, em 2012 fizemos o ato antimanicomial em Cachoeiro, em 2011 abrimos a porta interna do CALPSI, em 2012 fizemos uma campanha de debate sobre segurança na universidade (que ainda está muito incompleta), em 2011 participamos da paralisação dos estudantes, e em 2012 da greve geral das federais, acompanhamos a problemática com o professor Alejandro em 2012, e também acompanhamos como CONEP o Movimento Estudantil da São Camilo (Cachoeiro), que está nascendo e crescendo e se tornando mais forte, fizemos atividades na semana do 18 de maio de 2012, tentando uma parceria com o núcleo da luta antimanicomial e com o curso de Terapia Ocupacional (a parceria com o núcleo deu mais certo no ato do dia 25, fizemos agora no final de 2012, um debate sobre o ato 25. Mais o quê? Fizemos duas semanas calóricas e duas de psicologia, uma em cada ano (participamos pouco da construção da semana de 2011, acho que foi ela que ficou nas costas do Yan, foi?), agora em 2012, participamos da reorganização do ME do CCHN (criamos um conselho de CA's e elegemos representantes estudantis no centro depois de mais de seis anos sem representação! Arrasamos DEMAIS!), em 2011 enquanto secretaria geral da CONEP, fizemos uma cartilha com as deliberações do ENEP São Paulo, e as coisas pendentes para o CONEPSI Curitiba, que rolou logo depois, e foi uma cartilha que explicava o que era a CONEP, e aproximou muita gente que teve contato virtual com ela, em 2012 fizemos um vitoriosíssimo boicote ao ENADE (inclusive estamos redigindo uma carta para o MEC e para a reitoria, como continuação da campanha do boicote!), também em 2012 apoiamos a criação e o funcionamento do Coletivo Planta, agora no segundo semestre de 2012 fizemos uma formação política, sobre movimento estudantil nacional de psicologia e sobre a CONEP, com repasse do ENEP Cuiabá, e no mesmo dia fizemos uma pré-calourada, participamos da construção de dois EIV's um em 2011 e outro em 2012, apoiamos os estudantes da UVV que estavam sendo perseguidos pela direção da

faculdade, (LEMBREI QUE A GENTE FEZ UMA FORMAÇÃO ANTIMANICOMIAL LÁ NO CALPSI, e foi antes do EIV 2012, então foi no final de 2011, provavelmente!), a gente tentou construir um coletivo antimanicomial e antiproibicionista, o CACH-LAMAP, mas isso foi em 2011 (acho que a formação foi uma atividade do CACH!), construímos no primeiro semestre de 2011, junto com estudantes da Comunicação Social e da Arquitetura, o Poetas no Espaço, um evento cultural com oficinas, saraus, intervenções, caderninho delicioso e mil coisas!, sediamos em fevereiro de 2011 o CONEPSI-Vitória, Conselho Nacional de Estudantes de Psicologia!

MARGENS IV - ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA

Entrevista com a professora Ana Lucia Coelho Heckert. Realizada em maio de 2012, Vitória-ES

Entrevistador: A ideia do seu nome surgiu, inclusive com a Beth, estava conversando com a Beth e ela disse: “conversa com a Ana Heckert, ela teve uma participação nos movimentos sociais.” Eu li um pouco da sua tese, sua tese discute isso um pouco também, movimentos sociais, eu vi que você discute o livro do Eder Sader que fala sobre novos personagens que surgiram na década de 1970 e 1980 lá em São Paulo e aí eu estou fazendo uma pesquisa sobre o C.A., na verdade, sobre o Movimento estudantil e eu estou acompanhando as práticas que o Centro Acadêmico de Psicologia tem desenvolvido, e eu vou fazer uma análise dessas práticas e o que isso tem produzido, tem se desdobrado. E aí gostaria de ouvir você como experiente dos movimentos sociais, como praticante e como professora também. Como é que você vê o Centro Acadêmico, qual é sua relação com o C.A., o quê que você experimentou com o C.A. nesses últimos anos?

Entrevistada: Então, o que você quer saber, vamos lá?

Entrevistador: como você tem visto o C.A.? Em sua opinião o C.A. tem desenvolvido que tipos de práticas?

Entrevistada: Olha, eu vejo os alunos tentando colocar, tentando pautar alguns debates aqui no curso. Eles têm lá o modo próprio de funcionar que não tem presidente, não tem coordenador, não tem diretor, sei lá o quê. E eu não sei, exatamente como é que funciona para você ser da diretoria, não entendo muito bem não, mas também isso não faz muita diferença não. O quê que eu acho? Eu tenho visto que nesses últimos tempos, nesses 19 anos que eu estou aqui, nós já tivemos grupos mais atuantes, grupos menos atuantes. Grupos que estavam mais preocupados, grupos muito preocupados com o curso, com o que se passava na universidade, com as lutas que se passavam no Estado, etc. e tal. Grupos menos preocupados com isso. Grupos, às vezes, mais preocupados com questões muito próprias do curso, do funcionamento.

Entrevistador: Específicas.

Entrevistada: Específicas e tal e tal. E já tivemos momentos que ninguém estava preocupado com nada, poucos foram os momentos. A psicologia tem uma, aqui tem uma tradição de participar pelo o menos os estudantes, né? Os professores já tiveram mais, hoje tem menos. Então assim, eles têm representação nos departamentos, eles têm representação no colegiado, eles têm representação no Centro, no Conselho Departamental do nosso centro, do CCHN e em outros espaços da Universidade. Estou falando com relação ao Centro acadêmico, né? Eles têm tentado, como eu estava falando, eu vejo eles tentando pautar algumas coisas e provocar algumas questões. É obvio, já fui estudante, já fui de movimento estudantil.

Entrevistador: você também participou do movimento estudantil?

Entrevistada: participei, participei. Na minha época ninguém podia, eu fiz psicologia na UFF, naquela época foi na ditadura, não podia, aluno não tinha direito a participar de departamento, aí nós fizemos uma comissão para departamento. Então, num primeiro momento, eu lembro que eu era dessa comissão junto com alguns colegas e tinha os professores. E os professores iriam decidir, em quais, pegavam o regimento do departamento, em que coisas nós podíamos ficar presente, falar, no quê que a gente podia participar. Naquele momento não podia ter direito à participação com direito a voto.

Entrevistador: foi qual período que era?

Entrevistada: de 80 a 85. E foi uma luta, eu lembro que nós fizemos greve, e aí os representantes dos professores entraram falando, dizendo que a gente não podia falar, e aí a gente dizia, “não, se for para participar desse jeito nós não queremos”, era uma confusão, que eu lembro que no final nós conseguimos. Quando eu, muitos anos mais tarde, eu virei professora, eu achava muito estranho quando eu via esses espaços esvaziados. A gente lutou tanto por esses espaços e os alunos não aparecem, eu ficava muito danada da vida e fico até hoje quando eu vejo que eles não estão aparecendo, eu vou e falo e cobro e encho a paciência e tal, né? Claro, e eles têm toda razão, é uma correlação de forças muito desigual. São vinte, sei lá vinte e quatro professores e três representantes. Agora, faz muita diferença a

presença deles, eu acho, nas reuniões do departamento, quando eles participam. Eles têm ficado muito calados nos últimos tempos.

Entrevistador: é?

Entrevistada: é. O novo grupo, acho que está..., é sempre assim: eles chegam tentando entender como é que é, depois eles começam a falar. Às vezes você tem uns representantes que são mais atrevidos, já chegam perguntando, já querendo saber. E às vezes tem questões que a gente fica muito incomodado, né? Por quê? Em alguns momentos eles estão querendo indagar coisas que a gente não quer, nem a gente quer indagar! Imagina, se aluno vai indagar?

Entrevistador: eles vêm e falam o que já está ali há um certo tempo e...

Entrevistada: isso, o que a gente está botando pra debaixo do tapete e não quer falar.

Entrevistador: ali meio nebuloso.

Entrevistada: exatamente. Em alguns momentos, eles, óbvio, já fui jovem, já fui de movimento, em alguns momentos eles querem pra ontem. Que a gente enfrente certas situações, “que a gente já está cansado, que a gente já desistiu”. Agora, eu acho o seguinte; que não existe política sem tensionamento. Em outros momentos a gente pensou diferente e aí tem conflito. Não tem política sem discussão, política e pensamento único é a morte da política, homogeneização é a morte da política. Então como é que você vai formar psicólogo sem isso? É fácil pensar isso? Não é. Tem hora que a gente pensa assim: melhor que todo mundo pensasse igual, melhor que a gente não discutisse com esses meninos. Eu já fui chefe de departamento, já tive embates sérios. Porque, dependendo do lugar que você está, você tem que lhe dar com determinadas situações e dizer que tal coisa não é possível. Gostando ou não, você concordando ou não.

Entrevistador: e no lugar da coordenação, a gente está atravessado pelo lugar da instituição. Representante da instituição

Entrevistada: exatamente, e tem hora que a gente vira representante dela e virando representante fica mais complicado ainda. Tem coisas que você tem de

dizer, “eu sou funcionário, eu não sou estudante, eu fico, vocês vão.” E esse lugar de quem fica, tem algumas coisas que não vai dar, não vai dar pra topa. Não dá pra achar que é legal, achar que é bonito. Agora eu acho o seguinte, sem movimento estudantil, isso aqui não... eu acho que perderia, perderia o sentido mesmo. Seria uma formação muito tecnocrática seria, ah! não sei o que seria! Eu nunca experimentei alguma coisa diferente disso, seja como estudante, não, já experimentei. Eu dava aula em faculdade particular e não tem.

Entrevistador: não existia.

Entrevistada: não é que não tem, não existia. Agora, a atuação deles, eu acho que eles têm

Entrevistador: nos últimos dois anos, como é que você tem visto, no período de 2011 e 2012

Entrevistada: eles têm tensionado coisas importantíssimas. Por exemplo, a confusão que deu com as passagens de ônibus. O C.A. de psicologia foi o centro da confusão. Não que o C.A. de psicologia seja o lugar, mas ele tem horas que ele catalisa. Eu não sei o que acontece com aquilo ali, que tem hora que tudo vem prá cá. Eu não sei se é porque fica perto do centro de vivência. Se eles são muito atacados ou porque a gente também ataca os meninos a colocar..., não é que os meninos façam tudo que a gente manda, de forma alguma, eu acho que a gente também, na sala de aula, fica colocando algumas coisas que dá força pra eles tentarem, pra eles pensarem outras coisas. Aí eles vão lá pra fazer e na hora que o bicho pega a gente não quer.

Entrevistador: Então, exatamente. Esse foi um dos motivos que me levou a fazer a pesquisa com o C.A., depois que teve umas manifestações dos estudantes. Foi um espaço muito ocupado, muito potente. Como você disse, canalizou, veio gente de outros cursos. O C.A. meio que tomou iniciativa

Entrevistada: Então eu acho assim, teve a questão das passagens, o C.A. teve um espaço super importante sobre isso. O C.A. tem tido um espaço importante na reunião de departamento. Nos últimos meses ele está muito quieto, antes dos últimos meses. Eu fiquei afastado um ano para pós- doutorado. Eu voltei em

agosto, antes de eu sair, as reuniões ainda estavam muito esquentadas, vamos dizer assim, estavam quentes. Fervendo. E o C.A. de alguma forma, quando o departamento não pautava algumas questões, o C.A. pautava. Então, por exemplo, o C.A. colocou em discussão questões super relevantes, a gente gostando ou não, com relação ao estágio em docência, eu acho extremamente importante! O C.A. colocou questões importantes com relação ao uso do prédio, isso continua como um embate até hoje. Não se resolveu a questão até hoje, quer dizer, ela está sendo adiada em “banho Maria”, enrolando, aquele negócio ali. Mas, por exemplo, eles tomaram uma atitude, que num primeiro momento, quer dizer, eu continuo preocupada, mas no primeiro momento, quando eles abriram essa porta pra cá, eu estranhei. Quando eu cheguei aqui e vi que a porta estava aberta eu estranhei, falei, ‘caraca, quê que é isso? Como é que vai ser esse negócio agora?’ Tem algumas coisas aqui que a gente precisa cuidar, isso aqui tem um patrimônio que é público, ele não é meu, precisa ser cuidado. “E aí como é que vai ficar essa história?” Aí, nos primeiros dias foram dias muito complicados porque os meninos, também, para provocar ficam jogando buraco ali fora, ficavam cantando não sei o quê, e quem fazia reunião não conseguia fazer, quem tava querendo dar aula não conseguia. Alguma conversa aconteceu, que eu não sei qual foi. Eu fui uma das pessoas que reclamou, falei: ‘oh, desse jeito não, que história é essa? Vão ficar aqui brincado de pular amarelinha? Que papo é esse?’ e aí depois eles arrumaram um jeito, eu percebi, deve ter tido algum tipo de conversa entre eles que não sei qual foi, que eles deram uma segurada na história. O que eu achei no final das contas, né? Eles tinham razão quando eles falavam que essa porta fechada para cá fazia com que o C.A. ficasse muito esvaziado, que os alunos não usavam o espaço do C.A. durante o dia. E eu fui vendo que, de fato, essa porta aberta deu uma outra vida no prédio! Eu acho até que algumas coisas que a gente já pediu há muitos anos atrás; que tivesse banco aqui dentro nos corredores, eu, enquanto fui chefe, pedi e a universidade não colocou, pedimos para colocar mesinha ali embaixo, perto da árvore, e ninguém colocou, parece, realmente, até que não querem aluno aqui dentro, querem que os alunos sumam daqui, e eu acho que não. Quando eu vim para cá, esse prédio era super ocupado, esse prédio depois foi esvaziado por uma das administrações do CCHN, que tirou todas as aulas daqui e botou as aulas no IC e as salas de aulas aqui começaram a ser ocupadas

por núcleos de pesquisa e eu era contra isso. Leila foi uma das professoras que foi contra isso. [...] e aos poucos, porque isso era ocupado para várias coisas quando eu vim para cá. Aqui tinha banco, aqui tinha o cinema, aqui era um monte de coisa e tinha pouquíssimas salas de aula. Mas aos poucos as coisas foram saindo, saiu o banco, saiu o cinema, [...] foi uma estratégia mesma, deliberada, de esvaziamento desse prédio, por quê? Para nós era muito claro, a psicologia durante muitos anos foi “um certo” foco de resistência à uma série de políticas absurdas na universidade, e em todas as confusões que acontece no estado também. Dá confusão, é aqui que boa parte das reuniões acontece. Na verdade, acho que naquele momento, era final dos anos 90, se tratava de dar uma esvaziada mesmo na gente! Dar uma cortada de onda! Então, as salas de aula foram para lá e aqui ficaram salas de núcleo, cada um de nós entrava e ficava trancado em sua própria sala e não tinha mais aluno. Quando eu voltei do doutorado, era 2004, tinha uma sala de aula só, que era essa sala de aula que fica aqui perto da cozinha, do C.A., era a única sala que era de aula. E aí a gente começou a brigar de novo para reforma do prédio pra que tivesse outras salas de aula. Porque a gente queria menino aqui, e eu me lembro que quando eu voltei do doutorado foi umas das coisas que me incomodou profundamente, que eu senti muito, porque esse prédio ficava vazio o dia inteiro, não tinha menino aqui. E a gente não via os meninos porque lá no IC você chega para dar aula e pronto. Aí nós começamos a brigar de novo para dar aula aqui e os meninos começaram a voltar, aí nos conseguimos que os últimos períodos comesçassem a ter aula aqui, e o C.A. também começou todo esse movimento, que até então o C.A. estava muito... foi outro momento que o C.A. voltou a ficar..., é porque nesse momento de 2000 a 2004 foi uma época, assim, muito fria, muito fria. Os alunos..., não foi um tempo legal, não. Aos poucos, os alunos começaram a voltar, você começava a ouvir violão tocando, menino sentado na escada, assembléia aqui no meio, aquela confusão, e é óbvio, no que eles começam a ocupar esses espaços, eles querem fazer festas, querem fazer isso, querem aquilo e começa a confusão. Só que eu acho que faz parte. Faz parte deles quererem que a porta fique aberta, faz parte a gente chegar e dizer que não dá pra ficar aberta 24 horas, a gente precisa tomar alguns cuidados, faz parte eles acharem que os cuidados são excessivos e a gente achar que não, até a gente fazer um acordo, entendeu? Então eu acho o seguinte,

eu acho que eles têm colocado questões importantes, pelo o menos para mim em muitos momentos, por exemplo, esse ano, ano passado, volta e meia eles vêm e dizem assim: 'ah, porque você tá sabendo que tá acontecendo, que está dando confusão, porque a moradia estudantil apanhou?' Aí eles começam a perturbar, começam a perturbar, 'porque a gente tem que abrir a boca, que a gente tem que falar alguma coisa, que não é possível'. E eu acho assim, eu acho que a meninada, não só o C.A., que eu acho que em muitos momentos o C.A. é um catalisador disso aí. Ele compromete mesmo nossa idéia de horizonte, porque se não a gente fica muito babaca. A gente vai ficando conservador, vai achando que não, que não é por aí, vai achando que tudo tem que ser muito certinho.

Entrevistador: Esse lugar de professor convoca isso, né?

Entrevistada: É, essa instituição professor vai colocando a gente muito com um certo corpo escravo de determinadas regras e a meninada chega...

Entrevistador: Mas quando você era do movimento estudantil, você se imaginava como professora e como é que seria?

Entrevistada: não, não. Naquela época eu não, porque naquela época era um momento muito diferente. Hoje a meninada já começa produzindo "uma certa" glamorização desse trabalho docente, porque tem uma meninada aí que se envolve em projeto de pesquisa, que começa uma história de que no 5º período, "ai, que eu quero ser professor!, e aí eu quero fazer mestrado, doutorado e aí vou ser professor" Era outro momento da política educacional, um outro momento do funcionamento da universidade. Eu acho que essa história de querer ser professor, acho que foi depois, eu queria ser psicóloga, queria trabalhar com escola, foi depois.

Entrevistador: Então, o C.A. tem uma forma, igual você tocou no assunto, uma forma de auto-gestão...

Entrevistada: Tri aspas, né? Porque autogestão no capitalismo...

Entrevistado: Autogestão que eu digo no sentido de que eles se regulam, não tem uma gestão estabelecida, quem participa da reunião se torna diretor com poder de

voto, você vê como esse modo de funcionamento do C.A.? Dá “certo”, não dá “certo”, o quê que isso produz?

Entrevistada: Eu acho que depende muito do que está se passando. Porque no final das contas, dizer que não há nenhuma liderança, isso é conversa para boi dormir, porque eles gostam dessa figura da liderança, uma delas é A, eu já falei com ele; “não vem com essa conversa para meu lado”. Falo com a maior tranqüilidade. A trabalha comigo. Eu falei assim, “você vem com essa conversa que o movimento não tem lideranças, de que não tem lideranças ali dentro, de que não tem alguém que de alguma forma esteja ali imprimindo um certo ritmo, indicando um certo caminho, mas vocês estão indicando, um certo caminho, ditando um certo caminho. Então, modos de fazer política são atravessados por uma certa instituição “militância”, que ainda acredita em certas coisas que eu, Ana, não concordo. Quê que eu posso dizer para você? Esse jeito que eles arrumaram, tem horas que esse jeito é esse jeito que eles falam, tem horas que isso é só historinha para boi dormir, quem é que vai na reunião? Os mesmos. Quem é que, imprimindo a reunião, pode decidir? Os mesmos. Em outros momentos, eles conseguem uma conversa mais ampliada com o curso, então, outros vão a reunião. Por exemplo, quê que aconteceu? Na época daquela confusão com o transporte, o C.A. foi tomado pelos meninos do curso e por meninos de tudo que é lugar, uma confusão danada. O que é que você percebia depois que a coisa esfriou, etc.? Eu acho que isso rende história até agora, houve uma ocupação maior dos alunos nesse espaço do C.A., em outros momentos foi a mesma história da autogestão, do mesmo modo de funcionamento, que quem é que vai na reunião são os mesmos. E aí o que é que acontece quando os mesmos vão na reunião, que aí está decidido que são eles que vão decidir? Você tem um esvaziamento da participação, você tem uma possibilidade de intervenção deles extremamente reduzida.

Entrevistador: e esse modo de gestão de funcionamento não quer dizer que tenha maior participação, então?

Entrevistada: Não. Em alguns momentos tem, em outros não, entendeu? Até que, por exemplo, em alguns momentos, eu vejo, os meninos se cansam. Eles vão para a reunião e eles dizem. ‘Eu estou de saco cheio de escutar as mesmas pessoas

falando as mesmas coisas, brigando pelas mesmas teses, disputando pelas mesmas coisas, indo na mesma direção. ’

Entrevistador: São alunos do curso que...

Entrevistada: São alunos do curso que dizem isso. ‘Não vou mais.’ E eu sempre digo assim, “vai sim. Vai e fala isso tudo que você está falando aqui no meu ouvido, eu não sou estudante. Vai lá e fala, vai lá e propõe outra coisa, vai e ocupa esses lugares”. Agora, não é porque eu disse que vai, mas eu acho que em muitos momentos, por exemplo, eles... agora, eles também lidam com um cotidiano muito avesso, vamos dizer assim, à participação estudantil. O cotidiano da universidade, na verdade, ele não estimula mesmo essa participação. Eles estão ocupados o tempo inteiro com um monte de coisa, eles têm que dar conta de um monte de coisa, acho que fica difícil para eles

Entrevistador: Tem que entregar trabalho, relatório, prova, etc.

Entrevistada: por exemplo, o A participa do projeto de extensão em vários momentos, o A não vai às atividades do projeto, porque está no encontro de não sei aonde, de não sei do que, quê o quê. Em algumas situações, os meninos conseguem entender isso numa boa, e seguram a barra para o A. Porque eles não estão lá, mas o A está.

Entrevistador: rola um entendimento entre eles? Outros colegas ajudam no trabalho?

Entrevistada: é. Isso, seguram a barra. Por exemplo, tem que preparar um texto de uma discussão que vão fazer na escola. O A está no grupo de preparar o texto, mas no dia do trabalho o A não vai está aqui, eles vão trabalhar e o A não vai estar. Tem horas que isso é tranquilo? é, mas tem horas que, por exemplo, estou falando de A mas já tivemos muitos, exageram.

Entrevistador: você acha que há espaço para que esse tempo de militância possa ser incluído como atividade acadêmica?

Entrevistada: É. Olha, você sabe que há pouco tempo eu soube de um concurso que, eu achei aquilo tão interessante, um concurso público para professor indígena

e nesse concurso público teve uma prova de títulos que os professores... quê que contava pontos? Participar das reuniões da aldeia, ter ocupado algum lugar na coordenação de algum movimento contava ponto, eu achei isso tão interessante. E fiquei pensando o seguinte, tem horas que eu acho que isso devia contabilizar, tem horas que não. Tem uma dimensão da formação que é fundamental, que não vai ser contado em lugar nenhum. Tem uma dimensão do meu trabalho, que diz respeito à mais-valia que eu não vou receber por ele. Quer dizer, e nem tenho que receber, porque faz parte de uma outra coisa, que diz respeito a apostas coletivas, que não tem que contar, entendeu? Por exemplo, ontem eu estava aqui numa reunião de movimento,

Entrevistador: mas o conhecimento como é que ele se dá? Porque é uma coisa velada, implícita, mas tem que ter.

Entrevistada: eu não sei se tem que ter. Eu acho assim, faz parte da formação. Mas não como dever. Por exemplo, eu digo para você que muito do que eu me tornei como psicóloga eu também aprendi na militância, no movimento estudantil, nos movimentos sociais. Muito. Eu aprendi muito no meu curso, eu fiz um curso muito bacana que eu adorei, eu gostei muito do mestrado, doutorado, eu aprendi? Eu aprendi. Mas eu também aprendi muito nisso. Eu acho assim, compõem a formação deles. Alguns vão passar por essa formação, vão às reuniões do C.A., vão participar das assembleias em todas as reuniões do C.A. e não estão nem aí, por exemplo, para poder decidir, você está entendendo? Isso significa que eles são menos militantes? Não. Eles participam, eles questionam uma série de coisas, eles estão juntos bancando certas posições, que os meninos decidiram numa reunião que eles não estavam, eles bancam. Por que se não, é o tempo que a gente começa a tudo tem que ser contado.

Entrevistador: Que é o outro extremo

Entrevistada: é, vamos dizer assim, tem valores aí, que a Soninha trabalhou, dos valores sem dimensão. Vamos dizer assim, então um âmbito da formação que você está lindando, com valores que são sem dimensão. A militância é um valor sem dimensão, como é que você vai dizer assim, então, eu vou contar aqui dois créditos, um crédito, 120 horas porque participou do C.A.? Daqui a pouco você vai

ter um monte de menino com um pedacinho de papel debaixo do braço, porque eles são obrigados a fazer. Tem horas que faz sentido estar ali, tem horas que não, tem horas que os períodos são mais quentes, dá para ter essa conversa, tem horas que não.

Entrevistador: mas eu também fico pensando assim, você não tem como garantir do professor que ele tenha essa compreensão que você tem...

Entrevistada: claro...

Entrevistador: A gente pode ter professor que dá zero, que pensa assim; se você foi para o congresso, problema é seu

Entrevistada: Vai à luta, mas é isso. Tem regimento na universidade, tem direito do aluno. Eu tive na minha época, uma professora, que porque eu participava das reuniões do departamento, como meu nome começa com a letra A, como eu era quase o primeiro nome na chamada, ela só fazia chamada de três alunos, só para fazer minha chamada e eu trabalhava, né? Quê que acontecia? Para eu chegar na aula, para eu pode almoçar, eu chegava sempre quinze minutos atrasada para poder almoçar. Então o dia que ela dava aula, era duas vezes por semana, eu não almoçava. Graças a ela eu fiquei bem magrinha, devia ter continuado a ter uma professora dessas na vida. Eu fiquei bem magrinha, mas eu fiquei bastante. E ela mandava fazer umas resenhas que você tinha que apresentar resenhas. Eu apresentei todas as resenhas. E aí chegou uma hora que ela cansou, quando estava no meio do semestre, porque aí eu percebi qual era. Então, quer luta? Vamos ver quem vai nessa? Vou até a hora que ela cansar. Aí eu tava lá todo dia.

Entrevistador: vamos ver quem vai empurrinhar quem, né?

Entrevistada: é. Já estava ficando um saco para ela ouvir minha voz, toda hora fazendo resenha. O autor..., “vamos sortear quem é que vai fazer a resenha? você!” Agora eu também tinha uma rede que me ajudava, nem sempre eu fiz todas as resenhas. Eu trabalhava, eu fazia um monte de coisa, tinha que contar com quem tava junto comigo. Agora eu acho que vai ter uma pessoa que não vai entender? Tem. Vão para a luta. Se os alunos endentem que aquele problema é um problema do fulano, eles ficam sozinhos nessa. Ele sozinho, a gente sabe

muito bem, esse lugar de professor ocupa determinado lugar, mas se ele tem mais vinte, mais cinquenta do lado dele. A gente sabe que só pode ir até determinado momento e tem um bando de gente do nosso lado também que diz: “fulano você está exagerando, vamos pensar. Dá um tempo, está demais.” Então é isso. Na verdade a gente não vai ganhar nada de presente, porque, também, Pedro, começam umas histórias de umas revoluções, de umas resistências sem sentido.

Entrevistador: então assim, que tipo de militância você tinha falando que não concorda?

Entrevistada: eu não concordo, por exemplo, com essa idéia com uma certa profissionalização da militância. Eu não gosto disso. Já participei de um monte de coisa e nunca fui militante profissional. Eu não concordo com o aparelhamento, isso eu nunca concordei, nem quando eu era filiada à partido político, não concordo com aparelhamento de forma alguma. Eu acho isso um absurdo. Eu não concordo com essa personificação, eu acho que quanto mais você despersonaliza, des-individualiza, mais força esses movimentos vão ter. Só que eu acho que tudo é feito para que essa personalização aconteça. Para que o quadro do partido seja construído. Pra que esta, sabe a militante profissional. É claro que um menino...

Entrevistador: Ele, aquele, né?

Entrevistada: E aí cara, toda vez que é ele, fica muito complicado, porque é fácil você pegar ele, e você dilui, é isso, sacaneia, processa. Agora, muitos deles gostam desse lugar. Vários aqui na universidade, que adoram esse lugar, e que provoca esse lugar, entendeu?

Tem um bando de professor que é bobo, que cai igual idiota nessa história. Porque os meninos estão ali pedindo, pelo amor de Deus, pra levar um processo na cara, pra dizer “está vendo como ele é um marco, um Herói...” que fizeram, que aconteceram, tem um bando de professor abestalhado, quer dizer, manda quem pode, obedeça quem tem juízo, que cai também nessas ciladas, essas armadilhas. Agora, eu acho que quanto mais essa figura do militante se perde, mais força o movimento tem. Agora, quê que eu acho, né? Em que medida que esse curso está junto com os meninos nas lutas? Tem hora que eu acho que não está, não. Por

exemplo, a ultima historia aí dá, a historia dos ônibus dos ônibus não, muita gente estava junto e tal, mas as ultimas histórias com relação a moradia estudantil, é o corpo docente está muito alijado disso. Está muito alijado, por exemplo, das ultimas confusões que aconteceram na universidade, foram tratados com violência aqui dentro. É, aí tem havido em retraimento do corpo docente.

Entrevistador: Você é mais próxima?

Entrevistada: Não sei se sou mais próxima, ou se eles ficam me torrando mais a paciência em função de algumas coisas que aconteceram, então daqui da psicologia. Acho que eu e Rafael, nos últimos anos, nos últimos dois anos a gente participou mais de algumas coisas que aconteceram. Rafael, pelo fato dele também está na ADUFES, na diretoria da ADUFES, mais próximo lá, e eu porque alguns colegas de outros cursos acabaram, a gente acabou se juntando muito preocupado com um. Na verdade, é o seguinte, era uma preocupação com os rumos que estavam sendo tomados nessa universidade. E os meninos fazem parte disso, e eu acabei ficando próxima. Acho que isso. Agora, eu volto a dizer, eu acho que, vamos dizer assim, a ação ali do C.A., as questões que o C.A. coloca, concordando ou não com elas, concordando ou não com uma estratégica que eles usam, porque eu não concordo com boa parte delas, como eles também não concordam com as minhas, é isso, ótimo, entendeu, que bom!

Entrevistado: Eu vi o C.A., ele mudou muito, muito dinâmico, alunos vão entrando, vai mudando a gestão, as questões, as pautas. Mas, é um pouco sobre isso.

Entrevistada: Agora você acha que eles têm colocado pautas interessantes? Porque eu acompanho de um departamento. São dois, né.

Entrevistador: Eu acredito que eles têm colocado questões que são interessantes sim. Acho que a porta, por exemplo, que você tocou é muito bom, muito interessante. Porque, assim, o espaço ganhou outra vida, começou a ser ocupado de outra maneira, é a proposta mesmo de integração, de ser um lugar de passagem, de interação ali, de vivência, é isso tudo.

Entrevistada: Eu achei interessante sabe o que? Por que o C.A. tornou um lugar de passagem, acho isso muito bom.

Entrevistador: É as pessoas passam ali, ficam ali conversando, falam sobre tudo, sobre aula, a pessoa vem, acorda cedo, vem estuda, namora, se divertem, discutem sobre teorias, sobre política, sobre o curso.

Entrevistada: Assim, no início eu fiquei meio assim, fiquei muito assustada, falei “ai meu Deus do céu!”, e hoje é engraçado né, hoje eu não vejo mais, assim, esse prédio sem aquela porta aberta, entendeu.

Entrevistador: A horta também.

Entrevistada: A horta, muito bacana a história da horta. E mais interessante foi aquilo que se colocaram durante, e as perguntas que foram feitas, eu achei um máximo. As perguntas começaram a rolar: “Qual era o objetivo acadêmico da horta?”

Eu falei assim, gente essa pergunta é maravilhosa, tudo tem que ter um objetivo acadêmico? Nós não podemos ter uma horta? Qual o objetivo acadêmico da existência daquela árvore? Qual o objetivo acadêmico da existência do passarinho?

Entrevistador: Qual o objetivo, a metodologia...

Entrevistada: Não, e eu achei, outra coisa que eu achei maravilhosa que aconteceu, depois arrancaram aí na pintura e não voltaram, vou até reclamar. Porque rolou naquela época, e aí muitos roubos acontecendo no prédio, etc. e tal. Obvio, e gente estava vivendo um momento no mundo, no país, e no Espírito Santo e dentro da UFES de criminalização de movimentos sociais, e é claro que começou uma história de ter, de que os roubos, não é que os meninos tinham roubado, mas que a porta aberta ela de alguma forma contribuiu, ajudou, possibilitou que o roubo acontecesse. E aí estava em cena a questão do cuidado. Eu que trabalho em escola, trabalho na educação, sempre soube na prática que quanto mais um prédio é usado, mais ele é cuidado, menor a possibilidade de você ter, violência, menor a possibilidade de roubo e eu comecei a achar muito esquisito, eu falei: “mas gente, esses roubos estão acontecendo e a porta está aberta, e os meninos estão ocupando aquele espaço. Então, como é que esse roubo está acontecendo, o que, que está rolando, que os meninos também não

estão sendo agentes cuidadores desse espaço?”. E aí começou uma história de que os meninos, não cuidavam do prédio e não sei o que...

Entrevistador: Eles me relataram isso, essa história.

Entrevistada: E foi difícil esse negócio, porque eu acho, depois eu soube por eles, que eles souberam dos roubos depois que tinha acontecido, eles não souberam naquele momento e aí, acho assim, tanto a porta, os roubos, eu acho que isso fala um pouco como tem sido a nossa comunicação com eles no dia a dia, assim, a gente se comunica muito mais com eles na sala de aula e se comunica muito pouco de conversa, de saber, a gente não tem tempo de conversar e aí um belo dia eu cheguei aqui, quando a pós-graduação começou, não havia essas plantas aqui, esse jardim aí foi feito por mim, por Beth Amaral, que foi da primeira turma do mestrado, dos alunos. Nós aqui que fizemos esse jardim, e muita gente sabe e eu fiz um monte de abaixo assinado, pra não derrubar aquela árvore ali do meio. E aí eu chego aqui um dia de manhã e vejo uma cerquinha de bambu, eu achei aquilo tão bonito, falei “gente alguém resolveu tomar conta dessas plantas, além de mim, não acredito que tem mais alguém preocupado com isso”, ninguém se preocupa com isso aqui, tá todo mundo nem aí, deixaram essa árvore ser cortada, fiquei muito indignada no dia da árvore, os meninos estavam na reunião naquele dia, você esta vendo o que está escrito aqui? Quando o processo passou, que eu fui tomar ciência, eu disse: ‘Não quero ler’. Falei ‘vocês estão permitindo que isso aconteça’, não quero ler. E aí eu fui perguntar o que, quem era e eu soube que tinham feito uma festa no prédio, e que os meninos tinham feito aquela cerquinha pra ninguém pisar no canteiro, pra não destruir.

Eu falei, “aqui! Deixa a cerquinha por que depois tão dizendo que vocês arrebetam.” Quer dizer que foram vocês! Faz festa, vocês cuidam do prédio né! Por que vocês não botam um cartaz. Então eu acho assim, agora, eu acho que tem hora que os meninos estão mais atentos à algumas coisas entendeu, Pedro? Tem algumas reclamações, por exemplo, um ano esse bebedouro parado, e os meninos não fazem nada!

É porque, eu cheguei da titica do afastamento e falei: e o negócio de água? Cadê o bebedouro? O bebedouro não está funcionando. Porque o bebedouro não está

funcionando? Há porque um departamento quer o bebedouro em um lugar, outro departamento quer em outro lugar. Aqui, vamos fazer um abaixo assinado agora. Que história é essa? Ai começou a confusão, aí começou a confusão, fizeram cartazes, num sei o quê, gente rapidinho, em menos de um mês o bebedouro foi instalado. Então, eu acho que tem horas...

Entrevistador: Foi bem rápido.

Entrevistada: É, tem horas que começou a confusão, pronto. Eu acho que tem horas que do mesmo jeito que eu banalizo um monte de coisas, eles também banalizam.

Entrevistador: A gente naturaliza muita coisa, tá alí, fica a vida inteira.

Entrevistada: “Pô, gente, já tem um ano que o troço tá aí e vocês não falam nada.” Falei, “vocês estão marcando tôca cara, não é possível!”

Entrevistador: “Vocês estão marcando bobeira.”

Entrevistada: Agora, por exemplo, tem umas coisas que me ocorreu, uma outra história que eu achei um máximo, eu achei aquilo fantástico. Que sempre foi assim aqui. Que dois departamentos se separaram, e que não tinha muita conversa, tentava conversa era uma confusão desgraçada. Um belo dia eu cheguei aqui, isso aqui estava, eles fizeram um teto com folhas de papel crepom preto e roxo, e cheio de passarinho feito de papel preto, passarinho não, morcego, espantalho, uma confusão. “Ei, você é PSI ou você é PSO, responda aqui, quem você é?” Eu sei que aquilo foi uma confusão que ficou. E eles enchendo o saco. Por exemplo, esse espaço, porque eu acho que tem um monte de coisa que vai se perdendo. Por exemplo, se tem esse auditório hoje, foi por conta dos meninos. Por exemplo, os meninos ocuparam o cinema, porque o cinema foi desocupado, seria feito uma reforma pra virar sala de aula, e o antigo diretor do CCHN na época, queria fazer aqui uma biblioteca, e aprovou no CCHN que aqui seria uma biblioteca. E os meninos foram e ocuparam e isso ficou os meninos ficaram meses ali, dormindo com rato, barata, pulga, sei lá mais o quê. Teve um apoio dos professores, os professores iam durante o dia, pra fazer palestras, pra cantar, pra levar bolo, pra não sei o que, por que tinha um grupo da manhã, do dia e tinha o grupo da noite

na ocupação. Até que a gente conseguiu que não fosse biblioteca e o espaço fosse destinado à psicologia.

Entrevistador: Fruto de uma luta.

Entrevistada: Foi, então esse prédio foi fruto de uma luta, A psicologia está aqui, foi fruto da primeira turma. Se tem auditório sabe, foi fruto de luta, se tem a porta aberta. Eu acho que não dá pra pensar coisas sabe, que foram construídas aqui sem essa luta. Eu acho assim, essa luta tem um nome de CA. Mas, eu acho que não é, vamos dizer assim...

Entrevistador: Eu entendo, não é "o" CA.

Entrevistada: É, não é "o CA", mas o que se passa pelo CA. O que se compõem com o CA. Eu acho que tem hora que a nossa comunicação não tá legal, então.

Entrevistador: tem vez que ela fica um pouco, muito com ruído, não tem dialogo, ou então, só na sala de aula que as pessoas se conversam.

Entrevistada: É, agora se você quiser saber como é que a universidade, o que está acontecendo assim, senta meia hora com eles. Por que eles circulam pela universidade inteira, tem um monte de coisa que eu fiquei sabendo que eu estava assim... Falei o que? O negocio da confusão da moradia, menino ganhando, não sei o que, não sei onde, que tem professor...

Falei, Como é que é? Isso tudo acontecendo de baixo do meu nariz e eu não estou vendo.

Entrevistador: Eu adoro quando eu vou pra lá, pro CA, essa vivência institucional, eu poxa converso de tudo, de tudo com eles, é muito gostoso aquele espaço ali.

Entrevistada: Acho muito bacana, teve uma época, isso há uns quatro anos atrás, foi depois que a gente criou o mestrado do PPGPSI, que a gente arrumou mais um serviço na vida e ficou menos tempo, se a gente tinha pouco tempo, ficou com menos ainda. E ai teve um inicio de semestre que eles pediram pra eu ir lá debater um filme, ai eu fiquei, numa sexta feira à tarde, um negocio assim, cheguei lá antes

fiquei do lado de fora fumando e ai eu soube que os meninos da psicologia fazem estágio no MST.

Não sei se ainda fazem, mas faziam estágio de vivência do MST. Falei o que? Como é esse estágio de vivência? O que vocês fazem lá? A gente fica lá. Eu falei vocês pegam na enxada? Pega. Tem lá a formação política, e ai eu comecei a ver que os meninos na sala de aula falavam umas coisas, mas umas análises, eu falava assim gente de onde que está vindo isso. De sala de aula, de disciplina não é.

Entrevistador: “Essa formação não é aqui não!”

Entrevistada: Vem cá, onde é que você aprendeu esses negócios ai de Marxismo? Há eu aprendi num curso que eu fiz pra um estágio de vivência do MST. Eu falei, curso? Que curso? Há tem que fazer um curso de Marxismo pra fazer estágio de vivência no MST. Falei a, tá. Depois até encontrei coma Beth e falei: Beth tem coisa acontecendo que a gente nem imagina, dentro do MST Beth, arrumando confusão. Agora, é claro que quando rola aqui na UFES eles falam, tem gente da psicologia envolvida. E tem e eu tenho orgulho disso, tenho maior orgulho deles. Acho que por mais que eu não concorde com um monte de coisas, às vezes me enche a paciência, eles são intransigente, tem hora que um monte de coisa, são capturados também por certo modo de funcionamento.

Entrevistador: Eu acho que o C.A. daqui é muito específico. É esse tipo de movimentação que o C.A. desenvolve, eu não encontrei em outros espaços que eu vivi no movimento estudantil, então sempre foi muito essa coisa que você está falando, muito, é emparelhado com partido, um movimento muito duro. É, as pessoas precisam assumir um lugar ou de diretor ou de qualquer função que seja, e esse tipo de militância, assim, eu vejo que ela é menos efetiva.

Entrevistada: É, eu também acho que esse jeito que eles arrumaram, vamos dizer assim, não nos livra de algumas coisas que eles dizem que livra. O C.A. é uma instituição, que está lutando por um monte de coisas, com certa política instituída, eu não sei como é que eles se arrumam, por que tem ter um representante do CA pra participar de outros fóruns na universidade. Eu não sei como é que eles se viram com isso, mas eles se viram, por que também eles não deixam de participar.

Agora eu concordo com você, tem algumas questão, como por exemplo, a questão do REUNI, que eles torraram a paciência, ai o departamento foram nossos aliados, o departamento sempre foi o curso de psicologia, sempre foi contrário ao REUNI, até que chagou uma hora que em uma reunião o departamento por maioria dos votos, tomou uma posição a favor do REUNI, mas uma posição meio envergonhada. Eles fizeram uma confusão, ai o departamento não queria assumir que votou a favor do REUNI e que estava voltando atrás e se posicionando a favor do REUNI. E ai quiseram colocar de novo como discussão de pauta a questão do REUNI, porque eles tinham entendido que o departamento não tinha votado a favor do REUNI, e ai o departamento teve que dizer que votou. Aquilo foi uma confusão, eu sei que eles arrumaram tanta confusão que eles conseguiram que o departamento votasse de novo, perdendo né, foi favorável ao REUNI. Mas foi super importante entendeu, super importante. Por que a coisa estava passando como se fosse assim...

Entrevistador: Despercebida?

Entrevistada: É, tal, tanto é que agora de vez em quando eu, a gente se encontra eu falo: Não, porque vocês votaram a favor do REUNI, então, como vocês são favoráveis, da pra pedir tal coisa né. Cadê aquilo que vocês vão ganhar? Por que vocês votaram a favor. Vocês ganharam? Ai fia tudo muito assim. O que acontece, nesse processo de luta, o movimento estudantil é sempre muito provisório.

Entrevistador: É uma marca encontrada em muitos outros estudos, é passageiro.

Entrevistada: Então, a gente que é professora a gente fica , daqui a pouco a gente fala assim, ai meu Deus é outro grupo que vai perguntar de novo: Por que isso é isso? Não agüento mais explicar esse negocio. Então, por exemplo, tem alguns que não estão nem ai pra algumas coisas, outros já pegam aquilo como uma questão, por exemplo, estágio de docência, durante muitos anos aconteceu e ninguém nunca colocou em discussão. Um belo momento junta um grupo que começa a barbarizar.

Entrevistador: Qual foi a questão que eles colocaram sobre estágio de docência?

Entrevistada: O afastamento dos professores da graduação, dos professores que estão vinculados a graduação, é um comprometimento da qualidade do curso e eu concordo com eles, um abandono da graduação. Quando o PPGPSI foi criado, foi um inferno, que os meninos entraram assim em parafuso, ele já vinham em um processo de muito afastamento dos professores do outro departamento, da graduação. E ai eles começaram a falar que nos íamos fazer o mesmo, que nos íamos produzir um mestrado apartado do curso de graduação e que a gente ia se enfiar no mestrado e que a gente ia largar eles pra trás. Por exemplo, alguns professores que é meio uma questão de honra, de compromisso assumido, eu e Beth Barros, por que naquela época foi muito difícil, tinha um pessoal, um grupo que estava no CA, que veio pro enfrentamento e veio de forma agressiva, e o negocio foi.

Entrevistador: Por que eles não queriam?

Entrevistada: Não, apavorados E toda hora a gente tem que reafirmar pro pessoal da graduação. Olha, tal atividade não precisa nem perguntar, cenário de pesquisa é aberto a graduação. Vocês não precisam perguntar que pode, abre a porta, entre e diz que vai assistir, se a sala estiver lotada pergunta se não tem uma sala maior, arruma uma sala maior, vocês querem tudo arrumado pra vocês.

Entrevistador: Tudo de mão beijada.

Entrevistada: É, não, não é assim, não é fácil, não vai ser fácil, não vai ser. Agora, tem coisa que a gente nem sabe, coisas que estão acontecendo aqui no curso, coisas que estão acontecendo nessa universidade e que eu acho que eu diria pra você que, sem eles, sem o CA , agora sem o CA que eu digo, não é sem a instituição CA, por que sem a instituição CA vive se muito bem, digo sem o movimento.

Entrevistador: Sem um certo tipo de atuação.

Entrevistada: Sem um certo modo de aquele C.A., acho que chegamos aí, a uma coisa que talvez pra mim, tem mais sentido. Não é o C.A. em si, existir o C.A. ao não existir. Agora, um certo modo de ocupar o CA, um certo modo de levar essas lutas. Quando, de fato a gente saca, a gente junto de que há uma movimentação

que se passa ali essa movimentação é uma movimentação que está aportando em uma psicologia que se alia a vida, que está junto nas lutas, ai eu acho que não há como pensar uma formação do psicólogo , uma formação de qualidade, vamos dizer assim, Ética , política, sem essa movimentação. Ontem eu estava em uma reunião com o pessoal falando lá, lá tinha um ex aluno que foi do mestrado, que foi aluno da graduação e é psicólogo participando desse movimento que está rolando, eu virei pra ele, um cara mais velho, ai meu Deus do céu, esse pessoal me participa de movimento e nunca participou de movimento social, não sabe nada de movimento social, não sabe nem que tem que esperar o outro fala, pra falar também, não sabe que não precisa falar de novo aquilo que já foi dito, falei vamos criar um cursinho de como participar do movimento estudantil. Cansei, ta na cara que eles não participaram de movimento estudantil, não participaram de movimento nunca na vida é o primeiro e eu tenho que agüentar isso.

Entrevistador: Movimento nenhum, né?

Entrevistada: De nada, ai eu falei tudo bem está participando desse então tem que ter uma paciência de Jó agora. Eu acho que faz uma diferença imensa sabia, por que na hora que você vai ocupar um certo lugar de psicólogo, eu vejo isso as vezes, por exemplo, numa certa geração que já esta entrando na universidade como professor que nunca participou de movimento estudantil, nunca participou de luta nenhuma , virou professor, ai professor é professor gosta desse lugar.

Entrevistador: É exatamente, eu acho que esse tipo de militância que a gente tem, as experiências dos movimentos sociais é um passo muito privilegiado na formação e eu queria até discutir isso.

Entrevistada: Eu acho, acho um passo bem privilegiado de formação e ai eu acho que é o seguinte, no meu ponto de vista não tem quer ser contato nunca, tem que se dar a revelia, no quietinho sabe. Tem horas que eu vejo que a porta está fechada.

Entrevistador: de uma forma meio marginalizada.

Entrevistada: É isso, correndo ali. Sabe aquela história tem que ser invisibilizado em alguns momentos sim, pro elemento surpresa acontecer, pra ser inusitado.

Entrevistador: Pra não ser capturado também, por que a gente já viu tantos movimentos serem capturados o tempo todo.

Entrevistada: Exatamente, tem conversa que a gente tem que estar junto, mas tem conversa que não tem que participar não, tem vamos dizer assim, ainda mais no movimento estudantil essa questão dá, ser passageiro e eu acho que as estratégias que eles vão usar em muitos momentos elas tem que ser inusitada mesmo.

Entrevistador: Tem que romper , dar aquele choque, aquele baque.

Entrevistada: Tem, no primeiro momento vai ter professor que vai ficar danado da vida, que vai dizer você não fale comigo menino desse jeito o que você está pensando da vida, eu não vou admitir que você interrogue isso, eu não vou admitir que você.

Entrevistador: Achando que eu nasci ontem, tipo assim, né!?

Entrevistada: Eu já falei isso muitas vezes com eles, ai depois eu chego em casa e falo assim, Ana Lucia presta atenção. Tem horas até que a gente conversa entre nos e diz assim, não é por nada não, a gente pode ate ficar quieta, vou ficar quieta, tem toda razão gente, os meninos tem toda razão. Agora é obvio que a gente em muitos momentos o que, que acontece tem uma pratica absurda que eles não são mobilizados dos roubos que acontecem aqui no prédio, não sou a favor de câmara , mas dizem que tem câmara, a câmara não funciona, não tem uma vigilância de qualidade, não tem segurança nenhuma nas portas e ai nós vamos responsabilizar os meninos.

Entrevistador: Eles relataram isso pra mim com muita, muito pesar.

Entrevistada: Eu imagino.

Entrevistador: Eles falaram que ficaram muito chateados.

Entrevistada: Eu imagino que tenham ficado. E eu acho que eles ficaram até pouco indignados, eu no lugar deles tinha.

Entrevistador: Ficado muito mais?

Entrevistada: Eu falei, Beth quando eu era como eles, eu não vou falar nada não, eu falo isso entre a gente, eu toquei o bonde do terror tá. Dizer que esses meninos estão fazendo, que isso é um absurdo, Beth eu já fiz pior Beth, nem conto pra não dá ideia. Então os meninos são super gentis.

Entrevistador: melhor ficar no invisível né.

Entrevistada: Deixa no invisível. Agora, eu acho que é fundamental para formação deles, é fundamental. Ficar ali, ficar discutindo entre eles, interceder. Até por que a gente vem, hoje a gente tem um curso que é um outro momento do curso, eles não falam disso.

Entrevistador: reforma curricular.

Entrevistada: Tem duas coisas hoje que não estão sendo ditas. Regime de cotas, não vejo, pelo menos eu não vejo o meninos falando nada. Eu não sei se eles não falam nada porque não tem nada a dizer, porque não é pra falar nada é pra ficar quieto é pra fazer de conta que é a mesma coisa e não é . Eu acho que tem umas questões extremamente complicadas, e eu não vejo o movimento estudantil, aqui na psicologia discutindo absolutamente nada. Nos sempre tivemos um curso, um curso extremamente elitista era o quarto ou quinto curso de maior pontuação no vestibular. Então, quem entrava aqui os sujeitos que passaram pelas maquinas de aprovar meninos no vestibular, essas maquinas tem um nome, um pseudo nome de escola, mas elas não são escola, escola pra mim é outra coisa. Então essas maquinas de fazer menino passar em universidade publica, passava um certo jeito de viver , um certo poder aquisitivo em que as camadas medias, baixas e pobre, se é que tinha um, se é que aparecia. Então, Hoje a situação é outra, só que nos professores continuamos lidando como se tivesse tudo a mesma coisa. Então a gente tem, alunos nosso lá de Viana que pega ônibus, que anda duas horas de ônibus pra chegar aqui, que não tomou café porque não tem dinheiro pra tomar, que não tem dinheiro pra pagar a passagem. Então, essa história do transporte, eu me lembro que na época alguns professores falaram assim: Como é que é, Porque os meninos não tem como vir pra cá? Não tem cara, não tem. Por exemplo, nos

precisamos de uma morada estudantil, nos temos um bando de meninos que vem do interior do Espírito santo, da Bahia, do interior de Minas. E morar aqui, Assim o tal do aluguel social que os meninos tem direito, que é uma ajuda pro aluguel, não paga o aluguel, está muito caro aluguel aqui. È muito complicado, sabe, é e eu acho que a gente está muito distante disso entendeu.

Entrevistador: Essa discussão não está na pauta assim.

Entrevistada: Não está?!

Entrevistador: Está, mas só que pouco assim, é isso que você está falando! Deveria ser mais discutido.

Entrevistada: É sim, porque, por exemplo, outra coisa tem um novo currículo esse ano como é que eles estão conversando, isso está sendo conversado. Por que tem horas que eu vejo que o representante dos alunos vai pra reunião do departamento sem ter a menor noção do que é aquilo ali, que está sendo discutido.

Entrevistador: Vai só pra abaixar a cabeça mesmo.

Entrevistada: Por exemplo, nas ultimas reuniões eles não abriram a boca, nas ultimas reuniões eles não estão abrindo a boca e eu fico olhando pra cara deles, não abrem a boca. Eu falai assim, não é possível que eles não pesquisaram a esse respeito. Tem horas que pra gente que é professor ser deslocado do lugar só com muito sacolejo, que entre nos a gente não vai conseguir fazer, não vai conseguir falar e eu vejo eles quietos, entendeu. Obvio que essa pauta chega pra eles com 48h e não dá tempo de ninguém discutir, aí eu fico pensando, esses dias eu fiquei pensando. Se eu fosse do movimento estudantil eu ia colocar em discussão no departamento essa história da pauta 48h.

Entrevistador: Mais tempo, né?

Entrevistada: Por que nos já sabemos o que vai ser colocado ali, tem uma ou outra coisinha, entendeu que a gente não sabe. Mas a maior parte das coisas a gente sabe, eles não. E está falando da vida deles e eles não abrem a boca.

Entrevistador: Você está falando aí, o quanto o curso é constituído, ele é formado, os rumos, os caminhos, muito por um jogo de força entre professores e estudantes.

Entrevistada: É experimentada entre professores e estudantes, agora o que muitas vezes eu acho e que a gente não saca, como, por exemplo, tem relações que nós, professores, não participamos.

Entrevistador: De cima também.

Entrevistada: De cima do MEC, de cima da reitoria, de cima de um monte de gente. Uma parte a gente não participou e vem como “cumpri-se”, outras vêm como “cumpri-se”, mas que não precisam ser cumpridas, que pode não ser cumprida. Por que eu vejo, por exemplo, hoje está muito mais pro “cumpra-se”, do que pro pergunta-se, e já estive muito mais no “pergunta-se”, do que no “cumpra-se”. Antes, na psicologia, era quase inadmissível pensar que psicologia cumpria alguma coisa sem ter discutido aquela história. Hoje, muito “cumpra-se” sem que nada seja discutido. E a questão é que, muitas vezes, os alunos foram aliados importantíssimos porque a gente estava quase que no “cumpre-se” sem discutir, entendeu. Aí eles arrumavam uma confusão, as vezes, não era confusão, mas eles arrumavam uma estratégia qualquer. Porque às vezes eles são, eu digo pra eles, vocês são muito sacana hein? As estratégias eu não sei se são combinadas ou se não são, mas as vezes elas são de pé de ouvido, entendeu? ‘E ai você, você está sabendo que está acontecendo tal coisa na universidade, você tem conversado sobre isso com seus colegas?’ Às vezes é ali sabe, perto do bebedouro, bebendo água, antes de entrar na sala.

Entrevistador: Passando no corredor.

Entrevistada: É, às vezes chego pra reunião da pesquisa, chego pra alguma coisa, e ai você está sabendo do não sei que lá? Não. Você não viu tal coisa? Eu não. E ai depois eu vou, fulano de tal veio falar comigo. Eu falei, eles devem ter resolvido que iam colocar alguns pra fala Beth, vamos ficar atendo, não sei o que.

Entrevistador: acho que eles endereçam

Entrevistada: ah! Endereçam, tanto pra começar a confusão quanto para produzir aliança! Eles têm o mapeamento, eles sabem o papel de cada um direitinho aqui dentro.

Entrevistador: eles não vão falar com outra pessoa.

Entrevistada: Não, não, por exemplo, eles sabem com quem eles começam batendo pesado e depois aliviam. Tem alguns que eles já começam macio, você saca isso entendeu, muito curioso, quem tem entrada com quem, quem admiti que não sei quem, seja não sei o quê, tem um jogo de força. Agora, que eu acho que outros cursos do CCHN em que, na verdade, você percebe muito bem que o Centro Acadêmico é um lugar para conversar sobre que horas nós vamos sair pra começar a beber cerveja e como é que vai ser o trote e como vamos arrumar dinheiro pra ir pro congresso. Isso eu acho que, o trote, eu acho que não faz parte, discordo completamente. Eu acho que tem um ritual de iniciação que faz parte e pode ser feito das formas mais variadas, agora esse negócio de pintar menino e botar menino no sinal pra pegar dinheiro pra beber eu fico furiosa, com relação a isso. Agora, tem um monte de C.A. que funciona desse jeito, mas acho que a psicologia, mesmo nos momentos mais frios nunca teve essa cara. Os momentos mais frios, eles ainda, acho que tem coisas muito bacanas, entendeu? A história do boicote ao provão, hoje ENADE, o modo como eles fizeram isso! Teve uma vez quando teve uma comissão aqui para avaliar o curso e que chamou os alunos para terem uma conversa, eu sei que os caras botaram os alunos numa sala para perguntar para os alunos, tudo sobre curso e assim, de avaliador, eles saíram daqui avaliados. Porque os meninos viraram o jogo e começaram a fazer um monte de perguntas pra ele. O que quê eles achavam da política de avaliação do MEC, eles dariam uma entrevista, aí eles deram e aí eles fizeram um jornalzinho, publicaram a entrevista dos caras, eles conseguiram que os caras dissessem que aquela política de avaliação era absurda. Aí botaram no jornalzinho e distribuíram para quase todo mundo. Então, assim, tem coisas muito bacanas que eu tenho muito orgulho deles, acho muito massa, eu acho muito bacana, muito bacana!

Entrevistador: Eu vou discutir um pouco isso mesmo, que você está colocando aí, tem praticas que são muito potentes, que convocam outros modos de militância, dimensão do que é política. Acho que eles convocam isso, o que é política, a forma

deles não é uma forma muito tradicional, é aquela coisa, ninguém é obrigado a filiar a partido, ninguém é obrigado a participar, ver o que, que é, também tem outras que já são viciadas, que são, tem outras praticas que são esvaziadas, de repente, perdida, sem sentido, mera reprodução, então não produz muita coisa nova.

Entrevistada: Agora, tem uma coisa. Eu fui parar no facebook por causa deles! Que eles agora também usam as redes sociais. No inicio eu fiquei olhando, não substitui a conversa entre eles não.

Entrevistador: É mais um instrumento.

Entrevistada: Mas eles usam legal.

Entrevistador: E isso na nossa época não tinha, não tinha esse recurso. Era boca a boca mesmo.

Entrevistada: Mas que bacana Pedro que você está fazendo uma dissertação! Eu acho que o seguinte, você pegou gente que já participou?

Entrevistador: Peguei o Jésio. Só entrevistei três pessoas, em entrevista gravada. Você o Zé e o Jésio. Os outros foram conversas com outras pessoas que já militaram também, e tudo mais assim.

Entrevistada: Por que, por exemplo, tem uma história muito bacana. Tem um cara que foi militante do movimento estudantil aqui em um momento muito difícil, em um momento. Valia apenas você falar com ele, Getulio. É, procura o Getulio, o Getulio é psicólogo, não é difícil, eu não tenho o telefone do Getulio hoje, mas ele está morando aqui em Vitória de novo.

Entrevistador: Eu consigo o telefone dele com alguém?

Entrevistada: Consigo, eu posso, você tem que me lembrar disso.

Entrevistador: Eu posso te mandar um email te pedindo então.

Entrevistada: Pode, o Getulio é um cara que participou muito do movimento estudantil. O Getulio e a Carol, depois acabaram virando namorados, não sei se

hoje eles estão juntos. Que foi antes do Jésio. Ele estava com uma militância no CA entre 2003/2004, mas ou menos nesse momento, que foi um momento muito difícil, um grande grupo de professores tinha saído para fazer doutorado, para criar esse mestrado , estava uma coisa muito esquisita, quando eu voltei me lembro assim, de falas muito duras do Getulio, nossa, quando ele resolvia que! Tinha uns membros meio, assim, anarquistas. Não sei, mas eu acho que o Getulio tem muita coisa interessante pra falar, vale a pena você falar com ele.

E vou viver as coisas novas
 Que também são boas
 O amor, humor das praças
 Cheias de pessoas
 Agora eu quero tudo
 Tudo outra vez...
 (BELCHIOR)

Entrevista com o aluno José Anézio Fernandes do Vale

Primeira parte da entrevista

OBS.: Legenda: Entrevistador (Pedro) com hifem e entrevistado (Jose) sem hifem.

- Quanto tempo você já participa de movimento estudantil?

Bom... A minha primeira experiência com o que oficialmente se chama de movimento estudantil, não sei nem dizer quando, porque assim...

- você começou novo, você começou com dez anos, quinze anos...?

Eu estudava em uma escola aqui de laranjeiras, laranjeiras é um bairro aqui da serra, a serra é a cidade onde eu nasci, eu estudava em uma escola chamada Aristóbulo e ai a minha primeira experiência, o que eu considero a minha primeira experiência com o movimento estudantil foi eu gostava muito de lê e tinha uma biblioteca cheia de livros e não podia entrar porque não tinha um profissional na biblioteca, e eu ficava azucrinando na escola querendo acesso pra mim e pra todo mundo. A biblioteca, não na minha cabeça hoje, isso era uma ação de militância e movimento estudantil, e espontânea é claro vinda do espontânea, mas é, eu não tinha noção do que era movimento estudantil.e ai se você for considerar contato

com organizações de movimento estudantil meu primeiro contato foi, é um, em 2003. Passou um pessoal lá na escola, um pessoal que , era na época da força socialista do PT, que hoje está como APS, que o pessoal tinha um tese no movimento secundarista, que chamava rebele-se, que era da oposição de esquerda dentro da UBES (União Brasileira de Estudantes Secundaristas), eles passaram na minha escola tirando delegados chamando, ai falaram com o pessoal da escola, falaram com ao alunos, chamaram quem tivesse interesse, claro que eu tinha interesse, queria ver com interessante era aquele bagulho. Ai fui lá, é, a gente, era um espaço, tipo um auditoriozinho que tinha lá na ? (não entendi) e ai como eu não tinha dado meu nome, foi uma para meio assim é engraçado isso, porque agora lembrando não fui nem eu que me ofereci, ai o pessoal elegia delegado, suplente e segundo suplente, ai a galera eleger delegado, suplente, não tinha ninguém pra ir , ai pessoal ficou pilhando meu nome, ai eu falei, a não coloca meu nome ai eu virei o segundo suplente. O delegado não pode ir, o primeiro suplente não pode ir, era um congresso da UESES (União Espírito Saltense de Estudantes), foi meu primeiro contato assim, eu fui de delegado, por que o delegado e o primeiro suplente não puderam ir, ai eu fui, ai de lá a UESES tinha um numero de delegados pro congresso nacional, ai eu fui de delegado pro congresso nacional, fui parar em Mogi das Cruzes , num congresso tipo assim que eu, vi o congresso da UESES que tinha algo tipo uns três coletivos

- Quantas pessoas mais ou menos participaram?

Há eu não tenho noção de quantas tinham não, mas muito menor que o da UBES. Era num ginasiozinho La no Caique de São Mateus.

- Ainda tem ainda?

A UESES?

- sim

Nunca mais ouvi falar, por exemplo, ano passado a UESES se posicionou contra o movimento contra o aumento. Então ela existe para tomar nota publica, mas eu não tenho noticia dela fazendo um trabalho de base não. Assim como a UEE ES se

posicionou na mesma nota, eu como estudante universitário, nunca ouvi falar da UEE, nunca vi um congresso, nunca vi forças organizadas disputando um espaço.

- E como é que foi a experiência de participar do primeiro congresso?

Olha, o congresso da UESES foi tipo assim, eu estava botando fé no que o pessoal falava, eu não tinha tanta clareza mas botava fé né e aí a gente foi lá, disputou e perdeu, o congresso da UESES era tipo assim...

- Perdeu pra UJS?

Pra UJS, que é hegemônica em todos os estados e nacionalmente. Nacionalmente lá no congresso da UBES a gente perdeu pra UJS de novo, só que foi uma coisa assim tipo, a gente não existia no congresso, chegou até, eles cataram meu crachá...

- Cara talvez a gente até se encontrou, sério, nesse congresso.

Sério, Mogi da Cruzes 2003

- Eu já tive em alguns foi em Brasília, tiveram alguns em Goiânia, não mais o de Goiânia eu não fui não.

A UNE tem feito muito congresso em Goiânia e Brasília, que é mais centrão é mais fácil pra todo mundo ir.

- A proposta é a galera se concentrar lá, por que lá, não tem essa preferência por região, como lá é centro é longe pra todo mundo. Acho que promove até a integração, eu acho legal. Mas e aí? E a experiência? Eu participei da UJS, eu fui um tempo, muito tempo mesmo da UJS. Hoje eu não estou atuando, eu acho que tem momentos na vida que a gente tem que colocar prioridades e eu coloquei meus objetivos de vida, mas foi uma experiência muito boa.

Mas qual foi a sensação que você estava falando?

Olha eu era muito novo, no congresso da UBES eu estava anestesiado era tipo assim nos éramos poeira, eu não sabia, eu não sabia o que era aquilo sacou? Não é a mesma coisa que eu fui lá em São Mateus espírito santo é um negócio mais

serio. Ai na volta esse pessoal acompanhou a gente por um tempo, eles viram algumas pessoas que se destacaram e acompanharam por mais tempo, era um pessoal que era muito bom nessa coisa de trabalho de base, de ganhar militante. Só que como a organização aqui, eles eram ligados dentro do PT na época ainda, como essa organização era próxima, tipo, a pessoa referencia deles que na época era deputado estadual era uma pessoa que na época da fundação do PT militou junto com meu pai e com minha mãe, ai eles conheciam e falaram então um pouco sobre as minúcias daquela organização a é que na década de 80, 90 eles conviveram eu fiquei mais antenado, acompanhei, mas eu não cheguei a filiar nada assim. Eu sei que eu tinha, eu tinha inclusive interesse me filia ao PT quando deu a minha idade de 16 anos, era no período que tava rolando a reforma da previdência aquilo tudo. Eu comecei a ver gente saindo do PT, gente, tipo, ganhamos a presidência e estamos saindo do PT. Tem alguma coisa errada ai, eu não entendia muito, não me filiei, e depois disso eu me afastei desse tipo de organização, então, tive contato...

- qual tipo de organização?

Esse tipo de organização que faz essa disputa congressual é, organizações com, é os chamados coletivos de movimento estudantil, impulsionados por partidos ou dirigidos por partidos, alguns são de fato dirigidos. Eu passei a não ter contato quase que nenhum diretamente assim.

- Nesse caso você está falando , por exemplo a UJS ela é a juventude do PCdoB e ela tem e ela tem direção majoritária na UNE e na UBES e se eu não me engano são o que 20 anos? Você sabe?

Deve ter uns 15 a 20 anos.

- Tem esse período todo, e você optou por ir para esse caminho?

E nem por participar da oposição, a tendência era essa.

- A oposição no caso...

O coletivo de oposição que eu tinha na época que era o rebele-se. Esse foi um embrião que depois veio a se um contraponto.

- Eles eram oposição? O PT era oposição na direção da UNE?

Então, eu lembro que nesse ano por ai a QUIZOMBA que era um coletivo de movimento estudantil do PT. Fez pela primeira vez, a união com a UJS, pela primeira ou segunda vez, então o PT era oposição tava começando a se aproximar naquele momento. Não existia pessoal que hoje o partido tem e mais, e mais militante fazendo oposição da UJS hoje, dentro da UNE. Tinha uma galera que era militante do PSTU.

- O pessoal tem participado dos congressos da UNE? Tem participado dos processos?

Tem muitos coletivos com militantes do PSOL disputando. Hoje deve ter uns...

- Pô cara legal, porque, assim eu acho, uma critica que eu tenho é que não tem como você participar ou de um programa diferente e melhor , se você não participa de dentro. Não sei se você concorda?

Eu acho que existe casos extremos em que não dá mais pra fazer disputa interna. Mais é, eu não sei se a UNE hoje é por exemplo uma entidade nessa situação. Nos, espaços democráticos da UNE quando a oposição coloca é coloca suas opiniões a pela forma de...

As instâncias democráticas da UNE se um coletivo de oposição qualquer ou um grupo de coletivos da oposição qualquer ou em grupo de coletivos da oposição , coloca opiniões contrárias a chance numérica de aprovação é nenhuma. A UJS tem uma facilidade por ser majoritária tem uma facilidade de ter numericamente uma quantidade muito maior de militantes. Então, a possibilidade de disputa de posição dentro da entidade não existe. Os espaços da UNE e da UBES são espaços, da UBES eu não sei tanto, tenho a impressão que é muito análogo, mas da UNE eu vi com clareza no ultimo congresso que eu fui, você tem muita gente , no meio dessa muita gente, muita gente que vai pra lá levado a participar de um congresso que não sabe onde vai parar, acha que o movimento estudantil é aquele coletivo e ai em geral é a UJS é um dos coletivos que, que bloco coma UJS aquele coletivo é o que existe de movimento estudantil chega lá eles vê que tem um grupo fazendo oposição e ai á a possibilidade daquele estudante avaliar, muitas vezes a

tendência dele fechar com um grupo de situação, mas ele pode talvez vê e falar eu quero conhecer a proposta desse cara, tem tese, a gente leva materiais e tal, essa dinâmica do congresso que se deve conhecer, um espaço que é possível você dialogar com esse estudante e aí, por exemplo conhecer o cotidiano da universidade que ele estuda, da faculdade onde ele estuda. E essa é uma opinião não só minha. Essa opinião que eu vou falar agora ela não é só minha, é também de um coletivo que eu faço parte, que é o mais, eu acho que o mais importante hoje, não é ...

- Como é o nome?

Chama-se barricadas construindo e Rompendo Amarras. Na verdade tem um grupo de coletivos que estão em um processo de fusão que vai se tornar o Rompendo Amarras e aí faz parte de um desses coletivos que é o antigo barricadas e abrindo caminhos é, por que assim tem fusões, tem rachas, todas essas coisas rolava, até hoje o pessoal... Só que assim antigamente era grandes coletivos, hoje tem 10 pessoas rachando e virando dois coletivos de cinco. Não, não é tão assim, eu to de sacanagem. Mas...

- Mas, é uma piada que tem um fundo de verdade? É aquele chiste.

Que numericamente é muito menor, sem sombra de dúvida, mas assim, essa disputa ela não está, tão esvaziada assim.

- Mas isso é um coletivo de esquerda eu acho Assim como você disse Lá na primeira internacional. Uma das coisas que eu pretendo discutir no trabalho é assim, é essa fragmentação dos movimentos, no caso do movimento estudantil é em diversos coletivos, em diversas frentes e assim, quanto isso enfraquece ou no caso pode potencializar também, por que isso pode ajudar a fomentar o debates ou confrontos de opiniões diferentes e isso é legal. Mas, eu ainda acho que os contras são maiores. Essas frações, essas separações que vão ocorrendo.

Mas o grande problema é que assim sem sombra de dúvida tem mais vantagem a gente tá junto do que tá separado. Então o ideal seria que a gente fizesse o seguinte: Olha no só temos duas opções , ou a gente está junto, ou a gente está separado. Qual é melhor? Todo mundo dizer queremos estar junto. Mas tem uns

que diz “não quero estar separado” só que o grande problema é que não é que a gente está em uma condição antes da separação em que a gente pode escolher se vai ficar junto ou separado. A gente já está separado, objetivamente. Então você não tem nenhum Marxista assim na coisa. A gente já está separado, diante da separação? Se a gente está separado nesse momento é porque existem divergências de posições que também tem as suas causas objetivas, ainda sendo Marxista. É...

- As pessoas elas se dividem por compartilhamentos de doutrinas, ideologias e políticas né.

Por exemplo, você tem, eu sou filiado ao PSOL, o PSOL tem várias correntes TROTISQUISTA, o pessoal tem mais de uma corrente TROTISQUISTA MORENISTA que por exemplo eles tem divergência quanto a conjuntura internacional, apesar da mesma linha teórica tem divergências severas de organização, de o que esperam do PSOL, da conjuntura nacional e internacional, posição diante do atual governo, leitura de ações para construir um avanço na luta de classe e é, seria ótimo que não houvesse essa fragmentação. Mas o que aconteceu conosco ao longo da história a gente escolheu, a gente não pode vir antes da história acontecer pra dizer eu quero que a história acontecer pra dizer eu quero que a história não nos faça está fragmentação daqui a pouco. A gente nasceu dentro da história e a história engoliu a gente claro, uma história que a gente faz, e eu acho que é justamente esse o drama, aquela porção da história que está ao alcance das nossas mãos é a gente tentando superar esse processo, mas reconhecendo que é a gente não tem controle total sobre a história. Porque a gente é individuo ou indivíduos coletivos, pequenos grupos tentando incidir numa realidade outros pequenos grupos com outras leituras da realidade, muito diferentes, tão legítimas quanto, nem melhores, nem piores. É difícil!

- E como é que se divide um movimento aqui na UFES?

Olha rapaz! Difícil falar como as coisas estão agora depois da greve. Eu posso tentar fazer uma caracterização assim bem legível. Hoje existe um coletivo que é o, nome é meio feio que é um nome de transição, entre um racha que rolou e uma fusão que vai rolar, mas tem o Barricadas construindo e Rompendo A marras, que

hoje existe praticamente só aqui na Psicologia, que é o coletivo que eu faço parte. Existe um coletivo chamado contraponto ele existe no curso de comunicação, de direito, acho que tem um pessoal da administração, acho que só. É um coletivo, que já foi o maior coletivo de oposição de esquerda da UNE, e hoje está praticamente morrendo nacionalmente.

- Eu lembro desse contraponto, e já assinei muitas cartilhas deles.

Contraponto era muito grande e aqui na UFES, ele era o maior contraponto do Brasil era aqui no ES.

- Antes de entrar nessa questão da UFES, que eu tinha pensado enquanto você estava falando, é que uma coisa que eu acho interessante também, é que uma coisa que eu acho interessante também é o quanto assim a gente é influenciado por um... Igual você disse, quando a gente vai por um... Igual você disse, quando a gente vai por uma filiação partidária, quando a gente vai vinculado a algum grupo, cara em quase 90% não sei é altíssimo a quantidade de pessoas que permanece naquele grupo.

Você ir pro congresso levado por um grupo né!

- Você entende? Essa coisa assim de você mudar de um lado pro outro é ocorre muito pouco, então pelo fato de UNE ser majoritária, do pessoal da UJS ser majoritária na UNE, talvez isso vá se perpetuar por muito tempo, por que eles tem mais recursos, eles tem mais gente pra participar das eleições de delegados pra participar dos congressos, então é uma coisa que vai permanecendo.

È uma coisa interessante que é o seguinte, se eu tenho a maior entidade de movimento estudantil do Brasil, dirigida majoritariamente por mim ai eu coloco um ponto estratégico, não é dizer que eles tem 50% mais um, eles tem muito mais, que isso, a UJS é imensa dentro da diretoria, se eu tenho cargos, posições estratégicas, por exemplo, finanças, quem é finanças dentro da UNE hoje? É a UJS, todo diretor da oposição pode receber verba, todos diretores da UNE podem receber verba pra fazer as suas atuações, os diretores da oposição, não recebem verba que os diretores da assistência que recebem, por exemplo, e aí no período pré congressual, eles tem contato com faculdades, com lugares, que o pessoal da

oposição não tem condições financeiras pra fazer poder acessar fazer a disputa de delegados, e fazer assim duas chapas disputando ali e quem consegue ir a mais lugares e convencer mais gente a sair como delegado leva, uma estratégia que a gente tem critica a UJS, que é o seguinte, muitas vezes eles entram na faculdade, em geral isso acontece mais em faculdades particulares, nas universidades em geral tem pelo menos um, ou mais de um coletivo ali disputando e ai isso faz com que qualquer setor que tente entrar ali, tem que falar claramente a sua política, quando não tem ninguém não precisa abri o jogo, você abra o jogo, se por exemplo, se eu chegar hoje em uma faculdade particular, que nem a São Camilo, na São Camilo e falo uma coisa nos estamos querendo puxar uma campanha de boicote do ENADE, eles não vão me deixar entrar lá, eu estive algumas vezes, o pessoal sabe que a CONEP, que é a entidade de psicologia que a gente constrói nacionalmente, que ela defende o boicote ao ENADE, o professor que deu carona pra gente perguntou: você não vai falar nada sobre o ENADE não né? Eu sei que pra conseguir atuar ali, eu não posso falar na da do ENADE, ao menos abertamente numa mesa, mas eu posso falar com os estudantes, articular isso. Outra coisa completamente diferente é, quando você faz o seguinte, você vai tirar delegado a você não apresenta suas posições políticas e você convida os estudantes pra congresso, é por exemplo a maioria dos estudantes que vão como delegados é, da UJS, a gente não encontra eles nos espaços de debate que acontece durante o congresso. Você vê as pessoas da direção, que eles são grandes, então tem muita gente que já é orgânica no coletivo, você não vê a base deles, aquelas pessoas que eles levaram que não sabem o que está acontecendo ali, você não vê eles no espaço de debate, para pode ver uma tese e outra debatendo.

- Então, eu concordo com isso que você está falando, mais, eu acho que também não pode generalizar né

Não, claro que não.

- O meu caso mesmo, eu fui em muitos eventos, assim como você, também foi no primeiro evento sem saber mais ou menos do que se tratava e você fez questão, eu fiz questão de participar, então , assim, mas de modo geral uma crítica que eu faço também, que eu sinto, é que a galera, uma boa parte vai, não sabe onde tá, o

que está fazendo, vai participar de um evento, de um show, de uma festa, pra usar droga, a galera que gosta de ficar louca e mais nada né.

Nada, contra ficar louco não, mas rola muito isso.

- Não, claro que não, eu também, já fiquei muitas vezes. Mas, eu não acho que o objetivo do congresso seja esse. Ai que é o problema, tudo devido seu espaço. É mas você falou de uma outra coisa que eu pensei aqui, como é que se relaciona CONEP, com a UNE? A CONEP surgiu como?

Se eu não me engano, a origem da CONEP é da UNE, 70 e tantos, 76, 77. Eles queriam uma executiva nacional de estudantes de psicologia, executiva da UNE, pra reunir estudantes de psicologia.

- A executiva faz parte do, digamos assim, organograma da direção da UNE?

É eu acho que é, antigamente a UNE tinha algumas executivas de curso, era um modelo executivo, e eu acho que a CONEP também tenha surgido, tenho quase certeza que é isso, A CONEP é então a entidade que constrói o encontro nacional de estudantes de psicologia, que era um espaço aparentemente acadêmico no qual os estudantes se reuniram pra tomar decisões políticas sobre a profissão, sobre a situação política do país, era época da ditadura e tal, eu não sei exatamente que data.

- Não sei se você concorda, mas na CONEP e nas executivas nacionais de curso, quase sempre, eu não sei se eu estou enganado, são oposição da UNE, você concorda?

A maioria hoje, a maioria.

- E por que isso se atrelou dessa forma?

Eu acho que a UJS ela não tem interesse em disputar esse tipo de entidade, é um formato muito menor que a UNE, ela dá muito menos respaldo, é o respaldo político que a entidade dá não compensa o trabalho de disputar ela. Eu avalio que seja algo assim, a UJS prioriza ter trabalho nos lugares onde ela tem é, consegue

fazer inserção assim. Eu acho que sinceramente a oposição foi majoritária nessas entidades por que só a oposição disputa.

- Eu acho um espaço riquíssimo, tão importante pra questão dá qualidade do curso, é um espaço que a galera poderia ta ai aproveitando e, mas, ainda bem que tem quem quer né, é e ai coce estava falando aqui do espaço de discussão aqui ma UFES, como é que é?

Eu tava dizendo que existe , tem o Barricadas que eu falei, Barricadas Rompendo amarras, tem o contraponto um coletivo que se chama levante e ai teve uma confusão rolando que hoje é majoritário no DCE, hoje o maior coletivo aqui é de oposição de esquerda da UNE, tem outro coletivo chamado levante popular da juventude que não é um coletivo de movimento estudantil, ele é vinculado a consulta popular e tem uma atuação mais de juventude mesmo,mas que tem uma intervenção aqui no cenário da UFES. Existe , assim, tem o Mudança que é um coletivo aqui, (coletivo bem complicado). Tem o quizomba que geralmente não aparece, e outro coletivo junto com o PT, e que já foi maior aqui hoje não tem intervenção, praticamente nenhuma, mas assim, em alguns momentos disputa processo eleitoral pra demarcar posição , mas não tem uma intervenção a tal. A UJS praticamente não acontece aqui, tem tipo assim, filiados da UJS que estuda na UFES, eles não tem aqui intervenção no movimento estudantil da UFES, quase não se vê a UJS também. Mas, o que , a tem o pessoal é... Dá Educação Física que tem um funcionamento bem orgânico ao pessoal do D.A da educação Física.

- Como assim?

Eles são quase um centro acadêmico, mas a gestão do centro acadêmico atua quase como um coletivo de movimento estudantil assim, com formulações políticas quase a altura de um partido, de uma organização assim. È inclusive em alguns momentos eles quase se apresentam nos espaços de movimento estudantil como uma força a parte, não como uma entidade, um CA e tal. È tem um grupo que se formou, em torno do movimento contra o aumento da passagem que são estudantes da educação física que não são do DA, estudantes da ciências sociais, algumas outras pessoas, inclusive pessoas que não são alunos da UFES, que tem uma linha de atuação anarquista defendem modelos mais autônomos de

organização, e aí esses grupos dependendo da situação, se aproximam mais ou se afastam mais e tem um grupo lá na história que faz oposição à atual gestão do CA, que são pessoas de uma linha mais...

- A atual gestão do CA de história?

Atual gestão do CA de história, a é meio complicado explicar isso, mais o curso de história ele tem uma polarização muito tempo entre os Marxistas e os anti-comunistas. O grupo dos Marxistas, não tem só Marxistas, tem pessoas que tem posições de esquerda, eles chamam assim, por conta das questões teóricas lá do curso de história mesmo, concepções de história, distintas e tal.

- Cara deixa eu te interromper. Uma pergunta que eu também me faço. O que é uma esquerda? O que caracteriza um ser esquerda?

Olha a leitura que eu faço e de que quando você tem uma concepção de que o funcionamento da sociedade não está satisfatório, que você quer a transformação dessa sociedade e que você pauta a luta e organização coletiva pra ruptura com o atual modelo de sociedade, não com a manutenção, nem reforma dele, você é esquerda. Tanto que eu não considero que esquerda seja sinônimo de Marxismo e que o anarquismo são esquerda, outras compreensões teóricas também de esquerda. Aí o pessoal fala que existe esquerdas, se as esquerdas não podem ser chamadas de uma esquerda com várias visões teóricas diferentes tem alguém que não é esquerda na história. Mas, é a minha opinião assim é duro talvez até duro que eu falo assim a forma como aqui no curso a galera trata. Chama de dureza, mas eu não acho que isso seja duro feio não, acho até uma questão dialógica. Mas e aí entrou uma questão no CA de história que no início era tipo assim uma gestão da galera que se juntou para tirar, o que por anos o pessoal do contraponto que era maioria lá, mas sempre teve essa disputa, mas sempre o contraponto ganhava, o contraponto foi perdendo força, e um dos sinais que o contraponto estava acabando nacionalmente e na UFES e que perderam o CA de história. O CA de história era do contraponto, o contraponto perdeu o CA de história. Assim, como em tese o C.A. de psicologia é de barricadas apesar de assim, a gente não dirigir o CA, mas a leitura que é feita é essa, pois assim é uma auto gestão, tem um funcionamento, no qual a gente nem poderia impor uma linha, nem pretende e tal,

mas o CA de historia ele é um CA eleito ai todas as eleições tinham duas chapas, as vezes três e ai o pessoal do contraponto sempre conseguiu, o contraponto e os independentes que iam juntos, por que não é só o contraponto, sempre conseguiu estar a frente, na ultima eleição que rolou, a chapa de oposição ganhou. Foi um processo até interessante assim a galera entrou e eles odiavam não só o contraponto, como todos os outros coletivos de esquerda da UFES, e eles iam pro CEBES, e eles brigavam coma gente e a gente também não gostava, achava eles tudo pelego.

- Foi quando?

Isso foi ano passado, é a gestão que está acabando agora, eles estão ai ainda, está acabando agora, eles estão ai ainda, está acabando agora a gestão. Durante o processo de gestão eles começaram a ver que tipo assim é, é claro, nesse processo de polarização, o pessoal do MUDANÇA que era o maior coletivo do que dentro do cenário da UFES hoje é, como eu caracterizo, coletivo não de esquerda, nesse cenário é que, é o coletivo que se por exemplo se posicionou contrário a greve ano passado, esse ano, fez uma serie de ...e ai a discussão da greve ano passado dos servidores e das três greves desse ano, foi um exemplo de grandes polarizações assim. O pessoal do CA de história era contrário, na greve desse ano eles colocaram ponderações, mas construíram a carta programa da greve estudantil, houve um processo tipo assim, deles se darem conta que nos não éramos de fato, perfeitos e por mais que eles não queiram estar com a f=gente, já que a gente não era perfeitos não tinha condição deles fecharem com esse grupo que era esquerda. Eles se deram conta que alguns momentos, não era b=nem pecado votar coma gente, eles se deram conta, de que o outro coletivo. Então, nesse jogo assim o pessoal amadureceu politicamente, mas decidiu que não quer mais disputar o CA. Ai algumas pessoas vão montar uma chapa agora, não sei como vai acontecer, o CA de História é um CA emblemático. Tem outros, o de comunicação aqui também.

- Aproveitando então a deixa que você deu vamos entrar no mérito do, que a minha pesquisa vai focar mais, na analise do CA, do CA de psicologia. É que quero, digamos assim, investigar um pouco, destrinchar um pouco, discutir, analisar é a forma de funcionamento do CA, coloca um pouco a Historia. É como é que foi se

constituindo, e o que me interessou no CA, foi a forma de funcionamento mesmo, quando eu vi, bom isso é o que eu acho, né. É o que conta, e é o que a gente pensa mesmo né sobre as coisas, não tem que , se a gente fala que é autogestivo, então o que conta é o que você está me dizendo, não é . Então eu acho que a forma de vocês de funcionamento não tem uma direção eleita, onde as pessoas se encarregam das tarefas e eles se responsabilizam, auto responsabilizam, pra mim isso é um modelo autogestivo, que eu, idealizado assim, não é um ideal, mas é uma forma bonita de imaginar um movimento de esquerda porque eu acho que toca no principio daquela coisa da é do, não por obrigação, você está fazendo aquilo ali não por obrigação, mas porque você acha legal, porque você quer, não é uma delegação, não há uma heteronomia, aonde o outro vem e diz pra você o que você tem que fazer, então, se você acha que tem que fazer, então você pega e faz, de um principio de liberdade, fascinante. Então, é claro que não são mil maravilhas, é claro que nada é perfeito, então como é que é o funcionamento do CA?

De forma muito simples, a gente convoca a reunião que aparece quem quiser aparecer, o funcionamento das nossas reuniões é igual a ao de assembleias, com diferença de que não tem coro, que nas assembleias a gente tenta sempre respeitar essa questão do coro com no mínimo 10% dos alunos do curso, ou próximo disso e pelo menos 30 pessoas, muito raramente quando é questão de urgência que a gente desconsidera isso. Mas, é assim, o poder decisório é o mesmo, o poder de participação das pessoas é o mesmo, todo mundo tem direito a voz e voto na pratica. E o que o nosso estatuto defende a gente não obedece, o nosso estatuto tem um sistema todo complexo, é uma mistura de processo com processo de auto gestão eleito, que todo mundo pode votar, mas as coordenadorias tem que delegar tarefas, a gente fez, trabalhou com o mesmo estatuto que falou assim, vai ser perfeito, colocamos na pratica e ai passamos mais de um ano tentando seguir o estatuto e ele não funcionava ai a gente jogou ele no lixo e falou, se um dia der a gente refaz ele. É muito esse tipo de funcionamento.

- O estatuto existe, mas vocês não executam, não praticam ele.

Existe! Se você é inscrito na lista de email do CA automaticamente a lista de email, manda pra você o estatuto, que a gente tem até que corrigir isso, porque manda

pra você o estatuto que, não está em vigência. Não, se pratica, mas foi uma coisa muito assim, a gente colocou isso em questão até a legitimidade da gente abandonar um estatuto, se perguntou assim quem nesse momento seria contrário a gente abandonar o estatuto. Então, a gente discutiu isso em várias reuniões, e assembleias, não tinha ninguém que disse assim, não tem que seguir o estatuto a gente entendeu que é continuar seguindo o estatuto naquele momento era uma burocracia que amarrava a tentar trabalhar ais do que as tarefas necessárias do CA. Pra fazer funcionar um modelo organizativo, burocrático, que não estava aumentando a potencia do nosso trabalho, o trabalho da entidade, que estava diminuindo o trabalho de potencia da entidade, a gente falou, vamos largar. Ai a gente tirou essa roupa, deixou pra trás e seguiu em frente. Desde então, a gente assim aceita isso né, decidimos aceitar, a gente é mesmo uma auto gestão, to pra dizer que a gente, porque tem uma história , como começou a auto gestão desse curso? Eu procurei assim, juntando algumas peças correr atrás. O grupo que geriu o CA por alguns anos antes da gente foi quem criou isso, não é uma coisa de muitos anos antes desse, dessa nossa geração, que somos os mais velhos que estamos no CA.

- Seria por volta de quando?

Olha, eu acho que o CA deve ter virado auto gestão , no período que tinha a galera aqui do CA de psicologia que era do DCE que foi na época de 2005, entre 2005/2006, 2003 no máximo, por ai, eu chutaria assim 2005provavelmente a galera decidiu. E era como o funcionamento, era qualquer pessoa que participa de três reuniões, três reuniões consecutivas passa a ter direito de voto. Pra perder o direito de voto, tem que faltar três reuniões. A gente tentava fazer isso né, mas a gente não faz mais. É assim, qualquer estudante do curso pode votar a gente não conta presença pra dizer, a gente tem a lista de presença das reuniões, mas a gente optou por não fazer esse trabalho. É ...

- Como é que era o funcionamento anterior? Você sabe me dizer?

Eu acho que era , tinha uma eleição, entrava uma chapa, a chapa ficava um ano, ai depois essa chapa chamava assembleia pro processo eleitoral, outra eleição esse formato mais clássico, que sinceramente eu não acho que é um formato pior do

que a gente tem aqui, acho que é na prática as limitações que nosso formato tem, esse formato também tem. Mas, ele induz, as pessoas que são da gestão a cumprirem algumas obrigações que quando você não tem uma gestão delimitada. Então, aqui o trabalho é em dobro, você precisa ter alguém que corre atrás da galera, pra poder despertar esse sentimento assim, eu sou do centro acadêmico, logo quando tiver uma reunião eu vou, tiver uma tarefa em reunião eu levando e pego a tarefa, eu cumpro. Se alguém falar alguma coisa eu posso falar eu sei o que está acontecendo, e hoje a gente tem um grupo um pouco maior de pessoas nesse patamar. Tinha uma época que era assim, uma, duas, no máximo três pessoas.

- Então aproveitando esse ponto, tenho umas perguntas nessa direção. Os alunos participam? Como eles participam? E como o espaço do CA é utilizado?

Os alunos participam de forma muito alternada, no momento que a gente faz reunião com trinta pessoas, reunião com coro de assembleia. Eu lembro que no período que estavam querendo colocar umas grades aqui na porta...

- Hoje o curso teve ter em torno uns 200 alunos?

Trezentos mais de trezentos. Ai, a discussão era o seguinte, estava e estão acontecendo roubos na UFES, e ai tentaram atribuir os roubos desse prédio a abertura dessa porta, que é um processo longo, cheio. E ai a gente foi fazer a discussão, olha quanto a colocar grade. É não tinha uma muito concordância, quanto a questão da segurança a gente tinha concordância plena que era preciso. A gente formulou propostas e trouxe pra poder sugerir alterações. Propostas inclusive que os professores do curso nem quiseram ouvir, mas a gente trouxe mesmo assim. Teve ... Lotado vários alunos professores dos departamentos, alunos dos dois programas de pós graduação, funcionários do prédio, diretores do CCHM, circularam pessoas de outros cursos que vieram. Quando a gente teve a notícia que já estava com um serviço pra colocar uma grade sem falar nada com a gente, chamo a reunião do CA, essa reunião deu 29 ou 39 pessoas. Um valor assim, a gente contou no momento máximo ou 29 ou 39. Tinha ex-alunos na reunião, que vieram assistiram a reunião, participaram do debate, mas assistiram a reunião. É ai a gente, a gente já teve reunião de chamar e ter assim duas pessoas

e a reunião não acontecer por falta de gente. Então é uma coisa que varia muito assim, quando a gente consegue fazer divulgação, qual período do semestre a reunião está acontecendo, período de provas as reuniões são sempre esvaziadas, tem uma serie de dificuldade assim. Mas, a galera participa. Por exemplo, ontem a gente fez uma reunião que a gente discutiu um problema com o professor de estatística , a gente tinha várias pessoas na reunião, vamos dizer assim, a média de pessoas na reunião são dez pessoas, a gente tinha umas sete a dez pessoas, além de um grupo de quinze alunos, eu não contei no momento mais cheio, mas teve umas quinze ou mais pessoas só de uma turma que vieram pra discutir a questão da disciplina de estatística, tem um professor que a gente já teve problema outras vezes.

- Eu gostaria muito que esse trabalho meu fosse construído com vocês, não sei se vai ser com todo mundo, quantas pessoas vão poder participar, mas era uma coisa que eu gostaria de estar discutindo. Talvez no momento, quando eu tiver alguma coisa mais concreta e tal, e é uma intervenção também pra gente estar discutindo o que é o CA e o movimento estudantil.

Não tenha duvida , que a sua participação nesse período aqui, já tem provocado movimento aqui no CA , as pessoas estão sentindo que tem algo acontecendo e reagindo à isso muito positivamente.

- Um outro ponto também que eu quero falar é sobre aquela manifestação de cinco mil estudantes, foi um momento muito bonito também.

E inclusive o tal espaço físico foi usado aquele dia antes e depois, assim do segundo momento que foi aqui na frente da UFES. Foi aqui que surgiu a ideia, primeiro a pessoa falou assim vamos fechar. Surgiu aqui, a galera fez faixas aqui, pessoas de vários cursos juntaram aqui e depois do porraideiro a galera voltou pra UFES, supostamente local seguro na cidade e lotaram esse lugar de gente de todos os cantos.

Segunda parte da entrevista com o aluno José Anézio

Entrevistador: Continuando a segunda parte entrevista com José Anésio, estudante de psicologia. A gente tinha parado naquele ponto que a gente estava discutindo sobre os espaços do CA (centro acadêmico), como é utilizado os espaços do CA?

E eu andei pensando em outros pontos pra gente ir conversando, em outros pontos ao longo da entrevista.

Entrevistado: Então, é... Esse é um assunto bem enigmático, porque quando a gente fala do CA, acaba tendo que explicar isso para as pessoas. Galera, calouros sejam bem vindos, esse É o curso de psicologia. O centro acadêmico de psicologia ele É uma entidade estudantil, né! Uma entidade de luta, um coletivo que se reúne que faz reunião, que faz ações, debates, eventos, passa em sala, enche o saco.

O centro acadêmico é também um lugar onde as pessoas freqüentam. Algumas pessoas que freqüentam esse lugar são dessa entidade, mas as coisas não se casam, tanto que tem pessoas que freqüentam o espaço físico do CA e na hora que começa a reunião se retiram ou que ficam do lado de fora trocando idéia enquanto a reunião está rolando lá dentro. O uso, é muito amplo, e isso não é um problema pra gente, tipo “ah não, vocês usam o espaço físico, mas...”. Eu acho que tem sim um incômodo quanto a isso, um questionamento disso, mas não no sentido que o CA deveria ser somente para coisas da militância, muito pelo contrario, nos mesmos que participamos da entidade fazemos outros usos para além do uso militante do espaço no sentido, mais clássico da palavra militância.

Entrevistador: É o que eu tenho vivido quando eu venho aqui participar do encontro aqui com vocês, quando eu estou de passagem mesmo, e é isso, me marcar como um lugar de passagem as pessoas vem integram, interagem, conversam, é um lugar de vivencia, um lugar de integração, você vê assim também?

Entrevistado: Sim, claro, inclusive para algumas pessoas é lugar de passagem mesmo, só passar, não é nem que integram em algum momento, é só passar, tem pessoas que só passam por dentro dizem um Oi ou nem isso.

Entrevistador: Porque fica em um lugar entre o pátio interno e o pátio externo né.

Entrevistado: Tem uma grande polemica quanto a isso porque, esse centro acadêmico ele nem sempre foi assim. No projeto original do CEMUNI, até aonde eu conheço desse e dos outros CEMUNIS aqui da UFES, que é um tipo de prédio né, CEMUNI quer dizer Célula Modular Universitária. Então é uma célula.

Entrevistador: a UFES é de trinta e poucos?

Entrevistado: ela é de 35 eu acho, quando ela se torna Universidade Federal do Espírito Santo, com o primeiro curso que depois virou o IC, mas assim, esse campos eu acho que ele não chega a ser de 50. Não, eu acho que a UFES é de 50, da década de 50. Até onde eu sei, esse campus, até onde eu sei teve outros prédios antes da criação da UFES nesse campos, os primeiros prédios são CEMUNIS, então ele tem até uma estrutura meio precarizada, nosso espaço físico ele é vítima disso um pouco. Algumas coisas do CEMUNI tiveram reformas, mas o C.A. não, é bem, bem zuado. O quê que acontece? Originalmente o CEMUNI é para ter quatro entradas, acho que nenhum deles tem as quatro entradas. Acho que a célula modular universitária é feito para adaptar a necessidade de cada curso que se instala, é uma proposta até bem interessante de prédio, ele tem uma acústica...

Entrevistador:- é eu já ouvi falar sobre isso, que a proposta seria de integração mesmo

Entrevistado:- exato

Entrevistador: para as pessoas dos cursos circularem

Entrevistado: exato. O pátio interno é um lugar com uma acústica para apresentação, ele tem a parte coberta, a parte descoberta, você pode inventar, enfim, é a gestão física do prédio, inclusive, acho que a gente até faz pouco uso do CEMUNI, ele permite tanta coisa e a gente ousa tão pouco, inclusive, quando há uma ousadia é visto com desconfiança, mas é claro, tem todo um jogo de forças dentro do curso. Nem todo mundo é parceiro para você produzir, criar. Mas esse lugar, que antes de ser C.A. parece que foi por um período do D.C.E ou algo assim, ou da ADUFES ou do Banco do Brasil. Isso já tem história até virar sede de psicologia, é um lugar reaproveitado. E ele tinha uma porta aqui para fora, como as

portas do CEMUNI é, e ele é fechado. Tinha um muro que separava o pátio interno, num processo, lá no ano de 2007 que foi instalado um “ruby” de internet ali, tiraram um metro e meio quadrado do C.A. para o “ruby”. Depois que a obra acabou, a gente viu que não era necessário. Os estudantes do curso na época entenderam o que estava acontecendo depois que a obra já estava iniciada. Aí falaram assim: “oh, a gente não quer essa obra”, só que a obra já estava iniciada, não tinha como desfazer. Também quando pediram o espaço não tinham muito a intenção de ver com o C.A. se iria fazer ou não. Era tipo assim; “olha, precisamos fazer uma obra e a alternativa que a gente tem é conseguir um espaço, vamos tirar um metro e meio do C.A. de Psicologia. Não é um laboratório, não é uma sala de aula, não é uma sala de professores é o lugar que agente pode tirar.” Na época era o período de eleição para reitor, então na articulação das chapas você consegue barganhar uma obra com mais agilidade dependendo de como você se posiciona nessa negociação, de como ela está acontecendo. O que aconteceu? A verba para obra foi conversada de forma muito atropelada com os estudantes, os estudantes falaram de fazer a obra pensando que era só instalar um negócio na parede e descobriram o que a coisa era, queriam parar a obra, mas não podia mais. Foi feita uma negociação naquele momento e os estudantes ingênuos, bobos, é minha opinião né? Eu não era aluno do curso na época. Convivia com a galera do curso, mas foi num momento de ingenuidade, que foi. “olha para gente tem um ganho nessa relação, então a gente vai por uma porta aqui,” então essa porta surgiu desse processo. Só que essa porta ficou quatro anos fechada, surgiu e nunca foi aberta, ela foi aberta num dia que o centro acadêmico tirou verba própria para poder pagar um chaveiro, porque todas às vezes que a gente pedia a chave, diziam que não sabiam onde que a chave estava

Entrevistador: engraçado isso, fizeram a porta, mas a chave que era bom não cederam. Era para ficar fechada? Não foi para ficar aberta, ou não?

Entrevistado: rapaz, sinceramente eu não sei explicar o porquê da postura tomada naquele momento, mas eu vejo claramente o seguinte; é uma visão do estudante de graduação como um risco iminente para segurança do prédio, para os patrimônios do curso, se há uma...

Entrevistador: você acredita que por trás disso existe uma política de culpabilização, de responsabilização do estudante?

Entrevistado: se eu acredito? Sabe o que o Jung respondeu quando perguntaram para ele se ele acredita em Deus, "I don't believe. I no" Eu não acredito, eu sei. É só olhar para o que está acontecendo, os espaços que a gente tentou discutir segurança nesse curso, os que a gente chamou, os que foram vindo de outras origens, os que para além dos estudantes, outros personagens da vida do curso, sujeitos do curso, eles não discutiam segurança, eles discutiam fechar essa porta. Então, questão da segurança é o que menos importa, todas as propostas de segurança, mais efetivas que o portão, do que fechar a porta, colocar uma grade, que a gente sugeriu na época, nenhuma delas foi efetivada., nenhuma, nenhuma. Quando a discussão acontecia, a discussão era se vai ou não fechar a porta. Se a porta foi fechada ou não foi, pouco importa a gente discutir os outros assuntos, que eu entendo um pouco também, acho que são eu sou da opinião que a culpabilização não é um ato de vilania, tem um vilão que culpabiliza vítimas, acho que a gente, os estudantes desse curso não são vítimas, sujeitos ativos desses cursos e que em muitos momentos, inclusive a gente da margem para alguns desses estereótipos. ate por conta desse funcionamento, que a gente conversou na outra gravação, esse funcionamento do C.A. autogestionado, às vezes a gente perde um pouco os critérios de até onde a gente está autogerindo, não, não é de até onde agente está autogerindo não, é de até onde a gente está num espaço autoegerível ou não, porque entre a gente auto gestão rola e assim, o referencial teórico predominante no curso, presa muito por esse termo, auto gestão.

Entrevistador: qual que é o referencial teórico predominante?

Entrevistado: é a análise institucional, até numericamente. Acho que a gente pode relativizar essa afirmação que eu estou fazendo, mas na prática como aluno de curso que eu estou fazendo as disciplinas de graduação, agente estuda da segunda metade do curso para frente, um pouco antes, é análise institucional, ele é predominante.

Entrevistador: mas o DPSO também tem uma influência forte?

Entrevistado: o DPSO é um departamento menor. É, aí tem um certo referencial

Entrevistador: por que é uma outra linha que os professores de lá seguem?

Entrevistado: são outras linhas

Entrevistador: quais lá?

Entrevistado: tem muito de representação social, tem um grupinho de piagetianos, Muscovici, Jandeler... Mas principalmente representação social

Entrevistador: vou aproveitar que você está falando de representação, o que é representação para você? Representação de estudante.

Entrevistado: representação estudantil?

Entrevistador: é, é

Entrevistado: olha, eu acho que é uma forma de ocupação do espaço institucional, insuficiente para promover os diálogos de gestão do curso que são necessários, mas é um espaço possível para isso. É o espaço que os professores estão mais dispostos, apesar de que muitos professores participam desses espaços, é um espaço a ser ocupado pelos estudantes dentro do modelo atual, limitado, fracassado, falido, podre de funcionamento da instituição UFES, da universidade brasileira. Mas é um espaço que a gente tem dentro da via institucional para colocar alguns debates e poder fazer algumas coisas, e legitimar algumas coisas, porque acho que é um espaço muito secundário para o movimento estudantil, a prioridade do movimento estudantil não é nem deve ser ocupação de espaço de representação, acho que a prioridade do movimento estudantil é uma construção de espaços de representação direta, se eu posso dizer assim, espaços que a voz de cada um possa ser escutada, que se possa formular coletivamente, em que os estudantes, os professores, os técnicos, e outros sujeitos envolvidos para eles dessas três categorias possa co-existir. Algo que não é possível fazer por completo no espaço de representação formal. Que é a gente tem uma quantidade de representantes em cada departamento, representantes e suplentes. Assim como, por exemplo, o C.A. é supostamente um espaço de representação de representação dos estudantes, se o estudante quiser falar, ter uma voz que não é

pessoal dele, que é coletiva no curso vai procurar o centro acadêmico. A ideia do centro acadêmico como algo que tem um grupo que gere que vai ser acessado pelos outros estudantes, pela base estudantil quando eles precisam da ajuda do C.A. não é a perspectiva que a gente quer que infelizmente como a coisa ainda funciona, tanto que, se eu posso de chamar de utopia, essa idéia da autogestão que a gente tenta experimentar aqui é justamente na tentativa que qualquer estudante tenha voz e peso igual, por exemplo, eu tenho clareza que na prática a minha palavra dentro do C.A. pesa mais que a de muitos estudantes em alguns momentos eu fico quieto para ver as voz de outras pessoas reverberar, mas é um acúmulo...

Entrevistador: é o peso de um processo, né!? Um acúmulo que você está dizendo, você foi construindo isso, você foi galgando esse espaço. Essa legitimação que você tem.

Entrevistado: Eu sou fominha, tagarela, eu não paro de falar.

Entrevistador: agora isso quer dizer, se chegar um aluno e dizer, assim, 'olha eu quero fazer uma proposta de funcionamento aqui no programa', como é que é isso, como é que vai ser o tratamento?

Entrevistado rapaz eu acho que muita gente vai resistir tipo assim, não queremos falar sobre isso agora. Eu já tentei falar isso em alguns momentos, ' galera vamos refazer estatuto, já dei a bobeira de falar assim, não precisa refazer estatuo não, vamos fazer uma coisa interna só pra gente assim. Colocar no papel qual é nosso funcionamento só pra gente ter clareza, para gente ter noção. E a galera nesse momento que isso rolou disse assim, a gente tem coisa mais importante para gente fazer nesse momento agora e assim. Fui voto vencido de forma massacradora, mas eu acho que...

Entrevistador: então assim, eu to indo para um lado que a gente parte de um princípio que não tem nenhuma organização que é o tempo inteiro autogestiva Enem uma organização que é absolutamente hierarquizada, que é pautada no dogmatismo, na relação estreita de poder.

Entrevistado: nenhuma das coisas em absoluto

Entrevistador: isso exatamente acredito que essas coisas se revezam se alternam em determinado momento a organização é mais autogestiva em outro é mais heterogestiva então você acredita pelo tempo que você tem de militância aqui no C.A., desde que ano?

Entrevistado: estou desde 2008, mas acho que frequento o espaço do C.A. desde 2006/2

Entrevistador: 2006/2? Quais são os momentos, vamos dizer assim... A maior parte do tempo o C.A. se dá de que forma? Se dá dessa forma autogestionado, e aí para mim autogestionado eu estou dizendo essa preocupação com o funcionamento, que você disse que você fez uma proposta, que foi voto vencido, isso ocorre poucas vezes raras vezes ou esse foi uma exceção?

Entrevistado: Exceção o que?

Entrevistador: a proposta de vamos discutir o estatuto

Entrevistado:- sabe o que acontece, o calouro entra no curso, e se aproxima do C.A. eles em geral chegam ao segundo período e aí vão apresentar para os novos calouros. Eu vi isso semana passada na semana de psicologia, de um menino do segundo período apresentando o Ca para os calouros e dizendo então. O C.A. você não precisa eleito para participar, tem pessoas que são de partido, mas não um negócio partidário. O funcionamento do C.A. ele é muito querido pelas pessoas que participam. Eu não sei se tem pessoas que participariam do C.A. se ele tivesse outro funcionamento e que não participam, mas não tem pessoas dizendo eu quero que o Ca funcione de outra forma. Sinceramente das experiências que eu já tive eu acho que as pessoas que. Se você chegar passando de sala em sala dizendo assim e aí galera se o C.A. fosse de outra forma você participaria? Várias pessoas diriam que sim, e não participariam. Se agente mudasse o funcionamento em função dessas pessoas elas não participariam. Eu participaria do C.A. se ele fosse eleito por chapa, eu participaria, eu montaria chapa. Acho que as pessoas que frequentam o C.A. montariam chapa. O grupo de pessoas que mais ativa, que é não sei o que, não sei o que eu tenho certeza absoluta, que não todo mundo, mas

boa parte dessas pessoas teriam chapa junto comigo. Agente montaria chapa única

Entrevistador:- mas nesse modo de gestão, tem dado mais certo ou tem dado mais errado?

Entrevistado- olha então eu tenho pensado muito sobre isso. Eu já me perguntei. Se a nossa autogestão está atrapalhando. Eu acho que não. Eu acho que o nosso modo de funcionamento tem dado certo com problemas e ele tem dado certo justamente porque ele promove resultado. Por exemplo, você perguntou a coisa da representação, a gente está com uma dificuldade profunda, nas ultimas semanas a gente discutiu mais de uma vez no espaço do C.A. isso, de conseguir ocupar os espaço de representação nos departamentos. A gente tia representante, todo mundo diz que vai e no dia anterior ninguém pode. E depois os professores ficam balangando, falando para os estudantes que o C.A. não representa ele, porque ninguém vai às reuniões do departamento, quer dizer você ouvir de um analista institucional isso foi um professor de análise institucional, ouvir de uma pessoal com referencial da análise institucional que se os representantes estudantis não estão indo na reunião é melhor que os estudantes não procurem o centro acadêmico como representante deles, que vão La por conta própria, acho que estou precisando estudar um pouco mais análise institucional. Mas enfim, foi um desabafo. Corta isso depois.

Entrevistador:- não, corto não (risos)

Entrevistado:- enfim, o que acontece...

Entrevistador: mas é isso Zé, a gente está atravessado por todas essas relações. Você sabe que eu sou do programa. Eu sei um pouco das coisa que você acredita, dos referenciais que você procura trabalhar. O partido que você é filiado então é isso cara, não tem como a gente fingir que isso não existe, tem que falar mesmo

Entrevistado - é tem coisas que não são diretamente ditas, mas acho que nesse caso até que era, pensando bem! Enfim, na verdade o que eu ia dizer era o seguinte, a gente tava com uma dificuldade com a questão de ocupar o espaço de representação hoje. Mas a gente está conseguindo tocar uma série de coisas,

agente fez uma discussão sobre avaliação. A gente chamava as pessoas para discutir. ENADE boicotar ou não boicotar? E quando chegou encima da hora do boicote, todo mundo estava esperando a decisão do C.A., para poder fazer o que o C.A. tirasse. Eu pensei são pessoas que vão boicotar por boicotar, que não tem clareza do que está acontecendo. E as pessoas tinham na ponta da língua um monte de críticas ao ENADE. Eu descobrir que os matérias que a gente estava publicando sobre o assunto, as pessoas estavam lendo, as pessoas estavam se interessando. Nas ultimas semanas eu descobri. Que as pessoas não vão simplesmente ao espaço do C.A., pessoas que eu pensava que queriam que o C.A. deixasse de existir, tem referencia nas posições do C.A. quando o C.A. solta uma nota pública as pessoas lêem. A gente está discutindo um problema com um professor lá da estatística, que tem um histórico com várias turmas aqui, ele pegou uma terceira agora. A gente precisou fazer uma séria pressão ao colegiado de curso. A gente vê o colegiado do curso funcionando de uma forma completamente diferente da que costuma funcionar, justamente porque sofreu uma pressão do centro acadêmico, você vê estudantes dizendo assim eu estou chateado com minha turma, porque a turma veio procurar o Ca quando precisava ajuda e depois que passou na disciplina de estatística não foi ajudar a turma seguinte que vai ter aula com o mesmo professor. O tempo inteiro as pessoas dizem o seguinte, olha centro acadêmico, agente não entende o que você são não. A gente não entende o porquê participar, agente vai uma vez ou outra. Às vezes a gente acha chato e tal, mas a gente tem uma referência em vocês. E aí como marxista que sou a gente que isso fruto de um trabalho de base e tal. Se é o u não, não sei. Mas a gente está em um momento que tem muitas pessoas participando, a gente chama a reunião, a galera vai. Assembléia da gente não costuma encher mesmo é sempre difícil, sempre foi. Desde quando eu não era aluno assembléia lota é quando tem coisa, quando tem greve, uma polemica grande, quando querem fechar a porta. Um monte de gente...

Entrevistador - as assembléias ordinárias ela normalmente são esvaziadas, né?

Entrevistado - são assembléias com temáticas muito polemicas que...

p que ai convoca realmente

Entrevistado - eu cheguei a participar de quatro ou cinco assembleias cheias, todas em período de greve.

Entrevistador: mas isso tem acontecido em muitos momentos da história dos movimentos estudantil, eu tenho estudado e é muito recorrente, essa fala. As entrevistas de pessoas que participam de pessoas que participavam. “Em determinado momento junto uma galerassa e fizemos aquela manifestação histórica e NE outro acabou não existia. Então velho, é uma coisa que está presente e não só acontece aqui. Tem que ver, não sei se são origens, mas os condicionamentos históricos que estão determinando, que estão implicados nisso. Porque que funciona assim? Faz parte de todo um sistema social mais amplo e o movimento estudantil está dentro Del, está inserido.

Entrevistado - eu acho que a dinâmica dos movimentos de massa como um todo, não que o seja um movimento de massas, é dentro do seu âmbito, massifica. Mas o processo de massificação de qualquer movimentação social ele se repete em grau maior ou menor é no movimento estudantil, é no movimento popular, às vezes até no sindical.

Entrevistador: me lembrei até de outro tema. Qual é essa diferença, você trabalha você acredita você parte do pressuposto, você coloca em prática essa dicotomia entre vanguarda. E massa estudantil? Entre dirigentes e aqueles que fazem parte da massa.

Entrevistado: olha eu tenho um histórico de namoro com o anarquismo. Eu gostaria muito que isso não existisse, mas isso existe. Necessariamente o movimento ele tem outro caráter quando ele um sujeito que é colocado na posição de liderança, de direção quando ela aceita que El está nesse papel. Não necessariamente para dirigir e dar a linha nos outros, mas no sentido de a partir dessa experiência ele poder contribuir com alguma mudança, com a transformação. Essa distinção vanguarda-base ela é real. Ela existe é muito fácil de ver. Qualquer movimento social, ou em boa parte deles,

(Um colega entra na conversa e faz brincadeiras).

(Prosseguindo. A entrevista)

Entrevistado- o negocio da vanguarda-base, a grande questão nesse processo, não tanto na perspectiva eu acho que não é tão diferente, mas assim na perspectiva socialista de autogestão é algo que agente precisa..., construir a autogestão é...

(O colega interfere novamente e risos)

Entrevistado- construir a autogestão só é possível se você reconhece que nem todas as pessoas as pessoas estão dispostas a tomar frente no processo. A autogestão é um processo no qual cada sujeito vai toma frente, então eu José Anésio, que estou no C.A. desde 2008, por exemplo, as meninas que estava aqui a Samanta, a Gabriela, que são pessoas, que estão na segunda semana de aula, que tiveram a primeira aula dela hoje. Enfim, que a gente no espaço do centro acadêmico é igualmente protagonista, se a gente age igualmente como protagonista você tem uma autogestão a autogestão ela fica comprometida no sentido prática, por mais que institucionalmente a entidade seja autogestionada, a autogestão fica um pouco comprometida quando tem pessoas que esperam pela iniciativa de outras e em geral espere-se pela iniciativa daqueles sujeitos que são referencia a chamada vanguarda, agora, entender essa dinâmica é importante para construção da autogestão. Que é quando você se reconhece, eu, Jose Anésio, ocupa um papel. Eu tenho clareza disso porque é que você está me entrevistando, não é à toa né? A gente sabe disso, uma pessoa que a galera cita outro dia uma menina perguntou se eu era presidente do C.A., só que o C.A. não tem presidente.

Entrevistador- eu já te fiz essa pergunta

Entrevistado- sim, é de vez em quando as pessoas, perguntam sobre o funcionamento do C.A. quando eu entendo que eu sou colocado nesse papel, eu posso negar isso e dizer: não, eu sou uma liderança, não de forma alguma. Ou eu posso fazer diferente e dizer como vanguarda liderança que sou quero trabalhar, trazer elementos do acúmulo que eu tenho para poder forma entre a base, aquela pessoas que não são vanguarda, pessoas que podem ocupar esse lugar de vanguarda. Todo mundo vai? Não. É todo mundo que vai à assembléia, na reunião do C.A.? Não é. A gente com isso consegue diminuir essa diferenças acho que o

papel da vanguarda é trabalhar para deixar de ser vanguarda. É isso. Mas isso não é tão simples é claro. Mesmo porque tem uma rotatividade...

Entrevistador - é porque isso tá me fazendo uma questão como se intitular, não como ser uma liderança, sem se autodenominar? Porque quando se autodenomina, quando a gente se considera como uma liderança ou como uma vanguarda está colocando em cena alguns pressupostos, a gente está partindo do pressuposto de que a gente exerce mesmo uma função diferente do outro. Essa questão do termo vanguarda é uma palavra que já tem toda uma conotação, tem toda uma tradição do seu uso epistemológico, filosoficamente, que é atrelado à noção La do marxismo clássico, do proletariado, de que existiam os dirigentes, que seriam as consciências das massas. Você não acha que isso tem um ranço que quando a gente dicotomiza, que quando a gente separa em termos de vanguarda e em termos de massa a gente não está reproduzindo essa noção de que existem os iluminados e os não?

Entrevistado - é, é uma grande tendência disso. Eu acho que é possível cair para esse formato de compreensão de vanguarda, de vanguarda como o dono da bola, se eu não tiver gostando eu levo a bola embora que aquela vanguarda que quer que o movimento tenha a sua perspectiva, mas, por exemplo, um das varias coisas que eu posso considerar um elemento de compreensão do que é vanguarda é a vanguarda como quem formula né? Tem pessoas que estão participando do movimento, mas que não inclinam a formulação teórica, a formulação política a formulação prática. Ou dos rumos que o movimento vai tomar e temas pessoas que formulam, são vanguarda. Agora essa formulação ela compreende que aquele sujeito considerado como base aquele sujeito da massa, aquele individuo, estou falando do individuo mesmo, do individuo que compõe a massa ele é tão sujeito político quanto o sujeito da vanguarda, ele compreende que. Por um lado você pode compreender a noção marxista, e acho que muitos marxistas entendem assim, como levar a consciência. Então eu, vanguarda, tenho a consciência que a base não tem, mas é impossível que eu tenha uma consciência, enquanto o outro não tem eu consiga inocular no outro minha consciência. Por mais que se acredite nessa perspectiva, e que muita gente acha que essa é a noção clássica de vanguarda, na verdade, a vanguarda entende qual é o estado, entende qual é a

condição da chamada consciência da massa para interagir com essa consciência, é justamente isso, eu vou fazer uma mediação teórica, nesse sentido eu sou bem vigotiskiano. Eu tenho por conta do meu estudo, da minha formação política como vanguarda, eu tenho alguns conceitos teóricos, a partir dos quais eu faça uma leitura da realidade. Essa Análise de conjuntura é a partir da qual eu vou aplicar no momento da minha militância. Não quer dizer que um sujeito que não senta para fazer uma análise institucional da conjuntura que ele seja um sujeito menos consciente da condição. Eu vou dar um exemplo que sai um pouco do movimento estudantil, mas vai para o movimento popular. Eu sou do CSOL, uma corrente do PSOL eu enquanto militante do CSOL, tive a perspectiva de construir o movimento popular. Então eu vou para região de periferia, às vezes meu próprio bairro, acompanhar a realidade daqueles moradores daquela região e conseguir canalizar as contradições daquele movimento e transformar isso em mobilização, mas não é que eu vou dirigir a mobilização daquela pessoas, são essa pessoas que vão construir essa luta, são esses sujeitos, entende. Acho que isso é um pouco difícil porque sim, existe uma certa visão dentro do marxismo que, existe um certo marxismo que entende a vanguarda, um patamar superior de consciência. Não é um patamar superior, acho que é um patamar mais especificamente trabalhado nesse âmbito. Mas o dirigente que chega La para fazer trabalho de movimento popular que ele não tem a sensibilidade de escutar a perspectiva pela qual aquela pessoas aquela indivíduos. Aquela comunidade enxergam suas próprias contradições. Quer dizer, usando uma expressão da psicanálise Os psicanalistas dizem que para fazer análise o saber que importa não é os saber da analista, mas o saber do analisando, acho que essa formula vale na militância sabe o saber que importa para fazer movimento estudantil dentro do C.A. não é o que eu estudei como membro do partido, do barricadas, do rompendo amarras, do não sei o que, é o que está acontecendo nesse momento com cada um dos estudantes que estão envolvidos diretamente com aquela luta que a gente está travando. E indiscutivelmente a formação política que eu trago como experiência ajuda.

Entrevistador - o C.A. para você ele é lateralizado, horizontalizado, verticalizado, como é que a relação entre vocês?

Entrevistado – eu acho que ele ainda é muito verticalizado. Acho que as pessoas deixam muito na mão das pessoas que estão dispostas a fazer alguma coisa, que é um grupo pequeno dentro do curso.

Essas pessoas são as que mais sofrem as que mais ralam as que mais militam, mas elas são as que tem maior poder de decidir as coisas do C.A. então assim, a gente chega num espaço de discussão às vezes achando que vai ter que discutir muito um assunto. E todo mundo bota fé, não é isso mesmo. Aí eu não sei se isso é realmente porque todo mundo bota fé, ou se é porque a galera deixa a posição desse grupo que está à frente do C.A. passar, mas...

Entrevistador: Atualmente são quantas pessoas que estão à frente do C.A.?

Entrevistado: então eu não tenho um número certo, mais eu diria que hoje a gente tem em média umas sete a nove pessoas que você pode dizer que estão ativas no centro acadêmico, mas assim, a vanguarda que puxa e que garante a gente tem umas três pessoas.

Outro aluno interrompe a entrevista

Prosseguindo a entrevista

Entrevistador- e aquela manifestação do dia, qual foi, aquela de cinco mil?

Entrevistado – 3 de junho

(outro aluno interrompe a entrevista)

Entrevistador- como é que foi, você consegue narrar lembrar os fatos?

Entrevistado- consigo, sem muitos detalhes para não tomar muito tempo

Entrevistador- não sem problema, pode tomar o tempo que for preciso. Ela foi um marco, porque foi uma das coisas que eu decidi, quando eu falei assim poxa o C.A. tem uma forma de funcionamento interessante, vinha acontecendo muita coisa e num certo dia eu via galera tomando a frente daquela manifestação. Parando a BR, mobilizando as pessoas.

Entrevistado- o que acontece, eu nem sei por onde começar a narrar à história. Aqui no ES desde 2005 que tinha protesto contra o aumento da passagem e aí nesse processo criou-se em vitória o núcleo do passe livre que é um movimento autônomo, autogestionada, nacional, e o núcleo vitória era até bem autônomo em relação ao movimento nacional, do que já é de costume. E todos os anos os processos contra o aumento da passagem era protesto do movimento do passe livre. Mesmo que eles tivessem reivindicando a diminuição da passagem, que é diferente de passe-livre, mas era considerado ato do MPL. O MPL estava meio desarticulado, precisando se rearticular. Em 2011, no final de 2010 aconteceu uma coisa diferente no Orkut, não foi no facebook, uma galera. Uma menina e outras duas criaram no Orkut um grupo chamado passagem aumentada vix parada. Fizeram e diziam "pessoal a gente vai para tudo. Pessoas que não tinham relação nenhuma com o movimento passe livre eram jovens que estavam indignados, e o grupo começou a crescer, entrar gente, entrar gente, marcaram uma reunião e as pessoas do MPL, que estavam meio desarticulados na época foram nessa reunião para ver o que ia dar. E aí rolou um ato no dia 19 de janeiro. Porque nesse dia eu cheguei pra delegacia detido. 19 de janeiro teve um ato que começou na ponte da passagem veio andando até na frente da UFES e deu na prisão de um estudante isso foi de madrugada, o estudante fui eu. No dia 20 que foi quinta-feira, no dia seguinte começou em frente da UFES ou na ponte da passagem, eu não lembro e foi até a praça do caue. tentou chegar à terceira ponte e o BME impediu. "Caracas o BME está barrando a gente para ir para a ponte", no dia 21 a gente começou na assembleia legislativa e tentou entrar pela entrada da praça do papa quase que o BME chegou a atacar a gente, eu vi pessoas chorando aquele dia, muita gente na época eu era dirigente do DCE, eu lembro muito bem e tinha várias pessoas chorando no meio do ato, pequeno perto desse do dia 2. Mas foram muito relevantes, a gente fez um sequência de atos, até que conseguiu chegar a ponte e tal, a gente fez uns 15 a 17 atos entre janeiro e abril. Lá em abril, ali em frente do R.U, a gente falou a gente vai marcar um ato e depois a gente vai marcar um para daqui à uns dois meses ter outro. Lá em final de maio, início de junho, dois de junho. aí marcamos a data. A gente vai fazer um escarcéu e Vitória vai parar. A gente fez isso e depois se desarticulou. O MPL nesses meses de protesto o MPL tinha se rearticulado, o MPL ficou fazendo divulgação do ato, no dia 02 de junho,

eu tinha uma optativa da professora Ana Heckert, eu me lembro muito bem, mas antes de dois junho, dia trinta de maio, dia 18 de maio tinha acontecido uma desocupação muito violenta

(outro colega interrompe a entrevista

prossequindo a entrevista)

Entrevistado- dia dezoito de maio teve uma desocupação violenta em barra do riacho, em nova esperança o nome da comunidade, que foi usado força do BME, primeiro ano do governador Casagrande

Entrevistado- teve repercussão nacional

Entrevistado- teve repercussão nacional e aí a gente conversou um pouco sobre isso e difícil fazer um ato sinceramente na minha opinião, um ato bem equadaço, mas foi uma ato que o pessoal do PPGPSI foi muito protagonista na construção, uma galera do MTL – que é movimento terra, trabalho e liberdade. Que tinha um trabalho na comunidade que foi desocupada, algumas pessoas do MTL, inclusive, tomaram bomba e coisa e tal.

Entrevistado- eu participei de algumas reuniões que teve aqui, tinha a presença da professora Ana

Entrevistado- você participou? é a Ana foi das pessoas que mais puxou

Entrevistador - teve um dia que a galera estava, alis acho que foi logo na mobilização para essa dia mesmo, acho foi dia 02? A grande manifestação foi dia 02?

Entrevistado- não a manifestação sobre o assunto de barra do riacho foi dia 30 de maio foi na terça feira da semana...

Entrevistador- ah, tá. Porque teve uns rapazes que botaram uma caixa com auto falante ali, na saída do r.u, tinha um rapaz mais uma moça distribuindo panfleto divulgando vamos fazer a manifestação. Acho que foi contra repressão que teve aqui dos meninos, eu já estou adiantando as coisas...

Entrevistado-Contra a repressão de 02 de junho?

Entrevistador- eu estou adiantando só, e aí eu participei. E eu ajudei, peguei us panfleto assim 'toma ai cara, vai lá não sei o que...' mas pode continuar.

Entrevistado- pois é aquele material foi construído junto com o SINTUFES, que é o sindicato de servidores

entrevistador- e eu vi que estava acontecendo uma coisa especial e eu não queria ficar de fora. Eu senti que estava rolando um clima de mobilização, de afetação, que a gente percebe né?

Entrevistado- é claro, é claro

Entrevistador- você sabe quando o olho do outro esta brilhando, você fala assim 'não é que mesmo, esse cara esta falando uma coisa e tal, vou lá, vou lá'. E eu fui sentido e percebendo isso

Entrevistado- o que acontece, no meio do, teve o ato do dia 30 de maio que foi tinha uma pressão muito grande das pessoas de psicologia, dos universitários, dos professores, dos movimentos sociais. A gente chegou a conversar com o vice governador, com o Givaldo, que era diretor do DCE na época, o DCE estava no meio do bagulho também. Eu fui como diretor do DCE participei da reunião com vice governador, em que ele disse sobre o dia 18 de maio, sobre o episodia lá de barra do riacho, disse que o BME era a polícia mais preparada para lidar com multidão que o governo tinha e que iriam averiguar se houve excessos, ai meu deus! Esse Givaldo, vice governador, era militante dos direitos humanos! Uma série de paradoxos, de contradições. Ai isso foi numa terça feira, na quinta era o ato do dia 02 junho eu fui para a optativa ao invés de ir para o ato. o ato foi 06 da manha em frente ao palácio Anchieta fecha tudo. Ninguém acredito que ia rola. A galera levou uns pneu queimado, fechou deu engarramento na grande vitória inteira ficou seis horas fechado. Resultado chegou uma certa altura que o Givaldo acordou ma coisa com o pessoal, o pessoal estava muito intransigente, só queria reunir com o Casagrande, desde janeiro querendo reunir com o Casagrande e o Casagrande não queria reunir com nenhum movimento e ai a gente fazendo aquela pressão aquela pressão e galera só falou que reunia com o Casagrande e o

Casagrande estava em Guaraparari, alguns dos direitos humanos estava fazendo esse intermédio e o Givaldo se ofereceu para essa reunião e a galera queria a reunião fosse lá ao palácio Anchieta em frente onde estava rolado a parada, disseram que o Givaldo não poderia ir para La oficialmente ele teria que receber na fonte grande, porque ele não era o governador em exercício, era o vice e tal. E quando aceitaram mandar um grupo de representantes para reunir só com o Givaldo e só lá na fonte grande, quando esse grupo saiu, o Givaldo tinha autorizada o BME bater. O grupo saiu e o BME sentou o bambu, e aí o grupo voltou para fonte grande, rolou uma treta muito tensa, tem vídeos no you tube do repórter fazendo a cobertura e de repente começou a ficar sem ar. O repórter da Record ou da band, eu acho que era da TV vitória ao vivo tomando bomba do BME. A gente estava por aqui e ficamos sabendo disso foi uma comissão geral e a gente se juntou e falou vamos fechar a av. Fernando Ferrari e aí 'ah, vamos'. E na cabeça da gente, eles não vão fazer nada com a gente, a gente já fez isso em várias circunstâncias. Vamos fazer um ato na av. Fernando Ferrari em protesto contra a violência policial, não era apenas uma questão do aumento da passagem, era inclusive e principalmente muitos dos que se acamparam, se acamparam contra a questão da violência, tinham tido debates sobre a questão da barra do riacho

Entrevistador- isso, teve a questão da barra do riacho

Entrevistado-exato. Tinha esse espírito. A galera se juntou começou a fazer faixas, os craftes que a gente usou tinham sido usando para o a toa de dois dias antes, fizemos as cartazes, saímos batucando e aí decidimos que íamos sair batucando pela UFES, a galera decidiu, a galera do ato do centro.

Entrevistador- quem estava envolvido aí?

Entrevistado-Onde exatamente?

Entrevistador- nessa mobilizações, foram quais entidades, quais agentes?

Entrevistado- do aumento da passagem

Entrevistador- essa do dia 02.

Entrevistado- do dia 02 estava todo mundo, do dia 30 eu me lembro que o DCE estava envolvido, o MTL, vários professores universitários de vários cursos, mestrandos de vários programas de pós-graduação, outras entidades agora eu não me lembro bem, sindicatos...

Entrevistador- do dia 02 na parte da manha teve reação do BME com bomba

Entrevistado- tinha um grupo pequeno de pessoas, eram pessoas do movimento contra o aumento de passagem era do movimento passe livre, o Layon estava de manhã lá.

Entrevistador- e aí as pessoas retornaram aí que houve a comoção.

Entrevistado- eu estava no R.U quando eu recebi a ligação do Layon, 'Zé, enganaram a gente, enganaram gente não sei o que'. E na hora eu não entendi. O Layon estava puto da vida. E aí a gente foi conversar e alguém falou, o a gente esta querendo fechar a avenida, Fernando Ferrari, e eu estava indo fazer coisas relativas aos desdobramentos do dia 30 de maio no SINTIUFES e aí eu fui La falei que a gente ia se reunir que estava querendo fazer isso aquilo, sai chamando gente. Panfletando, o panfleto do dia 30 de maio de dizendo olha a gente está fazendo uns cartazes lá no C.A. de psicologia vamos lá. Quando eu cheguei aqui já tinha um grupo de pessoas considerável. E a gente decidiu como a galera lá do centro estava vindo para cá e eles estavam querendo fazer uma assembléia aqui em frente ao R.U cinco horas para decidir o que fazer, isso era na hora do almoço. Então o que a gente vai fazer, enquanto a galera vem do centro, vamos dar uma volta aqui por dentro da UFES, a gente vai chamando mais gente, depois a gente fecha a avenida Fernando Ferrari, 5 horas a gente volta e faz a assembléia. A gente saiu batucando, e o grupo só crescia, exatamente aqui nessa encruzilhada, nesse cruzamento, coisa de exu, a gente estava vindo do C.A. batucando e a galera estava vindo de lá, outra coisa que eu arrepio, e encontraram os dois grupos, não teve assembléia à gente chegou e falou assim e aí? Vamos fazer assembléia na avenida Fernando Ferrari? Vamos e foi todo mundo. Quando o BME chegou, a gente começou a rançar grade agente viu o BME se instalando, ninguém achava que o BME ia reagir, mas tinha aquele clima assim eles são violentos, vamos se defender. Tiramos a grade para fazer barricada, arrancamos a grande,

com medo dos cara, come medo da vigilância patrimonial do prédio trancar a gente do lado de fora e a gente não ter como entrar. A gente pegou o cadeado do C.A. de psicologia para traçar a grade aberta, agente sabia que os guardinha podia trancar agente lá, e agente não ter como correr para dentro. Por gente pesou a gente corre para dentro e nada vai acontecer. Ta bom! Os cara, em geral, inclusive no inicio do ano que teve La perto da ponte e tal, qual é modo operante do BME? Eles mandam um grupinho de pessoas que vem uns cara um fuzil na mão para intimidar, e chama alguém ai eles comunicam a pessoa você tem tanto tempo, a gente da uma enrolada, para ter um tempo a mais. Então eles vem nessa formação menor, enquanto o resto do choque fica La trás, um grupinho vem para fazer uma negociação que é um comunicado rapaz esse grupo se montou, parou no meio do caminho, voltou e eles começara a atirar. Não teve negociação, segunda ação do BME contra gente foi aqui na frente da UFES. Eu lembro que a Lidiane, minha namorada, a Irma dela entraram, e eu continuei na rua dando uma de super herói, estava ali para resistir. A gente na rua e uma galera entrou, e o pessoal do BME estava pouco se lixando, chegou uma altura que eles apoiaram a arma de bomba de gás na grade para atirar dentro do campus, o reitor que na época era reitor interino até o reitor tomo gás. Tipo assim, tava rolando ele estava na reitoria falou ' estão tacando bomba aqui dentro e vou lá ver, sou reitor, obviamente o BME vai respeitar é um ambiente federal eu sou uma autoridade, mas os cara estavam pouco se lixando, foi babilônico, foi um episódio surreal.

(Informei do horário que teria que sair)

Entrevistado- vou tentar resumir, no dia 02 de junho ele teve uns quatro focos de ataque do BME contra a gente. O terceiro foi já, porque a gente entrou, fez aqui um grupo ainda maior do que aquele cada batida o grupo aumentava. Teve um grupo maior ainda de pessoas no final da tarde, fomos marchando até a ponte no dia, na entrada da ponte a gente tomou o terceiro porraideiro. Depois disso, para você ter uma idéia, nesse momento à gente estava sentado no chão, à gente tentou ir para a ponte e ele tacaram bomba e a gente voltou, e aí teve uma hora, um cara que estava no meio do protesto que era um policial a paisana, levantou e deu um tiro para cima, e aí todo mundo saiu correndo na direção da ponte e BME tacou bomba de volta, e a gente ficou desnorteado foi nesse momento que eles prenderam uma

galera, prenderam gente a rodo, prenderam um filho de vereador do PT de vitoria, colega nosso, um menino que faz ciências sociais, o Rodrigoão,

Entrevistador- prenderam uns três quatro alunos daqui da psicologia

Entrevistado – prenderam o Tassio, a Alice e Torresmo e outras pessoas conhecidas também, e a gente tentou voltar para a UFES e dispersar o ato, voltar para UFES pela Avenida Leitão da Silva, que era o único lugar que a gente teria como terminar o ato. Eles cercaram a gente quando a gente entrou na Avenida Leitão da Silva com a cavalaria e foram pra cima da gente, a galera saiu correndo para tudo que é lado, entraram em ônibus, eles entraram em ônibus prendendo gente, prenderam um pedreiro que estava saindo do trabalho, um cara da empreiteira não sei o quê, prenderam o cara que estava vendendo churrasquinho, prenderam o cara que estava saindo de casa para comprar pão, se você pega a relação das vinte e tantas pessoas presas, você vai ver fulano do DCE, fulano é repórter, fulano é pedreiro, fulano é surreal.

Entrevistador – que será que isso lembra , será que lembra algum período da história do Brasil?

Entrevistado – velho, a relação com a ditadura foi imediata.

Entrevista com ex-aluno do curso de psicologia Jésio Zamboni

(A sigla MJ se refere a uma colega da pós-graduação que participou da entrevista em alguns momentos)

Entrevistador: Entrevista com meu amigo e companheiro Jésio, estudante de doutorado. A pesquisa, Jésio, como eu já tinha te falado é sobre movimento estudantil, é uma pesquisa com o Ca, sobre prática que o CA tem desenvolvido, e o seu nome me interessou porque você também já fez parte do Ca, participou muito tempo do Ca e uma coisa que foi interessante para mim foi que o período que você participou foi um período de transição do CA, de gestão do CA. Eu queria que você falasse um pouco como é que foi quando você participou do Ca, como foi sua experiência, quais atividades desenvolviam?

Entrevistado: posso pegar pra falar, porque to com medo depois atrapalhar seu trabalho

Entrevistador- não, fica a vontade!

Entrevistado: porque eu já tive muito problema com gravador sabe? depois não conseguir ouvir direito, isso é complicado pra nosso trabalho

Entrevistador: eu ouvi aí, e pegou bem, fica com ele...

Entrevistado: sim e aí quando você falar eu te passo. Mas assim, eu entrei no Ca praticamente entrando na UFES. Porque o Ca tinha uma prática de receber os calouros, tinha uma recepção, tinha um trote brincadeira que era muito mais pra uma brincadeira, pra um carnaval, do que para um trote como ele é mais visto. E aí eu já ia conhecendo o pessoal do Ca, que não era necessariamente o pessoal da minha turma ou e os veteranos. Então a ligação não se dava necessariamente pelo tempo que entrou na UFES, mas era a ligação das pessoas que estão no curso e vivendo como alunos, era uma condição mais geral. Não era porque a gente fez vestibular na mesma época e estaríamos juntos. O Ca convidava a gente pra ir não reunião e eles estavam presentes nesse momento inicial, foi ai que eu comecei a ir às reuniões e eu já tinha uma coisa muito, uma experiência de grupos, que apesar de eu ser meio fechado, de adorar ficar em casa, ficar muito tempo em casa, não ser muito de sair, eu fui criando uma relação muito forte com grupos. Eu participei muito de igreja na adolescência, de CEB mesmo, de comunidade de base, de pastoral, de grupo de adolescentes, depois de grupo de jovens, e esses grupos e esse movimentos é que iam criando essa cultura em mim também, então quando eu cheguei à UFES eu não era assim, um aluno que se possa imaginar um aluno de escola que não tem relação nenhuma com momento nenhum, eu já tinha isso mesmo que não fosse estar num movimento social, pra mim tinha muito mais a ver com a atividade com coisas que eu gostava de fazer, que eu acreditava que apostava que me interessavam do que uma atividade exatamente política. Não que eu não visse aquilo como político, como de questão de valores, de transformação social, mas vamos dizer que isso não sobrepunha à atividade que eu gostava como os amigos que eu fazia as relações. Quando eu entrei na UFES eu tinha uma coisa de olhar muito os cartazes em volta, e eu lembro que eu entrei no dia 25 de

novembro de 2003 por causa que teve greve na época, e aí eu vi um carta na época de um movimento contra um deserto verde, tinha um estágio de vivência do MST, do movimento campesino no geral e eu fui, fui uma vez na reunia. Eu lembro que teve uma palestra de uma pessoa que dizia que não comia, dizia que não comia há semanas, comia só maçãs. Eu ia nessas coisas, e uma dessas coisas que eu fui foi esse estágio, que foi uma coisa marcante para mim eu foi uma coisa interessante, porque depois o pessoal do Ca ficou assim: 'oh, você é o garoto, o calouro que foi fazer o estágio de vivencia no MST, e pra mim isso não tinha um sentido assim. então era militante, pra mim era parte do que era, era uma experimentação do que seria ser uma aluno da UFES, com eu estava disponível e era uma atividade vamos ver. E é uma das coisas mais fantástica que eu vivi durante um curso, foi essa entrada, feito esse estágio de vivencia. E aí eu comecei a participar muito das reuniões do Ca, eu comecei a frequentar, porque eu já tinha essa experiência de grupos, eu gostava de participar de grupo de adolescente na igreja, de curtir muito isso. Eu aprendi a usar camisinha na igreja para você ter idéia. Então falar de sexo pra mim não foi na escola, foi na igreja, por mais que isso pareça absurdo.

Entrevistador: já que você ta tocando num ponto que eu também discuto no trabalho que é um pouco sobre a autoconsciência que os movimentos de esquerda tem, que os movimentos de esquerda no geral eles teorizam muito sobre eles mesmos, e o movimento estudantil, a maioria dos estudos que eu fiz sobre movimento estudantil era recorrente, por exemplo, eu vi muito lá nas entrevistas os jovens falando que foram motivados a participar do movimento estudantil por um motivo ou outro, você acha que é possível delimitar, identificar esse pontos que influenciaram a você entrar no movimento estudantil, porque esse é um ponto que eu pretendo dá uma...

Entrevistado: assim, isso que eu to falando, da maneira como eu vejo, da maneira como eu me lembro, porque tem isso né, eu não sei exatamente o que me levou, mas são meio que circunstancias que eu imagino que fazem parte, mas eu acho que tem várias coisas. Tinha isso que eu te falei que é não de ficar fechado na turma, que é de poder conhecer outros alunos, tinha essa experiência de viver em grupos, em outros grupos e curtir isso e pra mim era novo, porque eu tinha saído

da escola publica na quinta serie, tinha ido para escola particular, porque tinha saído de uma greve muito longo, muito forte. E lá em casa tinha definido para não prejudicar no estudo eu fui à escola particular que é muito diferente de escola publica. Não tem cultura de movimento estudantil à pilha não é essa. Que eu me lembro muito bem, é que lá era uma cobrança de passar no vestibular, da sua carreira profissional, do que você queria fazer, dos vitoriosos, dos que não vão passar. Então, pra mim era experimentar um espaço que eu não sabia o que era. Eu tinha uma sensação meio ruim na UFES, meio solitário, porque você não vai ter você não conhece as pessoas, você não sabe..., não tem quem que te pega pela mão e diz vai pra essa sala, fação isso, faça aquilo. Não tem esse negocio, e tem uma lado que é bom disso, que é que eu pude fazer, eu fiquei zanzando, que conhece os lugares, fui à biblioteca, fui ver que é isso, fui ver como isso funciona, e aí uma das coisas foi o C.A. uma das coisa interessantes, e aí eu já vou adiantar, por que você perguntou um pouco da entrada. Quando eu entrei as pessoas fumavam durante as reuniões

Entrevistador: fumavam cigarros...

Entrevistado: fumavam cigarros durante as reuniões eu tinha problemas com isso, apesar de ter crescido vigiando o bar do meu pai, eu passei a ter problemas com, eu comecei a ter alergia a cigarro, meu pai tinha bar. É interessante que quando teve essa transição, dessa antiga, desse antigo grupo, que era um grupo que já estava ali há algum tempo que ia atrasando os estudos. Eu fui criando essa imagem, que o pessoal, os militantes o pessoal que está envolvido com o movimento é um pessoal que não está preocupado tanto em terminar seu curso, são pessoas que não está tão preocupadas com a carreira, com vou começar minha vida, então vou me formar logo, vou formar minha família, então preciso constituir família, mesmo que essas pessoas, praticamente todas essa pessoas estão aí com filhos, caso das trabalhado, mas elas iam jogando. E elas tinham uma preocupação de não abandonar, de cuidar daquela instituição. Mas essa questão do cigarro eu fala porque é uma questão marcante, porque quando essa turma começa a sair entra uma turma nova. E alguns começam, não a gente tem que abrir um espaço para a galera nova entrar, isso aqui não vive da gente individualmente, isso preciso poder continuar mesmo que a gente saia, é que

entrou uma galera, por exemplo que na fumava, com outros hábitos, com outras questões, e é interessante que se instituiu uma regra de não fumar durante as reuniões, porque algumas pessoas se sentiam incomodadas, algumas pessoas saíam e ficavam na porta.

Entrevistador: o cigarro pode ter sido um analisador.

Entrevistado:- é eu acho, e aí evidentemente, com essa turma que está ai agora, com a turma que vamos dizer, com a turma que me sucedeu, o período que eu estive no Ca, uma turma que pegou o Badaró, que hoje trabalha na prefeitura de vitória, e certa vez o Badaró entrou ali naquele Ca, isso tem pouco tempo, 2,3,4 anos, fumando. Essa história também é muito interessante, porque me contaram, eu fiquei assim, não acredito! e aí o Badaró entrou fumando, curtindo o lugar, e ele já trabalhava na prefeitura. E aí falaram com ele, ele disse assim, ' como assim vocês estão fazendo? Ele colocou que isso estava sendo colocando em cima da figura dele, porque ele, chegou a ser preso pela policia, levado por conta de manifestações na UFES que antecederam minha entrada no UFES como aluno, que foi a briga pelo espaço que hoje é Programa de Psicologia Institucional. Ali era o teatro da UFES, era o teatro? Não, era o...?, era o teatro. O antigo teatro era aquele espaço e aquele espaço ficou vazio, porque o teatro virou o teatrão, e aí era uma briga com a secretaria de e cultura, com a Rosana Pache, que reinou absoluta, ficou um tempo, agora ela saiu, ficou um tempão na secretaria, e nessa época dessa briga os alunos se juntaram, isso foi antes foi 2002, foi 2001, os alunos se movimentaram, os alunos disseram isso que a gente está pleiteando para psicologia porque a gente precisa de espaço e aí teve uma briga ferrenha de invadir a sala dela, de briga mesmo, de bate boca, e o Badaró foi uma dessas pessoas que estava a frente, chegaram a ocupar o espaço, naquela época o movimento de moradia dos estudantes se colocava por exemplo para aquele espaço, tinha gente morando ali, tinha gente que ia lá dormia, então esses movimentos também se cruzavam, essas movimentações, essa semanas ela não se restringiam. E tinha também uma coisa dos estudantes que daquilo vira um espaço cultural, daquilo, não ser necessariamente um espaço a psicologia. Mas aí o quê que acontece, como isso se decide muito mais entre professores, os professores tem muito mais poder de decidir, então aquilo se tornou o programa de

psicologia institucional eu posso dizer assim, que uma boa parte desses alunos que participaram desse movimento, claro, não era só dos alunos, mas alunos apareciam porque tinham essa forma do protesto, da ocupação, muito mais que os professores que estão muito mais nessa linha da negociação. Porque faz parte do processo de trabalho deles, se a gente pensar estudante não é visto como trabalhando, então eu ouvi, não só uma vez que estudante está aqui cinco anos, e eles 20 30 anos, então não sabem muito bem o que eles querem. Isso me preocupa, porque fala de professores nossos queridos, por exemplo, já ouvi isso, “querida, mas discordo da sua opinião nesse ponto por exemplo, estou aqui desde 2003, tem 10 anos que eu estou aqui na UFES isso é relativo né” e aí...

Entrevistador- alguns estudiosos, falam que o que marca a condição de estudante é sua transitoriedade e aí tem muitos trabalho que, exatamente se baseiam nesse pressuposto. Quando eles vão investigar o movimento estudantil, colocam o movimento estudantil como uma coisa transitória, e alguns vão mais longe, vão atribuir essa característica rebelde ou revolucionária entre aspas ao estudante, justamente porque ele é transitório, então ele é livre para poder criticar, eu acho isso muito engraçado, não concordo com isso, não acho que é por aí, não dá para generalizar. São vários estudantes, não existe O estudante, não existe um tipo padrão de militância estudantil, isso é uma das coisas que eu quero discutir no trabalho também. É um pouco desidealizar esse lugar que existe, sobre o estudante, sobre O estudante, O militante, esses lugares que afirma uma coisas ou alguém como uma coisa de essência, já predefinida. eu quero um pouco desconstruir esses lugares sobre o que as pessoas falam sobre movimento estudantil. Vou dar uma pausa e depois a gente retorna...

(Uma colega de pós graduação em psicologia Institucional que jantava conosco, pede a licença para falar)

mj- em 92, quando eu entrei, eu entrei para fazer pedagogia e aí quem estava no movimento era visto como baderneiro, os professores falavam isso, principalmente na educação, então era aquele lugar do espaço da educação desqualificando o estudante, fazendo militância na educação mesmo, eu ouvia isso, e como eu vim de escola particular como você disse (Jésio). Que vim do salesiano, que o grêmio do salesiano que é uma escola católica é uma outra história né, não tinha

militância, era uma grêmio estudantil que a gente ia lá para conversar com os professores, uma história totalmente diferente.

Minha vontade que eu tive naquele momento foi distanciar mesmo, porque tudo que eu via era monte de gente tudo cabeluda, tudo barbudo, fumando, achava logo que era um monte de gente doida, e os professores da educação reafirmavam isso. Eu nunca fui rica mais estudava em escola, no final da década de 80 só tinha o salesiano, só que o salesiano era diferente, você não é daqui. No salesiano tinha gente que era bolsista pobre, tinha classe média, e tinha rico, era tudo junto e misturado, então os ricos usavam roupas de marcas, classe média usavam marcas mais ou menos, e o pobre era tudo comprado na vila rubim. É outra história, outra dinâmica, então quando eu entro na UFES eu fazia pedagogia, eu tinha 17 anos e me vejo, aí eu vejo o bloco da pedagogia, o bloco da história, a galera do DCE, que o DCE a galera era tudo revolucionário que foi naquele momento final do balão mágico, que tem essa turma histórica aí que foi o balão mágico na UFES até o final da década de 80. Hoje eu escuto a falas de alguns professores que diziam que estudante era tudo baderneiro como pesar e o preconceito que é o da desqualificação geracional, por exemplo, de tirar a importância da fala, de tirar o peso da militância que é uma forma de desconsiderar qualquer tipo de intervenção que o estudante possa fazer, na dinâmica de espaço, na relação de poder estabelecida. É sempre luta de forças, hoje isso fica claro, na época isso não ficava, na época eu corri mesmo, refutei a galera do movimento.

Entrevistado- eu sinto que a maioria das pessoas, no caso da psicologia, isso era nítido que era o meu espaço né, eu nunca, quando eu via um pouco esses movimentos que iam ascendendo ao DCE eu fui me afastando, porque eu sentia que tinha uma coisa de poder muito forte e que eu não estava com corpo pra bancar, eu não sentia

Entrevistador- você fala de carreira, de carreira na militância estudantil...?

Entrevistado- de carreira... Por que se você olhar para o Espírito Santo, por exemplo, o Paulo Hartung foi militante do movimento estudantil, do DCE histórico, que foi cultivando aqui. Então, se a gente não pensar, esse espaço está marcado historicamente por formar políticos profissionais, e políticos profissionais no pior

sentido do termo, porque se for pensar o que é Paulo Hartung, o que ele desenvolveu na política capixaba, de um silenciamento político de uma acordata que não permite nenhuma controvérsia, nenhum enfrentamento, agonística, quem é que falava, que conseguia, que consegue ainda né falar. Então, esse jogo que se instaurou em torno da figura dele, porque ele se formou aqui, ele era líder do DCE, e eu sentia que tinha um pouco isso no DCE, não falo que todo mundo, mas é que esse espaço estava marcado já para mim nessa época. Eu gostava do C.A. porque tinha essa coisa da experiência do curso, nós tínhamos um curso em comum, claro que isso pode se estender ao ser estudante da UFES, há muita coisa em comum que se compartilha, e eu gostava porque não era simplesmente militância, não, não estávamos ali só para transformar o mundo, com um ideal. Estava para conviver, era um espaço de criar laços, e e isso para mim era fundamental. Que por exemplo, isso que você fala, muitos alunos principalmente alunos não participavam do C.A., porque assim, são os doidões, os maconheiros, logo não davam conta. Mesmo as mais patricinhas que estavam a fim não davam conta por muito tempo porque tinha uma diferença. Eu por exemplo, era um pouco diferente porque eu não fumava. Fui eu que comecei a colocar essa questão de fumar num determinado momento, falei; 'olha, tá difícil ficar na reunião'. E aí isso começou a se colocar como questão. Outras pessoas começaram a colocar isso como questão, pessoas que fumavam e isso que era interessante. Pra mim , por exemplo, isso era bárbaro. Pessoa que não diretamente tinha essa demanda, mas ela captava essa demanda ela enunciava, então sabe, tinha esse aprendizado do que é falar pelo outro, não é o falar pelo outro no sentido que o Foucault está dizendo, mas é o sentido de criar uma enunciação coletiva, uma conversa, um corpo coletivo.

Entrevistador- esse assunto eu também acho importante que você está colocando. Você acha que as práticas do C.A. em algum momento ou no momento que você participou tinham esse intuito de falar pelo outro, de ser um C.A. representacional, com aquela coisa representativa ou C.A. geria de outra forma?

Entrevistado- na época que eu entrei, isso é uma questão organizacional né, mais oficial. O C.A de psicologia já instaurava esse outro regime. Que não é o regime da chapa, que é o regime de quem participa é diretor, eu não sei precisar quando que

começou isso. Em 2003 quando isso já rolava, que é o que? Não tinha eleição de chapa. Não tem um clubinho com ideais comuns que vai contar. Qual é a dinâmica? Já era essa meio de, na época não tinha definido quanto dias exatamente, como que isso funciona, mas a lógica é: quem participa efetivamente, quem se dispõe a está aqui, não só uma vez, não só pra falar do seu problema ou do que acha daquele ponto específico, mas que está afim de se envolver com as questões de um modo geral vira diretor, ou seja não tem só o direito de falar, ele tem o direito de decidir. Isso é muito, isso é um ponto chave para mim de participação. Porque o que estava em jogo ali era, era esse novo modo de fazer política, novo modo de organização do trabalho político, é construir política, ou seja, não precisa se filiar a um grupo e conquistar o poder é efetivamente trabalhar, fazer, é efetivamente está comprometido com o trabalho. Então quem ia lá, ia em três reuniões. A discussão se alongava durante essas três reuniões, ela ia e não só daquele ponto, então ela ia se envolvendo, ela não ficava alheia a outras questões. Ela não ia lá pra discutir o caso do professor fulano ou um caso daquela mudança que eu gostaria que fizesse, ela ia e, mesmo que ela assumisse função, naquele ponto ela tinha que participar dos outros pontos. Ela precisava, ela não podia está simplesmente por um interesse individual, ou melhor, interesse individualizado, só aquele interesse. E isso é algo que até hoje o Ca tem buscado sustentar com toda dificuldade. Isso sempre trouxe problemas, eu acho que a época que eu participei, que eu senti meio que eu fui colocado no lugar de diretor, e foi uma época que foi logo depois do encontro nacional de estudantes que teve aqui, que eu acho que foi em 2005. Esse encontro marca essa transição da antiga gestão para a gestão que me colocou como o diretor geral, uma coisa assim. Não tinha esse lugar, mas como a gente criou, na época, a gente teve que criar para bancar algumas coisas do encontro, a gente precisava de um nome, era simplesmente isso, era claro para as pessoas, que ali era um nome não era a pessoa que se tornasse diretor. Eu não lembro, e era diretor geral, qual era o termo, não necessariamente ia ser melhor ou mais especial do que as outras. Mas isso meio que se criou um pouco, as pessoas começaram a me procurar, porque no estatuto aquele nome estava lá, numa determinada assembléia fui eu que acabei dando o nome., porque as outras pessoas não queriam, depois disso se marco e as pessoas começaram a se afastar, não sei se por cansaço do ENEP, não sei se o ENEP marcou alguma coisa

assim; 'fizemos, chegamos ao um ponto e fizemos algo pra valer'. Agora é deixar para as outras pessoas cuidar disso um pouco, não se é porque diversas outras questões iam chegando com os alunos novos e a galera não estava muito bancando, os mais antigos. Eu não sei precisar o que é, mas e aí nessa época que entrou eu, Felipe, Douglas, que eram dois alunos da minha turma, e tinham outros alunos, mas nós três estávamos bastante ali, foi uma época que a gente enfrentou muito os problemas dessa proposta, por que? Porque ela não prende ninguém, ela não faz isso que o papel fez comigo, professor vinha me procurar para perguntar do C.A.

Entrevistador- e aí está o outro lado da moeda

Entrevistado- entendeu, e eles tinham o meu nome

Mj- estava esperando para chegar nisso

Entrevistado- mas eles poderiam procurar qualquer outro criou-se o meu nome, e eu também fui me comprometendo, mas tem essa história. E aí nessa época tinha muito esses impasses, por exemplo, chegava final de período, acabou cara, aí você desiste. Porque a galera ia dá conta das matérias, então a gente chegou a pensar assim, a solicitar carga horária para participação no C.A. que tinha liberação, a gente pleiteava, mas era pensar mesmo assim, 'poxa isso é atividade acadêmica' Isso não se reconhece como atividade acadêmica. Eu estava lendo, por exemplo, a autoconfrontação que o Rafael Kilian fez com o diretor da escola do EJA, que tem também essa coisa muito militante no trabalho dele, e ele fala: 'a militância para mim, é algo fora da carga horária, eu não consigo pensar ela dentro da minha carga horária, então eu participar de fórum de EJA, de fórum de não sei o que, de determinada política não inclui minha carga horária. Então, eu ficava durante a semana, de segunda a sexta em função da escola, o tempo todo, mesmo que já tenha cumprido minha carga horária, fim de semana não me ocupa, mas durante a semana é tudo para isso.' Então eu fico pensando que isso tem a ver com a nossa formação também, a nossa formação ela não inclui isso. Ela não vê a militância como um trabalho.

Entrevistador- não vê o espaço político como espaço de formação

Entrevistado- sim, exatamente

Entrevistador- existe uma dissociação, o que é político e o que não é

Entrevistado- mas isso é também bastante controverso também, porque então aí outras questões, por exemplo, será que tudo tem que oficializar para virar espaço de formação? é discutível. Todas essas coisas são intenção.

Mj- é currículo...

Entrevistado- agora a coisa que eu acho que mais ficou marcante para mim é isso de sustentar as coisas como problemas. Porque muitas vezes, por exemplo, algum professor, ou algum aluno que está no Ca, eu mesmo por um de vezes sustentava uma postura muito fixa em função do acúmulo da experiência, ou da posição que..., não tem? Então, às vezes, por exemplo, esse argumento de que oficializar todos os espaços é complicado, porque aí teria que oficializar tudo, será que esses espaços que estão ali? E aí ele virava um argumento quase assim, racional, de alguém mais experiente e pra mim isso foi complicado, e a tentativa de suscitar debates. A greve que a gente fez na época que eu participava para mim tem muito esse caráter. Caráter de botar a comunidade universitária, na época muito ligado a psicologia porque era uma greve voltada a reformular o currículo da psicologia que estava atrasadíssimo e o próprio MEC demandando a criar um novo currículo, e a gente peitou isso. Não tanto pelo MEC, como se pode imaginar, mas por uma demanda nossa mesmo. E aí pra gente, e nesse sentido para mim foi um grande derrota a greve, é que a idéia primeira era que aquilo fosse um espaço de discutir a formação. Foi uma greve que a gente fez em 2007. Os alunos pararam, os alunos decidiram parar. Teve muita assembleia, teve muita discussão, os alunos que estavam preocupados em atrasar o curso foram às aulas. Mas o que era interessante disso? Depois que a greve foi decidida, foi apoiada pela maioria dos alunos que eram contra greve, que comentaram que como aquilo ali ia prejudicar o curso, me disseram 'cara, agora que eu estou entendendo como ela é interessante e que isso é importante'. Que tinha a ver com essa história da gente construir o currículo junto, porque nosso currículo, ele é basicamente, ele é um currículo, é um currículo do que está aí. Então a política que domino a reformulação do currículo é uma política que ' vamos ver que professores que estão aí, que aulas que eles

estão dando e vamos simplesmente adequar o currículo pra isso que eles já estão fazendo. Mas não tinha um discussão, por exemplo, o que queremos de formação de psicologia? Outras coisas que não tem aqui ainda que a gente poderia criar abrir espaços, entende?

Entrevistador- no seu período de militância teve essa discussão da reformulação curricular?

Entrevistado- sim, eu acho que a discussão da reformulação curricular na época que eu participei, foi em... essa época depois do ENUDS de 2005, ENUDES não ENEP. Até 2008 foi o ponto chave porque foi o ponto que agente parou as aulas. A gente ia às salas pedir para professor parar as aulas, uns pararam outros não pararam, os alunos, muitas vezes, deixavam de freqüentar as aulas. Foram duas semanas, eu acho que a gente fez isso, professores começaram a conversar com a gente, era a gente que ia às reuniões de departamento de colegiado falar com eles, depois eles vieram falar com a gente. A princípio a gente tentou uma estratégia interessante, que a gente tinha ali um certo sustento, que a gente é que estava bancando a greve e a gente se propôs a criar um conselho, uma espécie de conselho paritário: cinco DPSI, 5DPSO, cinco alunos para encaminhar essa reformulação do currículo, mas durou dois reuniões. Logo isso se quebrou, porque ficou assim, 'não, lá no DPSI a gente precisa discutir isso com os outros professores, lá no DPSO a gente precisa discutir isso com os outros professores' e aí depois essas reuniões não voltaram, porque e isso se alongou, ficou durante anos essa reformulação do currículo, porque não se conseguia conversar bem, eu não sei como isso se deu no departamento, isso é exatamente uma questão, porque aí a questão virou a questão departamental, não era mais uma questão de vida acadêmica, era uma questão de vida de professor. Então nesse sentido, para mim, foi uma derrota. Em outro sentido, foi uma grande vitória. Por quê? Porque a gente criou um movimento. Isso que eu falo desse aluno, por exemplo, que é meu colega que disse; 'eu passei a ter outra visão da greve. 'entende? e em uma época que greve está sendo ditada por empresários. Fui fazer pesquisas com motoristas e as greves dos rodoviários são ditados pelos empresários em favor de questão deles. É uma greve particular. Então, numa época que a gente teve uma decadência de greves, você criar nas pessoas a ideais de aquela pode ser uma

estratégia, não que ela precisa ser a única, não que ela precise ser a melhor, mas que era tomar essa idéia de que ela era uma estratégia é fundamental. Porque se não naturaliza esses lugares, esses lugares vão virando lugares burocráticos. O sindicato vira burocrático, o movimento social vira burocrático, então assim, isso e tudo isso tem a ver com minha formação. Por exemplo, outra coisa é o movimento de passagem, o movimento de transporte que foi o que me fez ir para o mestrado, que era uma preocupação. Essa experiência para mim foi vital, por que naquele momento ficou muito claro para mim que o movimento ele se dá muito por afeto e afeto é uma palavra muito ruim para nós. Muito complicada, muito desgastada. Mas afeto era o que, quando os alunos foram baleados por balas de borracha houve uma mobilização gigantesca, veja isso não foi ideológico. “Ai estamos todos concordando”, não era uma coisa de afecção, de ser tomado por uma questão que você nem sabe exatamente o que é. Tinha gente que eu conversava que estava assim; “ah, são os alienados que vão à massa. Eu discordo completamente disso eram pessoas que estavam afetadas por alguma coisa que estava rolando e as pessoas iam experimentado aquilo. Eu acho que o grande sucesso na época que aquilo aconteceu foi 2005 também que rolou a coisa de fechar o pedágio que foi se criando ali enquanto se fazia, ah então vamos para a reta da penha.

Entrevistador- quando você fecharam o pedágio...

Entrevistado- a primeira vez. Então foi se experimentando. Quê que acontece? Esse movimento que para mim foi brilhante foi sendo capturado. Foi se criando uma comissão, pessoal de partido apareceu, dizendo que liderava o movimento que não liderava você ri dessas pessoas. Isso me incomodava muito, por que eu via nisso um perigo muito grande e ao mesmo tempo e pensava, não é o que tá dando pra pensar. É a escola de Paulo Hartung, e a escola de político profissionais e aí assim, eu cheguei a passar da discussão do grupo de email que eu fui xingado, horrores. É impossível sem ser, contrapor discussões e opiniões sem ser agredido dessa forma. Era disso que eu não dava conta, eu não tava a fim de bancar o DCE, esse tipo de luta, para mim não é luta, eu ficar brigando com o outro e menosprezando o ponto de vista do outro. Isso para mim era a anulação da política. Para mim a política foi se tornando exatamente sustentar controvérsias, sustentar debates, quebrar a ideia de uma política dos amigos a gente tem muito a

política dos amigos, é a política do à gente concorda, a gente ta junto, a gente vai indo, e que não coloca em análise as diferenças. Se a gente começar a conversar de movimento estudantil, que você também tem experiência, a gente vai entrar você chegou a participar de partido e a gente vai encontrar pontos de controvérsia. Esse pontos são cruciais. Se a gente consegue sustentar eles num debate a gente pode desenvolver enormemente, não por chegar a um acordo, mas porque a gente simplesmente consegue ver que há diferentes possibilidades, diferentes. Que há abertura, que a coisa não precisa ser daquele jeito para acontecer ou para ser melhor.

Entrevistador- Jésio estou achando melhor você dar uma pausa para você terminar sua janta ai e depois a gente retorna discutindo o consenso que é uma tema muito interessante.

Entrevistado- pode ser você que sabe.

(nesse momento eu retorno a gravação)

Mj- se você jogar no you tube manifestação do pedágio de 2005 você vai ver...

Entrevistador- tem a manifestação do ano passado também, quer dizer, de 2011 também foi muito incessante, cinco mil estudantes também e foi uma das coisas que motivo a pesquisar o C.A. porque ele foi um dos principais atores envolvidos na mobilização daquela manifestação de 2011 o pessoal parou o pedágio também.

Mj- você lembra o tanto de policial, teve uma galera que processou o estado...

Entrevistador- também teve uma criminalização do movimento...

Entrevistado- pior, penso sobre, por exemplo, isso é meu ponto de vista, não é que é pior, mas é complicado, por exemplo, mesmo que ela ganhe. Aí se coloca sempre: "isso vai se resolver na justiça, não tem que se resolver um passeata em manifestação". Eu também não acho que o protesto seja a solução, o protesto é um levante de um problema. Eu acho que sem poder sentar e conversar é impossível. Por exemplo, uma das coisas que me desanimou no ultimo protesto que eu participei foi que estava difícil conversar, estava mais difícil que 2005 pelo o menos a minha impressão do lugar que eu estava ocupando, porque em 2005

mesmo que não tivesse ali todo mundo foi para uma assembléia estudantil tinha uma afetação e essa afetação fazia a gente conversar, mesmo essa conversa; “ah, eu estou aqui curtindo”, mas isso dá para a gente sacar que uma conversa era preciso. depois começou a ficar complicado, por exemplo, apareceram os chamados anarquistas, que era a galera assim, vivia tacando pedra na policia, ia preparada, botavam mascarar e aí aquilo me incomodava muito, por quê? Não exatamente pelo o que eles estavam fazendo aí é minha opinião, eu não faria, pra um mim era um, era assim...

Entrevistador- com o uso de violência você não concorda, que tipo de violência?

Entrevistado- não é que eu não concordo, mas ela precisa no mínimo de racionalidade, o que eu sentia ali era que ela vinha de um ideal anarquista, “os caras estão atacando, a gente vai atacar também. Eles são os inimigos”, mas esse pessoal tem família, esse pessoal trabalha, não estão atirando a toa, a gente tem que colocara em análise porque eles estão fazendo isso. Lês estão sendo mandados eles como corporação estão bancando isso. Será que eles começam a atirar quando a gente começa a atirar pedra? Esses que iam preparados, essa era uma questão que eu ficava pensando, eles estão mais ou menos preparados, mas tem galera aqui que não ta preparada para isso, ela não esta pensando em levar tiro de borracha, ela não está pensando em tacar pedra em policial, ela veio aqui que se eles tacarem eles vão ficar ali ou vão fugir. Entende? mas que para elas é simplesmente uma passeata, isso torna muito complicado o movimento, complexo também, porque ele...

Entrevistador- ele não é homogêneo

Entrevistado- e não pode ser homogêneo também. Essa questão, não da pra homogeneizar minha idéia pacifista e a idéia do outro que vai tacar pedra, porque isso tudo vai se misturar. A questão minha era, como é que a gente vai conversar? Como é que a gente vai fazer essa conversa, porque sem essa conversa acabou, não tem nada. O movimento vai acabar. Que é a impressão que eu tenho hoje, que desde aquela vez que queimaram o ônibus, aquele fato, que eu não sei se queimaram, tem esse debate, mas enfim, eu sinto que o movimento enfraqueceu. E quê que isso diz para mim, minha análise. É que esse diálogo, essa conversa,

essa ação não se sustentou, entende? Ela se perdeu em algum lugar, não sei onde, no que exatamente, no tempo, no quê que é. Eu sei que, por exemplo, aquilo que no início, que depois da aula de eu conversar com a menina e ela me contar que participou e eu ver na reta da penha uma ambulância com pessoas em situação grave de saúde precisando ser levados urgentemente para o hospital e a ambulância parada, não conseguindo passar. Pensando é a gente que tá parando isso, está impossibilitando o tráfego, mas veja, quando ela falava eu achei fantástico ela não se culpabilizava, mas ela dizia sempre isso não é o melhor, isso é uma estratégia isso pode não dar certo, a gente tem impasses, então considerar isso, sair do, da arrogância do revolucionário, da conscientização, do acúmulo de experiência ou da posição do oprimido que sofreu para mim isso é fundamental, não porque tem que se negar a esses lugares, muito pelo contrário, mas que para essas posições afetam outras pessoas, elas não podem ser simplesmente impostas.

Entrevistador- ela não pode ser de cima para baixo

Entrevistado- ela não pode ser assim, “oh, aqui no movimento negro só conversamos negro” não conversamos com você Zezé, mas na hora de decidir algumas coisas, eu acho que você não vai poder falar porque você não sabe como é sofrer, então esse tipo de questão é muito caro. Porque eu vivo isso no movimento de diversidade sexual, que eu estou mais me envolvendo em algumas coisas. Eu vejo muito isso. Eu fico preocupado porque assim, essa há travesti sofre mais agora vamos ficar comparando sofrimento?”que não é negar especificidades, mas é como é que a gente não equaliza e não compara e equalizar são duas operações uma independente da outra. Quando a gente compara a gente já está criando um denominador comum e essa para mim é a lógica do capital. Equaliza e compara, todo valor é comparável. Existe um valor superior um valor inferior, isso vale duas vezes mais do que aquilo. Para mim esse modo de pensar ou esse modo de agir tem muito a ver com o capitalismo e, muitas vezes, ele está se dizendo contra o capitalismo, mas ele está funcionando numa mesma lógica

mi- o estado é capitalista

Entrevistador- o estado garante o capitalismo

Entrevistado- ele vai comparar, ele vai ver o que tem que fazer o que não tem. Mas é interessante, por exemplo, você falou das leituras acadêmicas sobre o movimento estudantil. Eu concordo muito com isso, e não por uma leitura ou um estudo, porque meu foco não é movimento estudantil como você, mas eu vivi na pele esse argumento, então eu sei o efeito que esse argumento tem, esse argumento ele inibe, ele cala. Por que ele diz assim “você estão passando. Você que estão passando façam o protestinho de vocês, vivam a rebeldia estudantil, viva o momento de estudante, de juventude, depois vocês vão ver o que é trabalhar.” E para mim isso é muito complicado, porque é aquela separação entre trabalho e militância e que é o que eu tenho assim, desde o mestrado dedicado a isso, como é que você trabalha e milita? Como é que essas coisas se isolam? Que é o que eu procurei nos motoristas, que é o que eu vou procurar, por exemplo, nas travestis prostitutas, para mim quando elas se prostituem elas estão militando, só que, muito no movimento de diversidade sexual é valorizar a travesti deixou a prostituição e virou militante oficial, não que essa travesti não seja fantástica, não que ela não tenha contribuições maravilhosas, veja a Débora, adoro a Débora Sabará, por exemplo, fico pensando no modo como se vê isso, como se coloca a figura da Débora, torna ela A consciente, A revolucionária, apesar dela, entende? porque aquela lá que está se prostituindo é alienada, fica vendendo seu corpo. É difícil quebrar esse discurso, ele não é só ideológico, está no corpo das pessoas, as pessoas sentem.

Esse dias conversa com uma mulher que trabalha na UFES muito amiga, muito gente boa, com idéias maravilhosas e ela dizia assim; nossa ela sofrem muito né? Porque assim é uma opressão muito grande, e aí fica essa imagem de que são os oprimidos. Os oprimidos a gente tem que levar alguma coisa para tirar da opressão, para mim tem muito isso essa quebra entre trabalho e militância na nossa forma mesmo de perceber as coisas, de sentir

Entrevistador- mas eu acho que também muito estudante que participa da militância e se coloca como oprimido, e aí identifica um inimigo. Tem um inimigo a ser combatido?

Entrevistado- então eu acho que com certeza existem pessoas e organizações, mas eu acho que a gente não pode perder a dimensão institucional da coisa,

porque é ela quem produz esses indivíduos, grupos e organizações, então eu claro que eu vou atacar o Malafaer, é obvio. Eu não posso esquecer que o meu problema não é o Malafaer é a figura que se produziu é a enunciação coletiva que El enunciava por exemplo. para mim quando ele enuncia isso é muito controverso quando eu falo isso, quando ele enuncia tem uma coisa que eu acho muito legal, porque ele dá a voz par uma massa que fala para uma massa homofóbica heteronormativa que não fala. E ele começa falar, ele da visibilidade para isso. A gente sabe onde a gente pode atacar só que é um perigo, porque a gente começa a acreditar que o problema é o Malafaer, que a gente tem que reprimir e calar ele, que calando ele as coisas se resolvem e as coisas não é assim.

Entrevistador- porque cola na pessoa

Entrevistado- é. Isso quando gruda na pessoa é horrível. Por exemplo, eu falei do Paulo hartung, mas não é o Hartung em si, mas é uma rede que tem em volta, é uma história que sustenta, não é ele em si, a cabeça a ideologia dele. Todas essa coisas...

mj – tem um sistema todo

Entrevistado- é, é um sistema todo. Tem um jogo político, tem um modo de jogar, um modo de pensar. Isso que a gente discute subjetividade para mim é muito claro nesse sentido, tem uma subjetividade que vai se produzindo e que mantém isso, que sustenta essas pessoas, esses grupos, essas organizações, essas alianças, então para mim isso que é abstrato, é o mais concreto. Eu adoro o Deleuze quando ele fala de esquerdismo, porque ela fala que o que está no horizonte, que parece mais distante, o problema mais abstrato está mais ligado ao problema mais concreto e fulcral, na nossa carne.

Entrevistador- aproveitando...

Entrevistado- acho que eu estou escapando muito

Entrevistador- não, a gente vai amarrando no trabalho. Aproveitando você que é um cara que estuda Deleuze, e Guattari e que gosta. Tem uma subjetividade militante, como é que se forma essa subjetividade? Como, que processos, o que

levam, acho que o que atravessa esse lugar de uma subjetividade de um militante do que for da causa dos homossexuais, estudantil, etc.?

Entrevistado- cara, eu vou falar que para mim isso é uma coisa que não aparece nas coisas que eu leio, que eu tenho começado a ler até por conta daquele nosso propósito de escrever um texto junto e porque são coisas que me interessam, é o que eu estou trabalhando, de uma forma indireta atravessando outras coisas, para mim tem essa lógica da afecção. Que é um problema para mim, quando se esquece essa lógica da afecção vai se esmagando o que é criativo nos movimentos, o que cria e sustenta esse movimentos. O quê que eu falo de lógica da afecção é, por exemplo, essa minha experiência no C.A., tem uma lógica de afecção ali. até hoje eu falo com o Badaró, com Carol com o Getúlio, sabe tem ali uma história que se criou. Um afeto que se compartilha entre nós que extravasa essas pessoas que participaram tem essa coisa do movimento de transporte público tem uma lógica de afecção que se iniciou e que isso acertou ele, das pessoas se sentirem afetadas. Eu tenho participado desde 2007 do ENUDIS. do encontro nacional universitário de diversidade sexual, para mim a grande força do ENUDIS, a grande base é que grupos e pessoas se encontram ali. É maravilhosas, as pessoas se apaixonam pelo ENUDIS

mj- é aquele que teve aqui não né?

Entrevistado- foi o primeiro que eu participei, mas eu participei muito tímido, não participei de muitos dias, depois que eu comecei a participar direito é que aí eu fui para o ENUDIS que foi lá em Goiás. Até hoje eu tenho brigado muito, e às vezes não brigado, como estratégia mesmo, para mim o mais importante não é a plenária, para mim o mais importante não é a mesa. Apesar de ficar brigando por causa da plenária e da mesa. Fica se concentrando tanto nisso, é tanta força que se joga nisso que se esquece de que o maior barato disso são as festas, são as conversas, a gente passa dias acampando, conversando, trocando ideia, trocando experiências.

Entrevistador – que é um pouco que eu acho que o espaço do C.A. representa para mim, de ser um lugar de vivência, de convivência, de troca.

Entrevistado- exatamente, desde que eu entrei o C.A. tinha esse acento na vivencia, que é outra palavra que é uma merda na psicologia, a gente fala nela ela vem encardida, é difícil, mas é exatamente isso, é conviver, é estar lá. Eu mesmo, por exemplo, estou ali passando e eu preciso entrar ali no CEMUNI, eu entro por lá para ver o pessoal, são para passar, mesmo que o pessoal olha assim: “quem é esse cara?” para cumprimentar para sentar lá e ficar falando bobeira, isso para mim tem uma marca de política tão forte e não é o politiquero, não é o cumprimentar a mãe e beijar a criancinha na rua.

Entrevistador- você está usando afecção como, eu acredito sinônimo de política.

Entrevistado- sim, para mim a fonte da política é isso. Que muitas vezes é usado é apropriado pelas estratégias de poder, por politicagem, mas a própria coisa ideológica tem muito disso, por mais que se diga é ideológica é racional, ela é afetiva porque ela toca em algo que você vive algo da sua experiência, mesmo que se reduza a experiência ao vivido, por exemplo, as determinações sociais do lugar, ainda está se falando de afecção. Por muitas vezes, isso que eu falei você é negro, você é homosexual, e aí se isola isso, como uma condição e aí racionalmente você pode discernir esses determinantes históricos

Pra mim a fonte da política é isso, muitas vezes é usado apropriado pelas estratégias de poder, politicagem, mas pela própria ideia, própria coisa ideológica, pra mim tem muito disso, por mais que se digam que é ideológica racional ela é afetiva por que ela toca em algo que você vive, ela toca em algo da sua experiência mesmo que se reduza a experiência ao vivido, as determinações sociais do seu lugar ainda está se falando de afetação ai. Então muitas vezes vem isso que eu falei , há você é negro, você é homossexual, e ai se isola isso, você é travesti, como uma condição e ai racionalmente você pode identificar esses determinantes histórico pessoal chama muito de marcadores e tal. E ainda ai tem uma lógica de afetação por que é uma lógica de tentar ver como as pessoas se juntam, por que ai entra nessas armadilhas, s pessoas se juntam por que elas estão em uma mesma condição histórica política pra mim isso é muito complicado, por que pra além dessa condição histórica política tem esse dimensão, uma palavra muito complicada e criticada, mas pra mim é muito comum são essas afetações, são esses contágios que a gente tem, esse permitir se afetar pelas

coisas . A gente costuma dizer é do outro é do outro grupo e da outra ideologia e aí a gente começa a participar, que é a ideia da resistência por dentro, eu só consigo resistir a hora que eu estou participando daquilo de alguma forma. Pra mim a resistência por dentro não é necessariamente você entra lá dentro e fazer alguma coisa lá dentro. Por exemplo, pra discutir educação, eu tenho que ir pra escola, e de dentro da escola de algum jeito fazer isso. Mas é como que as questões da escola me afetam e eu faço alguma coisa disso, como eu entro nessa história, como eu não estou fora dessa instituição, por que instituição não é um estabelecimento e assim tem essas varias coisas que eu acho que atravessam. Acho que eu falei assim antes do CA, por que tem.

Entrevistador: Tem mais algumas questões que eu gostaria de conversar com você, não sei se pode outra hora ou se você quiser continuar.

Entrevistado: A gente pode outra hora, ou se você quiser estender, como você quiser, como você achar melhor!

Pra mim é a grande chave, é como ser militante sem ser triste. Pra mim isso é quase um mantra, porque é uma coisa que diz mil coisas pra mim. Por exemplo, hoje tem uma discussão em torno do mundo, essa de fazer piada, piada homofóbica, piada machista, eu fico me questionando. Como a gente faz outro tipo de humor?! Essa é a minha questão. Por que as pessoas riem disso, por mais que eu ache isso medíocre, e eu acho, acho isso fraco. Tem piadas que eu não consigo nem rir, tem umas que eu fico assim, ham?!

Entrevistador: Você fala de que tipo de humor? Porque tem aquele humor mais sarcástico, tem aquele humor negro, tem um humor que eu acho legal que é aquele que critica todo mundo, sabe. Não perdoa nem a mãe.

Entrevistado: Então, por que eu tenho a ideia de que o humor ele é sempre controverso, a ideia por exemplo, eu lembro quando começou aquele programa na Record "Humor do bem", a gente achava, eu falei, cara não existe isso, não existe humor do bem, não por que existe humor do mal, igual eu vi um documentário que todo humor tem que pegar um defeito, tem que pegar um problema dentro da pessoa, tem que atacar alguma coisa de alguém. Eu discordo dessa teoria

também, pra mim o humor cria controversa e ai a controvérsia, não é nem para o bem, nem para o mal, ela é controvérsia. Ela é pra gente pensar, algumas e ai eu gosto desse humor que questiona isso. Por exemplo, que questiona a própria posição militante. Ao mesmo tempo em que questiona o preconceito, entende. Por que tem essa coisa a gente acaba entrando no jogo, pra poder existir, pra poder fazer alguma coisa a gente precisa entrar no jogo de alguma coisa.

Entrevistador: O humor ele causa uma rachadura, ruptura naquilo que é o que vem sendo instituído. Acho que essa é a proposta pra mim. É rir do que é serio. Acho que é desconstruir lugares.

Entrevistado: Por exemplo, aquilo que eu falei do Malafaia, de atacar a pessoa do Malafaia. Ai você começa a brincar com os ataques ao Malafaia, você ataca malafaia de alguma maneira, você destrói, é um jogo. Porque exatamente por que destruiu o Malafaia ainda está na lógica individual, ela não pode ser a solução final, PR que se ela for a solução final ela, é, abri espaço pro SE, fechando uma serie de discursos, só inibindo, entende. Então, não que eu seja contra, e é engraçado que quando eu falo isso, muitas vezes parece que eu estou do outro lado, que me converti pro lado oposto, entendeu. Eu lembro de uma vez no ENUDES que a gente do PLURAL foi chamado de misógino, não sei por que, acho que por que a gente começou a questionar umas propostas, acho que era de ter, que ter, sempre mulher na mesa. Ai não tinha mulher querendo ir pra mesa. Ai não tinha mulher querendo ir pra mesa, abria se o espaço e nenhuma mulher chegava, o pessoal assim, mulher na mesa, tem que ter mulher na mesa e ai mulheres vão se candidatar e tinha muitas mulheres e ultimamente elas não queriam, e ai eu acho que o Luis Claudio falou assim, a gente vai ficar forçando, a gente vai ficar assim, se aparecer é ótimo é maravilhoso, mas, o que, que a gente está fazendo, qual a nossa pratica, é ficar forçando essa entrada. Por exemplo, eu tenho cada vez mais achado complicado colocar travesti e transexual na mesa com estudiosos, eu acho que isso não dá conta do problema, é muito limitado e não é por causa da travesti, não é por causa do discurso dela, por que as vezes fica essa impressão, porque travesti não sabe o que fala já, ouvi isso, pra mim o problema é o dispositivo, porque quando ela vai lá, pra mim coloca muito em questão, esse dispositivo acadêmico da mesa, quem fala, quem ouve, entende. E ai, se essas questões, elas

ficam limitadas, a ganhar espaço e é o que eu ouço muito, preciso ganhar espaço, ela perde a potência, e com isso eu não estou dizendo que não tem que fazer isso não, tem que fazer isso, mais tem que avançar mais, tem que desejar mais, isso é o desejo, é expandir, porque se a gente fica nisso, a gente entra na ideia que estamos no poder, chegamos e implantamos o mundo socialista implantamos um mundo libertário. Esse mundo não existe, e não existirá pra mim existe um mundo em que a gente sustenta controvérsias porque a gente conversa, a gente esta indo e por que a gente não anula as coisas. Esse mundo pra mim é meio ideal, mas é um ideal que eu tenho fazer com outro ideal.

Entrevistador: mas é legal você ter citado uma frase do Guattari que não existe um movimento “triste”, não da pra fazer um movimento triste.

Entrevistado: Na hora que entristecer, acabou o movimento.

Entrevistador: Foi uma das coisas que eu afastei um pouco do movimento estudantil, movimento de partido era isso, era muito endurecido. A galera só reproduzindo esboço, ninguém aberto ao novo. Eu via que aquilo estava me adoecendo. Eu falei, eu quero uma outra coisa.

Entrevistado: A ideia do acumulo isso incomoda tanto que a ideia de quem está entrando novo, não sabe ainda muito bem o que está fazendo. Não tem o acumulo e ai assim. Ai vamos ter que voltar a falar daquilo com fulano. Por que fulano não sabe disso? É tão obvio isso pra nós. Então pra mim essa arrogância é muito complicada, por que ela coloca no outro a ignorância, mas ela não se queixou, por exemplo, que discurso é esse que a gente está produzindo que pessoas novas, que questões novas, não consegue entrar, é não consegue entra e participar dele pelo meio, não sem ter que fazer a iniciação militante, a formação militante, ser todo ideologizado, entende.

Entrevistador: catequizado.

Entrevistado: Por exemplo, uma coisa, que nessa diversidade sexual, tem é que as pessoas ficam demandando certa atualização nos termos que estão no bom senso. Então assim, fica assim não você falou de opção sexual, mas não é opção é outra coisa.

Entrevistador: E isso muda de um mês pro outro, cara.

Entrevistado: Daqui a pouco não é opção mais, é outro termo, que você não está atualizado o bastante só que ai, muitas vezes a gente não se pergunta o seguinte, o que, que a pessoa está querendo dizer com opção, é você que esta ouvindo opção de uma forma, ela pode estar falando de outra forma. Então, pra mim o que precisa entrar em questão que é fundamental pra isso, é essa dimensão da ética , de questionar a própria pratica, porque se a gente não questiona nossas próprias praticas, se a gente se limita a denunciar as praticas dos outros, eu acho que cai no endurecimento, cai eu acho por que está estabelecido como uma hegemônica, isso já é hegemônica, democracia hegemônica, é a democracia no impasse em que ela está, entende.então assim, qual é o avanço, como é que a gente sai desses impasses da democracia, acho que nem é falsa, eu acho que tem um avanço, tem conquistas, tem coisas fantásticas, eu falo.

Entrevistador; No sentido grego, mesmo.

Entrevistado: É, mas não é o mesmo, mas naquela época também tinha impasses, tinha a escravidão pra sustentar, o lugar das mulheres, tinha todos esses impasses. Os filósofos mesmo eram rejeitados, inclusive como afeminados, muitas vezes não eram tão viris para discutir e decidir.

Mas pra mim como a gente sai desse impasse, e pra essa dimensão ética, dimensão ética pra mim é questionar a própria pratica militante. Eu acho que se você está, em um pouco a sua questão assim, é um pouco em torno de quais são as praticas militantes quando você me perguntou. Existe uma subjetividade no militante, naquilo que você entrou pra mim todas as suas perguntas, elas estão sendo tão problemáticas como é a pratica militante, de como se produz militância, de como se faz militância. E pra mim também, isso é uma questão crucial. Quando eu fui acompanhar as travestis que prostituem, eu quero produzir uma certa interferência nisso, é uma tese digamos assim, a tese de que elas militam trabalhando, de que elas não necessariamente, elas podem criar um espaço fundamental que é o espaço da militância organizada. Eu vejo a ACARDI, eu acho bárbaro a ACARDI, que junta as meninas pro trabalho, só que isso não pode se fazer negando um outro espaço que é histórico que é a prostituição delas. Não é

simplesmente exploração, olha como elas são ótimas, aquilo é um espaço de luta, eu fico pensando, por exemplo, eu venho trabalhar de chinelo, eu encaro isso como um trabalho, essa bolsa, a pesquisa, eu venho de chinelo, eu adoro isso, porque, eu posso pensar, eu posso ser de um jeito, e elas podem ser de um jeito trabalhando, que me outros lugares ainda não podem ser. Então, essa relação de subjetividade política e produção que pra mim é crucial nesse momento e em outros também, mais o que me chama atenção é isso, como é que você trabalha, muda e vive, e essas coisas estão separadas. Por que, quando essas coisas estão separadas que é o que rola, os liberais são assim, é a política é uma profissão, ai chego em casa, sou um ótimo marido, eu sou um ótimo pai, carinhoso. Mas, na hora de fazer políticas públicas eu sou um monstro, entende?

Então assim, são essas separações que eu estou buscando assim, quais os espaços, estratégias e praticas que tão fazendo com que essas dimensões não se separe, luta, trabalho e vida.

Quer ver uma situação pra mim, pra voltar nessa coisa do C.A., que é essa a questão. E teve uma vez, a coisa do banheiro do C.A., que teve uma época que o C.A. estava esvaziado, que foi uma época que antecedeu essa geração que esta ai com o Zé, com o Dalmon, com essa galera que esta ai no C.A. . Teve um período, um ano até mais, que o C.A. ficou muito esvaziado, muito, era difícil reunir, não conseguia, e ai na época surgiu o impasse do banheiro. Que foi o que, algumas professoras, principalmente do PPGPSI, solicitaram uma chave e ai na época um dos diretores que tinha a chave deu a chave, por que tinha sido decidido fazer ali, o espaço de internet do prédio que não se conseguia decidir entre DPSI e DPSO, todo esse problema, qual vai ser o espaço que vamos colocar, não tem espaço no prédio. E ai, pegaram a chave e começaram a reforma e ai alguns alunos que participaram mais do C.A. , ficaram indignados com aquilo. Como fizeram uma operação desse tipo no C.A. sem nos consultar? E ai assim, alguns estudantes individualizados, isolados tentaram fazer protesto, de ficar La na frente, de escrever email, individualizados. Só que cara, os nossos professores caíram assim matando. Por exemplo, tenho uma colega, Camila, ela é odiada, assim, odiada em termos, assim Ana Heckert, romperam relações com ela, assim Beth, não gostam mesmo dela. Então assim, eu particularmente acho complicado, eu entendo que

são os afetos delas. Mas, mais que os afetos delas, tem ai uma questão, que ,por exemplo, na época eu não fiz isso, eu não quis fazer essa estratégia porque, porque pra mim não ia dar conta, não ia resolver individualmente eu ficar lá gritando, por que se os estudantes de uma forma geral não estavam interessados , as pessoas falavam deixa já estão fazendo, não adiantava eu , há sou o diretor do C.A., como vocês fizeram isso, só por uma autoridade sem força real pra demanda de questões. Mais ao mesmo tempo eu era contra esse massacre que rolou na época, em minha opinião, por que rolou massacre, essas pessoas foram execradas e eram pessoas muito ligadas ao movimento, muito ligadas ao pessoal da institucional. Então você vê por exemplo, meus conflitos com Beth vão muito nesse sentido, não de ir contra ela, não, o meu problema não é a Beth em si, são algumas praticas que a gente precisa não naturalizar, entende. E que eu sei que ela na posição de professora muitas vezes não dá conta e eu na posição de aluno também muitas vezes não dou conta. A gente precisa criar espaços de controvérsias, aquilo que a gente fica falando la da clinica da atividade, que pra mim é o eixo da clinica da atividade é que a controvérsia é a ponte do coletivo e não ao contrário. Então assim,a gente precisa sustentar as controvérsias, a gente precisa achar nossas diferenças e trabalhar em torno delas, sobre elas, pra poder criar um coletivo. Porque se não é sempre a lógica identitária, é de que a gente tem uma causa, tem as mesmas condições políticas, de classe, de raça , de gênero seja qual que for, mas é sempre o pressuposto identitário que vai tentar marcar e a identidade não sustenta porque, por mais que a gente ache que pensa igual, por mais que a gente ache que sinta igual, por mais que a gente ache que tenha sido produzido igual, a gente não é igual nem a gente mesmo. Essa é a coisa da ética, por que a gente vai mudando, vai variando, o mundo também varia, as situações variam, a gente precisa gerir elas o tempo todo. Por exemplo, você está trabalhando, você tem que lidar com uma serie de coisas que não são as mesmas nunca e que você precisa estar sempre tomando decisões e a gente estar se produzindo nesse tomar decisões, fazendo escolhas, a gente está assumindo determinados valores, está se deixando apertar por alguma coisas, por outras não, por outras mais, por outras menos, de um jeito ou de outro e ai assim é esse ideal contra ideal, que é como a gente tem esse mundo que as controvérsias sustentam,

e que essas controvérsias são assim, humorísticas da nossa luta, são bandeiras pra gente se manter alegre na militância, lutar sem carranca.

Entrevistador: Esse é o problema do ideal de esquerda, das esquerdas gerais é que idealizam uma meta um objetivo totalmente já descolado já da realidade.

Entrevistado: Se tornou pra mim depois do C.A. um movimento crucial porque tinha coisas engraçadíssimas, eu me divertir em plenárias em que o pessoal estava se rasgando. A gente ia lá e fazia intervenções assim que nos faziam rir, que era uma grande chacota, e que essa grande chacota era com nós mesmos, com o que nos mesmos estávamos produzindo, isso era pra mim assim o auge da política, agora estamos fazendo política, agora a gente está rindo da gente mesmo, agora a gente está vendo que isso que a gente está fazendo é construindo, que é um jogo, que é uma brincadeira. Sabe a coisa do Nietzsche das três transformações: do camelo, do leão e da criança. Pra mim é isso, quando chega nessa hora que a gente encara que aquilo que a gente está fazendo é brincadeira, pra mim isso é o auge da política, ai você saiu do burro de carga que carrega ideais e saiu do leão que tem que gritar e impor e você começa a brincar, jogar com as coisas.

Entrevistador: Você aprende a conhecer o mundo como uma criança né, o mundo aberto dessa relação com as coisas.

Entrevistado: Você quebra essa dicotomia que pra mim é terrível, é seriedade e brincadeira. Isso é a coisa que a gente começou a discutir, há vocês são crianças, vocês são alunos brincando de fazer militância, vocês não sabem o que é lá no governo lá na política pública trabalhar, não tem! Todos esses moralismos é isso.

Entrevistador: Cara, muito agradecido pela sua entrevista, demais. Ajudou demais.

Entrevistado- Valeu, estamos juntos aí.

Meu bem, guarde uma frase pra mim dentro da sua canção
Esconda um beijo pra mim sob as dobras do blusão
Eu quero um gole de cerveja no seu copo no seu colo e nesse bar
Meu bem, o meu lugar é onde você quer que ele seja
Não quero o que a cabeça pensa eu quero o que a alma deseja
Arco-íris, anjo rebelde, eu quero o corpo tenho pressa de viver
Mas quando você me amar, me abrace e me beije bem devagar
Que é para eu ter tempo, tempo de me apaixonar

Tempo para ouvir o rádio no carro
Tempo para a turma do outro bairro, ver e saber que eu te amo
Meu bem, o mundo inteiro está naquela estrada ali em frente
Tome um refrigerante, coma um cachorro-quente
Sim, já é outra viagem e o meu coração selvagem
Tem essa pressa de viver
Meu bem, mas quando a vida nos violentar
Pediremos ao bom Deus que nos ajude
Falaremos para a vida: "Vida, pisa devagar meu coração cuidado é frágil;
Meu coração é como vidro, como um beijo de novela"
Meu bem, talvez você possa compreender a minha solidão
O meu som, e a minha fúria e essa pressa de viver
E esse jeito de deixar sempre de lado a certeza
E arriscar tudo de novo com paixão
Andar caminho errado pela simples alegria de ser
Meu bem, vem viver comigo, vem correr perigo , vem morrer
comigo
Talvez eu morra jovem, alguma curva no caminho, algum punhal de
amor traído, completara o meu destino.
Meu bem, vem viver comigo, vem correr perigo
Vem morrer comigo, meu bem, meu bem, meu bem
Que outros cantores chamam baby (4 x)
(BELCHIOR)

Tenho vinte e cinco anos de sonho e de sangue e de América do
Sul (BELCHIOR)

**MARGENS V - REPORTAGENS IMPRESSAS SOBRE MOVIMENTO
ESTUDANTIL NO ESPÍRITO SANTO ENTRE 2011 E 2013**